



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Marcos Roberto Machado

**A autoconstrução e a autorrepresentação da identidade: um estudo
sistêmico-funcional sobre o capixaba**

Rio de Janeiro

2020

Marcos Roberto Machado

A autoconstrução e a autorrepresentação da identidade: um estudo sistêmico-funcional sobre o capixaba



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Tania Maria Granja Shepherd

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

M149 Machado, Marcos Roberto.
A autoconstrução e a autorrepresentação da identidade: um estudo sistêmico-funcional sobre o capixaba / Marcos Roberto Machado. - 2020.
240 f.: il.

Orientadora: Tania Maria Granja Shepherd.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Linguagem - Aspectos sociais - Teses. 2. Identidade social – Teses. 3. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 4. Língua portuguesa - Transitividade - Teses. I. Shepherd, Tania M. G. (Tania Maria Granja). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 800.86

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Marcos Roberto Machado

Assinatura

Data

Marcos Roberto Machado

A autoconstrução e a autorrepresentação da identidade: um estudo sistêmico-funcional sobre o capixaba

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 27 outubro de 2020

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Tania Maria Granja Shepherd (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Patrícia Pereira Bértoli
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Angela Correa Ferreira Baalbaki
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Vivian Mendes Lopes
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dra. Gesieny Laurett Neves Damasceno
Universidade Federal do Espírito Santo

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha família, em especial aos meus pais, que apesar de não terem acompanhado de perto toda a evolução deste estudo, sabiam da sua importância na minha formação pessoal e profissional. Dedico-o, ainda, a todos os capixabas: aos nascidos no Espírito Santo ou àqueles que compartilham deste sentimento “capixabista de ser”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de todo saber, a quem sempre recorria nos momentos difíceis e que me honrou com mais esta conquista.

À minha família, meu alicerce.

À minha orientadora e professora, Tania Maria Granja Shepherd, cujo acompanhamento nesses anos de estudo e pesquisa foram além das questões acadêmicas, sempre com uma palavra de conforto e motivação, principalmente naqueles momentos cruciais do trabalho. Ademais, neste período de pandemia e confinamento, sempre se mostrou disponível para os nossos encontros e discussões *online*.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Uerj, em geral, e àqueles com os quais tive o prazer de cursar disciplinas: a professora Marina Augusto, com quem descobri a psicolinguística; e a professora Sandra Bernardo que me introduziu no mundo das metáforas conceptuais.

Às professoras Patrícia Pereira Bértoli e Vivian Mendes Lopes que participaram da minha Banca de Qualificação e contribuíram com suas leituras e questionamentos para os encaminhamentos desta pesquisa. Agradeço-lhes, ainda, por fazerem parte da Banca Examinadora.

Às professoras Angela Correa Ferreira Baalbaki e Gesieny Laurett Neves Damasceno por terem aceitado fazer parte da Banca Examinadora.

À professora Penha Lins e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) que me possibilitaram cursar uma disciplina do Doutorado, na condição de aluno especial.

Cada um de nós é membro de muitos Discursos, e cada Discurso representa uma de nossas múltiplas identidades.

James Paul Gee

RESUMO

MACHADO, Marcos Roberto. *A autoconstrução e a autorrepresentação da identidade: um estudo sistêmico-funcional sobre o capixaba*. 2020. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta pesquisa investiga a autorrepresentação discursiva da identidade capixaba e a partir dessa investigação faz uma contribuição conceitual e metodológica aos estudos linguísticos sobre representação e identidade. O trabalho parte da premissa de que a identidade encerra em si um caráter de fluidez e maleabilidade (BAUMAN, 2001, 2005), (HALL, 2006, 2007), pois ela é construída ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos, estando sujeita à mudança e transformação constantes (HALL, 2000). Entretanto, esta tese argumenta ser possível desvelar a identidade social de um grupo específico, os capixabas, a partir da análise das representações construídas por membros desse grupo, em seus discursos individuais, em um momento e contexto determinados, constituindo um mosaico sociocultural das crenças e valores compartilhados por essa comunidade. Assim, levando-se em conta o caráter interdisciplinar desta pesquisa e o modo de coleta de informação dos sujeitos nela envolvidos, adotou-se um conceito de identidade calcado na autoconstrução e na autorrepresentação (BRUBAKER, 2001). Para a investigação, selecionou-se um *corpus* de pesquisa subdividido em dois *corpora*, contendo dois gêneros discursivos: depoimentos transcritos de uma série televisiva e um conjunto de tuítes coletados ao longo da exibição dessa série, os quais dialogavam com ela, avaliando os episódios ou respondendo aos seus questionamentos. Na coleta e tratamento dos dados, utilizou-se a estratégia de triangulação, que permitiu justapor os resultados analíticos obtidos. O ferramental teórico foi derivado de dois conjuntos de categorias analíticas próprias à Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985), (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Um desses conjuntos foi notadamente a metafunção ideacional e a sua instanciação na Transitividade, e o outro ancorou-se em categorias provenientes do inventário sociossemântico da Teoria de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008). A análise empreendida evidencia três aspectos da autorrepresentação: um que se volta para o capixaba enquanto povo, referindo-se a uma coletividade da qual ele faz parte; um segundo, restrito a um universo mais individual; e um terceiro, focado metonimicamente nos detalhes que compõem o estado, como por exemplo, sua gastronomia, sua música e sua paisagem física e social. Os resultados dos dois *corpora* revelam autorrepresentações que permitem o estabelecimento de uma fotografia do capixaba, do sentimento capixabista de ser e do seu pertencimento a um território que se estende para além dos limites geográficos do estado. Como “fotografia”, o conjunto de resultados está circunscrito a um momento específico, capturado por meio de dois ângulos: o “Ideal”, representado pela série, sendo o ângulo mais fotogênico, porquanto editado e roteirizado; e o “Real”, retratado pelos tuítes que, agrupados, constituem uma longa conversa sem edição, cujas marcas deixam transparecer o real.

Palavras-chave: Identidade. Gramática Sistêmico-Funcional. Transitividade. Teoria de Atores Sociais. Autorrepresentação.

ABSTRACT

MACHADO, Marcos Roberto. *The self-construction and self-representation of identity: a systemic functional study of the capixaba*. 2020. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This research investigates the discursive self-representation of the identity of the “*capixaba*” (the inhabitant of the State of Espírito Santo, Brazil), and attempts to make a conceptual and methodological contribution to the linguistic studies on representation and identity. The premise behind the work is that identity encompasses fluidity and malleability (BAUMAN, 2001, 2005), (HALL, 2006, 2007). This is due to the fact that identity is construed by means of discourses, practices and stances which may integrate or be in opposition, as it is subject to constant changes and transformations (HALL, 2000). Nevertheless, the thesis argues that the social identity of a specific group (i.e. the “*capixabas*”) may be unveiled from the analysis of the representations built by members of this group, in their individual speeches, at a given moment and context, creating a socio-cultural mosaic of its beliefs and values. The thesis has adopted a concept of identity based on self-construction and self-representation (BRUBAKER, 2001). This may be justified, given the interdisciplinary nature of this research and the way in which the data was collected from the participants involved. A *corpus* was selected for the research, which was subdivided into two *corpora*, consisting of two discourse genres. The first are transcriptions of interviews from a television series, and the second a collection of tweets taken during the showing of the same series. These tweets may be seen as dialogues with the television series itself, whereby the participants evaluate the episodes and respond to the issues raised in the series. In the data collection a triangulation strategy was used which allowed for the juxtaposition of the analytical results obtained. The theoretical tool was taken from two analytical categories within Systemic-Functional Grammar (HALLIDAY, 1985), (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). One of these was the ideational metafunction and its instantiation within Transitivity. The second was anchored within categories stemming from the socio-semantic inventory of the Theory of Social Actors (VAN LEEUWEN, 2008). The analysis identifies evidence of three facets of self-representation. The first involves the “*capixaba*” as a people, referring to a collective group of which they are part. The second is restricted to an individual universe. A third focusses metonymically on the details which help form the state of Espírito Santo including, for example, its cuisine, its music, its physical and social landscape. The results of the analysis of these two *corpora* reveal self-representational elements. These, in turn, enable us to establish a “photograph” of the “*capixaba*”, of their feeling of what it is to be a “*capixaba*” and their belonging to a territory which extends beyond the state’s geographical limits. As a “photograph”, the entirety of results is caught within a specific moment in time. This has been captured from two angles. The first is the “ideal” represented by the television series, being the most photogenic angle, because it has been edited and planned. The second is the “real”, portrayed by the tweets which, once grouped together, consist of a lengthy unedited conversation, which make reality transparent.

Keywords: Identity. Systemic Functional Grammar. Transitivity. Theory of Social Actors. Self-representation.

RÉSUMÉ

MACHADO, Marcos Roberto. *Autoconstruction et autoreprésentation de l'identité : une étude systémique-fonctionnelle sur le capixaba*. 2020. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Cette recherche examine l'autoreprésentation discursive de l'identité du «*capixaba*» (l'habitant de l'État d'Espirito Santo, Brésil) et vise à apporter une contribution conceptuelle et méthodologique aux études linguistiques sur la représentation et l'identité. Le travail part du postulat que l'identité détient un caractère de fluidité et malléabilité (BAUMAN, 2001, 2005), (HALL, 2006, 2007), car elle se construit au moyen de discours, de pratiques et de positions qui peuvent s'intégrer ou s'opposer, étant soumise à des changements et transformations constants (HALL, 2000). Néanmoins, la thèse soutient que l'identité sociale d'un groupe spécifique, les «*capixabas*» peut être dévoilée à partir de l'analyse des représentations construites par les membres de ce groupe, dans leurs discours individuels, à un moment et dans un contexte précis, constituant une mosaïque socioculturelle de ses croyances et valeurs partagées. Ainsi, compte tenu de la nature interdisciplinaire de cette recherche et de la manière dont les données ont été collectées auprès des participants concernés, un concept d'identité basé sur l'autoconstruction et l'autoreprésentation a été adopté (BRUBAKER, 2001). Un *corpus* a été sélectionné pour la recherche, subdivisé en deux *corpora*, composés de deux genres discursifs : des témoignages transcrits d'une série télévisée et un ensemble de *tweets* collectés lors de la diffusion de la même série. Ces *tweets* peuvent être considérés comme établissant des dialogues avec la série télévisée elle-même, dans la mesure où les internautes évaluent les épisodes et répondent aux questions y soulevées. Dans la collecte des données, une stratégie de triangulation a été utilisée, ce qui a permis la juxtaposition des résultats analytiques obtenus. L'apport théorique est basé sur deux catégories analytiques de la Grammaire Fonctionnelle Systémique (HALLIDAY, 1985), (HALLIDAY ; MATTHIESSEN, 2004). L'une d'elles étant la métafonction idéationnelle et son instanciation dans la Transitivité. La seconde ancrée dans des catégories issues de l'inventaire sociosémantique de la Théorie des Acteurs Sociaux (VAN LEEUWEN, 2008). L'analyse identifie les preuves de trois facettes de l'autoreprésentation. La première concerne le «*capixaba*» en tant que peuple, se référant à un groupe collectif dont il fait partie. La deuxième est limitée à un univers individuel. La troisième se concentre métonymiquement sur les détails qui contribuent à former l'état d'Espirito Santo, y compris, par exemple, sa cuisine, sa musique, son paysage physique et social. Les résultats de l'analyse de ces deux *corpora* révèlent des éléments de l'autoreprésentation. Ceux-ci, à leur tour, nous permettent d'établir une «*photographie*» du «*capixaba*», d'un sentiment de ce que signifie être un «*capixaba*» et de son appartenance à un territoire qui dépasse les limites géographiques de l'État. En tant que «*photographie*», l'intégralité des résultats est limitée à un moment précis dans le temps. Cela a été capturé sous deux angles : le premier est «*l'idéal*» représenté par la série télévisée, étant l'angle le plus photogénique, car il a été édité et scénarisé. Le second est le «*réel*», dépeint par les *tweets* qui, une fois regroupés, constituent une longue conversation sans édition, qui rend la réalité transparente.

Mots-clés : Identité. Grammaire Systémique Fonctionnelle. Transitivité. Théorie des Acteurs Sociaux. Autoreprésentation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Variáveis do Contexto de Situação	67
Quadro 2 – Exemplos de variáveis Contextuais	69
Quadro 3 – Componentes da oração	78
Quadro 4 – Tipos de processos e participantes	79
Quadro 5 – Segmentação da série “Somos Capixabas” de acordo com a Exibição original	110
Quadro 6 – Classificação do item “eu” em termos de processos e participantes ...	120
Quadro 7 – Classificação do item “capixaba” em termos de processos e participantes	126
Quadro 8 – Exemplos de processos relacionais possessivos	144

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação dos atores sociais	104
Figura 2 – Exemplo de tuíte	115
Figura 3 – Principais funcionalidades do Twitter	116
Figura 4 – Divisão dos episódios da série	117
Figura 5 – Tela de busca avançada no <i>Twitter</i>	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Itens mais recorrentes no <i>Corpus</i> 1: TV	119
Tabela 2 – Assuntos recorrentes no <i>Corpus</i> 2: Tuítes	124
Tabela 3 – Itens mais recorrentes no <i>Corpus</i> 2: Tuítes	125
Tabela 4 – Itens mais recorrentes no <i>Corpus</i> 1: TV	128
Tabela 5 – Tipos de processos mentais	147
Tabela 6 – Tipos de participantes no <i>Corpus</i> 1: TV	175
Tabela 7 – Tipos de participantes no <i>Corpus</i> 2: Tuítes	176

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrências do item lexical “(a) gente” em termos de processos	136
Gráfico 2 – Natureza dos processos materiais relacionados ao item “(a) gente” ...	141
Gráfico 3 – Ocorrências do item lexical “você” em termos de processos	152
Gráfico 4 – Ocorrências do item lexical “nós” em termos de processos	159
Gráfico 5 – Ocorrências do item lexical “capixaba” em termos de processos	169

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	IDENTIDADE: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES	29
1.1	O conceito de identidade: um desafio à parte.....	30
1.2	Identidade, representação e diferença	40
1.3	Identidade sob a perspectiva linguístico-discursiva	45
1.3.1	<u>Reflexões sobre a relação entre linguagem e identidade.....</u>	47
1.3.1.1	A linguagem como capital político-cultural e como capital ideológico	49
1.3.1.2	Discurso	50
1.3.1.3	Alteridade.....	51
1.3.1.4	As identidades da linguagem.....	52
1.3.2	<u>Discurso e relações sociais de poder: identidades em questão.....</u>	53
1.3.3	<u>A linguagem sob o olhar da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)</u>	56
2	GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E TEORIA DOS ATORES SOCIAIS: TRANSITIVIDADE E PROCESSOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	60
2.1	A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF): uma breve introdução	61
2.2	Principais conceitos da GSF.....	64
2.2.1	<u>Linguagem, texto e contexto</u>	64
2.2.2	<u>Contexto de Situação: variáveis e aplicação prática</u>	67
2.3	Metafunções da linguagem	72
2.3.1	<u>Metafunção ideacional e a transitividade....</u>	76
2.4	A teoria dos atores sociais de van Leeuwen.....	86
2.4.1	<u>Exclusão</u>	89
2.4.2	<u>Inclusão</u>	94
2.4.2.1	Funções gramaticais: participação; circunstancialização e possessivação	95
2.4.2.2	Personalização e impersonalização	97
2.4.2.2.1	Genericização e especificação	101
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	105
3.1	A triangulação na pesquisa	105
3.2	O corpus de pesquisa	107

3.2.1	<u>“Somos Capixabas” - Corpus 1: TV :</u>	108
3.2.2	<u>Somos Capixabas” - Corpus 2: Tuítes.</u>	112
3.2.2.1	Sobre o <i>Twitter</i>	113
3.3	Tratamento dos dados	117
3.3.1	<u>Corpus 1: TV</u>	117
3.3.2	<u>Corpus 2: Tuítes</u>	119
4	ANÁLISE DOS DADOS	127
4.1	Corpus 1: TV	127
4.1.1	<u>Quem sou “eu”?</u>	129
4.1.2	<u>Quem é “(a) gente”?</u>	135
4.1.3	<u>Quem é “você”?</u>	150
4.1.4	<u>Quem somos “nós”?</u>	158
4.2	Corpus 2: Tuítes	164
4.2.1	<u>Quem é o “capixaba”?</u>	169
4.3	Somos capixabas	174
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
	REFERÊNCIAS	189
	ANEXO A- Transcrições dos episódios da série “Somos Capixabas	196
	ANEXO B- Tuítes coletados com a <i>hashtag</i> #somoscapixabas	215

INTRODUÇÃO

Parafraseando Maura Pena (1992), introduzo esta discussão com um questionamento bastante inquietante e que está na origem desta pesquisa: o que faz ser capixaba? Elisa Lucinda, poeta, atriz, cantora e capixaba, já dizia:

Todo capixaba tem um segredo de espuma
 Uma conversa de duna
 Um disse me disse
 Todo capixaba é chique
 Todo capixaba tem um pouco de beija flor no bico
 Uma panela de barro no peito
 Uma orquídea no gesto
 Um cafezinho no jeito
 [...]

Embora o lirismo da poesia, construído metaforicamente pelas diferentes imagens associadas ao “capixaba”, traços que o caracterizam e que parecem lhe conferir uma identidade, diferenciando-o de outros povos, seja capaz de despertar uma ideia subjetiva do que é “ser capixaba”, pouco se fala ou se escreve sobre a constituição identitária do próprio Espírito Santo (eventualmente ES). Assim, parece que essa carência de estudos não leva em conta que esse estado possui especificidades capazes de conferir-lhe existência, em relação aos outros territórios fronteiriços. Além disso, as poucas pesquisas envolvendo o capixaba se concentram sobre a análise sociolinguística, voltando-se para o mapeamento de possíveis “sotaques” no falar dos capixabas¹. Parece que a nossa identidade, ou seja, aquilo que nos diferencia do outro, limita-se tão-somente a traços linguísticos presentes no nosso jeito de falar.

Nesse sentido, esta tese, inserida no âmbito da Linguística em consonância com os estudos sobre identidade social, uma vez que lida com o modo pelo qual os “capixabas” se veem como um grupo e se constroem no discurso, isto é, como se autorrepresentam, pretende dar continuidade a estudos anteriores sobre identidade

¹ Sobre esse assunto, destaco os seguintes trabalhos:

YACOVENCO, Lilian Coutinho et al. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto)**. São Paulo, v. 56, n. 3, p. 771-806, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-57942012000300003>; AURÉLIO, Renato Pereira. **Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos**. Dissertação de Mestrado. Ufes, 2012. Disponível em <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/3751>>. Acesso em 21 ago. 2019.

social, feitos por mim (MACHADO, 2011). Nesse trabalho, analisei as representações sociais construídas discursivamente pela mídia impressa capixaba, representada pelo Jornal “A Gazeta”, do ano de 2008 aos primeiros meses de 2011. O que me motivou à época e que me motiva ainda hoje é justamente a incipiência de trabalhos específicos envolvendo a relação entre Linguagem e Identidade nos processos de autoconstrução e autorrepresentação de identidades individuais e coletivas. A fim de situar historicamente este trabalho de pesquisa, proponho uma breve passagem pela história de constituição do Estado de Espírito Santo.

Breve histórico sobre a constituição do Estado do Espírito Santo

A constituição do Espírito Santo como Estado foi atravessada por diferentes empecilhos que atrasaram a sua colonização, em comparação a outras capitanias do Brasil. Esses obstáculos provocaram uma forte estagnação econômica e social, cujos reflexos se perpetuaram ao longo de vários anos, refletindo na desvalorização simbólica do ES, o que parece não ter ocorrido com os demais estados, sobretudo, seus vizinhos da região sudeste.

Desde a colonização, a região enfrentou problemas para se afirmar no cenário nacional, seja pela resistência dos índios, que impediram os colonizadores de se fixarem no interior, seja pelo isolamento imposto à capitania pela monarquia portuguesa, logo após a descoberta de ouro na região conhecida hoje como Minas Gerais. O advento dessa descoberta transformou a capitania capixaba em “uma defesa natural contra a possível cobiça estrangeira das novas riquezas encontradas” (OLIVEIRA, 2008, p. 517). O ES passou a ser apenas uma trincheira de defesa do interior mineiro, sendo proibida qualquer ação colonizadora e fixação de habitantes em terras para além do litoral. Oliveira (2008, p. 517) afirma que essa proibição chegou “ao cúmulo de embargar o uso do canal construído pelos jesuítas ligando a baía de Vitória ao rio Jucu e daí a Araçatiba”.

Outras questões de ordem econômica também fortaleceram o atraso no desenvolvimento da capitania, como a proibição da exportação de panos de algodão produzidos no estado por volta de 1730 e a expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses, por meio de uma lei assinada em 1759. Para Oliveira:

As consequências foram rapidamente sentidas, porquanto os indígenas, já incorporados à vida na capitania, voltaram em sua grande maioria à vida selvagem, prejudicando a agricultura que praticavam. O ensino também desapareceu, e as três fazendas jesuíticas de Muribeca, Araçatiba e Itapoca, que eram as mais organizadas e produtivas do Espírito Santo, caíram em completo abandono. (2008, p. 519)

Com a diminuição na exploração de ouro, a capitania capixaba começou a perder território para Minas Gerais que desejava se expandir até o litoral. Foi graças ao “Auto de 1800”², assinado pelo governador Silva Pontes, que essa expansão foi interrompida, preservando as terras capixabas. Diversas foram as tentativas de povoar o território capixaba, sobretudo o interior, sem grande sucesso. No entanto, com a intensificação da cultura cafeeira, por volta de 1850, a região começou a se desenvolver de forma acentuada, já que a melhora da economia passou a atrair os imigrantes para a região. Rapidamente, a província se tornou uma das maiores produtoras de café do território brasileiro. Assim, por um longo período, a economia da região esteve baseada exclusivamente na cultura cafeeira, fato que deixou o estado numa grave situação econômica com a implantação do “Plano de Erradicação dos Cafezais” pelo Governo Federal durante os anos de 1965/1967, quando centenas de famílias se viram, então, sem ocupação. Esse fato obrigou o ES a deslocar cerca de 180.000 pessoas, das quais 30.000 emigraram para outros estados, 20.000 se marginalizaram como subempregados no meio rural e 10.000 no urbano (OLIVEIRA, 2008). Frente a essa situação, surgiu a necessidade de expandir as potencialidades do estado que não podia mais depender apenas da cultura cafeeira. Assim, grandes projetos voltados para o desenvolvimento industrial, no ramo da siderurgia e da celulose, foram aos poucos sendo implantados pelo governo, “modernizando a máquina administrativa do Estado, aparelhando-a para os novos tempos” (OLIVEIRA, 2008, p. 487).

Não se pode negar a importância dos imigrantes no Espírito Santo, seja na substituição da mão-de-obra escrava, seja na criação de pequenas propriedades rurais no interior, eles foram peças essenciais para o desenvolvimento econômico do

² Essa lei demarcava os limites entre as capitanias do Espírito Santo e de Minas Gerais. De acordo com Oliveira “embora, posteriormente o documento viesse a ter importância maior, pelas informações lindas que contém, na hora em que foi assinado visava, apenas, ‘os efeitos de se estabelecerem os registros e destacamentos respectivos segundo as reais ordens do Príncipe Regente Nosso Senhor, e a vantajosa comunicação de correios para os povos do interior com as regiões marítimas’” (OLIVEIRA, 2008, p.260-261, aspas no original).

estado. Entre eles, destacam-se os imigrantes italianos, os prussianos, os pomeranos, os suíços, os poloneses, os holandeses, os belgas, os tirolezes, os luxemburgueses e os libaneses. Convém ressaltar, também, a presença de migrantes brasileiros no solo capixaba, que encontraram aqui terras férteis para cultivo e refúgio, bem como a contribuição africana (MORAES, 2004).

Vários são os elementos que compõem o contexto histórico-social do capixaba, de acordo com Moraes (2004): o grande isolamento que impediu o desenvolvimento do território, a crise econômica com a queda no preço do café, a chegada da mão-de-obra vinda de outras regiões do Brasil e do exterior e a implantação de grandes indústrias no estado. Além disso, o território capixaba é cercado por outros estados com maior representatividade política, econômica e cultural o que tende a minorar, de certa forma, a sua importância para a região mais rica e populosa do Brasil e da qual ele faz parte. Nesse sentido, compreender a história de formação do estado e das pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para tal desígnio é conhecer a história dessas pessoas, que, embora heterogêneas, juntas constituem uma grande comunidade, denominada de “capixabas”. A seguir, apresento de forma resumida alguns dos achados de minha pesquisa de mestrado.

Diferentes representações de um mesmo estado

A história de constituição do estado, perpassada por diferentes acontecimentos que em maior ou menor grau impediram a formação e consolidação de uma região representativa com a mesma rapidez e solidez de seus estados vizinhos, foi o mote a partir do qual iniciei a pesquisa de mestrado. Nesse trabalho sobre a identidade capixaba, estudei como o ES é construído discursivamente através de notícias de jornal coletadas no período compreendido entre o ano de 2008 aos primeiros meses de 2011, tendo como pano de fundo a descoberta do petróleo na camada pré-sal. O *corpus* da pesquisa foi composto por reportagens veiculadas pelo jornal “A Gazeta”, ao longo do período já anteriormente citado. Dos dois jornais que circulam no território capixaba, “A Gazeta” e “A Tribuna”, optei por concentrar a pesquisa apenas no primeiro, uma vez que ele apresentava, à época, maior foco a questões de economia e política, editoriais essenciais para um trabalho que traz em seu bojo a temática do

petróleo. Meu foco se voltou para os discursos sobre o petróleo e sua exploração em solo capixaba, antes, durante e após a descoberta do pré-sal, e de que maneira esses diferentes momentos eram retratados pelos discursos jornalísticos, contribuindo para o estabelecimento de representações positivas ou negativas sobre ES.

Inicialmente, a pesquisa constatou o caráter ambivalente dos discursos jornalísticos produzidos antes de 2008 que, ora apontavam o progresso encontrado em alguns municípios do estado, devido à correta utilização dos *royalties* do petróleo, ora assinalavam uma má utilização desses benefícios, retratando municípios com baixos índices de desenvolvimento social e humano, embora o montante repassado fosse praticamente o mesmo em ambas as situações. Assim, temos o que eu chamei de “discursos ambivalentes”, que retratavam um estado que se enriquecia com os *royalties*, coexistindo com um estado em que esse enriquecimento ainda não era visível. Com o advento do petróleo na camada pré-sal, observei que os discursos ambivalentes deram lugar a um único discurso de progresso, de um estado que se apresenta para o mundo, com a descoberta que inaugurava uma nova era para o ES³. Assim, recorrendo à Orlandi (1993), eu nomeei esses discursos de “discursos fundadores”, na medida em que eles instauram uma nova realidade para o ES e para os capixabas.

Ao longo das discussões no Congresso Nacional e no Senado sobre a partilha dos *royalties* do pré-sal entre todos os estados da federação, mesmo os não produtores, o ES viu essa “nova era” ser ameaçada com as perdas bilionárias oriundas de uma possível aprovação da *Lei da Partilha*⁴. Dessa forma, numa tentativa de se posicionar contra essa lei, o ES se une aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, em torno de um bem comum. Os discursos veiculados por “A Gazeta”, em 2009, retratavam esse momento de união dos estados, principalmente em sua

³ Muitas foram as reportagens que traziam como manchetes frases em que se destacava a grande descoberta, categorizando-a como um novo marco para o ES, uma nova era de progresso. Por exemplo, a edição de “A Gazeta” de 12 de agosto de 2008, cuja capa veiculava a reportagem “Petróleo: Novo Ciclo começa hoje com poço no litoral Sul”, ou a reportagem de capa mais emblemática desse período, veiculada em 02 de setembro de 2008: “Espírito Santo inicia nova era do petróleo no Brasil”, e também nessa mesma edição “ES marca história mundial da exploração de petróleo” (ZANDONADI; BESSA, 2008 e ZANDONADI, 2008).

⁴ A lei dispõe sobre a exploração e a produção de petróleo, de gás natural e de outros hidrocarbonetos fluidos, sob o regime de partilha de produção, em áreas do pré-sal e em áreas estratégicas. Cria, também, o FS (Fundo Social) e trata da estrutura e fontes destes recursos. Informação disponível em <https://observatorio-eco.jusbrasil.com.br/>. Acesso em 27 set. 2020.

representatividade política. As diferenças entre os estados conforme reportadas pela mídia em outros períodos deixaram de existir a favor do estabelecimento de uma relação de igualdade, ou seja, nenhum estado se sobrepôs ao outro, nenhum traço distintivo foi acessado.

Em 2010, com o enfraquecimento das discussões sobre os *royalties*, observei que os discursos veiculados pela “A Gazeta” voltaram a retratar um estado de contrastes, os discursos ambivalentes deram novamente o tom das reportagens. Diferentemente desse período, a partir de 2014, e mais especificamente durante a grave crise econômica no Brasil, a implementação de uma forte política de austeridade fiscal pelo governador do Espírito Santo à época, Paulo Hartung, foi destaque nacional. O ES passou a ser apresentado como um dos poucos estados a manter suas contas fiscais em dia, sem atraso no pagamento dos servidores estaduais e com a agenda de investimentos, conquanto reduzida, ainda existente. Isso acontecia em um momento em que vários estados da federação, como por exemplo o Rio de Janeiro, apresentavam grandes *déficits* em suas contas públicas.

À guisa de conclusão, ressaltei (MACHADO, 2011) que as representações veiculadas pela mídia sobre o ES estavam intimamente ligadas, principalmente ao contexto sócio, político e econômico do momento. Consequentemente, atribuir uma única identidade para esse estado não seria possível, visto que o contexto estava em constante mudança. Ademais, não haveria traços identitários suficientemente relevantes que pudessem reivindicar para o ES uma única identidade capixaba. O recorte feito por mim em três períodos distintos permitiu a compreensão de que uma possível identidade associada ao Espírito Santo deve levar em conta o “caráter líquido” desse conceito, como defendido por Bauman (2005). Não podemos falar em uma única identidade, porquanto a entendemos como um processo. Essa fluidez é ainda mais visível tendo em vista a fugacidade dos eventos retratados, o que exigiu uma análise pontual, ancorada em elementos que vão além de apenas traços culturais próprios à região.

Entretanto, esse quadro parece mudar se levarmos em conta não apenas acontecimentos pontuais da história do ES, mas sim a própria história de constituição do estado em um contínuo. Essa história foi perpassada por diversos eventos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o surgimento e consolidação de um território que tenta se posicionar dentro do cenário nacional, como parte integrante da região mais rica e populosa do Brasil: o Sudeste. Assim, diferentes representações do

ES são feitas, influenciando diretamente a compreensão do que é “ser capixaba” que passa a ser visto como uma identidade social. Entendendo, portanto, que a identidade social pode ser construída pelo “outro”, bem como atribuída a um grupo pelo grupo propriamente dito, ou seja a autorrepresentação, resolvi investigar esse fenômeno, dando voz aos próprios capixabas. Se em 2011, o foco eram as representações sobre o Estado, a partir de uma visada político-econômica, agora, volto-me para autorrepresentação do que é “ser capixaba”. Acredito que ter uma identidade social é estar em sintonia com um certo grupo, compartilhando atributos, crenças e valores, e vendo o mundo sob a perspectiva do grupo, ao mesmo tempo, essa identidade social está atravessada pela identidade pessoal, ou seja, os diversos papéis assumidos pelo indivíduo na sociedade. A identidade social está atrelada, segundo Joseph (2017) a crenças sobre o passado, sobre herança e ancestralidade, e sobre pertencimento a um povo, a um lugar, a um conjunto de crenças e sobre um modo de vida. A Identidade social também inclui crenças sobre compartilhamento de um possível futuro. Tal pertencimento é construído, dentre outros modos, através da linguagem porque é por meio dela que o indivíduo representa as pessoas e os lugares, relembra sua herança e sua ancestralidade, e desenvolve e ritualiza suas crenças.

Relevância da pesquisa

As Ciências Humanas vêm fornecendo subsídios importantes no entendimento das relações entre os indivíduos em diferentes contextos e momentos. Não raro, somos confrontados com situações que nos fazem refletir sobre o nosso real papel enquanto cidadãos conscientes de nossos direitos e deveres. Muitas dessas reflexões encontram coro, sobretudo, nas Ciências Sociais. Assim, um estudo que se apresenta como uma proposta reflexiva que lida diretamente com conceitos oriundos dessas áreas de estudo pode contribuir ainda mais para essa sinergia. Ademais, o recorte histórico feito para a constituição do *corpus* deste estudo é emblemático do ponto de vista político, social e econômico já que este é um período de mudanças importantes na sociedade brasileira que certamente serão relatadas em compêndios de História. Essas mudanças vêm provocando reações diversas nos quatro cantos do território

nacional, refletindo na maneira pela qual os indivíduos se veem e veem seus pares e as relações que estabelecem com as paisagens que os cercam.

Desta forma, propor um estudo que tem como pano de fundo esse momento é tentar entender esses múltiplos olhares, às vezes opostos, outras complementares, de uma realidade que se abre a diferentes perspectivas e passível de diversas interpretações. Um dos elementos que se coloca em evidência nesse contexto é justamente o conceito de identidade, construto recorrente em pesquisas nas Ciências Sociais e que teve seu alcance ampliado nas últimas décadas, passando a fazer parte de pesquisas no âmbito da Linguística e seus diferentes enfoques (sobre isso, conferir, entre outros, SIGNORINI, 2006; MOITA LOPES, 2003, 2006; RAJAGOPALAN, 2006; PENNA, 1997).

Ao me apropriar deste conceito, estou, por um lado, somando com os diversos trabalhos já realizados sobre o assunto e contribuindo para os outros tantos que certamente virão, e, por outro, trazendo à reflexão este conceito sob uma perspectiva atual, ancorada em eventos que vêm provocando mudanças sociais, políticas e econômicas no Brasil. Ademais, ao propor um estudo envolvendo identidade, representação e diferença apresento um trabalho interdisciplinar, unindo pressupostos das Ciências Sociais com uma teoria linguística, isto é, um arcabouço teórico que lida com escolhas linguísticas e o seu papel nessa co-construção de identidades. A metodologia desenvolvida para este trabalho que visa estudar as relações entre linguagem e identidade nos processos de autoconstrução e autorrepresentação de identidades individuais e coletivas torna-o igualmente relevante ao contribuir com um ferramental metodológico que poderá ser replicado em trabalhos que seguem a mesma orientação. Além desses motivos de ordem acadêmica, destaco, também, alguns de ordem pessoal.

Como um capixaba “do interior”, fui apresentado à capital aos meus 19 anos, quando de minha aprovação no vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e pude expandir minhas relações com outros tantos capixabas vindos dos quatro cantos do estado, uma amálgama social, com sotaques diferentes, hábitos culturais distintos, mas ainda assim capixabas. Agora, na condição de professor e pesquisador, desejo entender de forma mais específica quem é o capixaba, ou quem são os capixabas, como nós nos vemos, nos compreendemos e nos representamos individualmente e como parte de um grupo.

Finalmente, como professor capixaba, atuante na Rede Estadual, e com interações com as diferentes áreas do conhecimento, coloco-me criticamente em relação à falta de estudos mais ampliados sobre a história de constituição do Espírito Santo no Currículo Estadual da Educação Básica. Acredito que ao dar visibilidade a esse estudo, trarei uma maior discussão sobre nossas origens, quem nós somos hoje e que espaços ocupamos no cenário nacional. Para tanto, apresento a seguir o problema e os objetivos desta pesquisa.

Problema e objetivos da pesquisa

O Espírito Santo (ES) teve sua colonização retardada por diferentes fatores, o que, de certa forma, impactou negativamente a formação de uma identidade capixaba representativa. Entretanto, um recorte na história do Espírito Santo mostra que as ações empreendidas pelo Governo estadual, ao longo das discussões sobre o pré-sal, entre 2010 e 2011, tentavam justificar a necessidade da união do povo capixaba em torno de um bem comum: a defesa dos *royalties* do petróleo. Havia, portanto, uma necessidade latente de constituir um grupo que reivindicasse o que lhe era de direito. Bem recentemente, ainda na gestão do ex-governador Paulo Hartung (2015-2018), não raro nos deparávamos com empreitadas propagandísticas que exploravam o fato de o ES ser um dos poucos estados da Federação a manter suas contas fiscais em ordem, em um período de grave crise econômica, tornando o ES uma referência no controle dos gastos públicos⁵.

⁵ De fato, o ES vinha demonstrando um maior controle dos gastos do dinheiro público, mantendo efetivamente o pagamento dos salários do funcionalismo público em dia, o que não se observa em alguns outros Estados da Federação, como destacado em <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/08/governo-quer-controle-mais-rigido-nas-contas-publicas-no-es.html>> acesso em 10 jan. 2018). No entanto, esse ajuste nas contas penalizou a população que viu diminuir os investimentos em infraestrutura e nos serviços públicos essenciais. Além disso, a falta de aumento dos salários dos servidores, em três anos, culminou em uma paralização da polícia militar por 22 dias, com 199 homicídios, dezenas de arrombamentos e a população acuada em casa. O que nos mostra que essa tranquilidade fiscal amplamente difundida parecia ser, na verdade, uma falácia. <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/02/fim-da-greve-100-dos-policiais-militares-retornaram-ao-trabalho-diz-comandante-1014028540.html>> acesso em 10 jan. 2018. No dia 13 de agosto de 2019, o jornal “Estadão” publicou uma reportagem, originariamente veiculada pelo periódico inglês “The Economist”, em que o Espírito Santo é apresentado com um estado modelo de eficiência no controle dos gastos públicos. A reportagem está disponível em <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,the-economist-esforco-determinado,70002965228>> acesso em 02 set. 2019.

Além disso, frente às comemorações dos 90 anos da Rede Gazeta, uma das principais empresas de comunicação do Espírito Santo, uma série televisiva denominada “Somos Capixabas” foi veiculada em todo o estado via TV Gazeta, uma afiliada da Rede Globo no estado, e integrante do grupo Gazeta. O objetivo desta produção foi justamente dar voz aos capixabas, em sua grande maioria, partindo de um questionamento repetido ao longo dos episódios da série: “O que é ser capixaba?”. Assim, diferentes capixabas, bem como diferentes recortes do estado, foram apresentados e respondiam, direta ou indiretamente, a essa mesma pergunta.

Diante dessa realidade, destaca-se a importância do discurso midiático na veiculação de representações sociais de um estado que, de um lado, se mostra cada vez mais organizado e em um progresso crescente e, de outro, de um estado que pretende despontar como uma grande potencialidade, mas cuja história de atrasos e apagamentos ainda parece ter certa influência nessas terras. Assim, a veiculação de discursos que mostram o que é ser capixaba, e como o estado é plural, pode ser vista como uma tentativa, às vezes malsucedida, de suprimir discursos reivindicatórios que não são suficientemente fortes para serem percebidos. Para Charaudeau (2006, p.18), a mídia é designada de quarto poder, prestando-se, de alguma forma, mesmo involuntariamente, a uma manipulação das consciências, não transmitindo o que ocorre na realidade social, mas impondo uma realidade, muitas vezes subvencionada por dirigentes políticos. Nesse sentido, o problema que se instaura é justamente aquele relacionado à identidade do capixaba: somos rotulados como capixabas, mas o que é ser capixaba efetivamente? É justamente essa problemática central que está na base de toda a discussão que este trabalho pretende levantar. Defendo, portanto, a tese de que é possível desvelar a identidade social de um grupo específico, os capixabas, a partir da análise das representações construídas por membros desse grupo, ao falarem sobre si mesmos, em seus discursos individuais, em um momento e contexto determinados. Assim, partindo do questionamento central e da tese aqui apresentada, elenco, a seguir, os seguintes objetivos desta pesquisa:

Objetivo geral

- Investigar a autoconstrução e a autorrepresentação discursiva da identidade capixaba, por meio de depoimentos orais e tuítes.

Objetivos específicos

- Refletir sobre as diferentes concepções de identidade;
- Propor um conceito de identidade que subsidie esta pesquisa;
- Estudar a função ideacional, sua instanciación na transitividade e sua relação com autorrepresentação;
- Refletir sobre os diferentes processos de inclusão e exclusão de atores sociais;
- Estabelecer categorias analíticas que possam ser aplicadas ao *corpus*;
- Verificar se essas categorias permitem a investigação das representações sociais de grupos específicos;
- Investigar como as escolhas linguísticas feitas pelos participantes da série “Somos Capixabas” e os autores dos tuítes refletem suas experiências de mundo, suas crenças e valores;
- Analisar as representações e as autorrepresentações sobre o que é ser capixaba;
- Fazer uma contribuição conceitual e metodológica aos estudos linguísticos sobre representação, autorrepresentação e identidade.

Considerando esses objetivos e tendo como foco a discussão sobre um grupo social, o capixaba; considerando que o *corpus* desta pesquisa é constituído por transcrições de depoimentos orais da série “Somos Capixabas” e um conjunto de tuítes com a *hashtag* #somoscapixabas coletados quando da veiculação dos episódios dessa série, estabeleço as seguintes perguntas de tese:

- É possível investigar um grupo social (os capixabas) por meio dos seus usos linguísticos e estabelecer algum mapa cultural/social sobre a identidade desse grupo, suas crenças e valores?

- Em caso afirmativo, é possível utilizar categorias que em sua origem visam à representação social em pesquisa sobre autorrepresentação?
- Se sim, que categorias são pistas dessa autorrepresentação?
- Que escolhas léxico-gramaticais são indicativas dessa autorrepresentação?
- No discurso co-construído das entrevistas e tuítes, é possível depreender uma representação coletiva do que é “ser capixaba”?
- Os dois *corpora* de estudo se completam ou se contradizem na pauta da representação?

Essas perguntas orientam este trabalho de pesquisa cujo alvo é o estudo sobre o capixaba, ao mesmo tempo em que dialoga com possíveis instrumentos linguísticos com o intuito de responder a esses questionamentos, e corroborar ou não nosso argumento principal. Assim, recorro a duas teorias linguísticas que se relacionam diretamente e a partir das quais depreendemos algumas categorias linguísticas que servirão à análise do nosso *corpus*.

Sirvo-me, inicialmente, da Gramática Sistemico-Funcional (GSF), que percebe o significado da língua como uma escolha. Essa teoria, desenvolvida por Michael Alexander Kirkwood Halliday (1985) e inserida no âmbito das teorias funcionalistas, é *sistêmica* porque vê a língua como uma rede de sistemas linguísticos interligados, dos quais nos servimos para construir significados, realizar coisas no mundo. Assim, cada sistema é um conjunto de possibilidades, que perpassam a semântica, o léxico, a gramática, a fonologia e a grafologia. Ela é, ainda, *funcional*, porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos (FUZER; CABRAL, 2014). Essas funções são denominadas de metafunções e se dividem em ideacional, interpessoal e textual. É justamente a função ideacional que interessa particularmente a este trabalho, pois ela é instanciada por meio do *sistema de transitividade*, que permitirá entender como os capixabas, os atores sociais, se veem e se constroem no discurso, ou seja, como os fenômenos do mundo real são representados linguisticamente, através dos elementos que constituem esse sistema, quais sejam: os Participantes, os Processos e as Circunstâncias. Em se tratando de atores sociais, recorro, também, à Teoria dos Atores Sociais, de Theo Van Leeuwen (2008). Nesta abordagem, o autor relaciona os

atores sociais ao contexto sociocultural em que eles estão inseridos, desempenhando diferentes papéis e criando representações do mundo e de suas experiências. Van Leeuwen defende que identidades sociais são descritas e construídas no e pelo discurso, e podem ser discutidas e reveladas através da investigação linguística dos participantes em práticas sociais diversas. Nessa investigação, é preciso apelar à noção de transitividade encontrada na GSF, de modo a perceber como os atores sociais constroem seus papéis linguisticamente. Assim, nas análises que serão propostas, olharemos as rotinas, as experiências, os hábitos compartilhados, sobre o que os capixabas falam quando entrevistados e filmados, que tipos de hábitos eles incluem ou excluem de suas práticas discursivas, quem eles apagam do discurso e quem aparece frequentemente. Essas duas abordagens se mostraram as mais adequadas para a investigação discursiva sobre o conceito de identidade que será apresentado e discutido nesta tese, estruturada em cinco capítulos, da seguinte forma:

O Capítulo 1 volta-se para a discussão sobre a identidade social, sob diferentes perspectivas. Essa discussão torna-se relevante, pois ao lidarmos com o conceito de identidade estamos adentrando em um terreno que, embora explorado no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, possui grande potencial de pesquisa nas Ciências da Linguagem. Dessa forma, antes de voltar a atenção especificamente para a relação entre linguagem e identidade, apresento algumas reflexões sobre o conceito de identidade, representação e diferença. Conceitos-chave desta pesquisa.

No Capítulo 2, será apresentado o arcabouço teórico da Gramática Sistêmico-Funcional, de Michael A. K. Halliday e da Teoria dos Atores Sociais, de Van Leeuwen. Essas duas teorias serão essenciais neste estudo para entendermos a relação entre linguagem e identidade, o que permitirá o estabelecimento de categorias de análise que serão, posteriormente, aplicadas ao *corpus* selecionado.

A metodologia de trabalho está descrita no Capítulo 3. Neste momento, serão apresentados os *corpora* de pesquisa, os diferentes métodos de coleta, o tratamento e a proposta de análise dos dados.

O Capítulo 4 apresentará as análises realizadas e as discussões a partir dos dados obtidos e à luz do arcabouço teórico pesquisado e das categorias de análise estabelecidas, a fim de respondermos às perguntas que orientam este trabalho de pesquisa.

Finalmente, em *Considerações finais*, apresento as respostas às perguntas de tese e teço as conclusões deste trabalho, bem como possíveis encaminhamentos para pesquisas futuras na interface entre linguagem e percepção de identidade.

A seguir, inicio a discussão sobre o conceito de identidade, representação e diferença e sua relação com a linguagem.

1 IDENTIDADE: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES

No bojo das reflexões propostas por Breakwell (2011) sobre identidade e representações, inicio este capítulo salientando a estreita relação existente entre esses dois conceitos e a relevância e importância do seu estudo. Inicialmente, ressalto que a Teoria das Representações Sociais lida com a construção social do significado. Nesse sentido, essas representações são entendidas como um produto em constante evolução, pois refletem o desejo de se entender e representar o mundo que nos rodeia. Para Breakwell (2011), elas constituem uma parte essencial e onipresente da estrutura do mundo social que os indivíduos vivenciam, sendo as identidades individuais ou coletivas desenvolvidas nesse contexto de abundância de representações sociais. Em outras palavras, somos representados, e nos autorrepresentamos, de diversas formas, e essas (auto)representações estão intimamente ligadas à constituição de identidades.

O estudo sobre a noção de identidade implica a efetiva entrada em um terreno explorado, sobretudo nas últimas décadas, por diferentes áreas do conhecimento, como mostra a variedade de trabalhos enfocando esse termo (ver PREECE, 2016; WODAK, 2009; SIGNORINI, 2006; MOITA LOPES, 2003, 2006; SILVA et al. 2000, apenas para citar alguns desses estudos), que parte da interdisciplinaridade do conceito de identidade e seu potencial de pesquisa. Foram estes trabalhos que orientaram as primeiras reflexões que estão na gênese desta tese.

Neste capítulo, discuto o campo da identidade e as teorias mais recentes acerca desse conceito. No entanto, não se pode negligenciar estudos anteriores sobre esse construto, notadamente aqueles encontrados em Hall (2000, 2006, 2007), em Bauman (2001, 2005), pois eles servem de ponto de partida para uma abordagem que se pretenda fazer sobre o conceito de identidade nas Ciências Sociais e sua relação com outras disciplinas. Um breve panorama desses estudos pode ser encontrado em Machado (2011), em que destaco algumas questões relevantes sobre a noção de sujeito e identidade, a “crise de identidade” e o conceito de “modernidade líquida”. Neste capítulo, recorro brevemente a alguns desses pontos, no entanto, a discussão aqui proposta objetiva ampliar essas reflexões. O capítulo tem, portanto, a seguinte configuração: primeiro, discuto as diferentes possibilidades de conceitualizar “identidade” e apresento possíveis caminhos para o estudo desse conceito, com

destaque para a abordagem defendida nesta pesquisa; em seguida, trago alguns apontamentos sobre as noções de identidade, representação e diferença; finalmente, discuto a construção da identidade sob a perspectiva linguístico-discursiva, com reflexões sobre discurso, alteridade e relações sociais de poder. No final desse tópico, apresento, brevemente, alguns conceitos oriundos da Gramática Sistêmico-Funcional que dialogam com a noção de identidade, cujo desenvolvimento teórico será elaborado em capítulo à parte.

1.1 O conceito de identidade: um desafio à parte

Ao investigar o percurso histórico sobre o conceito de identidade, constata-se que esse termo foi inserido nas Ciências Sociais, inicialmente, nos Estados Unidos, graças aos trabalhos de Erik Erikson sobre desenvolvimento psicossocial (ABDEL-FATTAH, 2006, p. 51). Esse teórico cunhou a expressão “crise de identidade” para designar um período pelo qual o adolescente passa até atingir consciência plena do que é. Nesse mesmo contexto, surge outra via de análise a partir da noção de “identificação”, termo, até então, próprio à psicanálise e empregado por Freud em seus estudos sobre o desenvolvimento psicossocial do indivíduo. A “identificação” se viu, então, associada, por um lado, a questões relacionadas à etnia e, por outro, à teoria dos papéis sociais e à teoria do grupo de referência. O termo “identidade” passa a ser, também, reivindicado por alguns teóricos da sociologia voltada para o interacionismo simbólico, cuja preocupação com o “eu” tornou-se recorrente, principalmente sob a influência de Anselm Strauss (BRUBAKER, 2001). Foi principalmente graças a dois autores que esse conceito começou a se popularizar, como salientado por Brubaker:

Dois autores [...] contribuíram ainda mais para popularizar a noção de identidade: Erving Goffman, cujo trabalho está na periferia da tradição da interação simbólica, e Peter Berger, cujo trabalho está relacionado às tradições socioconstrutivistas e fenomenológicas. Por uma série de razões, o termo “identidade” teve um eco tremendo ao longo dos anos: espalhou-se rapidamente e transcendeu as fronteiras disciplinares e nacionais, impôs-se ao vocabulário jornalístico e acadêmico e foi introduzido na linguagem da

prática social e política, bem como a da análise social e política. (2001, p. 67 – tradução nossa)⁶

O termo “identificação” é retomado por Bauman (2005) para caracterizar o momento em que a identidade, que se pretendia predeterminada, natural e inegociável, perde as âncoras sociais. Assim, a identificação se torna cada vez mais importante, na medida em que os indivíduos passam a buscar um “nós” com quem se identifiquem e a quem possam pedir acesso. Ora, sendo esses movimentos constantes e recorrentes no mundo moderno, nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e tantas outras que nos circundam tendem a fazer parte de um processo de modificação constante com o objetivo de se adaptarem a esse novo mundo líquido. Dessa forma, para Bauman (2005), a quem esta tese se filia conceitualmente, a identidade não deve mais ser entendida como um algo imutável, fixo, mas sim objeto de transformação constante.

Ao longo dos séculos, a Filosofia já vinha tentando responder a questões relacionadas a noções de unidade e diversidade, notadamente temas em que o conceito de identidade, embora não explícito, estava presente. Mais recentemente, o termo identidade conheceu uma verdadeira retomada pelas Ciências Sociais, confrontadas à evolução dos valores e comportamentos e à explosão das reivindicações identitárias (ABDEL-FATTAH, 2006). Essas reivindicações são baseadas, principalmente, em elementos como a religião, o conceito de nação e cultura: novas paisagens que vêm mudando a maneira pela qual o indivíduo se reconhece e se define. Em outras palavras, o interesse despertado por esse conceito se deu, sobretudo, com o advento das mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que atravessam o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas (MOITA LOPES, 2003). Assim, no cenário político que se configura atualmente, nota-se que a reorganização político-geográfica da Europa, por exemplo, leva a esforços teóricos de compreensão das novas identidades originadas a partir de fenômenos, tais como as migrações e o *status* das minorias étnicas em cada região (VIEIRA, 2009). A globalização exerce forte

⁶ O texto em língua estrangeira é : « Deux auteurs contribuèrent cependant davantage encore à populariser la notion d'identité : Erving Goffman, dont le travail se situe à la périphérie de la tradition de l'interaction symbolique, et Peter Berger, dont le travail se rattache aux traditions socioconstructiviste et phénoménologique. Pour toute une série de raisons, le terme d'« identité » rencontra un écho formidable dans les années: il connut une diffusion rapide qui transcendait les frontières disciplinaires et nationales, s'imposa dans le vocabulaire journalistique aussi bien qu'académique et s'introduisit dans le langage de la pratique sociale et politique aussi bien que dans celui de l'analyse sociale et politique. »

relevância nesse processo, já que aliada à popularização da internet estabeleceu novas formas de comunicação e interação entre os indivíduos, além de impactar as atividades econômicas. No entanto, ela produz resultados distintos em termos de identidade, pois a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode induzir ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e cultura locais. Ademais, e de forma alternativa, ela pode conduzir a uma resistência que tende a fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2000).

Nesse contexto globalizado, Castells (2002) cunha a expressão “sociedade de rede” como uma forma de caracterizar a sociedade atual, marcada justamente por essa conectividade global, em que o tempo e o espaço se misturam. As velhas identidades estão, portanto, sendo substituídas por outras que refletem o momento presente, e os indivíduos que a compõem se fragmentam em identidades múltiplas, deixando de lado a noção de sujeitos estáveis, amplamente difundida pelo Iluminismo, como destacado por Stuart Hall (2006). Essas mudanças que vêm ocorrendo, sobretudo nas últimas décadas, modificam a face do mundo, criando estilos, costumes de vida e novas formas de organização social (FRIDMAN, 2000).

Uma das características dessas múltiplas reflexões e transformações sociais é o surgimento da noção de pertencimento e sua relação com o conceito de identidade. O indivíduo passa a ser considerado numa relação consigo e com os seus pares, estabelecendo grupos nos quais ele afirma sua identidade de acordo com o contexto em que está inserido. Sobre isso, Abdel-Fattah afirma:

Consideramos então que o sentimento de co-pertencimento está intrinsicamente ligado à elaboração de uma identidade coletiva. Este co-pertencimento é a base da consciência intuitiva que um indivíduo tem em ser membro de uma comunidade que pode ser distinta, uma vez que ela possui traços que lhe são próprios, e homogênea, pois esses traços podem ser compartilhados pelos membros do grupo. Esta consciência é gratificante e nos parece representar um motor essencial da problemática identitária, na qual “pertencer a” equivale a “existir” dentro de um grupo. (2006, p. 69)⁷

⁷ O texto em língua estrangeira é : « Nous considérons donc que le sentiment de la co-appartenance est intrinsèquement lié à l'élaboration d'une identité collective. Cette co-appartenance est à la base de la conscience intuitive qu'un individu a d'être membre d'une communauté distincte, car possédant des traits qui lui sont propres, et homogène, car ces traits sont partagés par les membres du groupe. Cette conscience est gratifiante et nous semble représenter un moteur essentiel de la problématique identitaire où « appartenir à » équivaut à exister au sein du groupe. » « (Tradução nossa, aspas no original)

Nesse contexto, destaca-se o grande poder desempenhado pelas mídias, sobretudo em situações de crises. Elas passam a veicular discursos que desenham um tipo de “paisagem sob medida”, como destacado por Abdel-Fattah (2006, p. 71), isto é, paisagens que vão orientar os sentimentos dos destinatários dessas mensagens, de modo que, influenciados, eles possam tomar posições críticas e se sentir pertencentes a uma causa, ou a uma comunidade. Para Abdel-Fattah (2006) essas ações mediáticas visam fornecer de alguma forma uma identidade “*prêt-à-porter*”, isto é, “pronta para vestir”, uma identidade que brinca com o sentimento de co-pertencimento dos receptores dessas mensagens, levando-os a desempenharem os papéis necessários e já pré-definidos por essas instâncias midiáticas. Esta multiplicidade de papéis contrasta de maneira clara com o imenso poder de singularidade às vezes realizada por políticas que instituem um subgrupo unitário, que passa a ser o dominante. Surge, então, a noção de identidade como uma “categoria de prática”⁸, isto é, um viés do conceito de identidade voltado para a experiência social cotidiana, envolvendo atores sociais comuns. Esse conceito de identidade como uma categoria de prática social será retomado posteriormente.

Para exemplificar esse termo, Abdel-Fattah (2006) afirma que alguns dirigentes políticos, em posse dessa noção “leiga” de identidade, tentam convencer seus interlocutores de que eles juntos constituem um grupo diferente de outros e de que as dificuldades e interesses de um, são, na verdade, compartilhados por todos os integrantes do mesmo grupo. Ao assim fazer, essas autoridades políticas desejam canalizar e justificar uma determinada ação coletiva visando certo objetivo, com o aval do grupo em questão. Logo, homogeneizar propositadamente determinados grupos passa a ter um objetivo puramente político, com o intuito de atender a uma demanda igualmente política, instaurando uma relação de poder verticalizada em que um bem maior está em jogo. Homogeneizar grupos em direção a um bem comum pode ter sido o expediente utilizado ao longo das discussões sobre a partilha dos *royalties* do petróleo ao longo de 2011 e bastante retratado pela mídia tanto capixaba, quanto nacional (MACHADO, 2011). Entretanto, no que diz respeito à série “Somos Capixabas”, essa homogeneização proposta sobre o povo e o estado capixabas, a

⁸ Tradução nossa do francês “Catégorie de pratique”, expressão encontrada em BRUBAKER Rogers. Au-delà de l'« identité » . In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 139, septembre 2001. p. 66-85. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2001-4-page-66.htm>>. Acesso em 10 fev. 2019.

começar pelo título, parece estar além de um objetivo meramente político, na medida em que ela está servindo a uma razão impalpável, como a valorização do capixaba e o fortalecimento de sua autoestima. Assim, a série se apresenta como um recorte do estado, sob a ótica do seu diretor, o que permite inferir que as representações nela veiculadas foram orientadas, definindo o que seria ou não mostrado, por se tratar de um material gravado e passível de edição. A essas questões, Moscovici (2007, p.32) aponta para a existência de representações que “nos orientam em direção ao que é visível, como àquilo a que nós temos de responder; ou que relacionam a aparência à realidade; ou de novo àquilo que define essa realidade”.

Por se tratar de uma noção de difícil delimitação, o conceito de “identidade”, não raro, é revisitado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, interpretando, analisando e aplicando esse conceito de acordo com os objetivos pretendidos, tendo em vista o arcabouço teórico próprio à sua área de estudos (identidade pessoal, social, cultural, ética, etc.). Na ausência de uma definição clássica que permita sua aplicação em diferentes trabalhos de pesquisa, muitas vezes os autores precisam cunhar uma definição própria para o termo que dialogue diretamente com os propósitos de sua pesquisa. Como exemplo desta pluralidade e da necessidade de estudar o tema sob múltiplos aspectos, Penna (1992) apresenta reflexões pertinentes acerca do conceito de identidade. Para ela:

As questões relativas à identidade social são complexas, envolvendo processos psicológicos, cognitivos e sociais. Localizando-se na interseção do individual e do coletivo, recolocam o problema teórico da articulação entre identidade pessoal e identidade social coletiva, ou que tem por referência um grupo social. Tratada em contextos teóricos diferenciados por diversas disciplinas [...], a identidade constitui-se em um campo de trabalho multidisciplinar, que talvez apenas pelo intercâmbio de diferentes enfoques e contribuições possa ser eficazmente desvendado. (PENNA, 1992 p. 13-14)

A autora destaca, ainda, a grande produção científica envolvendo a noção de identidade, ao afirmar que “não apenas em seus usos do senso comum, mas também na produção científica, é grande, portanto, a diversidade (e mesmo a ambiguidade) no emprego do termo identidade - e especificamente quanto a que se refere na prática social” (1992, p.14). Nesse contexto, surge a problemática da validade desse conceito, já que, para a pesquisadora, “a própria existência de alguma realidade que corresponda à ideia de identidade é posta em dúvida” (1992 p. 14). Nessa mesma perspectiva, Brubaker (2001, p. 69) argumenta que o termo “identidade”, por se tratar

de conceito analítico, é “desesperadamente” ambíguo e sugere dois vieses gerais para a sua compreensão, ancorados nas Ciências Sociais e na História: identidade como uma categoria de prática e como uma categoria de análise.

Como uma categoria de prática, como já discutido anteriormente, essa noção de identidade é percebida tanto na vida cotidiana, quando falamos sobre nós mesmos e sobre as relações que estabelecemos com nossos pares, quanto nas políticas identitárias, principalmente nos discursos políticos de homogeneização. Como uma categoria de análise, o conceito é empregado de forma científica, em pesquisas nas Ciências Sociais sobretudo, e se opõe ao seu uso “leigo” e “popular”. Para Brubaker (2001 p. 69), o discurso identitário cotidiano e a política identitária são fenômenos reais e importantes, mas a imposição do uso que é feito atualmente de identidade como uma categoria de prática não implica necessariamente o seu uso como uma categoria de análise. Isto é, no estudo sobre o conceito de “nação” - uma categoria de prática social - não é preciso recorrer a uma categoria analítica para compreender e analisar as reivindicações lançadas em nome de nações putativas. Da mesma forma, para o autor, não é necessário apelar à raça, como uma categoria de análise, para se compreender e analisar as práticas sociais e políticas determinadas pela ideia presumida de raças putativas, sob pena de considerar como evidente a existência de “raças”. Ou, ainda, é possível analisar o discurso identitário e a política identitária sem supor, na condição de analista, a existência de “identidades”. De acordo com o autor, o emprego de um termo como categoria de prática não é suficiente para desqualificar o seu uso como categoria de análise, ao contrário, uma categoria enriquece a outra. O problema, segundo ele, é a confluência incontrolada de diferentes acepções sociais e sociológicas para determinados conceitos. Por exemplo, alguns termos são estudados como categorias analíticas, mas têm seus usos relacionados a uma categoria de prática. Daí a necessidade de se trazer à discussão o conceito de representação que, de certa forma, é algo palpável, e ao qual categorias analíticas podem ser aplicadas. Frequentemente, termos como “nação”, “raça” e “identidade” são discutidos sem que se estabeleça claramente a perspectiva adotada, trata-se então de uma forma “implicitamente ou explicitamente reificante, que subentende ou afirma que ‘nações’, ‘raças’ e ‘identidades’ ‘existem’ e que as pessoas têm uma

‘nacionalidade’, uma ‘raça’, uma ‘identidade’”⁹ (BRUBAKER, 2001, p. 70, tradução nossa, aspas no original). Essa constatação está no bojo dos esforços teóricos mais recentes cujo foco se baseia em definições mais flexíveis para esses termos, principalmente no que diz respeito à identidade, que passa a ser entendida como múltipla, fragmentada e fluida. No entanto, o teórico questiona essa concepção:

O “essencialismo” foi, de fato, vigorosamente criticado e a maioria das discussões sobre “identidade” implica hoje a adoção de uma postura construtivista. Contudo, frequentemente lidamos com uma amálgama instável de linguagem construtivista e argumentação essencialista. Não se trata de preguiça intelectual. Pelo contrário, isso reflete a tensão entre linguagem construtivista exigida pelo decoro acadêmico e a mensagem fundamentalista ou essencialista que é necessária se quisermos que os apelos à “identidade” tenham um efeito prático. Mas a solução não reside tampouco em um construtivismo consequente: de fato, não está claro por que o que é comumente descrito como múltiplo, fragmentado e fluido deve ser conceituado como uma “identidade”. (BRUBAKER, 2001, p. 70-71, tradução nossa, aspas no original)¹⁰

Em outras palavras, ao se conceitualizar a identidade, uma categoria de prática social, por meio de metáforas como fluidez, liquidez e maleabilidade, categorias não analíticas, o autor demonstra a dificuldade em estabelecer um conceito de identidade que esteja relacionado aos seus usos efetivos, isto é, uma categoria de prática social ou uma categoria analítica. Assim, Brubaker defende que é preciso tomar como ponto de partida o contexto de sua utilização bem como a tradição teórica ao qual ele está filiado. A partir daí, alguns caminhos podem ser traçados. O autor elenca alguns empregos-chave identificáveis e que contribuem para uma compreensão mais apurada desse termo (2001, p. 71-72):

A identidade como motivo ou fundamento da ação social ou política: nesta compreensão, a identidade se opõe frequentemente a “interesse” em um esforço para destacar e conceituar os modos “não instrumentais” de ação social e política. Esse

⁹ O texto em língua estrangeira é : « Une manière implicitement ou explicitement réifiante, qui sous-entend ou affirme que des « nations », des « races » et des « identités » « existent » et que les gens « ont » une « nationalité », une « race », une « identité ».

¹⁰ O texto em língua estrangeira é : « L'essentialisme » a, de fait, été vigoureusement critiqué et la plupart des discussions sur l'« identité » impliquent aujourd'hui l'adoption d'une pose constructiviste. Cependant, on a souvent affaire à un amalgame instable de langage constructiviste et d'argumentation essentialiste. Il ne s'agit pas là de paresse intellectuelle. Cela reflète bien plutôt la double orientation de beaucoup d'identitaires académiques qui sont à la fois des analystes et des protagonistes des politiques identitaires. Cela reflète la tension entre le langage constructiviste réclamé par la bienséance académique et le message fondamentaliste ou essentialiste qui est nécessaire si l'on veut que les appels à l'« identité » aient un effet dans la pratique. Mais la solution ne réside pas non plus dans un constructivisme plus conséquent : en effet, on ne voit pas clairement pourquoi ce qui est ordinairement décrit comme multiple, fragmenté et fluide devrait être conceptualisé comme une « identité ».

termo é usado para destacar como a ação – individual ou coletiva – pode ser governada pelas “autocompreensões particulares”, em vez de um interesse pessoal supostamente universal. Brubaker pontua que esse é, talvez, o uso mais geral do termo, já que o encontramos quase sempre associado a outros trabalhos.

A identidade como um fenômeno especificamente coletivo: nesse emprego, a identidade denota uma semelhança fundamental e consequente entre membros de um grupo ou de uma categoria. Esta pode ser compreendida objetivamente (como uma semelhança “em si”) ou subjetivamente (como uma similaridade comprovada, sentida ou percebida). Essa semelhança deve se manifestar na solidariedade, individual ou coletiva. Este emprego do termo é notado particularmente na literatura sobre movimentos sociais, envolvendo a questão de gênero, raça, pertencimento étnico e nacionalismo.

A identidade como um aspecto central da “individualidade” (particular ou coletiva) ou como condição do ser social: a identidade é, aqui, invocada para designar algo supostamente profundo, fundamental, constante ou fundador. Ela difere dos aspectos ou atributos do “eu” mais superficial, acidental, passageiro ou contingente e é entendida como algo a se valorizar, cultivar, incentivar, reconhecer e preservar. Para Brubaker: “este emprego é característico de certos ramos da literatura psicológica (ou psicologizante), particularmente daqueles influenciados por Erik Erikson, mas também o encontramos na literatura sobre raça, etnia e nacionalismo”¹¹ (2001, p. 72, tradução nossa).

A identidade como um produto da ação social ou política: a “identidade” refere-se ao desenvolvimento progressivo e interativo de um certo tipo de autoconhecimento coletivo, de uma solidariedade ou de um “sentimento de grupo” que torna possível a ação coletiva. Neste emprego, que encontramos em alguns ramos da literatura do “Novo movimento social”, a “identidade” é entendida como um “produto contingente” da ação social ou político e como motivo ou base para novas ações (BRUBAKER, 2001, p. 72).

A identidade como o produto evanescente de discursos múltiplos e concorrentes: a “identidade” é invocada para enfatizar a natureza instável, múltipla,

¹¹ O texto em língua estrangeira é : « Cet emploi est caractéristique de certaines branches de la littérature psychologique (ou psychologisante), particulièrement de celles qui ont été influencées par Erik Erikson, mais on le rencontre également dans la littérature sur les races, l'appartenance ethnique et le nationalisme. »

flutuante e fragmentada do “eu” contemporâneo. Este emprego está presente especialmente na literatura influenciada por Michel Foucault, no pós-estruturalismo e pós-modernismo. Ele também é encontrado, de uma forma um pouco diferente, em alguns ramos da literatura dedicados ao pertencimento étnico - especialmente nos trabalhos “situacionistas” ou “contextualistas” sobre o pertencimento étnico (BRUBAKER, 2001).

Como se pôde notar, há uma gama de possibilidades de compreensão do termo “identidade”, o que caracteriza a sua heterogeneidade conceitual, destacada por vários teóricos. De forma geral, há duas posições distintas e que se opõem: aquela que defende a existência de uma semelhança fundamental ou permanente e a outra que rejeita essa noção de semelhança. Silva (2000) e Woodward (2000) classificam essa distinção em concepções essencialistas e não essencialistas, já Brubaker (2001, p. 73-74) fala em concepções “fortes” e “fracas”. No que diz respeito às concepções “fortes”, Brubaker as define como aquelas que insistem sobre a semelhança ao longo do tempo e entre os indivíduos, e são empregadas na maioria das formas de política identitária. Essas concepções implicam uma série de pressupostos, elencados pelo teórico:

1. A identidade é algo que todo mundo tem ou deveria ter, ou procura;
2. A identidade é algo que todos os grupos (de um certo tipo) têm ou deveriam ter;
3. A identidade é algo que as pessoas e os grupos podem ter sem se darem conta disso. Trata-se de algo a ser descoberto;
4. A identidade está relacionada a laços que ligam os membros de um grupo entre eles. Esse pressuposto implica um alto grau de “grupabilidade”, de uma identidade ou de uma semelhança entre os membros de um grupo, ao mesmo tempo em que estabelece uma distinção com outros grupos.

Em relação às concepções “fracas”, Brubaker (2001) salienta que são aquelas que se apresentam de forma mais sistemática nos embates teóricos atuais e trazem em seu bojo algumas problemáticas:

1. Em geral, as concepções “fracas” são acompanhadas de qualificativos, indicando que a identidade é múltipla, instável, fluída, fragmentada,

construída, negociada e outros. Esses qualificativos são tão recorrentes e automatizados que podem ter sua força argumentativa apagada, funcionando apenas como simples marcadores de posição.

2. Torna-se complicado entender como essas concepções “fracas” da identidade ainda são denominadas concepções, uma vez que a noção de identidade implica, de alguma forma, uma semelhança ao longo do tempo, então, por que utilizar um conceito cuja significação é rejeitada?
3. As concepções “fracas” da identidade poderiam ser fracas “demais” para desempenhar uma função teórica. Com o objetivo de suprimir as conotações “duras” do termo. Na insistência em se definir a identidade como sendo múltipla, fragmentada, maleável, os defensores dessa concepção mais “leve” nos apresentaram um conceito tão indefinidamente elástico que ele se tornou inadequado para um trabalho analítico sério.

Como se observa, as diferentes compreensões sobre o termo identidade demonstram o seu caráter heterogêneo e a dificuldade em se adotar um ou outro conceito único sob o risco de sobrecarregá-lo de sentido, não respondendo, portanto, à questão central sobre o que é a “identidade”. No entanto, algumas reflexões conceituais podem ser traçadas sobre este termo, e alguns conceitos mais específicos podem ser estabelecidos, permitindo um recorte necessário à análise pretendida. Assim, Brubaker (2001) apresenta três grupos terminológicos servindo à uma possível definição do conceito de “identidade”:

1. *Identificação e Categorização*: Trata-se de um olhar sobre o processo e sobre a atividade. A maneira como o indivíduo se identifica e como é identificado pelo outro está sujeita a variações, levando em conta o contexto. Nesse sentido, a autoidentificação e a identificação do outro são essenciais nos atos situacionais e contextuais. A autoidentificação e a identificação acontecem em contextos relacionais próximos, como o familiar, mas também podem ser estabelecidas em grupos maiores que representam uma classe de pessoas, compartilhando características, como a língua ou a nacionalidade. Tem-se, então, modos distintos de identificação: o relacional e o categorial. Na vida quotidiana, esses dois

modos se cruzam, pois as pessoas identificam e categorizam os outros, ao mesmo tempo em se identificam e categorizam a si mesmas.

2. *Autocompreensão e localização social:* A autocompreensão se insere numa relação com uma subjetividade situada, ou seja, a concepção que se tem do que se é, de sua localização no espaço social e a maneira como se é preparado para ação. Essa compreensão se aproxima do que Pierre Bourdieu (1980) chamou de “sentido prático” da representação que os indivíduos têm de si mesmos e do mundo social em que evoluem, sendo ao mesmo tempo cognitiva e afetiva. A autocompreensão não implica necessariamente uma concepção de um “eu” homogêneo, limitado ou unitário, mas deve ser vista sob diversas formas, principalmente em relação aos espaços sociais que ocupa e as relações que estabelece com seus pares.
3. *Comunalidade, conectividade e grupabilidade:* Ao se pensar em comunidades que compartilham características comuns, a autocompreensão é vista como um sentimento de pertencimento, o que implica uma solidariedade e um acordo total entre os membros dessa comunidade. Tem-se, portanto, um tipo particular de autocompreensão que leva em conta atributos comuns à comunidade e as relações entre seus membros, o que faz emergir os grupos particulares, limitados e solidários.

Após essas reflexões sobre identidade, passo a seguir a discutir a relação entre identidade, representação e diferença. Conceitos igualmente relevantes para esta pesquisa.

1.2 Identidade, representação e diferença

Na busca por um conceito de identidade que permita a sua aplicação analítica, deparamo-nos com dois outros conceitos igualmente desafiantes e indispensáveis a esta pesquisa. Trata-se dos conceitos de representação e diferença. Neste subtópico, apresento algumas breves reflexões sobre eles e sua relação com a identidade.

Como já vimos, há duas vertentes nos estudos sobre a identidade, uma essencialista que tende a perceber a identidade como fixa, imutável e nesse sentido associada muitas vezes a aspectos biológicos ou históricos; e outra que entende a identidade como não essencialista e, portanto, passível de mudança. A defesa de uma identidade essencialista envolve reivindicações sobre quem pertence ou não a um determinado grupo, isto é, aqueles que compartilham determinadas características permitindo a sua inclusão na coletividade. Nesse sentido, a identidade é vista como classificatória, pois estabelece a diferença entre “nós” e “eles”, frequentemente marcada por relações sociais e simbólicas, ou seja, elementos que retratam práticas sociais e culturais locais e podem funcionar no estabelecimento dessa diferença. Para Woodward:

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. E por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais. (WOODWARD, 2002, p. 6, *aspas no original*)

Como já destacamos no Seção 1.1, a identidade tem sido alvo de preocupações contemporâneas em diversos níveis. Ao tomá-la como uma categoria de análise, é preciso levar em conta a maneira pela qual identidade e diferença se relacionam com a noção de representação, pois só é possível compreender os significados envolvidos nessa relação se for possível inferir sobre quais posições-de-sujeito elas produzem e como nós, enquanto sujeitos, podemos ser inseridos em seu interior (WOODWARD, 2000). Nesse movimento simbólico, passamos a dar sentido à nossa experiência e àquilo que somos ou o que desejamos ser.

A representação, entendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas, os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões sobre a nossa identidade enquanto indivíduo, ou seja, aquilo que sou ou aquilo que poderia ser. No bojo dessas reflexões, inclui o questionamento que está no centro desta pesquisa sobre quem é o capixaba, ou ainda, quem o capixaba gostaria de ser. Os discursos e os sistemas de representação estabelecem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Nesse sentido, a série de televisão “Somos capixabas”, cujo objetivo é a busca pela identidade do capixaba, apresenta um estado cuja imagem

positiva é valorizada ao longo dos três episódios veiculados em 2018 e que constituem parte do *corpus* desta pesquisa. Esta imagem positiva tende a funcionar como um apelo para os telespectadores, consumidores desse que é, afinal, um produto, transmitindo diferentes símbolos com o quais eles podem se identificar. Assim, a identidade passa a ser marcada por símbolos, estabelecendo uma oposição entre a “nossa” cultura e a cultura do “outro”. A construção da identidade é, então, tanto simbólica quando social, ela está associada à diferença, mas parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, podendo uma se sobrepor a outra. Algumas delas podem ser mais ou menos representativas, o que vai depender do local e de quem as manifesta e, principalmente, sob quais objetivos. Muitas vezes, minorar, ou até mesmo suprimir, essas diferenças serve a um bem maior, como visto nos discursos sobre a luta pelo pré-sal, destacado por Machado (2011). Essa relação entre identidade e diferença é explicada por Woodward nos seguintes termos:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos - nós/eles [...]; eu/outro. (WOODWARD, 2000, p. 23)

Nesse sentido, ser “capixaba” é não ser, por exemplo, “mineiro” ou “paulista”, e essa diferença vai sendo estabelecida ao longo dos episódios da série, em que são mostrados elementos próprios à cultura do estado e, sobretudo, capixabas que ocupam um lugar de fala, posicionando-se de diferentes formas. São esses elementos, entendidos como sistemas simbólicos, os responsáveis pela reprodução da diferença. Assim, o capixaba se apropria de características que julga comuns a seus pares e reivindica para si uma identidade, ou seja, é na dicotomia entre “eu” e “outro” que o capixaba se constitui como tal. Isso implica um apagamento de identidades individuais, relacionadas, por exemplo, ao gênero, condição sexual, cor da pele etc., pois o que está em jogo é uma valorização do coletivo e a fixação de uma identidade única. Ser capixaba parece indicar, então, uma característica essencial para a inclusão no grupo. No estudo da relação entre identidade e diferença, Silva

(2002) afirma que esses dois conceitos estão em uma relação de estreita dependência:

A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo “sou brasileiro” parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. “Sou brasileiro” - ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. (SILVA, 2000, p. 44, aspas no original)

O teórico salienta, ainda, que além de serem interdependentes, identidade e diferença dividem uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística, mobilizadas no contexto de relações sociais e culturais, fabricadas por nós. Como atos de criação linguística, elas são produzidas por meio da linguagem, ou seja, é por atos de fala que estabelecemos a identidade e diferença. Sendo uma relação social, sua definição em termos discursivos ou linguísticos está sujeita a vetores de força e relações de poder. Identidade e diferença não são criadas simplesmente, elas são impostas e implicam sempre em operações de incluir e de excluir, ou sobre quem pertence ou não pertence a determinados grupos. Nesse sentido, há uma separação entre “nós” e “eles”, e essa fronteira demarca relações de poder. “Nós” e “eles” deixam de ser simples distinções gramaticais, passando a indicar posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder (SILVA, 2000). Em outras palavras, aquele que detém o poder, pode também estabelecer identidades. Um exemplo é o depoimento do cacique P.K, de uma aldeia indígena em Aracruz para a série “Somos Capixabas” (**Episódio 1**), a posição que ele ocupa na hierarquia indígena lhe permite reivindicar uma identidade para o seu grupo, com ele faz neste excerto:

Meu povo Guarani ele mantém, ele é muito resistente porque meu povo guarani ele é um dos povo mais velho do mundo. Os guarani sempre mantém o seu costume, né, a sua língua, ainda mantém a maioria da cultura ainda muitas coisas ainda não acabou, né, então a gente tamos trabalhando para que não acabe a cultura nossa, né. (Cacique P.K, Episódio 1; Bloco 1)

Outro exemplo é o poder exercido pelo diretor da série que, embora guiado por uma pauta de edição, estabeleceu os seus recortes para os depoimentos, ou seja, o que vemos na tela é resultado das representações do diretor sobre o que é ser

capixaba. Na busca por um conceito de identidade, Silva (2002) também apresenta dois caminhos possíveis de estudo: aquele que tenta fixar a identidade, compreendendo-a como um produto e aquele que busca um conceito mais maleável, concebendo-a como um processo. Nessa perspectiva, as pesquisas sobre identidades de gênero, identidades sexuais, identidades raciais e étnicas baseiam-se em argumentos biológicos, já os estudos sobre as identidades nacionais mobilizam essencialismos, como, por exemplo, a recorrência aos chamados mitos fundadores¹² e tendem a fixar identidades nacionais. No entanto, Silva (2000) critica essa distinção, uma vez que mesmo ancorado em argumentos biológicos, o estudo sobre a identidade reflete tão-somente interpretações de uma vivência igualmente histórica. Isto é, ao inferiorizar uma determinada etnia ou raça se valendo de uma suposta característica biológica ou natural, o que se observa efetivamente é uma interpretação à luz de uma matriz de significação imposta, e como tal, entendida como um essencialismo cultural. Ora, esses essencialismos culturais, por representarem interpretações sobre o mundo, “surgem do movimento de fixação que caracteriza o processo de produção da identidade e da diferença”. (SILVA, 2000, p. 51). Já Para Woodward (2000), trata-se de entender a identidade como uma categoria natural e fixa, enraizada na biologia ou como um produto da história, de um passado possivelmente oprimido, ambos inseridos em uma concepção de identidade unificada.

A identidade, como já discutido anteriormente, está intimamente associada à diferença. Para Woodward (2000) os diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Em todas essas situações, embora possamos nos sentir como sendo a mesma pessoa, na verdade somos diferentemente posicionados de acordo com as expectativas e restrições sociais envolvidas. No entanto, a afirmação de uma identidade singular relacionada a um determinado grupo pode significar um apelo à mobilização política, na medida em que um grupo marginalizado e oprimido tende a ser minorado, esquecido. A luta coletiva empreendida e a busca pelo reconhecimento servem a tornar visível e a dar voz a esse grupo. A representação desempenha um papel essencial nesse movimento, pois serve à “busca de formas apropriadas de tomar o “real” presente - de apreendê-lo o

¹² “Um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura ‘providencial’, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional (SILVA, 2000, p. 51, aspas no original)

mais fielmente possível por meio de sistemas de significação” (SILVA, 2002, p.53, aspas no original). A partir de uma concepção pós-estruturalista, a representação pode ser expressada por meio de diferentes manifestações artísticas, ou textuais ou ser vista como um sistema de significação que atribui sentido, sem, no entanto, tornar “real” o seu referente. Ela pode, ainda, incorporar características próprias da linguagem, passando a ser tanto um sistema linguístico quanto cultural, e, como tal, estreitamente associada a relações de poder:

É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. E por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido e por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. E por isso que a representação ocupa um lugar na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. (SILVA, 2002, p.55, aspas no original).

Nesse sentido, as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, definindo quem é incluído ou excluído. A linguagem desempenha um papel essencial nesse processo, pois é por meio dela que esses significados passam a existir e as relações de poder se evidenciam. Dar voz é conferir poder àquele que fala, e se pensarmos que essa voz pode representar uma coletividade, temos aí um processo de mobilização identitária.

1.3 Identidade sob a perspectiva linguístico-discursiva

Em consonância ao defendido por Penna, no que diz respeito à necessidade de se estudar o conceito de identidade sob uma perspectiva multidisciplinar, apresento, a seguir, algumas reflexões já feitas sobre esse conceito e sua relação com a linguagem e discurso.

O conceito de identidade parece adotar considerável força explicativa, pois descreve a relação entre duas ou mais entidades relacionadas de maneira a afirmar

uma igualdade ou equidade (WODAK, 2009). Assim, se alguém usasse essa definição semântica de identidade em referência a objetos “reais”, indivíduos ou grupos de pessoas, iria, de imediato, encontrar uma série de objeções, já que um critério de igualdade absoluta é altamente questionável quando se refere aos membros de um grupo. No entanto, a ideia de um indivíduo ou mesmo de um objeto sem vida permanecer o mesmo também seria insustentável, uma vez que os indivíduos mudam constantemente no decorrer de suas vidas, seja fisicamente, psicologicamente ou socialmente, e os objetos, em geral, envelhecem e perdem suas funcionalidades originais.

Ao exemplificar sua posição sobre a identidade, Wodak (2009) apresenta um estudo sobre a construção discursiva da identidade austríaca, e afirma que, embora sua pesquisa tenha um foco específico, os princípios e métodos de que se serviu podem ser aplicados em contextos diversos, algo que também almejo através desta tese. A identidade austríaca foi exposta a diversos desafios com a abertura da Europa Oriental em 1989 e as transformações geopolíticas subsequentes na Europa Central. Como exemplo, Wodak cita os preparativos para o *referendum* sobre a adesão ou não da Áustria à União europeia, ao longo dos quais a população era constantemente assegurada de que nada mudaria e que não havia motivos para temer uma possível “perda de identidade”. A tensão estabelecida entre essa possível “perda de identidade”, marcadamente característica do povo austríaco, e um novo contexto político-social que seria instaurado constituiu-se o objeto de pesquisa da autora, que se propôs justamente a investigar a tensão nas tentativas da Áustria em manter e transformar sua identidade nacional. Para investigar tal fenômeno – que segundo a autora, trata-se de algo que pode ser observado em toda a Europa – Wodak consultou documentos, artigos na mídia, mas também deu ao sujeito investigado a oportunidade de discorrer sobre o que é ser austríaco. Wodak organizou questionários e grupos focais, através dos quais observou seus sujeitos co-construírem a assim chamada identidade nacional austríaca.

Embora pareçam distantes da nossa realidade, uma vez que a autora lida com a noção de identidade ancorada em um conceito mais amplo de nação, esses eventos podem ser comparados aos recentes acontecimentos vivenciados pela população do Espírito Santo e que estão relacionados a mudanças econômicas, políticas e sociais, o que parece fortalecer um sentimento de “capixabismo”.

Logo, ao pensarmos em um conceito de identidade, devemos levar em conta a sua dependência do contexto e o seu caráter dinâmico. Para Wodak (2009), as várias construções discursivas da identidade nacional assumem formas diferentes de acordo com o contexto e o público em que emergem, podendo ser identificadas como referência ao conteúdo, estratégias e padrões de argumentação, assim como a forma como elas são expressas na linguagem, de forma discursiva.

1.3.1 Reflexões sobre a relação entre linguagem e identidade

No estudo da relação entre linguagem e identidade, as perspectivas contemporâneas não podem ser claramente separadas das perspectivas históricas. A identidade, mesmo no aqui e agora, baseia-se em crenças sobre o passado: sobre herança e ancestralidade, e sobre pertencer a um povo, a um lugar, a um conjunto de crenças e a um caminho da vida. Das muitas maneiras em que tal pertencimento pode ser estabelecido, a língua que uma pessoa fala, e como ela fala, se classifica entre as mais poderosas, porque é através da linguagem que pessoas e lugares são nomeados, herança e ancestralidade registradas e transmitidas, e crenças desenvolvidas e ritualizadas¹³ (JOSEPH, 2016, p. 19, tradução nossa).

Sobre essa relação, David Evans (2015) apresenta uma conexão entre a expressão linguística e a comunicação não-verbal com uma gama de identidades. O autor amplia a compressão do conceito de discurso, que passa a incorporar a linguagem em suas diferentes manifestações, sejam elas verbais ou não verbais. Ele defende uma linguagem para além das palavras, frases e sons aleatórios e enfatiza a interação que, dentro do discurso, tem um papel essencial. Essa interação auxilia na construção de frases, muitas vezes lacunais e é auxiliada por gestos, silêncios, entonações, sotaques e movimentos faciais. A linguagem, entendida de forma

¹³ Texto em língua estrangeira: "Language and identity is a topic in which contemporary perspectives cannot be neatly separated from historical ones. Identity, even in the here and now, is grounded in beliefs about the past: about heritage and ancestry, and about belonging to a people, a place, a set of beliefs and a way of life. Of the many ways in which such belonging is signified, what language a person speaks, and how he or she speaks it, rank among the most powerful, because it is through language that people and places are named, heritage and ancestry recorded and passed on, and beliefs developed and ritualised."

ampliada, expressa, assim, maneiras de estar no mundo através da criação de significados que se relacionam com a noção de identidade.

A identidade passa, então, a ser vista como um autoconceito que, por sua vez, é constituído pelos significados da linguagem e a maneira pela qual eles são refletidos por ela, não apenas em interações sociais de pequena escala, mas também em discursos linguístico-políticos de maior relevância. Recorrendo à Halliday (2003), Evans (2015) apresenta os conceitos de linguagem e gramática no discurso linguístico como servindo a dois propósitos: transmissão de conhecimento/informação e construção de relacionamentos. No primeiro, temos a linguagem do “ideacional” e no segundo como “relacional”. Nessa mesma perspectiva, teóricos que lidam com as relações que podem ser estabelecidas entre Linguagem e Ciências Sociais, como Norman Fairclough, defendem a ideia de que a linguagem molda o conhecimento e a informação que veicula. Ou seja, ela não apenas expressa relações, ideias, informações, mas, e sobretudo, desempenha um papel importante na construção desses conceitos. Os significados que substanciam o autoconceito ou identidade são criados através da linguagem e expressos pela linguagem, passando a ser entendida como uma construção da experiência humana.

A fim de ilustrar as relações entre linguagem e identidade, Evans estabelece uma metáfora, da qual se servirá ao longo do seu livro, trata-se da linguagem concebida como uma “*faca de dois gumes*”¹⁴ (EVANS, 2015, p.4, tradução nossa), ou seja, pode tanto criar identidades, como restringi-las, sendo uma ferramenta poderosa na criação de significados. A identidade é vista sob diversos aspectos, sendo alguns deles político, cultural e socialmente marginalizados. No entanto, a emancipação de identidades culturais marginalizadas pode ser conseguida através de uma valorização sociopolítica e sociocultural da linguagem e do discurso. O discurso pode, portanto, ir além do interacional, construindo significados de escala maior em níveis socioculturais e sociopolíticos específicos. Sendo assim, uma determinada região pode, por meio dos discursos que veicula, se constituir como tal, reivindicando para si um *status* representativo.

A linguagem sendo, então, uma “faca de dois gumes”, restringe a identidade através da construção de limites entre “eles” e “nós”, sejam esses limites geográficos ou socioculturais; e constrói identidades ao oferecer novas oportunidades de quebra

¹⁴ Expressão em língua estrangeira: “double-edged sword”.

dessas fronteiras, desses limites pré-estabelecidos. Evans apresenta, de forma sucinta, algumas das temáticas trabalhadas ao longo do livro. Como algumas dessas temáticas dialogam com a nossa pesquisa, apresento um breve resumo sobre cada uma delas a seguir:

1.3.1.1 Linguagem como um capital político-cultural e como capital ideológico

Evans (2015) ressalta a importância de se considerar os aspectos mais externos da língua e das identidades sociais em oposição às suas características internas. Ele defende a prática da linguagem associada ao capital simbólico e cultural e que isso está subjacente à identidade. Um falante fala, portanto, de uma posição social particular pertencente a uma rede social e tendo acesso a recursos simbólicos que se baseiam em poder e conhecimento socioeconômico.

Nesse sentido, alguns tipos de linguagem são considerados mais valiosos do que outros. Dentro do mesmo idioma, esses tipos mais valorizados constituiriam uma língua padrão com sua própria gramática e pronúncia. Em termos de línguas em geral, algumas são mais valorizadas do que outras devido ao valor socioeconômico e ao prestígio histórico. Há, então, o capital sociocultural dentro das línguas, como existe entre as línguas. O capital linguístico-cultural é representado pela linguagem padrão, gramática e pronúncia. Na França, por exemplo, esse padrão escrito é legalmente incorporado pela *Académie Française*, que impõe uma hegemonia nos sistemas de mídia, política e educação. Aqueles cuja identidade ideologicamente ocupa um mundo sociopolítico da vida removido dessa hegemonia podem se utilizar de discursos alternativos, muitas vezes de afronta ao discurso padrão. Um exemplo foi o uso que jovens franceses de origem imigrante e moradores dos subúrbios parisienses passaram a fazer de determinadas gírias conhecidas como “*Verlan*” em seus discursos, a partir dos anos 1970, como uma forma de marcar sua identidade¹⁵.

¹⁵ Sobre este assunto, recomendo o seguinte texto: PODHORNÁ-POLICKÁ, Alena. Les aspects stylistiques de la verlanisation. In: Dialogue des cultures: interprétation, traduction. Praha: Ústav translatologie, Filozofická fakulta Univerzity Karlovy v Praze, 2006. pp. 37-62. Disponível em : <https://is.muni.cz/www/12093/articles/2006/dialogue/lesaspects.pdf>, acesso em 19 jan. 2021

Ainda sobre a linguagem, Hasan (2005) argumenta que a língua como prática social está inscrita em relações sociais, divisões sociais e hierarquias, sendo a língua padrão a medida de sua dominação. Para ele, a língua oficial padrão normaliza o *hábito* linguístico dominante. Hábito, aqui, em referência ao conceito de *habitus* encontrado em Bourdieu (1977), que diz respeito a um conjunto de disposições estruturais linguísticas que moldam a maneira pela qual o indivíduo fala. *Habitus* fornece, então, as condições sociais para o uso da linguagem. As pessoas falam da posição que ocupam na sociedade e suas elocuções são moldadas pelas estruturas sociais de sua experiência.

1.3.1.2 Discurso

A concepção de discurso trazida à tona por Evans (2015) é aquela encontrada em Foucault (2008), na qual o discurso é muito mais do que sinais e linguagem, é, principalmente, a maneira pela qual o mundo é ordenado através de práticas sociais. Dessa forma, o conhecimento é discursivamente constituído através de práticas sociais inundado por relações de poder e ideologia. A língua inserida no discurso cria realidades sociais através de conceitos linguístico-culturais. Essas realidades sociais formam a base para cada epistemologia da cultura. A posição de Foucault é que se as práticas sociais e os discursos fossem diferentes, então os tipos de conhecimento e realidade que experimentamos deveriam ser diferentes. Evidentemente, discursos poderosos colonizam os menos poderosos, e línguas poderosas substituem as menos poderosas, resultando na morte ou marginalização da cultura do conhecimento local e, até mesmo, na morte de línguas.

Para que esta constituição discursiva do conhecimento seja estabelecida, um discurso deve ser poderoso o suficiente para substituir os antigos arranjos sociais; por exemplo, um discurso de aconselhamento pode ter o poder de penetrar práticas educacionais e se tornar parte integrante da pedagogia. Linguagem e hegemonia discursiva são, portanto, criadas através de relações de poder entre grupos de atores sociais dentro de suas comunidades, criando línguas, discursos e identidades marginalizadas. Nesse sentido, um discurso de valorização e exaltação de traços identitários próprios a um determinado povo e/ou uma região pode ter o poder de

remodelar as práticas identitárias estabelecidas até então, principalmente se houver uma repetição desses discursos, o que poderia conferir-lhes um caráter performativo. Para Silva (2000), é considerada performativa aquela proposição cuja enunciação se faz necessária para a consecução do que anuncia. No entanto, muitas sentenças descritivas acabam funcionando como performativas, na medida em que a repetição da enunciação pode acabar produzindo o “fato” que supostamente apenas descreveria:

A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo [descritivas] não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção da identidade. (SILVA, 2000, p. 56)

Um aspecto dessa repetibilidade destacada por Silva, que recorre à teórica Judith Butler em sua argumentação, é o fato de ela avalizar a eficácia dos atos performativos, reforçando identidades existentes, ao mesmo tempo que permite a interrupção das identidades hegemônicas. Para ele, a repetição pode ser interrompida, questionada e contestada. Nesse sentido, “é essa possibilidade de interromper o processo de ‘recorte e colagem’, de efetuar uma parada no processo de ‘eitacionalidade’¹⁶ que caracteriza os atos performativos que reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades.” (SILVA, 2000. p. 57, aspas no original)

1.3.1.3 Alteridade

Sobre o conceito de alteridade, Evans (2015, p. 6), retoma a filosofia de Levinas que descreve a necessidade de compreensão e apreciação do “outro”. Para Evans, Levinas (1989) critica a propensão intelectual ocidental de colonizar o outro, para tornar o outro um semelhante. Nesse sentido, compreender um determinado aspecto do outro é tornar a realidade externa igual a nossa própria. Levinas (1989) propõe um respeito pelo outro em sua ética como primeiro princípio de filosofia e metafísica de

¹⁶ O conceito de eitacionalidade diz respeito à capacidade de algo ser retirado de um contexto e inserido em outro diferente.

alteridade. A este respeito, a ética vem em primeiro lugar em relação ao conhecimento do outro. Evans argumenta que essa filosofia da alteridade poderia influenciar o modo como as línguas e culturas minoritárias são vistas, como algo a ser inerentemente nutrido em relação à diversidade. Isso significa evidentemente conhecer a existência da realidade externa em oposição a uma realidade que se mostra apenas como uma extensão da própria subjetividade. A cultura, neste sentido, precisa ser entendida como um processo dinâmico de relações humanas, mais do que um produto fixo estático ou mercadoria. A cultura precisa ser vista como fluida e evoluindo, e o discurso como aberto.

Mantendo a noção de alteridade, Evans (2015), apoiando-se em Bakhtin (1981), concebe a construção de identidade dentro de uma relação dialógica, afirmando que linguagem e identidade são construídas no encontro entre si e o outro. Portanto, internalizamos a linguagem dos outros e, por meio de nossas possibilidades e capacidade interpretativa, reenquadramos e reutilizamos a linguagem dos outros. Por conseguinte, nossa identidade contém algo das identidades do Outro. Isto é, a identidade individual é constituída por traços identitários de outras identidades com as quais temos contato. Assim, o devir ideológico de um ser humano é o processo de assimilar seletivamente as palavras dos outros. Dentro do indivíduo, há, portanto, uma constante negociação dialógica entre os próprios significados do indivíduo e os significados do mundo externo. Podemos, assim, ser mudados pelo mundo externo e, em um relacionamento dialético podemos, em nossos grupos sociais, mudar a nossa realidade. A tensão moral aqui é entre mudar a nossa realidade e ao mesmo tempo respeitar a alteridade de culturas. Em termos de política da linguagem, as línguas minoritárias e identidades precisam ser alimentadas pela diversidade, e os indivíduos precisam ter acesso a línguas globalmente poderosas em atenção a suas oportunidades socioeconômicas.

1.3.1.4 As Identidades da linguagem

Ao propor a demonstrar a centralidade da linguagem na construção de identidades, Evans (2015) examina a posição da linguagem em relação às identidades no que diz respeito a diferentes posições da vida cultural: raciocínio sociocultural,

mente e eu existencial. Em primeiro lugar, a identidade sociocultural refere-se à identidade moldada através da linguagem social dentro de um contexto social; em segundo lugar, a identidade da mente racional e objetiva reflete uma visão racional do indivíduo. Esta é a linguagem como o resultado da razão. Finalmente, dentro de uma visão existencial do ser subjetivo, a linguagem interage constantemente com a fluidez dos significados e interpretações da linguagem. O teórico apresenta a noção de identidade como a ideia, o sentido e a percepção do “eu” ou do “autoconceito”. De acordo com os modelos de linguagem já apresentados, a identidade pode ser relativamente autoconceito unitário estável ou evoluir e alterar múltiplos autoconceitos e subjetividades. Neste sentido, ele concebe o “eu” dentro de um *continuum* que tem uma identidade fixa e unitária. Ele explora a linguagem e a identidade em diferentes níveis correspondendo aos três princípios respectivos da vida cultural acima mencionados. Assim, filosoficamente, a linguagem pode ser entendida em dois paradigmas significativamente diferentes; primeiro como separado do “eu”, embora ligado a ele e passível de análise como um fenômeno objetivo. Segundo, a linguagem pode ser vista como habitada por si mesma, reconstruindo o mundo dentro do discurso, através do qual o “eu”, por sua vez, também é construído (EVANS, 2015, p.16).

A linguagem pode também estar associada a uma visão sociocultural contida na noção de discurso. Nela, ela é integrada à percepção subjetiva do indivíduo e sua construção de mundo. A linguagem não tem neutralidade racional, mas é intrinsecamente “atravessada” com ideologias e relações de poder e o significado não está objetivamente contido nela, mas dentro da capacidade linguística do indivíduo. Seja qual for o texto, o significado é construído pelos indivíduos nos discursos e sempre reflete um ponto de vista ideológico particular.

1.3.2 Discurso e relações sociais de poder: identidades em questão

Norman Fairclough (2001) traz uma discussão pertinente sobre a distinção estabelecida por Saussure (2004), no Curso de Linguística Geral, entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Esta discussão foi apresentada uma vez que o autor se vale de um conceito de discurso mais estreito e que pode ser relacionado à expressão “uso

da linguagem”, empregada pelos linguistas tradicionais. Além disso, no conceito de discurso defendido por Fairclough está implicada a noção de identidade, daí a pertinência da discussão que desenvolvo a seguir.

A defesa dos sociolinguistas da *parole* representa, para Fairclough (2001), um avanço na tradição saussuriana que persiste na linguística regular. No entanto, ele cita duas limitações principais desta defesa. Ao insistir sobre o fato de a língua variar de acordo com fatores sociais, o foco tende a ser unilateral, sugerindo a existência de tipos de sujeito social, de relações sociais e de situação que são independentes do uso da linguagem, excluindo a possibilidade desse uso realmente contribuir para a sua constituição, reprodução e mudança. Além disso, as variáveis sociais que são relacionadas a variáveis linguísticas são aspectos das situações sociais de uso linguístico relativamente superficiais, ignorando que as propriedades de uso de linguagem são definidas pela estrutura social em um nível mais profundo, que envolve as relações entre as classes e grupos e a maneira como as instituições sociais e os grupos se articulam na formação social, contribuindo para sua reprodução e transformação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90).

Nesse sentido, o conceito de “discurso” defendido por Fairclough considera a linguagem como uma forma de prática social, excluindo, aí, seu caráter individual e as variáveis situacionais. No entanto, ao se valer dessa concepção, algumas implicações são apontadas pelo teórico. Para ele, o discurso deve ser visto como um modo de ação, uma forma de agir sobre o mundo e sobre o outro, além de se constituir como um modo de representação. Ademais, essa concepção envolve uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, ou seja, entre a prática social e estrutura social. No entanto, o discurso é, em sentido amplo, moldado pela estrutura social, isto é, a maneira como estão organizados os diversos setores da sociedade restringem as práticas discursivas cotidianas. Para Fairclough:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (2001, p. 91)

Como uma prática de representação e constituição do mundo, Fairclough distingue três aspectos associados aos efeitos do discurso: ele contribui para a

construção das identidades sociais e posições de sujeito; contribui na construção das relações sociais entre as pessoas; e contribui no estabelecimento de sistemas de conhecimento e crença. Esses efeitos estão diretamente correlacionados às três funções da linguagem, nomeadas pelo teórico de linguagem identitária, relacional e ideacional. No que tange à primeira, trata-se de como as identidades sociais são estabelecidas no discurso; a segunda envolve o modo como as relações sociais entre os participantes são representadas e negociadas; a terceira relaciona-se à maneira pela qual os textos significam o mundo e seus processos. Paralelamente a essas três, Fairclough recorre à Halliday para acrescentar uma quarta função à lista: a função textual, que estabelece relação entre as informações trazidas pelo texto ao contexto em que elas são reproduzidas, podendo ser consideradas como novas e associadas a outras partes do texto ou ao mundo extralinguístico, ou, também, relegadas a um plano secundário.

A prática discursiva opera uma relação dialética: ao mesmo tempo em que contribui para reproduzir a sociedade, definindo papéis e atribuindo-lhe valores e crenças, também é capaz de transformá-la, isto é, determinados comportamentos são definidos, levando em conta as identidades dos indivíduos e as relações sociais estabelecidas entre elas. Essas identidades podem ser transformadas, sendo modificadas, em grande parte, pelo discurso. Temos, então, a importância estabelecida entre discurso e estrutura social. Para Fairclough:

É importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar erros de ênfase indevida; de um lado, na determinação social do discurso e, de outro, na construção social do discurso. No primeiro caso, o discurso é um mero reflexo de uma realidade social mais profunda. No último, o discurso é representado idealizadamente como fonte do social. (2001, p. 92)

Para exemplificar, o autor se vale do conceito atual de família (pai, mãe, filho/a) e as diferentes relações que são comumente estabelecidas entre esses indivíduos. Ao lançarmos mão desse conceito de família, devemos ter em mente que se trata de uma instituição real, com práticas concretas, relações e identidades existentes que, embora constituídas no discurso, são reificadas em instituições e práticas. Além disso, os efeitos do discurso são sempre associados aos de outras práticas, tais como a distribuição de tarefas domésticas, vestuário e aspectos afetivos. Em todos os casos, o trabalho constitutivo do discurso se efetiva dentro das restrições da determinação

dialética do discurso impostas pelas estruturas sociais. Para o autor, “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas materiais, concretas, orientando-se para elas”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 93)

A prática social, expandindo-se em diversas orientações - econômica, política, cultural, ideológica – envolve o discurso em diferentes níveis. No que tange, por exemplo, ao discurso como forma de prática econômica, notamos dois constituintes: o discursivo, relacionado a práticas que envolvem a linguagem: novelas, jornalismo; e o não-discursivo, envolvendo práticas não linguísticas, tais como os setores da construção civil. Dentre as mais variadas formas de prática social, a que nos interessa neste trabalho, e que guia a proposta teórica de Fairclough, diz respeito ao discurso como modo de prática política e ideológica, já que ele “mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 95).

Não se trata necessariamente de um binômio em que se observam relações interdependentes, já que a ideologia surge em relações de poder, como resultado da luta pelo poder. O discurso, enquanto prática política, passa a ser local da luta, além de delimitar os espaços desta luta, uma vez que a prática discursiva tem a capacidade de naturalizar relações de poder e ideologias particulares. Assim, nos posicionamos dentro e fora da linguagem. Discursos poderosos podem construir partes do mundo social que anteriormente não existiam - como práticas burocráticas, práticas de gestão/prestação de contas, aconselhamento etc. No entanto, estamos suficientemente fora da linguagem para ter livre arbítrio e poder criar uma metalinguagem de análise, uma vez que, para Fairclough (2001), o discurso é apenas uma prática social dentre muitas outras.

1.3.3 A linguagem sob o olhar da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF)

Apresentei até aqui uma conceituação de discurso que pode reforçar ou restringir identidade. Nesta seção, elenco alguns pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional, teoria inserida nos estudos da linguagem que liga a ciência social crítica ao interior da própria linguagem.

A Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF) define a linguagem como um sistema semiótico em que o significado está ligado aos personagens da fala e escrita através da léxico-gramática. O conceito de léxico-gramática (ou vocabulário e gramática) não se conecta diretamente ao mundo exterior, mas é um dispositivo de habilitação que contém o maior número de possibilidades semânticas relativamente estáveis em um determinado momento. Estas possibilidades semânticas tornam-se realidades semânticas quando ativadas pela produção de texto falado ou escrito. O significado, a escrita, os personagens da fala e a léxico-gramática fazem parte da linguagem como um sistema semiótico interagindo com as demandas das funções sociais. Essas funções sociais e os significados que eles constroem atuam de volta sobre o sistema semiótico em uma dialética interativa para modificar, ao longo do tempo, estruturas léxico-gramaticais. Isto acontece porque a gramática, na produção da linguagem, constrói o mundo não apenas como ideia, mas também na contextualização das relações sociais entre usuários da linguagem. O social é, portanto, incorporado à gramática e pode, historicamente, modificar a própria gramática.

A GSF tem vários adeptos, incluindo Chouliaraki e Fairclough. O modelo de Chouliaraki e Fairclough (1999) assemelha-se ao modelo proposto por Halliday (1985). Para Halliday, o sistema e o comportamento na linguagem têm de estar interconectados, uma vez que a linguagem existe em seu uso. O interior e o exterior da linguagem estão conectados, já que a ela se liga a identidade individual, e é apenas através da linguagem que os indivíduos podem se interconectar, formando grupos sociais e, por conseguinte, comunidades.

Nessa abordagem, todo o sistema semiótico que contém semântica, gramática e fonética está conectado ao sistema social por meio de registros contendo campo, relação e modo. O campo é o contexto social da linguagem, as relações referem-se ao envolvimento entre os participantes e o modo diz respeito aos canais de comunicação, como face a face, telefone, mensagens de texto e internet. O registro também é mediado pelo dialeto; o registro e o dialeto estão intimamente inter-relacionados para formar um discurso na formação da identidade. Pode-se argumentar que alguns registros só são acessíveis através de certos dialetos. Isso evoca identidades de classe social onde dialetos padrão, por exemplo, carregam uma posição social elevada, dando acesso aos discursos mais poderosos e, em contraste, dialetos locais podem ser estigmatizados e dão acesso apenas a registros locais e

discursos de baixo *status*. A linguagem é, então, para resumir, tanto um sistema quanto um discurso.

Após esse breve panorama sobre as diferentes relações entre linguagem, discurso e identidade, pode-se resumir algumas reflexões apresentadas neste capítulo nos seguintes pontos:

- A/s identidade/s podem ser individuais e coletivas;
- A/s identidade/s podem ser (re) criadas em contextos específicos, visto que são co-construídas na interação com o outro;
- A construção da identidade sempre implica processos de inclusão e de exclusão, isto é, a definição de MIM e dos OUTROS;
- As identidades (sociais e individuais) são fragmentadas, dinâmicas e mutáveis e podem ser múltiplas;
- Identidade e diferença são dependentes da representação.

Nos estudos já realizados sobre a identidade, alguns dos quais abordados nesta pesquisa, ela é vista predominantemente como fluida, mutável no tempo e no espaço, e co-construída por meio de representações e autorrepresentações. Essa é, pois, a concepção de identidade adotada nesta tese. No entanto, como visto, muitas vezes é preciso recorrer a outras conceitualizações de acordo com os objetivos do trabalho. Sendo assim, nesta pesquisa, proponho o estudo da identidade calcado na autoconstrução e na autorrepresentação. Parto do fato de que os sujeitos investigados, os capixabas, constituem um grupo que, embora heterogêneo, compartilha atributos, crenças e valores o que permite a sua classificação como “capixabas”. Esses traços são categoriais e relacionais, ou seja, formas de representação (e autorrepresentação) do que é “ser capixaba” e são construídos na e pela linguagem, capturados e discutidos em nível micro e macro, por meio de categorias analíticas. Ao final desta pesquisa que se insere no âmbito da Linguística, espero demonstrar que o trabalho proposto aqui permitirá um maior aprofundamento teórico e metodológico das relações entre língua, linguagem e identidade.

Finalizo, assim, esse percurso teórico inicial sobre o termo “identidade”. No próximo capítulo da tese, amplio as reflexões sobre a Gramática Sistêmico-Funcional, de Michael A. K. Halliday (1985) e apresento a Teoria dos Atores Sociais, de Theo van Leeuwen (2005), destacando algumas categorias do inventário sociossemântico de classificação de atores sociais.

2 GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E TEORIA DOS ATORES SOCIAIS: TRANSITIVIDADE E PROCESSOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

No capítulo anterior, estudou-se o conceito de identidade em algumas áreas do conhecimento e constatou-se que duas linhas de compreensão sobre esse conceito podem ser estabelecidas: uma que toma a identidade numa perspectiva essencialista, em que indagações sobre quem pertence ou não a um determinado grupo identitário estão vinculadas, muitas vezes, a argumentos biológicos e a essencialismos culturais. Nessa vertente de estudos, a identidade é vista como sendo algo fixo e imutável. Outra compreensão sobre o conceito de identidade é aquela encontrada nas concepções não essencialistas, nas quais ela é estudada tendo em vista seu caráter heterogêneo, mutável e fluido. No entanto, seja qual for a concepção adotada, o conceito de diferença precisa ser mobilizado, já que “a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.” (SILVA, 2000, p. 45). Além disso, nessa relação, outro conceito também deve ser considerado, trata-se da representação. Como vimos no Capítulo 1 (Seção 1.2), é por meio da representação que a identidade e a diferença passam a fazer sentido, e os atos linguísticos cooperam para que essa relação seja possível. Identidade e diferença são criações sociais e culturais, sendo o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva (SILVA, 2000).

Tendo como base essas considerações, nesta pesquisa, defendo um conceito de identidade que se afasta de uma concepção essencialista, ancorada em argumentos biológicos, ou seja, a identidade como uma característica intrínseca ao indivíduo. No entanto, a concepção adotada nesta pesquisa entende a identidade como o resultado do produto de uma construção ao longo do tempo, sendo reforçada por meio de representações que são construídas e compartilhadas por membros de um determinado grupo, que se reconhecem e que juntos constituem uma coletividade representativa. A adoção deste conceito de identidade possibilita o seu estudo a partir de um determinado recorte, com um arcabouço teórico do âmbito da Linguística.

Neste capítulo, portanto, introduzo alguns dos preceitos da Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF), que servirão de base para as nossas análises sobre a identidade capixaba. A importância e relevância desta teoria para este trabalho reside justamente no fato de que ela permite identificar e categorizar as

escolhas léxico-gramaticais feitas pelos locutores, na construção de seus discursos. A GSF, como será mostrado mais adiante, por modelar a língua na sua interface com o contexto social, dispõe de etiquetas funcionais para nomear os recursos linguísticos que descreve e para os quais constrói explicação. Isso permite usá-las como categorias analíticas sensíveis aos processos semióticos característicos da linguagem em uso, tais como a construção discursiva da identidade. Este capítulo está organizado em duas seções. Na primeira, apresento um breve percurso teórico sobre a GSF (HALLIDAY, 1985), (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), com reflexões sobre os conceitos basilares dessa teoria. Na segunda seção, discuto a Teoria dos Atores Sociais de van Leeuwen (1997, 2005) com especial atenção ao inventário sociossemântico das categorias de análise. Quando possível, ilustrarei as reflexões deste capítulo com exemplos retirados dos *corpora* desta pesquisa.

2.1 A Gramática Sistêmico- Funcional (GSF): uma breve introdução

Na obra em língua portuguesa que servirá de base para a primeira parte deste capítulo, “Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional” (2014), as autoras, Cristiane Fuzer e Sara Regina Scotta Cabral, apresentam um breve histórico sobre as gramáticas já publicadas em língua portuguesa, destacando as obras mais consagradas e os seus respectivos autores. Elas citam, dentre outros, Fernão de Oliveira, João de Barro, Maria Helena Mira Mateus, Napoleão Mendes de Almeida, Celso Luft e Evanildo Bechara. Estes estudiosos descrevem a língua portuguesa, usando como referente principalmente obras da literatura canônica, já que, dentro de sua percepção, é na literatura que a língua padrão se fazia notar. Atualmente, com o desenvolvimento da Linguística e o surgimento e consolidação da Sociolinguística, muitos dos estudos realizados em descrição linguística partem da observação dos usos da língua em contextos de comunicação real. Para Fuzer e Cabral:

ao refletirem sobre esses usos, [esses estudos] oferecem uma sistematização dos processos que dirigem a construção dos enunciados, visando à compreensão da estrutura, da funcionalidade e do uso e à percepção de seu papel no contexto linguístico universal (2014, p. 13).

Como exemplo de trabalho envolvendo a língua em uso, elas citam a Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba de Castilho (2010), cuja abordagem se situa para além do tradicionalismo gramatical, com uma base teórica multissistêmica, de cunho funcionalista-cognitivista. Essa percepção da língua que se constitui a partir do seu uso tem sua fonte no reconhecimento de que ela é uma das mais importantes manifestações da cultura de um povo. A GSF nasce a partir de trabalhos do pesquisador inglês, Michael Alexander Kirkwood Halliday, ancorados em reflexões já desenvolvidas por teóricos como Firth (1935) e Malinowski (1946) sobre a relação entre língua e uso. Halliday ampliou essas reflexões, desenvolvendo uma abordagem gramatical seminal denominada “Gramática de Escala e Categorias”, no final da década de 1950. Em 1985, e ainda baseando-se na motivação inicial de construir uma teoria holística da linguagem, Halliday organiza a obra em língua inglesa “*An Introduction to Funcional Grammar*”, em que são descritas e sistematizadas as categorias léxico-gramaticais que servem de base para sua perspectiva teórica. Nesse trabalho, a linguagem é percebida como uma entidade viva, que se faz presente nas diferentes interações e construções sociais e que, em razão desse contato, sofre influências de diversos fatores. Assim, a língua “é variável, um **potencial de significados** à disposição dos falantes, que dela fazem uso para estabelecer relações, representar o mundo e, com isso, satisfazer determinadas necessidades em contextos sociais específicos.” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 13, grifo das autoras)

A GSF olha a língua a partir de uma perspectiva funcional, ou seja, estuda a funcionalidade de seu sistema gramatical e, sendo uma teoria sociossemiótica, vai privilegiar a relação léxico-gramatical, em interface com a semântica e o discurso com o contexto social. Um aspecto relevante da GSF é que sua base teórica, proposta por Halliday (1985) e revista por Halliday e Matthiessen (2004; 2014), entre outros, tem servido a diversas outras teorias, tais como a Análise Crítica do Discurso, de Fairclough (1995); a Teoria de Gênero e Registro, de Eggins e Martin (1997) ; o Sistema de Avaliatividade, de Martin e White (2005) e, particularmente, como é o caso desta tese, a Teoria dos Atores Sociais, de Theo van Leeuwen (2008;1997). Ademais, ela vem sendo constantemente enriquecida com novas pesquisas voltadas para a descrição de outras línguas além do inglês. Dentre as possíveis aplicações dessa teoria, elencadas por Fuzer e Cabral (2014, p. 18), destaco, a seguir, aquelas que dialogam com esta pesquisa:

- Compreender a natureza e as funções da linguagem;
- Compreender a qualidade dos textos (por que um texto significa o que significa);
- Compreender como varia a língua, de acordo com o usuário e as funções que ele desempenha;
- Compreender a relação entre linguagem e cultura e entre linguagem e situação;

A teoria é chamada sistêmica porque percebe a língua como um sistema, isto é, um conjunto de redes linguísticas interligadas e que nos serve à comunicação. Trata-se de um sistema de alternativas excludentes, isto é, se eu escolho A, deixo de escolher B. É de natureza funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha, dentro de um determinado “contexto de situação” e de “cultura” (Discuto mais detalhadamente esses contextos na Seção 2.2). Ela busca identificar as estruturas de linguagem específicas que cooperam para o significado de um determinado texto, tendo como pressuposto central a relação dialética entre contexto e texto. Em outras palavras, o texto cria o contexto e o contexto cria o texto (HALLIDAY, 1985).

Na perspectiva sistêmico-funcional, ao usarmos a língua fazemos escolhas¹⁷ a partir das possibilidades que o sistema linguístico nos oferece. Isso nos leva à reflexão sobre o valor semântico de nossas alternativas léxico-gramaticais, de modo que possamos ser compreendidos com o repertório linguístico de que dispomos e usamos efetivamente. Nesse sentido, precisamos desenvolver nossa consciência linguística sobre os significados que são possíveis por meio da palavra e suas combinações em textos (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19). São esses significados que permitem a nossa comunicação em contextos sociais, embora muitas vezes o conhecimento desses significados aconteça de forma inconsciente. Nesses contextos, o conhecimento é construído e transmitido por meio das relações sociais e da interação entre os sujeitos, os quais são identificados a partir dos sistemas de valores e da ideologia da cultura. A linguagem é o recurso utilizado para transformar a experiência humana em significado e carrega consigo esses valores culturais (HALLIDAY, 1985). Assim, a linguagem é tanto semiótica quanto social, o que nos permite deduzir o contexto em

¹⁷ O uso do termo “escolha” está em consonância com Fuzer e Cabral (2014).

que foi produzida, os propósitos de sua produção e os motivos pelos quais foi usada de tal forma. Nesta pesquisa, alguns princípios basilares da GSF serão utilizados para o tratamento do *corpus* de trabalho. Para tanto, na próxima seção, proponho uma discussão sobre a relação texto, contexto e metafunções.

2.2 Principais conceitos da GSF

Apresento neste subtópico alguns conceitos fundamentais da GSF, notadamente aqueles que são especialmente caros a esta pesquisa.

2.2.1 Linguagem, texto e contexto

A GSF entende a linguagem como uma maneira de agir e reagir no mundo, solicitando e oferecendo bens e serviços. Deixa de ser um simples conjunto de regras e uma representação do pensamento, passando a ser entendida como o lugar da interação. Trata-se, pois, de um conjunto de elementos interdependentes que se relacionam e interagem, formando redes de relacionamentos que constituem a forma de um todo orgânico, um sistema maior (HALLIDAY, 1985). Ela permite, assim, a construção da experiência nas trocas linguísticas no meio social, ampliando e diversificando os papéis sociais desempenhado pelos indivíduos. É, portanto, um tipo particular de sistema semiótico, baseado na gramática, embora esta englobe diferentes estratos (fonologia, léxico-gramática, semântica) e se materializa em textos.

O texto, para a GSF, é definido como uma unidade de significado, ou instância da linguagem que pode ser compreendida por alguém que conheça a linguagem, independentemente do meio. O texto permite a troca de significados entre os indivíduos dentro de um contexto de situação, incluindo aquelas situações nas quais é necessária a expressão de opiniões pessoais. Para Halliday e Matthiessen:

Quando as pessoas falam ou escrevem, produzem texto; e o texto é aquilo com o qual os ouvintes e os leitores se envolvem e aquilo que interpretam. O termo "texto" refere-se a qualquer instância da linguagem, em qualquer meio,

que faz sentido para alguém que conhece a língua; podemos caracterizar o texto como a língua funcionando em contexto. [...] A língua é, no primeiro exemplo, um recurso para criar significado; então o texto é um processo de fazer sentido no contexto. Para um gramático, o texto é um fenômeno rico e multifacetado que "significa" de muitas formas diferentes. Pode ser explorado de muitos pontos de vista diferentes. Mas podemos distinguir dois ângulos principais de visão: um, foco no texto como um objeto por si só; dois, foco no texto como um instrumento para encontrar outra coisa. Concentrando-se no texto como objeto, um gramático faz perguntas do tipo: Por que o texto significa o que ele significa (para mim, ou para qualquer outra pessoa)? Por que é valorizado como tal? Concentrando-se no texto como instrumento, o gramático se perguntará o que o texto revela sobre o sistema da língua na qual o texto é falado ou escrito. Essas duas perspectivas são claramente complementares: não podemos explicar por que um texto significa o que significa, com todas as várias leituras e valores que podem ser dados a ele, exceto relacionando-o ao sistema linguístico como um todo; e, igualmente, não podemos usá-lo como uma janela no sistema, a menos que entendamos o que isso significa e por quê. (2014, p. 3, tradução nossa, aspas no original)¹⁸

As escolhas linguísticas que são feitas pelos indivíduos, por exemplo na exposição de uma opinião, são influenciadas por diferentes fatores, de acordo com os propósitos comunicativos e local social de onde se manifestam esses indivíduos. Para a GSF, o texto realiza-se em orações, possui estrutura e coesão interna. Nesse sentido, Halliday afirma que “texto é significado e significado é opção, uma corrente contínua de seleções” (1998, p.179). Essas seleções representam as escolhas semânticas que são feitas, ou seja, o texto, sendo uma unidade do processo semântico, pode fazer surgir padrões que estão relacionados à situação, esses padrões são nomeados por Halliday de *registro*.

¹⁸ O texto em língua estrangeira é: “When people speak or write, they produce text; and text is what listeners and readers engage with and interpret. The term ‘text’ refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language; we can characterize text as language functioning in context.[...] Language is, in the first instance, a resource for making meaning; so text is a process of making meaning in context. To a grammarian, text is a rich, many-faceted phenomenon that ‘means’ in many different ways. It can be explored from many different points of view. But we can distinguish two main angles of vision: one, focus on the text as an object in its own right; two, focus on the text as an instrument for finding out about something else. Focusing on text as an object, a grammarian will be asking questions such as: Why does the text mean what it does (to me, or to anyone else)? Why is it valued as it is? Focusing on text as instrument, the grammarian will be asking what the text reveals about the system of the language in which it is spoken or written. These two perspectives are clearly complementary: we cannot explain why a text means what it does, with all the various readings and values that may be given to it, except by relating it to the linguistic system as a whole; and, equally, we cannot use it as a window on the system unless we understand what it means and why.”

No entanto, para se chegar à identificação do registro, é necessário que se parta da gramática. Assim, podemos investigar a maneira como a experiência é construída em termos semânticos e sua manifestação nos diferentes estratos da língua. Como um sistema sociossemiótico, a linguagem permite que o ser humano se construa e construa sua experiência de mundo. Nesse sentido, e para os propósitos desta pesquisa, defendemos o termo “experiência” como sinônimo de “identidade”, já que esta também se constrói *na e pela* linguagem e relaciona-se, também, a fatores extralinguísticos.

Na abordagem sistêmico-funcional, as escolhas linguísticas que são feitas e que se constituem de textos estão envolvidas por um contexto que, por sua vez, estabelece uma relação semântica entre o meio social e a organização funcional da linguagem (FUZER; CABRAL, 2014). Essas escolhas estão inseridas em um grande repertório linguístico e são determinadas pela relação estabelecida entre Contexto de Cultura e o Contexto de Situação, isto é, elas não são aleatórias, mas sim selecionadas, levando-se em consideração o conjunto de variáveis contextuais que condicionam a comunicação. São, pois, alternativas possíveis dentro do sistema. Para Fuzer e Cabral:

O texto carrega aspectos do contexto em que foi produzido, dentro do qual seria, provavelmente, considerado apropriado. Texto e contexto estão inter-relacionados, de modo que o texto reflete influências do contexto em que é produzido, na medida em que as variáveis do contexto de situação atuam sobre a configuração linguística. [...]. Ao mesmo tempo em que as dimensões contextuais delimitam e influenciam o que é dito e como é dito, a intenção com que é dito, os papéis sociais assumidos pelos interactantes, dentre outros aspectos, também a forma como o texto está construído permite deduzirmos o contexto de sua produção. (2014, p. 27)

O Contexto de Situação pode ser entendido como a situação específica de engajamento, ou seja, trata das instâncias contextuais nas quais pessoas específicas interagem e trocam significados. O Contexto de Cultura refere-se a práticas socioculturais amplas e recorrentes na sociedade, envolvendo ideologia, convenções sociais e instituições (FUZER; CABRAL, 2014), sendo, portanto, o potencial contextual total de uma comunidade, o cenário histórico cultural (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Nesta pesquisa, limitar-me-ei ao Contexto de Situação, com o qual o *corpus* de análise selecionado dialoga diretamente.

2.2.2 Contexto de Situação: variáveis e aplicação prática

O Contexto de Situação¹⁹, por se constituir do entorno imediato em que o texto se insere, tende a ser mais instável, variando de acordo com o Campo, as Relações e o Modo. Abaixo reproduzo o quadro proposto por Fuzer e Cabral (2014, p. 30), sobre essas três variáveis:

Quadro 1 – Variáveis do Contexto de Situação

Campo	Relações	Modo
Atividade Objetivo Finalidade	Participantes na situação: Quem fala ou quem escreve Quem ouve ou vê Participante no texto Distância social	Linguagem constitutiva ou auxiliar Meio oral, escrito e/ou não verbal Canal gráfico ou fônico

Fonte: Fuzer; Cabral, 2014, p. 30.

O Campo diz respeito à atividade efetivada pelos participantes, à natureza da ação social que está ocorrendo relacionada ao objetivo específico. As Relações envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham e a relação entre eles, bem como as simetrias ou assimetrias das relações que os separam. O Modo associa-se à função que a linguagem exerce, ao veículo utilizado e ao meio.

Para melhor entender as variáveis do Contexto de Situação, vou exemplificá-las, utilizando dados selecionados de parte do *corpus* desta tese. Esse reconto inicial envolve a série de televisão “Somos Capixabas”, veiculada pela Rede Gazeta, afiliada da Rede Globo no Espírito Santo, no ano de 2018. Essa série foi composta, inicialmente, de 3 episódios, em que são retratados diferentes olhares sobre o Estado e sobre os capixabas. Se tomarmos esses três episódios como um todo, obteremos a seguinte configuração, em termos de perfil linguístico e as variáveis possíveis:

¹⁹ Destaco que as categorias Hallidayanas são escritas com maiúsculas.

Campo: refere-se à manifestação de moradores do Espírito Santo, os capixabas, anônimos ou não, sobre o que é ser capixaba, em resposta ao objetivo da produção da série, que é justamente trazer depoimentos de diferentes atores, em sua maioria capixabas, e mostrar que, apesar das diferenças intrínsecas entre os moradores do estado, somos todos capixabas. Nesse sentido, o Campo inclui tanto o propósito social quanto o assunto de que se vai tratar.

Relação: uma relação é estabelecida por meio do olhar da câmera, que conecta os participantes do programa e os telespectadores. Outra relação possível é entre o entrevistado e o entrevistador. Este não aparece na gravação, o que permite concluir que sua participação foi apagada propositadamente. Supõe-se que isso se deva ao desejo da produção de não transformar a série em um conjunto simples de entrevistas, mas sim, em uma espécie de documentário sobre “o que é ser capixaba”. No entanto, essa relação pode ser estabelecida sem grandes dificuldades em alguns momentos, uma vez que é possível inferir o questionamento proposto ao entrevistado por meio de pistas linguísticas deixadas em sua resposta. Além disso, em raros momentos, é possível identificar uma voz *off*, possivelmente do entrevistador, interagindo com o entrevistado.

Modo: aquilo que vemos de linguagem não é totalmente interativo. No entanto, entendemos que os participantes tentam estabelecer um possível diálogo virtual com os telespectadores quando lançam perguntas, do tipo: “*Eu sei quem eu sou, e você, sabe quem você é?*” (**Episódio 1**)²⁰. O canal é simultaneamente visual e fônico e o meio é multimodal, uma vez que estão envolvidos recursos semióticos verbais e não verbais²¹.

O Contexto de Situação pode ser identificado por itens ou estruturas léxico-gramaticais específicos presentes no texto. Assim, proponho o quadro a seguir em que apresento alguns elementos linguísticos que se relacionam com as variáveis contextuais do episódio 1²², da série supracitada. O desejo aqui não é de esgotar todos os elementos possíveis de serem repertoriados, apenas trazer alguns exemplos

²⁰ Essas perguntas compõem a abertura de cada episódio e são proferidas tanto por anônimos, quanto por capixabas já conhecidos pelo grande público.

²¹ Nas análises do *corpus* desta pesquisa será privilegiada a linguagem verbal.

²² Para evitar a repetição, nos próximos exemplos, convencionou-se as siglas “EP” para “Episódio” e “B”, para “Bloco”, de modo que ao ser utilizada a expressão “EP1B2”, leia-se “Episódio 1, Bloco 2”

que possam auxiliar na compreensão das variáveis contextuais em consonância com esta pesquisa:

Quadro 2 - Exemplos de Variáveis Contextuais (continua)

	Somos Capixabas: Episódio 1, bloco 1
Campo	Manifestação (relato, depoimento) de diferentes moradores do Espírito Santo, os capixabas, sobre o que é ser capixaba. O conjunto de depoimentos que juntos constituem um todo, ou seja, a série.
Exemplos de linguagem que indicam o Campo	<i>“A gente tem que ter mais capixabismo dentro da gente, eu sou assim, eu <u>sou capixabista mesmo</u>, eu brigo pelo meu estado, sem tentar menosprezar o outro, sem tentar desvalorizar o outro”. [JC]²³</i> <i>“<u>Abraçamos com muito amor essa cultura nossa que é a panela de barro, que é a representatividade do nosso estado, nosso bem cultural maior que nós temos é a panela de barro, não estou falando por eu ser paneleira, é porque eu sei do reconhecimento que tem a panela de barro</u>” [BC]</i>
Relações	Participantes na situação: Cacique, Juarez Campos (chef de cozinha), Berenicia Correia e Evanilda Correia (paneleiras), Vice Cacique. Indivíduos empíricos. Telespectadores da série. Participante no texto: Cacique, Juarez Campos (chef de cozinha), Berenicia Correia e Evanilda Correia (paneleiras), Vice Cacique. Indivíduos discursivos.

²³ Embora a série “Somos Capixabas” tenha sido exibida em rede aberta de televisão, com alguns entrevistados conhecidos pelo grande público, optamos por identificar todos os participantes da série apenas pelas iniciais de seu nome quando fazemos referência a excertos de sua entrevista. Em referências genéricas, o nome e sobrenome serão mencionados, tal qual aparecem nos episódios da série.

Quadro 2 - Exemplos de Variáveis Contextuais (continuação)

	Há um possível entrevistador que não aparece explicitamente na gravação. Distância social: Máxima, pois os interlocutores pretendidos são os telespectadores, embora haja entre os entrevistados capixabas famosos e conhecidos pelo grande público. Não parece haver uma assimetria social potencial, apesar de os entrevistados selecionados pertencerem a diferentes grupos sociais.
Exemplos de linguagem que indicam as Relações	Os participantes se colocam no texto de forma distinta, de acordo com o contexto social de onde falam: <i>“A gente tem que ter mais capixabismo dentro da gente, <u>eu</u> sou assim, eu sou capixabista mesmo, <u>eu</u> brigo pelo meu estado”</i> [Juarez Campos] – Predominância da primeira pessoa do singular. <i>“<u>[nós]</u> abraçamos com muito amor essa cultura nossa que é a panela de barro...”</i> <i>“<u>Nós</u> paneleiras se sentimos muito orgulhosas com o reconhecimento...”</i> <i>“<u>[Nós]</u> temos indicação geográfica, <u>nós</u> não deixamos que venham mudar em nada...”</i> [Berenicia Correia – Presidente da Associação das paneleiras] – Predominância da primeira pessoa do plural, o que nos indica que a panela se coloca como parte integrante do “nós”. <i>“<u>Meu povo</u> Guarani ele mantém, ele é muito resistente...”</i> <i>“... porque <u>meu</u> povo guarani ele é um dos povo mais velho do mundo.”</i> <i>“<u>Meu povo</u> guarani é muito totalmente diferente do não indígena...”</i> [Vice-cacique Rodrigo Kara’i Mirîm]

Quadro 2 - Exemplos de Variáveis Contextuais (conclusão)

	Predominância de pronomes possessivos de primeira pessoa. Esse uso funciona para demarcar o “eu” em relação ao “outro”.
Modo	Multimodal: audiovisual Linguagem constitutiva; organização opinativa-argumentativa.
Exemplos de linguagem que indicam o Modo	<i>A moqueca <u>é o símbolo de nossa gastronomia</u>, né, porque ela é colorida como é o Espírito Santo, ela é aromática como é o Espírito Santo, ela é saborosa como só o capixaba sabe o quanto a nossa terra é saborosa, então ela é um reflexo nosso, ela mostra o que que nós somos. (JC)</i> <i>Ser paneleira, é ser um artista ali do barro, você imagina você pegar uma terra, ali um barro e fazer uma panela com você cozinhar, que emoção é muito prazeroso isso aí. Ser paneleira? Só uma palavrinha só: tudo. (BC)</i> <i>O que é importante para nós e para cada família que toma conta dessa área, que turismo traz coisa melhor pra comunidade, a gente não temos trabalho lá fora, todo mundo trabalha aqui dentro, então com isso o que melhora do turismo, o turismo que vem para o nosso município aqui na nossa aldeia que visita e conhece a realidade da nossa vida, e mostrar um pouco de nossa cultura com isso a gente vamos melhorando de cada família. (Cacique – PK)</i>

Fonte: O Autor, 2020

Sobre a constituição da série, é possível dividi-la em dois Campos, o macro que é justamente a série tomada como um todo, e o micro que são os diferentes assuntos compondo os depoimentos. Em relação aos episódios, não há um tema único, alguns assuntos vão e vêm ao longo da produção. No entanto, algumas linhas de edição podem ser estabelecidas e que vão caracterizar uma temática geral para cada episódio. Faremos uma breve exposição dessas linhas no capítulo voltado ao percurso metodológico deste trabalho (Capítulo 3, Seção 3.2.1).

Levando em consideração que o Contexto de Situação é o ambiente em que o texto funciona diretamente, podemos destacar que o Contexto de Situação aplicado a esta série precisa ser pensado de duas formas: a primeira diz respeito ao momento de realização das entrevistas (ao qual não tive acesso e que desconheço) e, a

segunda, relaciona-se ao período em que elas foram efetivamente veiculadas (2018). No entanto, como só temos acesso ao material já editado e veiculado, nosso Contexto de Situação está restrito a este último.

2.3 Metafunções da linguagem

Na análise das variáveis contextuais que propusemos na seção anterior, notamos que a língua assumiu diferentes formas de acordo com as necessidades sociais de cada falante e participante da série televisiva. Nesse sentido, Halliday (1985) defende que se olhe tanto para o sistema da língua, enquanto estrutura, como para as diversas funções que esse sistema pode exercer, ou seja, as formas particulares que a língua assume em determinados contextos sociais.

Essas formas participam de uma rede de escolhas, correspondendo a determinadas funções básicas da linguagem. Gouveia (2009) apresenta uma síntese dessas funções:

A linguagem serve para expressarmos conteúdo, para darmos conta da nossa experiência do mundo, seja este o real, exterior ao sujeito, seja este o da nossa própria consciência, interno a nós próprios; mas a linguagem serve também para estabelecermos e mantermos relações sociais uns com os outros, para desempenharmos papéis sociais, incluindo os comunicativos, como ouvinte e falante; e, por fim, a linguagem providencia-nos a possibilidade de estabelecermos relações entre partes de uma mesma instância de uso da fala, entre essas partes e a situação particular de uso da linguagem, tornando-as, entre outras possibilidades, situacionalmente relevantes. (2009, p. 15)

Essas funções são nomeadas de função ideacional, função interpessoal e função textual. Para Fuzer e Cabral (2014, p. 32), “metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal), e organizar a informação (textual)”. Essas funções estão associadas às variáveis de contexto, respectivamente, de Campo, de Relações e de Modo. Embora separadas didaticamente, essas três metafunções se combinam e se atualizam simultaneamente nas orações, constituindo o Contexto de Situação, ou seja, compõem uma representação feita sobre o mundo externo e interno (função ideacional); interações realizadas entre aqueles que falam e as posições que ocupam (função interpessoal)

e a mensagem transmitida, que é materializada em textos (função textual). Levando-se em conta essa caracterização do Contexto de Situação, podemos estabelecer o seguinte para a esta pesquisa:

A metafunção ideacional está relacionada às representações que os participantes da série fazem sobre o ser capixaba. Assim, ao descreverem o estado do Espírito Santo, o capixaba e suas características, eles estabelecem limites entre aquilo que são e aquilo que não são, ou seja, acabam por reivindicar uma identidade tipicamente capixaba inserida no mundo que veem, sentem e descrevem, marcada pela diferença.

No que tange à metafunção interpessoal, a ausência de interação direta, como já salientado anteriormente, levou-me a conceber uma interação “virtual” entre o participante da série e os telespectadores que a acompanham, via mídia televisiva. Como o público-alvo são os moradores do estado, ou seja, “capixabas”, não há relações evidentes de hierarquia ou de indiferença pelo menos no que tange à naturalidade. A possível interação em ausência se dá no mesmo nível; afinal “somos capixabas”. No entanto, no primeiro episódio, temos a presença de dois indígenas: o cacique P.K. e o vice cacique R.K.M da mesma tribo. No discurso de ambos, nota-se um distanciamento bastante recorrente entre “não indígenas” e “eles”, na medida que tentam reforçar traços identitários que os caracterizam como verdadeiros indígenas, diferenciando-os até mesmo de outros povos aborígenes. Um traço bem forte em seus discursos reside na importância que conferem à manutenção da língua materna, como podemos notar nos dois exemplos a seguir:

Exemplo 1

Meu povo Guarani ele mantém, ele é muito resistente porque meu povo guarani ele é um dos povo mais velho do mundo. Pra mim, realidade é isso, é floresta, é mato, é bicho, é rio, é nascente, isso que é pra mim realidade. A gente tem que pisar no pé no chão e sentir o chão. Eu vejo outros povos indígenas passando por momentos muito difíceis, questão de língua, crença mesmo, os povo não indígena não respeita por causa disso só porque não mantém a sua língua, não fala a sua língua, já fala que não é povo tradicional, já fala que não é índio e tem essa discriminação ainda. Meu povo guarani é muito totalmente diferente do não indígena porque a gente, a gente cria os nossos mais velho com respeito, a gente não põe os mais velho dentro de um asilo, pra nós graças a ela gente tá vivo, porque ela lutou pra tá aqui. A gente fica feliz porque existe hoje câmera, né, as câmera hoje ajuda a gente bastante a divulgar a cultura da gente. (Vice-cacique R. K. M. – EP1B1)

Exemplo 2

Os guarani sempre mantém o seu costume, né, a sua língua, ainda mantém a maioria da cultura ainda muitas coisas ainda não acabou, né, então a gente tamos

trabalhando para que não acabe a cultura nossa, né. Nós temos um grupo de dança, nós temos um grupo que faz a limpeza, nós temos um grupo que faz todo esse trabalho aqui dentro, coisa estragou, vai lá e conserta, né, sem recurso nenhuma, nós estamos fazendo o que a gente, força da gente mesmo. A função do cacique é melhorar a vida de todos, né, não é só pra ela, pra toda a família que mora dentro da comunidade indígena, por isso tem que trabalhar junto, né...se cacique passa dificuldade, toda comunidade passa, se cacique melhorar de vida, toda comunidade fica de bom na vida, né. O que é importante para nós e para cada família que toma conta dessa área, que turismo traz coisa melhor pra comunidade, a gente não temos trabalho lá fora, todo mundo trabalha aqui dentro, então com isso o que melhora do turismo, o turismo que vem para o nosso município aqui na nossa aldeia que visita e conhece a realidade da nossa vida, e mostrar um pouco de nossa cultura com isso a gente vamos melhorando de cada família. (Cacique – P. K. - EP1B1)

Aqui, abro um parêntese para abordar um aspecto da macrofunção interpessoal da GSF que produziu a teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE (2005). Essa teoria, que segue Bakhtin (1981), afirma que qualquer texto tem dentro de si possibilidades de ser monoglóssico (uma só voz) ou heteroglóssico (múltiplas vozes). Quando os falantes usam recursos monoglóssicos, como a “asserção pura”, eles não abrem qualquer espaço para a negociação, para a expressão de outros pontos de vista e esperam total aceitação por parte do “outro”. Ou seja, simulam a anulação do dialogismo constitutivo da linguagem, buscando, dessa forma, dificultar a emergência de perspectivas alternativas sobre a realidade, de modo que as proposições sejam tidas como certas e factuais. Ao usarem recursos heteroglóssicos, os falantes reconhecem que pode haver outras perspectivas, tanto no que se refere à incorporação explícita de vozes externas, por discurso relatado, ou à instanciamento de *tokens* de metarrepresentação de outras mentes, quanto no que tange à relação entre o já dito e as concepções subjacentes, sejam elas discordantes ou concordantes (GONÇALVES SEGUNDO, 2016). Esses recursos heteroglóssicos se apresentam de duas maneiras, de acordo com Martin e White (2005, p. 93):

- a) expandindo o discurso através de discurso relatado, processos mentais seguidos de orações projetadas e verbos e expressões modalizadores, conjunções adversativas e concessivas – o que indica que existem outros pontos de vista;
- b) contraindo o discurso através de orações negativas – o que refuta qualquer oposição por parte do “outro”.

Assim, no discurso oral, ou no discurso escrito com características de oral, quando se ouve/lê: *“O surf é uma escola e tanto pra galera...”* (EP2B1), temos uma afirmação monoglóssica (asserção pura). Esse tipo de asserção não cria espaço para pontos de vista contrários. A mesma asserção pode se transformar em discurso heteroglóssico de expansão quando incorpora itens como os verbos e expressões modalizadoras. Por exemplo:

Exemplo 3

Eu acho que adolescente de hoje em dia, a criança, mulher cada vez mais tem informações para que façam com que elas busquem o sonhos delas. (EP2B1).

Neste exemplo, quem fala admite que pode haver pontos de vista discordantes. *“Eu acho que”* se abre para a negociação. Igualmente, um exemplo como: *“Ei, Capixaba não é fraco não!”* contrai o discurso, diminuindo o espaço para a negociação de perspectivas alternativas. Aqui, temos uma crença sobre a representação social do capixaba e a dupla negativa elimina o espaço para uma posição, eventualmente, discordante do interlocutor. Esse expediente argumentativo está calcado numa possível referência ao capixaba enquanto indivíduo “fraco”. Logo, a ênfase promovida com a repetição do elemento negativo é uma tentativa de apagar do capixaba esse traço negativo em algum momento associado à sua personalidade.

Sendo os depoimentos orais em um ambiente de interação, a presença de um interlocutor é reconhecida, isso cria, por um lado, um ambiente favorável a manifestações individuais, pois o indivíduo, ao se posicionar de uma forma específica, mobiliza representações que tendem a identificá-lo em sua individualidade. Por outro, a abertura para a pluralidade de vozes permite que este indivíduo construa uma representação coletiva de si, apresentando-se como integrante de um grupo, do qual também participa o seu interlocutor.

A última metafunção, a textual, lida com o meio pelo qual a mensagem é veiculada, ou seja, como os textos são organizados e formados. Nesta pesquisa, esta função é caracterizada por relatos gravados em vídeo e subsequentemente seccionados em pequenas porções para serem veiculados para o grande público, em um canal de televisão aberto e gratuito, além dos tuítes publicados virtualmente na plataforma *Twitter*. Como meu foco está diretamente relacionado à construção de representações/identidades do “ser capixaba”, a discussão se centra, principalmente, na função ideacional. A pesquisa identifica nos relatos as maneiras pelas quais os

participantes e os internautas constroem discursivamente o mundo, em termos de identificação com o estado em que vivem, ou seja, como veem o mundo e como se veem, enquanto interactantes nesse mundo. Por isso, este trabalho de pesquisa não abordará o texto fílmico, no que tange à série, mas sim o texto dos relatos que formam uma transcrição, bem como a porção textual dos tuítes coletados. Nesse sentido, uma das categorias de análise da qual nos serviremos é justamente o processo de transitividade proposto por Halliday, que será nosso assunto no tópico seguinte e que organiza a Teoria dos Atores sociais, a ser apresentada no item 2.4.

2.3.1 Metafunção ideacional e a transitividade

A metafunção ideacional relaciona-se à manifestação de mundo no texto, das representações, do conhecimento e das ideias dos falantes. Está ligada à variável de Campo e se organiza em dois componentes, como destacado em Barbara e Macêdo (2009, p. 96), o experiencial, responsável pela construção de um determinado modelo de representação de mundo, e o lógico, que versa sobre a organização lógica dos conteúdos do texto.

No que diz respeito ao componente experiencial, estamos lidando com o conteúdo interno de uma oração, sua estrutura, em termos de transitividade. Para Halliday (2004) e seguidores, como Barbara e Macêdo (2009), os elementos da transitividade são os processos (grupos ou sintagmas verbais), os participantes (grupos ou sintagmas nominais) que são determinados pelo processo e as circunstâncias (grupos ou sintagmas adverbiais ou preposicionais) que são associadas a ele. Assim, o sistema de transitividade é entendido como um recurso léxico-gramatical, cuja função é representar atividades e ações construídas na gramática, como configurações de processos, dos participantes que estão neles envolvidos e das circunstâncias que os enquadram e constroem (GOUVEIA, 2009). Entretanto, as noções de *processo*, *participante* e *circunstância* são para a GSF categorias semânticas, isto é, os falantes representam sua relação com o mundo e as experiências que desenvolvem nele por meio de categorias linguísticas e são essas categorias que permitem a análise e descrição dos fenômenos de nossa experiência.

Já o segundo componente da metafunção ideacional, o lógico, gerencia as combinações de grupos lexicais (verbais e nominais) abaixo da oração e dos grupos oracionais (acima da oração). A abordagem da transitividade na GSF é diferente do que se verifica na gramática tradicional, pois nesta, a transitividade refere-se à relação entre o verbo e os seus complementos e, para aquela, trata-se de um sistema de descrição de toda a oração. Esse sistema tem como base o *processo*, formado por grupos verbais que representam eventos associados a experiências, nossa relação com o mundo físico, mental ou social. Esses grupos verbais auxiliam a nomear os tipos de *participantes*, (pelo menos um) que estabelecem uma relação com o tipo de processo e, eventualmente, com as *circunstâncias*. Nesse processo, é possível identificar como os atores sociais são incluídos ou excluídos do texto.

Expandindo a conceptualização tradicional de transitividade verbal²⁴ que divide os verbos em transitivos, intransitivos e de ligação, os papéis principais do sistema de transitividade na perspectiva sistêmico-funcional – os processos, os participantes e as circunstâncias – estabelecem um referencial que permite a interpretação e descrição da realidade. Damasceno e Rodrigues apresentam uma breve descrição do que trata cada um desses papéis:

O termo processo diz respeito à categoria responsável por codificar ações e eventos, estabelecer relações, exprimir ideias e sentimentos, construir o dizer e o existir; o termo participante diz respeito aos elementos envolvidos com os processos, de forma obrigatória ou não; o termo circunstância refere-se às informações adicionais atribuídas aos processos. A interpretação tripartida dos processos corresponde, genericamente, à distinção gramatical de classes de palavras em verbo, substantivo e advérbio, que permitem analisar quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias. (2017, p. 1993)

Baseando-me na exposição de Fuzer e Cabral (2014, p. 41), sobre os componentes da oração, elaborei o quadro abaixo. O exemplo foi retirado do *corpus* de pesquisa: a série de TV “Somos Capixabas”.

²⁴ Damasceno (2016) apresenta algumas abordagens sobre o conceito de Transitividade, nas principais gramáticas da língua portuguesa, desde concepções mais tradicionais até aquelas de base semântica e funcional-cognitivista.

Quadro 3 – Componentes da oração

Componentes	Definição	Categoria gramatical	Exemplo
<i>Processo</i>	Elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo.	Grupos verbais	A ideia <i>surgiu</i> quando eu <i>era</i> ainda professora de uma escola pública aqui na Serra, e a gente já <i>desenvolia</i> projetos voltados à Robótica pra, robótica educacional, e <i>tinha</i> uma aluna cega, lá, na escola e aí eu <i>comecei a pesquisar</i> com ela quais eram os desafios do dia a dia, isso me <i>impactou</i> e aí <i>começou</i> tudo. (NS – empresária EP3B2)
<i>Participantes</i>	São as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados -, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos nominais	A ideia surgiu quando eu <i>era</i> ainda professora de uma escola pública aqui na Serra, e a gente já <i>desenvolia</i> projetos voltados à Robótica pra, robótica educacional, e <i>tinha</i> uma aluna cega, lá, na escola e aí eu <i>comecei a pesquisar</i> com ela quais eram os desafios do dia a dia, isso <i>me impactou</i> e aí <i>começou</i> tudo. (NS – empresária EP3B2)
<i>Circunstância</i>	Indica, opcionalmente, modo, tempo, lugar, causa, âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos adverbiais	A ideia surgiu <i>quando eu era</i> ainda professora de uma escola pública aqui na Serra, e a gente já <i>desenvolia</i> projetos voltados à Robótica pra, robótica educacional, e <i>tinha</i> uma aluna cega, lá, na escola e aí eu <i>comecei a pesquisar</i> com ela quais eram os desafios do dia a dia, isso me <i>impactou</i> e <i>aí</i> <i>começou</i> tudo. (NS – empresária EP3B2)

Fonte: Fuzer; Cabral, 2014, p. 41. Adaptado para este trabalho pelo Autor, 2020.

Para o sistema de transitividade, Halliday (2004) concebe três principais tipos de processo: material (verbos de fazer e acontecer) e que servem à representação da

experiência externa; mental (verbos de afeição, cognição e percepção), associado à representação da experiência interna e relacional (ser ou estar, ter, significar, representar), voltado para a representação das relações em termos de identificação e caracterização. Além desses três principais, Halliday destaca outros três que, por estarem na fronteira com os principais são considerados secundários. São eles: o processo comportamental (verbos de proceder), representando comportamento; verbal (verbos de dizer) representando os dizeres; e existencial (ter, haver, existir), representando a existência de um participante.

Para cada processo, há participantes desempenhando diferentes tipos de papéis sociais, uma vez que a escolha do verbo afeta os participantes e as circunstâncias. Dessa forma, se o processo significa uma figura de fazer ou acontecer (material), o participante que o realiza é denominado *Ator* e o participante afetado pelo processo é chamado *Meta*. Abaixo, apresento um quadro resumitivo dos processos, e dos participantes envolvidos:

Quadro 4 – Tipos de processos e participantes

Tipos de Processo	Participantes
Material	Ator Meta, Escopo Beneficiário (Recebedor, Cliente), Atributo
Mental	Experienciador, Fenômeno
Relacional	Portador, Atributo Identificador, Identificado
Comportamental	Comportante Comportamento
Verbal	Dizente, Verbiagem Receptor, Alvo
Existencial	Existente

Fonte: Baseado em Fuzer e Cabral, 2014, p. 81-82

A partir do quadro acima, proponho a seguir uma breve caracterização de cada um desses processos. Os exemplos utilizados para ilustrá-los, quando não referenciados, foram retirados do nosso *corpus*²⁵ de pesquisa. Para a GSF, os

²⁵ O corpus em questão são os episódios transcritos da série “Somos Capixabas”, que constitui o *Corpus 1*: TV desta pesquisa, apresentado no Capítulo 3.

processos materiais são processos do *fazer* e do *acontecer*, representam ações que são finalizadas, provocando uma mudança na continuidade do evento. Essas ações são conduzidas por um participante denominado *Ator*, ou seja, aquele que faz algo e muda o fluxo dos eventos e a *Meta*, o participante que é afetado pelo processo ou passa por ele, como no exemplo a seguir:

Exemplo 4

Eu comecei a fazer panela nem filho ainda eu tinha. (EP1B1)

Nesse caso, o participante *Ator* (eu) realizou algo, ou seja, provocou a ação (comecei a fazer), cujo resultado, “panela”, representa a *Meta*, ou seja, o participante que recebe o impacto da ação, aquele ou aquilo para quem a ação é direcionada. Para Gouveia (2009), os processos materiais são, prototipicamente, representações de ações concretas, físicas e dão conta de mudanças no mundo material, podendo ser comprovadas e vistas. Quando o participante não é afetado pelo processo material de que faz parte, temos o *Escopo*. No exemplo a seguir, o verbo “dar” introduz o *Escopo*, isto é, “o braço”, o “colo” e “uma alisadinha na cabeça”, este último, classificado por Fuzer e Cabral (2014), como *Escopo-processo*:

Exemplo 5

Você não vê ninguém chorando pelos cantos, até porque se tem alguém chorando, vai sempre alguém lá e dá o braço, e dá o colo, sabe, e dá uma alisadinha na cabeça [...]. - (EP3B1)

Ainda no processo material, temos o participante *Beneficiário*, aquele para quem alguma coisa foi feita, oferecida ou transformada. No exemplo abaixo, “os produtores da área” é o participante *Beneficiário* das escolhas do chef:

Exemplo 6

O papel do chef é pegar um bom produto, de preferência da sua região, de preferência o mais próximo do restaurante, para valorizar os produtores da área [...]. - (EP1B1 - grifo meu)

Os processos materiais apresentam algumas diferenças entre si, tem-se os processos materiais denominados criativos, nos quais o participante é trazido à existência ao longo do processo (Exemplo 7) e os processos materiais

transformativos, em que se nota uma mudança no participante já existente (Exemplo 8):

Exemplo 7

A gente conseguiu fazer um produto [...]. (EP3B2 - grifo meu)

Exemplo 8

Um tem que divulgar o outro, um tem que ir no espaço do outro, porque aí a gente se fortalece, principalmente em épocas de crise como agora [...]. (EP1B2 - grifo meu)

Os processos mentais são aqueles de *sentir, pensar, ver* ou seja, processos que expressam a apreciação humana do mundo, a representação do nosso mundo interior, na mente. Gouveia (2009) separa os processos mentais em três tipos: os processos mentais de percepção (*ver, ouvir, sentir etc.*), de cognição (*compreender, conhecer etc.*), e de afeição (*gostar, rezear, amar etc.*). O participante é sempre consciente, pois é ele quem percebe, conhece e sente a experiência, daí ser denominado de participante *Experienciador*, e o fato percebido, visto ou experimentado é o participante *Fenômeno*, como ilustrado nos exemplos a seguir:

Exemplo 9

A gente tem que pisar no pé no chão e sentir o chão [...]. (EP1B1 - grifo meu)

Exemplo 10

Eu vejo outros povos indígenas passando por momentos muito difíceis [...]. (EP1B1 - grifo meu)

Exemplo 11

Eu sinto muito orgulho dela por ela ser essa superatleta, né [...]. (EP2B1 - grifo meu)

Embora o *Experienciador* seja um participante consciente e, portanto, humano, Gouveia (2009) afirma que entidades destituídas de consciência podem ocupar o papel de *Experienciador*, mas apenas se forem metaforicamente construídas ou personificadas.

Os processos relacionais dizem respeito àqueles que servem a identificar ou classificar entidades, isto é, expressam processos de *ser* ou de *estar*. A noção de *ser* ou *estar* envolve sempre duas entidades separadas, diferentemente dos processos existenciais. Os participantes dos processos relacionais são denominados de *Portador*, aquele que carrega a identificação, e o *Atributo* entidade que identifica ou

classifica. Assim, temos uma relação atributiva entre esses dois participantes, como no exemplo abaixo, em que “A moqueca” é o *Portador*, e “é o símbolo de nossa gastronomia”, *Atributo*:

Exemplo 12

A moqueca é o símbolo de nossa gastronomia. (E1B1)

Há três tipos de orações relacionais, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), e cada uma delas se subdivide em atributivas, quando são usadas para estabelecer relações entre membros de um grupo, conferindo-lhes uma identidade compartilhada entre esses membros, ou identificativas, quando uma das entidades já apresenta uma identidade estabelecida, sendo apenas identificada pela outra entidade. Vejamos os três tipos de orações relacionais:

1. Intensivas: são utilizadas para caracterizar uma entidade. Quando são do tipo atributivas, em geral, apresentam-se com os verbos denominados pela gramática tradicional de “verbos de ligação”.

Exemplo 13

E assim a gente tá aberto assim a todo tipo de cliente. (EP1B2 - grifo meu)

Exemplo 14

A panela de barro, de Goiabeiras, [...] é o primeiro bem imaterial reconhecido no Brasil. (EP1B1 - grifo meu)

No Exemplo **13**, o “a gente” é denominado *Portador*, a forma oralizada do verbo estar representa um processo relacional intensivo. Nesse processo, o *Atributo*, ou seja, aquilo que caracteriza esse participante é a expressão “*aberto assim a todo tipo de cliente*”. Tem-se aí uma oração na qual se observa um processo relacional intensivo do tipo atributivo. Já o Exemplo **14**, apresenta um processo relacional intensivo do tipo identificativo, uma vez que a expressão nominal “*o primeiro bem imaterial reconhecido no Brasil*”, enquanto participante *Identificador*, permite a identificação da panela de barro, conferindo-lhe uma característica única que a distingue de outras panelas.

2. Possessivas: Nas orações relacionais possessivas, observa-se uma relação de posse entre as entidades. Para Fuzer e Cabral, “os processos relacionais posesivos codificam significados de propriedade ou posse entre os participantes da

oração. Os verbos típicos desse tipo de processo são ter, possuir, envolver, pertencer e a expressão ‘ser de’” (2014, p. 66):

Exemplo 15

Por sorte nossa, a gente temos aqui uma escola, né? - (EP2B1 - grifo meu)

Exemplo 16

A Série “Somos Capixabas” é da Rede Gazeta.²⁶

No Exemplo **15**, observa-se uma oração do tipo possessiva atributiva, em que “a gente” tem algo. No Exemplo **16**, tem-se uma oração possessiva identificativa, com a presença da construção *ser de*.

3. Circunstanciais: Nas orações relacionais do tipo circunstancial, a relação que se estabelece entre os termos é de lugar, tempo, modo, causa, acompanhamento, papel, ângulo, assunto. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 66). No exemplo a seguir (**17**), a locução adverbial “em Vitória”, caracteriza a Circunstância. Já o advérbio “perto” estabelece uma relação de lugar com o participante “tudo” em um processo relacional. Temos, então, uma oração relacional circunstancial:

Exemplo 17

[...] em Vitoria tudo é perto. (EP1B2)

No que tange aos processos verbais, trata-se de processos que expressam o dizer, o comunicar, e seus participantes são chamados de *Dizente*, participante que comunica ou aponta algo, sendo, em geral, humano. *Receptor*, que é o participante para quem o processo verbal se dirige, isto é, o destinatário. E a *Verbiagem*, o conteúdo da mensagem constituído como um participante do processo, codificando o que é comunicado. Há, ainda, o *Alvo*, entidade atingida pelo processo verbal, não sendo, portanto, o seu destinatário:

Exemplo 18

A pessoa disse assim aí eu não sei tocar, sabe, eu digo, eu também não sei, é um dedo, dois dedos, um pra cima e um pra baixo [...]. (EP1B2)

²⁶ Exemplo elaborado pelo autor desta pesquisa.

[...] eu falei assim “olha, Zé, a minha parte eu já fiz, agora entrego na mão de vocês. (EP2B2)

Nos excertos acima, a *Verbiagem* é “*aí eu não sei tocar*” e “*eu também não sei...*”, para o primeiro excerto e “*olha Zé, a minha parte eu já fiz, agora entrego na mão de vocês*”, para o segundo.

Os processos comportamentais estão associados a processos fisiológicos humanos, podendo ser físicos e psicológicos, tais como *assistir, falar, respirar, olhar, sonhar*. O participante característico desses processos é denominado de *Comportante*, aquele que realiza a ação e é consciente do que faz. Além disso, outro participante pode ser mobilizado, o *Comportamento*, e este se assemelha ao *Escopo-processo* das orações materiais. Fuzer e Cabral (2014, p. 77) explicam que o participante *Comportante* se assemelha ao *Experienciador* dos processos mentais. Nessa mesma direção, Gouveia (2009), ao abordar os processos comportamentais, afirma que:

a sua existência na gramática, na sua relação com os processos mentais, permite distinguir entre processos que são puramente mentais e processos que são reflexos físicos exteriores de processos mentais, assim se aproximando, na sua caracterização, dos processos materiais. (2009, p. 33)

Exemplo 19

É difícil falar, mas eu sonho num mundo melhor, num bairro melhor, numa cidade melhor. (EP2B1)

Nesse exemplo, o verbo *sonhar*, embora se encaixe prototipicamente nos processos comportamentais, passou a ter características de *desejar*, que faz parte dos processos mentais. Por fim, temos os processos existenciais cuja representação se faz sobre aquilo que existe ou acontece. Nesses processos, temos apenas um participante, o *Existente*, podendo ser pessoas, objetos, instituições etc. O verbo típico desses processos é o *haver*, com sentido de *existir*. No Exemplo 10, o *Existente* é toda a parte em destaque.

Exemplo 20

“[...] há um empenho imenso de fazer com que esta instituição seja tranquila, serena, lúdica, e altamente potencializadora no processo de cura. (EP3B1)

No que diz respeito ao terceiro componente da oração, as circunstâncias, vale ressaltar que em todos os processos e participantes anteriormente descritos estão inseridos elementos gramaticais que expressam valores circunstanciais. Para Gouveia (2009), esses elementos cobrem uma grande variedade de significados sendo, portanto, de diferentes tipos e ocorrendo livremente em todos os tipos de processos e basicamente sempre com o mesmo significado.

A seguir, apresentamos algumas circunstâncias elencadas por Halliday e Matthiessen (2004) e descritas por Damasceno e Rodrigues:

1. Expansão: Localização e Extensão – constroem o desdobramento do processo em espaço e tempo, como em andar sete milhas e levantar às seis horas.
2. Modo: constrói a maneira pela qual o processo é atualizado, como em Morgan *calmamente* observava a paisagem do topo de Rock Island, em que a circunstância de modo está representada pelo elemento *calmamente*.
3. Causa: constrói a razão pela qual o processo é atualizado, como em Assad morreu de insuficiência cardíaca, representada pelo termo de insuficiência cardíaca.
4. Acompanhamento: é uma forma de juntar participantes no processo. Representa o significado de adição, por meio das expressões e com, ou de subtração, por meio da preposição sem. Um exemplo de circunstância de acompanhamento seria a expressão com meu pai em Eu estava viajando pela costa oeste da Flórida com meu pai.
5. Papel: constrói os significados de ser e tornar-se circunstancialmente. Essa categoria corresponde ao Atributo ou Valor das cláusulas relacionais intensivas. Um exemplo da circunstância de papel seria como socialistas em: Como socialistas, entendemos muito bem o impacto dos cortes de pessoal. (2017, p. 1995)

Optei por não trazer nesta seção exemplos de circunstâncias presentes no *corpus* desta pesquisa, uma vez que estamos interessados principalmente nos participantes e nos processos envolvidos. No entanto, não negligenciamos a importância desse terceiro componente da oração em determinadas análises que serão propostas.

No que diz respeito à pesquisa feita para esta tese, sobre a identidade em geral e identidade capixaba em específico, a metafunção ideacional será privilegiada uma vez que ela, servindo à representação, trará subsídios relevantes para as nossas análises. Além disso, o sistema de *transitividade*, como uma das categorias de análise aplicada ao nosso *corpus*, vai nos permitir verificar como os sujeitos capixabas organizam suas escolhas linguísticas dentro da oração e a maneira como eles se

apresentam, em termos de figuras de fazer e acontecer, de sentir, de dizer, de ser, de existir e de comportar-se, ou seja, traduzindo sua experiência do mundo material e a maneira pela qual veem este mundo. O conceito de “figuras” é entendido pela Sistêmico-Funcional como “os significados produzidos pelos processos em associação com participantes e, opcionalmente, circunstâncias” (FUZER; CABRAL 2014. p.41).

Ao trazer à discussão essa breve apresentação da GSF, centrando a atenção na metafunção ideacional, acredito ter feito um recorte teórico que me permitirá desenvolver análises, sobretudo, ao levar em conta os três componentes do sistema de transitividade – processos, participantes e circunstâncias. Esse recorte fornecerá subsídios relevantes para a interpretação da experiência e a maneira como os capixabas se veem e veem o mundo que os cerca, refletindo numa maior compreensão sobre a relação entre práticas sociais e os textos que delas fazem parte.

Na próxima seção, apresento e discuto brevemente a teoria dos atores sociais proposta por van Leeuwen (2008), abordagem da linguagem inserida no âmbito da Análise Crítica do Discurso e que dialoga diretamente com a GSF. O interesse por essa abordagem se justifica na medida em que para van Leeuwen identidades sociais são descritas e construídas no e pelo discurso, podendo ser discutidas e reveladas por meio da investigação linguística sobre participantes em práticas sociais diversas. Nesse sentido, é preciso recorrer à noção de transitividade encontrada na GSF, de modo a perceber como os atores sociais constroem seus papéis linguisticamente.

Acredito, assim, que a interface entre Transitividade e Teoria dos Atores Sociais permitirá aprofundar as análises do *corpus*, em relação à busca sobre a identidade capixaba, tanto nos depoimentos da série “Somos Capixabas”, quanto nos Tuítes, que juntos formam os *corpora* desta pesquisa, cuja apresentação será feita no Capítulo 3.

2.4 A teoria dos atores sociais de van Leeuwen

Neste momento, apresento e discuto os pontos norteadores de minhas análises, contidos no capítulo “*Representing Social Actors*”, que faz parte da obra

“Discourse and Practice: news tools for a Critical Discourse Analysis”²⁷ (2008), de Theo van Leeuwen. A discussão proposta nesta seção será ilustrada com exemplos do *corpus* desta pesquisa e, eventualmente, de outras fontes.

A teoria de van Leeuwen usando atores sociais como categoria analítico-discursiva é calcada na textualização de representação social, individual ou coletiva. O autor usa a terminologia de Ator Social referindo-se aos participantes sociais, que participam em contextos sociais como agente ou paciente, realizando ações ou se submetendo a elas. Dessa forma, eles podem ser representados como participantes ativos ou passivos, mas incluídos nos textos, ou podem ser excluídos. Embora a teoria original seja ilustrada com exemplos na língua inglesa, seus conceitos podem ser considerados universais e, assim, aplicáveis em nossa pesquisa²⁸. Em sua abordagem, o autor relaciona os atores sociais ao contexto sociocultural em que eles estão inseridos, desempenhando diferentes papéis e criando representações do mundo e de suas experiências. Dito de outra forma, ao falarem, os entrevistados da série “Somos Capixabas”, constroem verbalmente seus mundos externo e interno, ao mesmo tempo em que se posicionam como “agentes” ou “pacientes” desses mundos.

Inicialmente, van Leeuwen estabelece alguns parâmetros que guiam sua discussão. Para ele, é importante que se faça uma distinção entre categorias linguísticas de análise, que orientam em grande medida análises críticas de discurso linguisticamente orientadas, e a sua proposta, que se fundamenta principalmente em uma análise sociológica e crítica que indaga sobre as maneiras pelas quais os atores sociais podem ser representados no discurso. Assim, partindo dessa questão inicial, van Leeuwen estabelece um inventário sociossemântico servindo à identificação e classificação das diversas maneiras de representar esses atores sociais, de duas formas: primeiramente, apresentando e discutindo esse inventário sociossemântico e, em seguida, voltando-se para a realização linguística dessas categorias.

Para van Leeuwen, não é possível estabelecer uma relação de biunicidade na linguagem, isto é, a agência, entendida como um conceito sociológico, está relacionada à delimitação dos contextos em que os atores sociais podem ser

²⁷ Para construção desta seção, foi utilizado o texto original (2008), com traduções nossas, bem como a tradução em português europeu, pela editora Caminho (1997).

²⁸ A Teoria do Atores Sociais já foi aplicada em textos em língua portuguesa, dentre outros Florêncio (2018) e Souza (2017).

representados como “agentes” e “pacientes”. No entanto, essa agência sociológica pode ter a sua representação fora do âmbito essencialmente linguístico. Essa distinção inicial entre categorias sociológicas e linguísticas se faz necessária uma vez que para van Leeuwen “não há um equilíbrio entre categorias sociológicas e linguísticas, e se a Análise Crítica do Discurso [...] se vincula muito de perto a operações ou categorias linguísticas específicas, muitos exemplos relevantes de agência podem ser negligenciados” (2008, p. 24, tradução nossa)²⁹. Isso significa que na linguagem nem sempre o agente sociológico é o agente linguístico. Além disso, essas categorias são variáveis, já que cada cultura tem sua maneira de representar as diferentes semióticas, isto é, determinando aquilo que é do âmbito verbal ou visual:

Exemplo 21

A pessoa disse assim aí eu não sei tocar, sabe, eu digo, eu também não sei, é um dedo, dois dedos, um pra cima e um pra baixo. (EP1B2 - grifo meu)

A parte sublinhada no Exemplo 21 indica a agência sociológica que é léxico-gramaticalmente realizada pelo Dizente, ou seja, uma função gramatical do processo verbal. Para van Leeuwen (2008) quando a agência sociológica for construída na função de agente linguístico, suas realizações adotarão a função de *Ator*, *Dizente* ou *Experienciador*. No exemplo em questão, há uma correspondência entre a agência sociológica e a agência linguística. Mas nem sempre essa correspondência acontece. Florêncio (2018) cita alguns recursos léxico-gramaticais que podem representar a agência sociológica, em outras funções que não as de *Ator*, *Dizente* ou *Experienciador*, trata-se de sua construção como uma circunstância de ângulo ou a na função de adjetivo.

Para van Leeuwen, os significados pertencem à cultura e não podem estar ligados a uma semiótica específica. Dessa forma, as categorias de análise que ele propõe precisam ser vistas como pan-semióticas, ou seja, trata-se de categorias ampliadas, já que estão relacionadas diretamente à cultura:

[...] uma dada cultura (ou um dado contexto dentro de uma cultura) não tem apenas seu próprio e específico conjunto de maneiras de representar o mundo social, mas também suas próprias maneiras específicas de mapear os diferentes modos semióticos nessa matriz, ou prescrever, com maior ou

²⁹ O texto em língua estrangeira é: “There is no neat fit between sociological and linguistic categories, and if critical discourse analysis, e.g., in investigating agency, ties itself too closely to specific linguistic operations or categories, many relevant instances of agency might be overlooked.”

menor rigor, o que pode ser percebido verbal e visualmente, apenas verbalmente, ou apenas visualmente, e assim por diante. E esses arranjos também estarão sujeitos a mudanças históricas, às vezes até a mudanças violentas, como nos iconoclasmos. (2008, p. 24-25, tradução nossa)³⁰

Embora apresente essa distinção entre categorias de análise sociológicas e linguísticas, o autor fundamenta linguisticamente a sua descrição de representação dos atores sociais. O modelo que ele propõe apresenta categorias de análise que se ligam a uma rede de sistemas linguísticos distintos, envolvendo tanto aspectos léxico-gramaticais, quanto figuras retóricas, sendo transformados, principalmente, por meio de processos de apagamento, reestruturação e substituição da consciência linguística. Dentre esses processos, ele destaca justamente o de exclusão e inclusão. Segundo van Leeuwen, as representações incluem ou excluem os atores sociais de acordo com seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se destinam. Em outras palavras, a linguagem, em razão de suas propriedades inerentes, permite a realização léxico-gramatical dos agentes sociológicos de diversas formas, levando em conta os usos linguísticos próprios às culturas.

A seguir, apresento e discuto as categorias de análise propostas por van Leeuwen na representação de atores sociais, que serão usadas nas nossas análises. Esta seção se organiza em duas partes: na primeira, discuto os processos de exclusão dos atores sociais e, na segunda, os principais processos de inclusão. Para ilustrar essas categorias e suas subdivisões, usarei exemplos retirados da mídia nacional e do *corpus* de análise desta pesquisa: os depoimentos transcritos da série “Somos Capixabas” e os Tuítes com a *hashtag* #somoscapixabas.

2.4.1 Exclusão

Partindo da noção, já anteriormente citada, de que as representações incluem ou excluem os atores sociais de acordo com seus interesses e propósitos em relação

³⁰ O texto em língua estrangeira é: “[...] a given culture (or a given context within a culture) has not only its own, specific array of ways of representing the social world, but also its own specific ways of mapping the different semiotic modes onto this array, or prescribing, with greater or lesser strictness, what can be realized verbally and visually, what only verbally, what only visually, and so on. And these arrangements will also be subject to historical change, sometimes even violent change, as in iconoclasm.”

aos leitores a quem se destinam, van Leeuwen argumenta que algumas dessas exclusões podem ser “inocentes”, isto é, apresentam detalhes supostamente conhecidos pelos leitores ou considerados irrelevantes para eles; outras, no entanto, relacionam-se intimamente às estratégias próprias do discurso utilizado.

Para van Leeuwen, a exclusão tem sido um aspecto importante da análise crítica do discurso, pois permite a identificação de atores sociais excluídos do discurso para atender a objetivos da instância produtora. Não raro, encontram-se exemplos desse tipo em publicações da mídia em que o apagamento de um determinado ator social está diretamente relacionado às ideologias da instância produtora do texto. Muitas exclusões não deixam vestígios, os textos simplesmente excluem os atores sociais e suas atividades. Neste caso, tem-se uma exclusão radical que pode ser percebida ao se comparar diferentes textos, mas impossível na análise de apenas um, justamente porque não há a presença desses atores e nenhum parâmetro de comparação³¹:

Exemplo 22

*Bolsonaro demite Gustavo Bebianno da Secretaria Geral da Presidência*³²

Neste Exemplo 22, não se tem ideia de como foi comunicada a notícia da demissão de Gustavo Bebianno. A instância midiática apaga essa informação ao veicular a chamada. Não se sabe, por exemplo, que cargo exercia o personagem-chave dessa notícia, não há alusão ao porta-voz que transmitiu essa informação, nem a jornalistas e instâncias midiáticas específicas. Muitas vezes, é preciso recorrer a outras fontes no intuito de depreender essa informação, apagada:

Exemplo 23

A moqueca é o símbolo de nossa gastronomia, né, porque ela é colorida como é o Espírito Santo, ela é aromática como é o Espírito Santo, ela é saborosa como só o capixaba sabe o quanto a nossa terra é saborosa, então ela é um reflexo nosso, ela mostra o que que nós somos. (EP1B1)

³¹ Como nem sempre foi possível exemplificar as categorias a partir de corpus selecionado para esta tese, recorri a outras fontes.

³² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_LozZ27XKm8>. Acesso em 26 jul. 2019

No Exemplo **23**, não se sabe quem instituiu a moqueca como símbolo da gastronomia capixaba, o ator social responsável por esse reconhecimento está excluído. No entanto, uma leitura atenta desse depoimento permite deduzir que esse reconhecimento foi conferido pelo próprio capixaba, já que a moqueca reflete as características que são comumente associadas ao território capixaba e ao seu povo. Essa relação fica cada vez mais evidenciada ao longo dos depoimentos.

No entanto, na impossibilidade de estabelecer relações presentes no cotexto ou de comparações entre textos, com o intuito de identificar possíveis exclusões, o analista pode fazer previsões sobre a identidade dos atores sociais envolvidos, olhando, principalmente, para o contexto social em que eles poderiam atuar. Nesse sentido, ao lermos a chamada para uma reportagem em que se faz referência aos seis meses da tragédia de Brumadinho, a associação com a empresa Vale, responsável pela barreira que se rompeu, é estabelecida de forma imediata, seja pelo contexto em que a tragédia aconteceu, seja pela publicização a que foi exposto esse acontecimento. No entanto, mesmo que essa associação não seja estabelecida, no corpo da reportagem temos essa informação. Nos Exemplos **24** e **25**, as chamadas da matéria não apresentam nenhuma alusão à empresa Vale, não contextualizam o tipo de rompimento, nem lhe rotulam de “tragédia” (Exemplo **25**), nem apresentam possíveis responsáveis pela tragédia, justamente porque essas informações apagadas são de conhecimento público.

Exemplo 24

*Rompimento da barragem em Brumadinho completa seis meses*³³

Exemplo 25

*Homenagens marcam seis meses da tragédia em Brumadinho (MG)*³⁴

Nesse contexto, van Leeuwen nos propõe uma distinção entre supressão e obscurecimento (*backgrounding*). No que diz respeito ao primeiro, não há referência ao (s) ator (es) social (s) em questão em nenhum lugar do texto. No caso do segundo, a exclusão é menos radical: os atores sociais excluídos não podem ser mencionados

³³ Disponível em <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/rompimento-da-barragem-em-brumadinho-completa-seis-meses-25072019>> Acesso em 26/07/2019.

³⁴ Disponível em <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/videos/homenagens-marcam-seis-meses-da-tragedia-em-brumadinho-mg-25072019>> Acesso em 26 jul. 2019.

em relação a uma determinada ação, mas são mencionados em outras partes do texto, e podemos inferir com razoável certeza sua identidade. Nesse caso, o conceito de obscurecimento implica justamente naquilo que está “em segundo plano”.

Em geral, a supressão é realizada por meio do apagamento do agente da passiva. Trata-se de uma construção muito recorrente em manchetes de jornais, em que o foco da matéria se volta para o evento em si e não para quem o realizou. Esse expediente também pode estar associado ao desejo do produtor do texto em não mencionar o ator social por razões políticas ou ideológicas:

Exemplo 26

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
*Estado lindo, mas tão pouco conhecido. <#SomosCapixabas/> [T69]*³⁵

Exemplo 27

*Helicóptero do Ibama é atacado a tiros em Rondônia.*³⁶

Para van Leeuwen, quase sempre é possível apagar os *Beneficiários*, isto é, atores sociais que se beneficiam de uma determinada atividade, embora eles possam eventualmente ser inferidos no texto. Outra possibilidade de supressão de atores sociais pode ser observada por meio da “nominalização”, ou seja, a transformação do verbo em substantivo, o que facilita a supressão do ator social, desconectando as ações entre aqueles que a realizaram e para quem. Trata-se de uma estratégia bastante utilizada pelo discurso midiático. No Exemplo 28, nota-se que os verbos “pedir” e “formalizar” foram nominalizados, o que permitiu a supressão dos atores sociais responsáveis pelo “pedido” e pela “formalização”:

Exemplo 28

*Pedido para Eduardo ser embaixador nos EUA já está em Washington, diz Bolsonaro. Segundo presidente, formalização da consulta foi acertada nesta semana com o chanceler Araújo.*³⁷

³⁵ Para diferenciar as referências aos dois *corpora* desta tese, utilizarei os colchetes para os tuítes, com uma expressão alfanumérica, em que o **T** significa “tuíte”, e o número faz referência à sequência do tuíte no *Corpus 2* (**Anexo B**).

³⁶ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/helicoptero-do-ibama-atacado-tiros-em-rondonia-23834165>> Acesso em 26 jul.2019.

³⁷ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/mundo/pedido-para-eduardo-ser-embaixador-nos-eua-ja-esta-em-washington-diz-bolsonaro-23834598>>. Acesso em 26 jul. 2019

Em muitos casos, a tarefa de identificação dos atores sociais excluídos sucinta alguns questionamentos relevantes para a análise de discurso crítica: o apagamento desses atores sociais foi proposital, uma vez que os possíveis leitores já têm o conhecimento do fato e podem sem maiores dificuldades inferir de quem se trata, ou foi feito justamente para que esses leitores não tenham acesso a determinados conhecimentos, não questionando, portanto, o posicionamento da instância produtora do texto? Esses questionamentos também serão discutidos ao longo deste trabalho, visto que tentarei identificar possíveis apagamentos e sua relevância nos processos de identificação do capixaba, já que a ausência também é reveladora de identidades.

Além desses tipos de supressão, outros também podem ser trazidos à nossa discussão, para isso, recorreremos ao trabalho de Souza (2017), que adaptou para o português brasileiro alguns dos tipos de supressão discutidos por van Leeuwen. Souza destaca a indeterminação do sujeito, que pode ser realizada de três formas em língua portuguesa:

1. Com verbo na 3ª pessoa do plural;
2. Com verbo na 3ª pessoa do singular, seguida do pronome -se;
3. Verbos no infinitivo impessoal;

Essas diferentes maneiras de suprimir o ator social cria ambientes discursivos distintos, embora a realidade seja a mesma. A escolha entre suprimir ou não o ator social e as estratégias que foram utilizadas para tal intento não podem ser investigadas apenas pelo viés linguístico, é importante levar em consideração os contextos sociais e institucionais em que tais escolhas foram feitas, os recursos empregados para tal e os possíveis objetivos a serem alcançados.

No que diz respeito ao obscurecimento, van Leeuwen afirma que, em língua inglesa, ele pode resultar de elipses simples em orações reduzidas formadas com participípios do tipo *-ing* (presente) e *-ed* (passado), em orações com *-to* ou em orações paratáticas. Em língua portuguesa esse expediente corresponderia aos seguintes exemplos:

Falando em voz alta, ela...

Ao falar em voz alta, ela...

Falada em voz alta, a alegação ...

Em todos esses casos, o ator social excluído está incluído em outra parte na mesma oração. Essa estratégia pode ser realizada da mesma forma que a supressão, mas levando em conta que os atores sociais devem aparecer em alguma parte do texto. Para van Leeuwen (2008), as duas realizações contextualizam os atores sociais em diferentes graus, mas ambas desempenham um papel na redução do número de vezes que esses atores específicos são explicitamente referidos.

2.4.2 Inclusão

Na análise dos processos de exclusão ou inclusão, devem-se levar em consideração determinados padrões que orientam a maneira como esses processos são representados, isto é, o que está mais evidente no texto ou mais opaco. Esses padrões relacionam-se à maneira como os atores sociais são apresentados no texto, de acordo com os objetivos a que se quer atingir.

Quando um determinado ator social não é apagado, isto é, quando se observa a inclusão, sua representação pode aparecer de algumas formas: *ativação*, *passivação*, *participação*, *circunstancialização*, *possessivação*, *personalização* e *impersonalização*. Van Leeuwen destaca que os atores sociais podem ser incluídos de diferentes formas, de acordo com os papéis que eles desempenham, podendo ser “agente” (*Ator*) ou “paciente” (*Meta*) em relação a alguma ação. Para ele, essa reflexão é importante na medida em que não há congruência entre os papéis que os atores sociais desempenham em práticas sociais e os papéis gramaticais que lhes são conferidos nos textos. Nesse sentido, as representações podem redistribuir papéis e organizar as relações sociais entre os participantes (VAN LEUWEEN, 1997).

Na *passivação*, o ator social pode ser o sujeito ou o beneficiado. Os atores sociais sujeitos são tratados como objetos na representação. Quando o ator social é representado como alguém que se submete a algo, tem-se a *sujeição*. Caso ele receba algo, fala-se em *beneficialização*. Neste caso os atores sociais se beneficiam positiva ou negativamente de ações das quais não participam. Pode ser realizada por meio da *participação*, uma função gramatical em que o participante beneficiado é representado pela *Meta*, em relação a um processo material ou o *Alvo*, em relação a

um processo verbal. Os *Beneficiários* podem ser os sujeitos em orações passivas e podem ser acompanhados ou não de preposição.

A *ativação* ocorre quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas numa dada atividade. Esses processos também podem ser realizados por meio dos papéis gramaticais participantes, em funções gramaticais com participantes ativos, ou seja, os atores sociais ativados são codificados como *Ator* em processos materiais; *Comportante*, em processos comportamentais; *Experienciador*, em processos mentais; *Dizente* em processos verbais; *Atributo*, em processos relacionais³⁸. São essas funções gramaticais o assunto da próxima seção.

2.4.2.1 Funções gramaticais: participação, circunstancialização e possessivação

O ator social pode ser realizado por meio de funções gramaticais representadas nos textos. São elas: a *participação*, a *circunstancialização* e a *possessivação*. A *participação* ocorre quando o ator social é representado por um participante ativo (Exemplo 29), ou seja, o *Ator* (processo material), o *Experienciador* (processo mental); o *Portador* (processo relacional), *Dizente* (processo verbal), e o *Comportante* (processo comportamental) ou pode ser realizado por um participante passivo, como a *Metal/Beneficiário*, o *Fenômeno*, o *Atributo* ou a *Verbiagem* (Exemplo 30):

Exemplo 29

Eu sinto muito orgulho dela por ela ser essa superatleta [...] (EP1B2 – grifo meu)

Exemplo 30

Você pegar uma madeira e no final você vê o processo todo prontinho, o violino todo certinho, é muito lindo, muito, só quem faz aí vai saber realmente qual é a sensação. (EP1B2 – grifo meu)

No Exemplo 29, o pronome de primeira pessoa do singular é o participante da oração mental “*eu sinto muito orgulho...*”. Ele é aquele que experiencia o processo perceptivo de sentir, sendo realizado, portanto, pelo *Experienciador*, um participante ativo. No Exemplo 30, “*uma madeira*” é o ator social que sofre a ação, tem-se aí uma

³⁸ Discuti esses processos na primeira seção deste capítulo.

oração material em que “a madeira” é léxico-gramaticalmente realizado pela *Meta*, um participante passivo.

No que tange à *circunstancialização*, a outra função gramatical realizada pelo ator é a Circunstância:

Exemplo 31

Eu sou capixaba, sou serrano, um orgulho demais, demais, vivo agora no centro agora de vitória, com 79 anos vivo muito, mas muito, muito, muito bem, graças a Deus, com minhas filhas, com meus filhos, com meus netos e meu bisneto (EP1B2 – grifo meu)

Nesse exemplo, a Circunstância “*com minhas filhas, com meus filhos, com meus netos e meu bisneto*” é representada por atores sociais ativos, pois a convivência entre as diferentes gerações se mostra igualmente recíproca. No entanto, ao ser realizada pela Circunstância, a agência sociológica é deixada em segundo plano. Nesse caso, a agência linguística foi mobilizada de modo que fosse possível a análise utilizando as categorias de van Leeuwen. O que indica que os atores sociais podem ser representados por sujeitos passivos ou ativos, e que nem sempre os papéis serão equivalentes nas duas agências. A terceira função a ser destacada é a *possessivação*. Para Florêncio:

A possessivação é a última das possibilidades citadas de realização gramatical do ator social. [...] os pronomes possessivos e os sintagmas preposicionais com a preposição de pós-modificando nominalizações são os recursos gramaticais que podem construir a representação do ator social, como ativo ou passivo. (2018, p.156)

Exemplo 32

Meus amigos estão todos em Vitória, meus melhores amigos, então eu gosto dessa coisa, em Vitoria tudo é perto, eu estou a 5 minutos de um amigo, 5 minutos da minha família, sabe? (EP1B2 – grifo meu)

Como se observa nesse exemplo, os pronomes possessivos referem-se ao ator social que é entrevistado, além disso, o sintagma nominal “a minha família” reforça essa noção de *possessivação* que, nesse caso, não construiu o ator social de forma ativa. Diferentemente, no Exemplo 33, o ator social representado pelo participante “minhas turnês” é o responsável pela sua própria empreitada, ou seja, embora seja representando linguisticamente por um pronome possessivo, o entrevistado é aquele

que vai começar as turnês e ninguém mais. A *possessivação* neste caso construiu um ator social ativo, pois só ele é capaz de começar as “suas turnês”.

Exemplo 33

Eu faço muita questão de começar minhas turnês aqui, virou meu ritual, assim, começar as turnês em Vitória [...] - (EP1B2 – grifo meu)

2.4.2.2 Personalização e Impersonalização

A *personalização* se materializa por meio de escolhas representacionais que personalizam os atores sociais, representando-os como seres humanos, através de pronomes pessoais ou possessivos, nomes próprios, substantivos e por vezes adjetivos:

Exemplo 34

O Instituto Preservarte, ele levou e continua levando o nome do Espírito Santo, muito pro Brasil e pro mundo inteiro [...]. (EP1B2 – grifo meu)

Nesse exemplo, observamos a *personalização* do Instituto Preservarte, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP)³⁹ que assume a responsabilidade pela promoção do Espírito Santo no mundo, uma característica humana. A *personalização* se divide em *determinação* e *indeterminação*. No caso da *determinação*, a *personalização* acontece quando a identidade dos atores sociais é, de alguma forma, especificada. A *determinação* está diretamente relacionada à participação desses atores em processos de transitividade seja na voz ativa quanto na voz passiva. Essa categoria da *personalização* se apresenta de forma mais complexa, uma vez que se subdivide em 4 grupos: 1. *associação* e *dissociação*; 2. *diferenciação* e *indiferenciação*; 3. *categorização* e *nomeação*; 4. *determinação única* e *sobredeterminação*. Neste recorte teórico da pesquisa, limitar-me-ei a algumas considerações sobre o par *categorização* e *nomeação*.

Os atores sociais podem ser representados de acordo com sua identidade única, podendo ser nomeados; ou segundo suas identidades e ou as funções que

³⁹ Sítio oficial do Instituto Preservarte: <<http://preservarte.org/instituto/>>. Acesso em 16 ago. 2020.

compartilham com seus pares, nesse caso, eles são categorizados. Essas representações distintas podem oferecer subsídios para a investigação sobre os tipos de atores sociais que são, em um dado discurso, nomeados ou categorizados. A *nomeação* acontece quando se observa a atribuição de uma identidade única ao ator social, seja apenas pelo sobrenome, com ou sem honoríficos (a *formalização*); nome e sobrenome (*semiformalização*) e apenas nome próprio (*informalização*):

Exemplo 35

O instituto começou com o sonho do Renato de que as pessoas aqui em João Neiva pudessem aprender música. (EP1B2)

Nesse exemplo, temos uma *nomeação* por *informalização*, o que pressupõe que o ator social em questão tem sua identidade conhecida pelos integrantes do contexto. A *nomeação* pode ainda apresentar algum título-*honorificação*, ou estar associada numa relação de parentesco-*afiliação*. Quando não há titulação tem-se a destituição. No que tange à *categorização*, esta se subdivide principalmente em *funcionalização* e *identificação*. Sobre a primeira, ela ocorre quando os atores sociais são representados em termos da atividade que desempenham (Exemplo 36):

Exemplo 36

O melhor professor foi formado aqui, aprendeu a fazer violino aqui no Espírito Santo [...]. (EP1B2)

Ao serem representados em relação àquilo que são, tem-se a *identificação*. Van Leeuwen (1997) distingue três tipos de identificação: *classificação*, *identificação relacional* e *identificação física*. No primeiro, o ator social é representado de acordo com categorias instituídas social e culturalmente, tais como idade, sexo, classe social, etc. (Exemplo 37):

Exemplo 37

Fala que a mulher é sexo frágil, mas isso é engano a mulher é sexo forte a mulher hoje tá tá trabalhando mais do que os homens. (EP1B2)

Esse exemplo ilustra a fluidez dessa categoria de representação do ator social, na medida em que não sendo fixa, ela varia ao longo da história e de acordo com a cultura. A figura feminina que era categorizada como frágil, se transformou, mobilizando outras representações. O segundo tipo de *identificação*, qual seja o

relacional, representa o ator social em termos de sua relação pessoal, de parentesco ou de trabalho (Exemplo 38):

Exemplo 38

Minha mãe dá aula até hoje aqui na Fames, aqui, ali atrás, então eu estudei música aqui no centro, eu vinha pra minhas aulas e ficava andando pelo centro [...]. (EP1B2 – grifo meu)

A *identificação* física constitui o terceiro tipo de identificação e ocorre quando a identidade de um ator social está associada a alguma característica física ou algum detalhe evidente. Diferenciando-se da *nomeação*, esse tipo de identificação repousa sobre um determinado atributo físico ao qual se associa algum tipo de conotação (Exemplo 39):

Exemplo 39

No instituto, a maior alegria tanto pra mim, quanto pro Gordinho, pros instrutores voluntários é esse amor que envolve o cuidado com o ser humano, sabe? (EP2B1– grifo meu)

A *indeterminação* ocorre quando os atores sociais são representados como indivíduos ou grupos anônimos, isto é, atores sociais não especificados. A *indeterminação* é normalmente realizada por pronomes indefinidos (alguém, alguns, algumas pessoas) usados em função nominal; através da partícula -se; do pronome de tratamento você, quando se refere a qualquer pessoa.

Após esse breve percurso sobre algumas categorias de análise do âmbito da *personalização*, passo, agora, a repertoriar a categoria da *impersonalização* e seus desdobramentos. Na *personalização*, o ator social é representado como ser humano e sua realização linguística, como vimos, ocorre de diversas formas. A *impersonalização* acontece quando não é possível identificar nos textos os atores sociais responsáveis pela ação. Isso ocorre pela ausência de pronomes pessoais ou possessivos ou qualquer outra marca linguística. Para van Leeuwen:

A impersonalização pode ter um ou mais dos seguintes efeitos: pode encobrir a identidade e/ou o papel dos atores sociais; pode fornecer autoridade impessoal ou força a uma atividade ou qualidade de um ator social; e pode acrescentar conotações negativas ou positivas a uma atividade ou enunciado de um ator social. (1997, p. 210)

Em geral, para se referir a esses atores sociais são utilizados substantivos abstratos ou substantivos concretos que não incluem o traço semântico humano. Van Leeuwen distingue dois tipos de *impersonalização*: a *abstração* e a *objetivação*. No que tange à *abstração*, o ator social é representado por meio de uma qualidade que lhe é atribuída no texto, como no exemplo a seguir, em que o chef de cozinha se refere a um determinado prato da culinária italiana por meio de uma relação metonímica.

Exemplo 40

Qualquer lugar do mundo se você fizer uma cozinha italiana você vai ser uma pessoa a mais, mas se você levar a cozinha do seu estado, do seu país, todo mundo vai te valorizar. (EP1B1 – grifo meu)

Em relação à *objetivação*, tem-se atores sociais representados por meio de referências a um local – *espacialização* (Exemplo 41); a um instrumento – *instrumentalização* (Exemplo 42); e ao enunciado – *autonomização do enunciado* (Exemplo 43).

Exemplo 41

O Espírito Santo não tem um acento, você reconhece um carioca falando, um paulista falando, um baiano falando, mas o capixaba é tudo junto, a gente não tem acento [...]. (EP1B1 - grifos meus)

Exemplo 42

As câmera hoje ajuda a gente bastante a divulgar a cultura da gente. (EP1B1 - grifo meu)

Exemplo 43

*< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Caraca algo do ES em alta no twitter !! Parabéns aos envolvidos
<#SomosCapixabas/> [T271 – grifo meu]*

No Exemplo 41, o ator social teve a sua representação realizada de acordo com o local onde ele habita. Essa representação poderia ter sido realizada por meio da categorização, como “*Os habitantes do Espírito Santo*”, ressaltando o caráter humano do enunciado, personalizando-o. No entanto, a escolha realizada colocou em evidência o espaço no qual ele está inserido e do qual pertence. Em 42, o ator social foi representado pelo seu instrumento de trabalho, ou seja, a *instrumentalização* confere à câmera o papel de divulgar a “cultura da gente”. Embora seja por meio desse instrumento que cultura é difundida, ela é operada por um agente humano, que ainda

se mostra essencial nos diferentes processos envolvidos. Em **43**, a *autonomização do enunciado* é percebida pela referência ao suporte veiculador do texto, isto é, a plataforma *Twitter*.

Seja na personalização quanto na impersonalização, quando os atores sociais são representados como pertencentes a classes ou a indivíduos específicos tem-se a distinção entre uma referência genérica e específica. Essa distinção será apresentada na próxima seção.

2.4.2.2.1 Generificação e especificação

Na representação dos atores sociais, a escolha entre uma referência genérica e uma específica é um fator importante, uma vez que esses atores podem ser apresentados como classes ou indivíduos específicos e identificáveis (van LEEUWEN, 1997). Essa distinção se torna relevante para este trabalho na medida em que permite identificar a maneira como o capixaba é representado em discursos em que ele próprio se manifesta, isto é, será que ele se posiciona como parte de um grupo ou se distancia dele no intuito de marcar sua individualidade? Van Leeuwen afirma que essa distinção reflete a classe social, pois quanto mais importante são os atores sociais, maior é a probabilidade de eles serem representados de forma específica, inversamente, quanto menos importantes são esses atores, maior a tendência em generalizá-los.

Muitas vezes, a *genericização* serve para atender objetivos específicos, como, por exemplo, na luta empreendida pela disputa dos *royalties* do petróleo na camada pré-sal, entre os anos de 2009 e 2011, como destacado por Machado (2011), em que todos os capixabas, independentemente de sua origem ou local de residência, foram convocados para fazerem parte dessa empreitada. Na ocasião, os quatro estados da região Sudeste se uniram, ignorando possíveis individualidades próprias a cada um.

A *genericização* pode ser realizada por meio da supressão do plural sem artigo, por exemplo, “Capixabas”, ou com a forma singular acompanhada de artigo “o Capixaba”. Em geral, os substantivos contáveis são empregados para a referência genérica sem artigo, no entanto, a referência específica também pode ser realizada desta forma. Assim, é preciso levar em conta outros fatores nessa distinção, como, por exemplo, o tempo verbal. Para van Leeuwen, o tempo “presente do indicativo”,

por designar ações habituais ou universais, é normalmente associado à referência genérica:

Exemplo 44

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Parabéns <@tvgazetaes/> por nos ajudar a lembrar que o capixaba e um povo extraordinário. <#SomosCapixabas/> [T209 – grifo meu]

A especificação pode ser realizada de duas formas: a *individualização* e a *assimilação*. O fato é que em determinados contextos é conferido um alto valor à individualidade, principalmente quando essa individualidade é relevante para os propósitos comunicativos ou, como no Exemplo 45, em que a simples menção do prenome do cantor já é suficiente para a sua individualização, dentro do contexto de exibição da série “Somos Capixabas”:

Exemplo 45

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

SILVA É MUITO LINDO MEU DEUS <#SomosCapixabas/> [T276 - grifo meu]

Já quando essa individualidade não é relevante ou está associada a “pessoas comuns” temos a *assimilação*, isto é, a identidade dos atores sociais é apagada, assimilada. A *individualização* está associada à singularidade, e a *assimilação*, à pluralidade. Van Leeuwen (1997) distingue dois tipos de *assimilação*: a *agregação* e a *coletivização*. A *agregação* relaciona-se à quantificação de grupos de participantes, tratando-os como “dados estatísticos”, o que não acontece com a *coletivização*. O autor afirma que:

A agregação desempenha um papel crucial em muitos contextos. Em nossa sociedade, a maioria governa, não apenas em contextos em que procedimentos democráticos formais são usados para chegar a decisões, mas também e especialmente em outros, por meio de mecanismos como pesquisas de opinião, pesquisas de mercado, etc. com base no “que a maioria das pessoas considera legítima”. Por essa razão, a agregação é frequentemente usada para regular a prática e para fabricar opiniões consensuais, mesmo que se apresente apenas como registro de fatos. (1997, p. 195, aspas no original)

A *agregação* pode ser realizada através de um quantificador definido ou indefinido como em “um grupo de capixabas” ou um numerativo “trinta por cento dos capixabas”, ou no Exemplo 46:

Exemplo 46

você tem um grupo de mulheres, liderando uma região, liderando um processo, de qualidade, de prova de café, de educação, é um sucesso total e vou te falar mais, reconhecido mundialmente, tá. (EP3B2 – grifo meu)

No caso da *coletivização*, ela repousa sobre a noção de pluralidade. No caso específico do *corpus* desta pesquisa, o povo capixaba é frequentemente coletivizado por meio do pronome “nós” ou do “a gente”, quando se quer representar o capixaba de forma homogênea, como parte de um grande grupo:

Exemplo 47

Nós estamos num momento em que a gastronomia capixaba cai como luva, que é do minimalismo, os pratos hoje, primeiro, devem ser com um mínimo de ingredientes [...] (EP1B1 – grifo meu)

Exemplo 48

A gente procura fazer aqui, procura fazer ali, cultura é isso, nós, é samba, é amizade, é saúde. (EP1B2 – grifo meu)

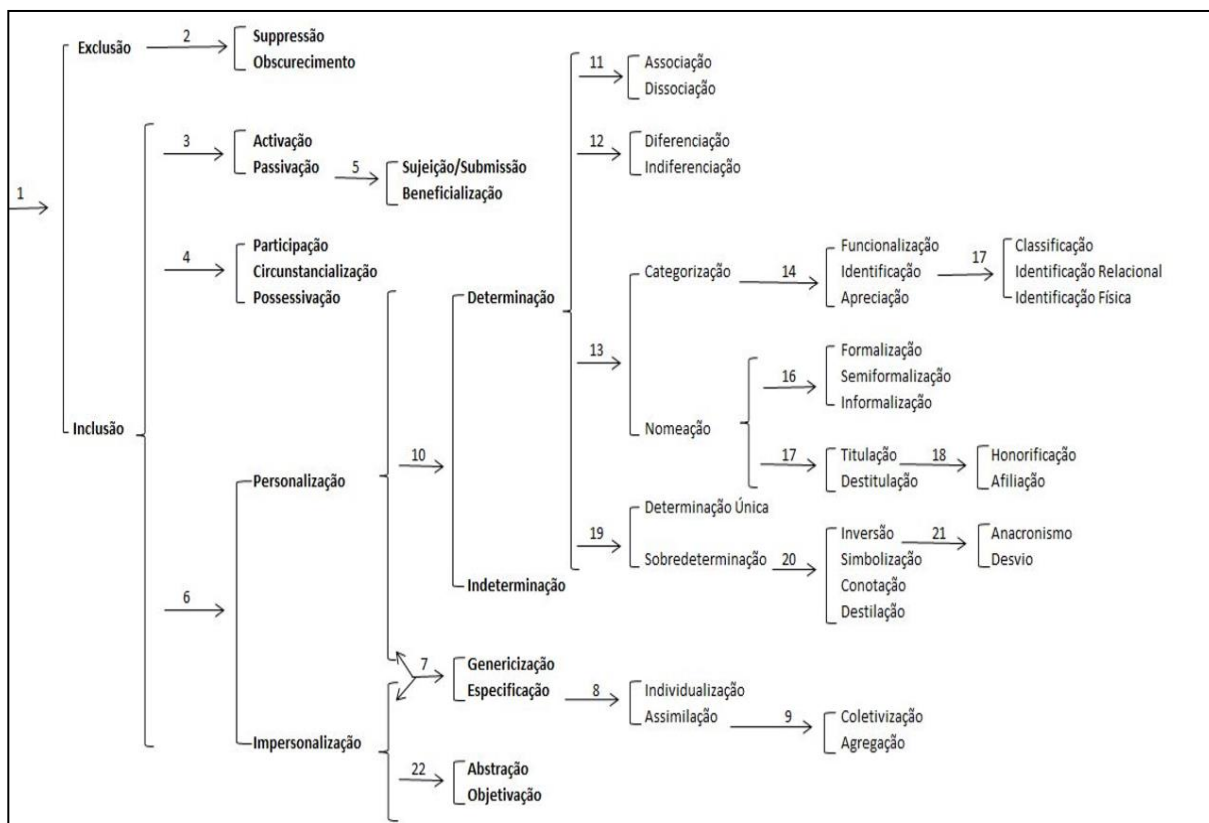
Nesta segunda parte do Capítulo 2, falei sobre os diferentes processos de exclusão e inclusão dos atores sociais. Finalizo, assim, esta seção em que fiz um breve inventário sobre as principais formas pelas quais os atores sociais podem ser representados em diferentes práticas sociais e discursivas. As diferentes maneiras de representação de atores sociais estão associadas, principalmente, aos objetivos a serem alcançados em relação ao contexto social e discursivo envolvidos. Além disso, as escolhas realizadas pelo ator social em práticas discursivas reais refletem a maneira como ele entende o mundo que o cerca e como o representa linguisticamente. Para van Leeuwen:

A rede de sistemas junta aquilo que os linguistas tendem a separar: envolve uma série de sistemas linguísticos distintos, tanto no nível léxico-gramatical como no nível do discurso, da transitividade, da referência, do grupo nominal, das figuras retóricas, etc., porque todos esses sistemas estão envolvidos na realização das representações dos atores sociais (1997, p. 216).

Por razões metodológicas, optei por não apresentar todas as categorias elencadas por van Leeuwen, enfatizando apenas aquelas que de alguma forma servirão aos propósitos desta pesquisa. Ressalto, todavia, que todas as categorias

estão repertoriadas na imagem a seguir, de acordo com o original, em tradução livre para o português:

Figura 1 - Representações dos atores sociais



Fonte: VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and practice**: new tools for Critical Discourse Analysis. New York, NY, USA: Oxford University Press, 2008, p. 5. Tradução em português, encontrada em SOUZA 2017 e FLORÊNCIO, 2018.

No próximo capítulo, apresento e discuto o percurso metodológico adotado nesta pesquisa na coleta e tratamento dos *corpora*.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O conhecimento científico é produzido com método, por pessoas especializadas em uma determinada área ou em um campo científico (BOURDIEU, 1983). O método na ciência visa minimizar a influência, a tendenciosidade, ou mesmo o preconceito do ou no pesquisador. Mesmo o melhor dos pesquisadores pode ser afetado por crenças pessoais e/ou culturais, especialmente quando lida com um tópico como a identidade social – algo que já vimos como sendo fluido e dependente do contexto.

Assim, ao optarmos por um método específico, estamos, ao mesmo tempo, minorando esses pontos que podem causar prejuízo à pesquisa e valorizando o nosso próprio fazer científico. Neste capítulo, portanto, discorro sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa, assim como justifico a seleção de dois *corpora*. Para tal, este capítulo está dividido em três seções. Na primeira, apresento o conceito de triangulação na pesquisa científica e explico os motivos pelos quais optei por essa estratégia metodológica na coleta e análise dos dados. Na segunda, apresento o *corpus* desta pesquisa, que é subdividido em dois *corpora*, e descrevo o processo de compilação de cada um deles. Na terceira e última parte, discuto especificamente o tratamento dos *corpora* e apresento os dados obtidos que constituirão o material a ser analisado no capítulo 4 desta tese.

3.1. A triangulação na pesquisa

Uma das principais dificuldades em lidar com *corpora* de linguagem autêntica é escolher a metodologia para sua coleta e validação. Inicialmente, é preciso decidir que tipos de dados coletar e como fazê-lo. No caso desta tese, dois tipos de dados se mostraram relevantes e necessários para a pesquisa sobre identidade capixaba. O primeiro *corpus* é composto de transcrições dos episódios da série “Somos Capixabas”. Como discuto mais adiante, apesar de a série ser abrangente e consistir em dados espontâneos de natureza oral, ela foi editada em algum estágio da produção. À sua maneira, ela mostra uma conceptualização do que é ser capixaba,

ainda que essa conceptualização advenha de uma visão sobre o *ser capixaba* do diretor da série ou de seus produtores. Como contrapartida, o trabalho também inclui um *corpus* espontâneo de natureza escrita, não editado. Esse segundo *corpus* consistiu em tuítes coletados da rede social *Twitter* por meio da *hashtag* #somoscapixabas. Assim, uma vez coletados todos os dados, foram obtidos dois conjuntos de informações oriundos de fontes distintas. Nesse sentido, recorri à estratégia da triangulação, que pareceu a mais adequada aos objetivos desta tese e que estão descritos no tópico **Introdução**⁴⁰.

A triangulação como uma estratégia metodológica consiste em olhar para o mesmo fenômeno, ou pergunta de pesquisa, a partir de mais de uma fonte de dados e sob diferentes perspectivas, o que enriquece a compreensão e amplia possíveis dimensões advindas desses múltiplos olhares. Para Azevedo et al (2013), a triangulação pode combinar dados provenientes de diferentes métodos e fontes de coleta de dados qualitativos e quantitativos, bem como diferentes métodos de análise dos dados, tais como a análise de conteúdo, a análise de discurso, métodos e técnicas estatísticas descritivas e/ou inferenciais. Para os autores, a triangulação:

contribui para estimular a criação de métodos inventivos, novas maneiras de capturar um problema para equilibrar com os métodos convencionais de coleta de dados. O uso de múltiplos métodos pode ajudar, ainda, a descobrir dimensões desviantes do fenômeno. Diferentes pontos de vista podem produzir alguns elementos que não se ajustam a uma teoria ou modelo. Assim, velhas teorias são modificadas ou novas teorias são desenvolvidas. Pode levar também a uma síntese ou integração de teorias. Um pesquisador habilidoso utilizará os dados qualitativos para enriquecer e iluminar os resultados dos métodos quantitativos e vice-versa. (AZEVEDO et al., 2013, p. 4)

Nesta pesquisa, o conceito principal estudado é a identidade, e nas principais teorias que abordam esse conceito ele é entendido principalmente como fluido, maleável. Embora algumas concepções se baseiem em essencialismos culturais e biológicos para a defesa de uma identidade fixa, como um produto, essa não parece ser uma posição com muitos adeptos. Logo, ao se pensar em identidade como algo fluido e maleável, a problemática que se coloca é como estudá-la como uma categoria analítica. Assim, apenas a utilização de uma estratégia metodológica com vistas a analisar esse conceito não pareceu muito relevante, já que o foco deste trabalho é

⁴⁰ Os objetivos são apresentados a partir da página 24.

estudar a identidade social de um povo específico. Lançar mão de diferentes métodos de coleta e, posteriormente, de análise, pareceu-me o melhor caminho a ser trilhado.

Outrossim, a estratégia da triangulação, embora não tenha se originado exatamente nas Ciências Sociais⁴¹, vem sendo muito explorada nessa área do conhecimento, justamente por conta dos objetivos das pesquisas desenvolvidas. Figaro (2014) destaca a viabilidade desta estratégia metodológica mesmo quando se trata de áreas distintas do conhecimento, o que está em jogo é a preocupação em se obter dados cuja relevância propiciam análises mais consistentes sobre o problema em estudo.

Nessa mesma linha, Denzin e Lincoln (2006) defendem o uso de diferentes métodos, na garantia de uma compreensão da profundidade do fenômeno em questão. Para eles, a triangulação é um caminho seguro para uma possível validação da pesquisa, “é a alternativa para se empreender múltiplas práticas metodológicas, perspectivas e observadores em uma mesma pesquisa, o que garante rigor, riqueza e complexidade a qualquer investigação” (2006, p. 19).

3.2 *Corpus* de pesquisa

O *corpus* desta pesquisa é dividido em dois sub-*corpora* que podem ser vistos como complementares para o estudo que propomos sobre a identidade capixaba. O primeiro sub-*corpus*, denominado *Corpus 1:TV*, é constituído de transcrições dos três episódios da série televisiva “Somos Capixabas”⁴², veiculada pela TV Gazeta, afiliada da Rede Globo no Espírito Santo, de 28 de julho a 11 de agosto de 2018, em comemoração aos 90 anos da Rede Gazeta. O segundo, denominado *Corpus 2:Tuítes*, é formado por um conjunto de tuítes coletados na rede social Twitter entre os dias 28 de julho e 11 de agosto de 2018, intervalo de exibição da série supracitada. Nos próximos subtópicos, descrevo mais detalhadamente cada um desses *corpora*.

⁴¹ Sobre a origem da triangulação ver DUARTE (2009). Sobre sua aplicação em análises linguísticas conferir EGBERT e BAKER (2016, 2020).

⁴² A segunda temporada desta série começou a ser exibida no dia 12 de outubro de 2019. No entanto, as análises e as discussões propostas nesta pesquisa se concentrarão apenas na primeira temporada que constitui o *Corpus 1: TV*.

3.2.1 “Somos Capixabas” - *Corpus 1:TV*

A primeira parte do *corpus* é constituída de transcrições⁴³ dos áudios dos três episódios da série televisiva “Somos Capixabas”. Esses três episódios foram veiculados nos meses de julho e agosto de 2018, em comemoração aos 90 anos da Rede Gazeta, maior grupo de comunicação do Espírito Santo. Em sua página oficial na internet, a Rede Gazeta apresenta seus objetivos e sua atuação no Estado:

Informar, entreter e prestar serviços de comunicação ao público capixaba e de regiões onde atue, com qualidade, ética e inovação, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico, cultural e da cidadania. Esse é o propósito estratégico que move os quase mil funcionários da Rede Gazeta. Maior grupo de comunicação do Espírito Santo, a empresa foi fundada em 1928, com o jornal A Gazeta, que há quase 90 anos circula diariamente por todo o Estado. Em 1949, a família Lindenberg assumiu o controle acionário do jornal e hoje é detentora de um grupo formado por 19 negócios, sendo dois jornais impressos diários (A Gazeta e Na!); um portal de notícias (Gazeta Online); um portal de anúncios online (Classificações); oito rádios (sendo CBN Vitória em AM e FM); quatro emissoras de TV aberta afiliadas à Rede Globo, com dois portais de notícias locais G1 Espírito Santo e o Globo Esporte Espírito Santo (afiliado à Rede Globo), além de uma empresa de soluções digitais, a Ative⁴⁴.

Essa apresentação permite entender a importância que esse Grupo exerce no Espírito Santo, tanto no que diz respeito à economia do estado, quanto na veiculação de diferentes tipos de informações, contribuindo na construção e divulgação da opinião pública. Outro elemento relevante para os propósitos deste trabalho reside no fato de que as reportagens publicadas nos jornais, tanto em versão papel quanto *online*, assim como as transmissões via televisão, conseguem alcançar todo o estado capixaba rapidamente. Este fato está ligado ao grande alcance da Rede Gazeta.

Assim, ao veicular uma série, cujo título já traz em seu bojo a afirmação da identidade do povo que habita as terras capixabas, a TV Gazeta parece ir ao encontro de uma realidade que se faz notar cada vez mais: a busca pela própria identidade, na defesa de uma coletividade e o pertencimento a um determinado grupo. Em reportagem publicada no sítio oficial do programa, o diretor, José Augusto Muleta, apresenta os objetivos que tinha em mente ao produzir essa série:

⁴³ Essas transcrições estão disponíveis no **Anexo A**

⁴⁴ Disponível em <<https://www.redegazeta.com.br/a-empresa/>>. Acesso em 12 mar. 2019

O objetivo sempre foi dar luz ao que o estado tem de melhor: o capixaba. Pessoas que vão lá e fazem acontecer. O programa destaca a força e a identidade do capixaba. Destaca os diferenciais e as riquezas desse povo que tem feito muita coisa boa e que merece ganhar luz para que todos possam ver. Somos Capixabas contribui para deixar em evidência que o capixaba é o protagonista da série, exibindo não somente os valores, como também fortalecendo a mistura e os progressos nos mais diversos setores existentes. Além de ajudar no fortalecimento do orgulho de ser capixaba, o programa uniu valores da mistura desse povo que tem destaques em todos os setores, sempre com superação e conquistas. Esta é uma importante oportunidade de ter um novo olhar para os capixabas e do capixaba para ele mesmo. Ressaltar seus valores e riquezas, tendo como base os depoimentos de pessoas que fazem a diferença e vão mostrar a força de quem constrói o melhor para o crescimento do estado.⁴⁵

Essa série foi amplamente divulgada nos mais diferentes meios de comunicação e alcançou resultados muito positivos para a TV Gazeta, sendo finalista na categoria “Melhor programa especial regional Afiliadas”⁴⁶, no 5ª Prêmio Globo de Programação, premiação que prestigia e reconhece a programação local e regional. Para a utilização dos episódios para a pesquisa, e como se trata de um material com direitos autorais, entrei em contato via *email* com o CEDOC (Centro de documentação e mídia eletrônica da TV Gazeta), apresentando a proposta de trabalho e pedindo autorização para utilizar os áudios na pesquisa. Após realizadas todas as formalidades burocráticas para fins de liberação do material, com assinatura de Contrato de Cessão de Direito por ambas as partes envolvidas, procedi à finalização da transcrição do material. Todos os episódios da série estão disponíveis site do *Gshow* dedicado à programação da TV Gazeta, na plataforma Globo.com⁴⁷.

Para as transcrições, acessei o *site* referido acima, que, até o momento da redação deste capítulo, disponibilizava livre e gratuitamente todos episódios. Ressalto a boa qualidade de imagem e som do *streaming*, o que contribuiu para uma transcrição sem grandes problemas. No entanto, em poucos casos, uma ou outra palavra não pôde ser transcrita, mesmo com a utilização de fones de ouvido. Tais lacunas não provocaram problemas de compreensão do todo, não causando prejuízo à pesquisa.

⁴⁵ Disponível em: <<https://gshow.globo.com/TV-Gazeta-ES/somos-capixabas/noticia/o-programa-destaca-a-forca-e-a-identidade-do-capixaba-diz-diretor.ghtml>>. Acesso em 15 fev. 2019.

⁴⁶ Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/tvgazetaes/vc-na-tv-gazeta-es/noticia/tv-gazeta-vence-o-5a-premio-globo-de-programacao-com-o-projeto-integrado-desfile-das-escolas-de-samba-do-es.ghtml> acesso em 24 fev. de 2019.

⁴⁷ Os episódios podem ser acessados neste sítio <https://gshow.globo.com/TV-Gazeta-ES/somos-capixabas/> acesso em 19 de agosto de 2020.

Como a análise das imagens está além do escopo da pesquisa desenvolvida nesta tese, elas não foram consideradas para as transcrições.

As transcrições foram realizadas sem indicações detalhadas sobre pausas, hesitações, barulhos. Respeitei, entretanto, as pausas normais na fala dos entrevistados, indicadas na transcrição com vírgulas, ponto e vírgula e ponto. Esse modelo de transcrição foi escolhido por esta pesquisa não estar inserida no âmbito da Sociolinguística Variacionista. O interesse aqui é no que os sujeitos falam, ou seja, no conteúdo de seus discursos, e não na maneira como eles se expressam⁴⁸. Por isso, acredito que detalhar os elementos fonológicos da fala em um texto transcrito não seria oportuno para os propósitos desta pesquisa.

Os três episódios foram veiculados em três sábados seguidos, à tarde, divididos em dois blocos cada um. Cada episódio começa e termina com pequenos questionamentos sobre o que é “ser capixaba”. Esses questionamentos não foram transcritos, uma vez que são expressos por funcionários da Rede Gazeta ou alguma personalidade pública que segue um roteiro pré-estabelecido de fala. A seguir, apresento um quadro com a divisão dos três episódios, especificação dos atores sociais envolvidos (entrevistados) e a duração de cada bloco. Cada episódio teve duração aproximada de 30 minutos, a série integral teve aproximadamente 1 hora e 30 minutos de exibição:

Quadro 5 - SEGMENTAÇÃO DA SÉRIE “SOMOS CAPIXABAS” DE ACORDO COM A EXIBIÇÃO ORIGINAL (continua)

Episódio 1	Entrevistados	Duração	Data da Veiculação
Bloco 1	5 entrevistados: Cacique da tribo Guarani; vice cacique da tribo guarani; chef de cozinha; presidente da associação das paneleiras de Goiabeiras; paneleira;	12 minutos e 39 segundos	28 de julho de 2018
Bloco 2	11 entrevistados: Sambista; atriz, bailarina e produtora de moda; cantor e compositor; violinista e professor; aluno de violino; luthier e empresário; presidente do Instituto Preservarte; luthier e professor; aluna de luteria; aluno de luteria; luthier e professor.	14 minutos e 20 segundos	

⁴⁸ O interesse pela maneira como os entrevistados falam ou as demais semiologias usadas para representar o capixaba e o estado podem se mostrar relevantes em trabalhos futuros, com o uso do mesmo *corpus*.

Quadro 5 - SEGMENTAÇÃO DA SÉRIE “SOMOS CAPIXABAS” DE ACORDO COM A EXIBIÇÃO ORIGINAL (conclusão)

Episódio 2	Entrevistados	Duração	Data da Veiculação
Bloco 1	8 entrevistados: Ex-presidente da Associação de Moradores de Regência; pescador de regência; presidente da banda de congo; pentacampeã mundial de <i>bodyboard</i> ; líder do circuito brasileiro de <i>bodyboard</i> ; técnico no Instituto Neymara Carvalho; coordenador executivo do projeto Amigos da Jubarte; bióloga e voluntária do projeto Amigos da Jubarte.	13 minutos e 15 segundos	04 de agosto de 2018
Bloco 2	7 entrevistados: pioneira do socol; engenheira de alimentos; turista; jornalista e produtor cultural; professor e produtor cultural; artista visual e músico.	13 minutos e 32 segundos	
Episódio 3	Entrevistados	Duração	Data da Veiculação
Bloco 1	6 entrevistados: Fundadora da Acacci; Presidente da ACACCI; superintendente da ACACCI; dona de casa; presidente da cooperativa de laticínios; guarda do Parque Estadual Pedra Azul.	12 minutos e 57 segundos	11 de agosto de 2018
Bloco 2	11 entrevistados: Produtora de café especial; degustador de café; cafeicultor, empresário e exportador; empresária; consultora da Lysa - cão guia robô; consultora Lysa; empreendedora social; diretora executiva Instituto das Pretas; DJ Gegeo; assistente de vendas; estudante.	14 minutos e 55 segundos	

Fonte: o Autor, 2020

Embora a série não apresente uma temática central para cada episódio, alguns padrões podem ser estabelecidos. No primeiro episódio, observamos um predomínio de aspectos socioculturais bem característicos do Espírito Santo: a comunidade indígena de Aracruz, as paneleiras de Goiabeiras e um chef de cozinha, conhecido nacionalmente. Temos também referência à música capixaba, com destaque para figuras emblemáticas da cena musical capixaba e nacional. O segundo episódio propõe um passeio por algumas cidades do estado, em geral, turísticas, destacando

o esporte, a gastronomia e a arte desses locais. O terceiro episódio volta-se para as associações beneficentes, as associações de moradores, as cooperativas de trabalho, e as iniciativas femininas de sucesso no campo da ciência e do empreendedorismo social. Essa série, sendo algo idealizado, ou seja, que foi pensado, roteirizado e editado, tende a transmitir um recorte positivo e bom de um “real” concebido pela Rede Gazeta para fins midiáticos. Isto é, representações positivas do estado e do capixaba que refletem em grande medida a visão do diretor e dos produtores da série. Assim, denominei este *corpus* de “ideal”.

3.2.2 “Somos Capixabas” - *Corpus 2: Tuítes*

Em um trabalho que pretende analisar e discutir aspectos envolvendo a identidade capixaba é essencial que o próprio capixaba tenha voz, que se coloque, por um lado, enquanto indivíduo e, por outro, fazendo parte de uma coletividade. Assim, uma das minhas primeiras inquietações foi justamente esta: como dar voz a esse capixaba e, ainda, como registrar essa voz e poder usá-la em um trabalho de pesquisa?

Inicialmente, cogitei a ideia de entrevistar diferentes capixabas, em diferentes cidades do estado, o que traria um recorte bastante relevante sobre como o capixaba se sente, se define e concebe suas percepções sobre si e sobre o Espírito Santo. Com a supervisão da professora Dr.^a Tania Shepherd, orientadora deste trabalho de pesquisa, elaborei um roteiro de perguntas envolvendo diversos aspectos relacionados ao ES, em termos sociais, culturais e linguísticos. Além disso, este questionário também abordava a questão da imigração no estado, cuja importância se reflete na própria construção identitária do povo espírito-santense, uma vez que diferentes povos, de diferentes nacionalidades, encontraram nessas terras o local ideal para firmarem suas raízes e recomeçarem uma nova vida. Esse fato é bastante emblemático e precisa ser levado em consideração quando pensamos em identidade capixaba.

No entanto, com o andamento da pesquisa, alguns obstáculos burocráticos se apresentaram, o que inviabilizou a utilização desse possível banco de dados⁴⁹. Frente a isso, decidi fazer um levantamento de outras fontes de informação que pudessem fornecer à pesquisa o recorte que buscava. Uma das primeiras ideias foi utilizar como fonte de pesquisa as redes sociais, já que nelas os internautas se sentem livres para comentar, criticar e reagir a diferentes publicações, ou seja, não seguem um roteiro de fala estabelecido. Dentre as várias possibilidades, aquela que pareceu a mais adequada para esta pesquisa foi a plataforma *Twitter*, uma vez que os textos nela publicados são curtos, com limites de caracteres, o que possibilita uma análise manual mais detalhada, além de funcionarem como a voz do internauta, divulgada em um mural virtual. Ademais, o estilo de escrita adotado no *Twitter* é ao mesmo tempo uma forma de identidade e uma solução de reconhecimento entre os seus utilizadores, isto é, uma escolha lexical, gramatical ou ortográfica, por exemplo, pode servir nessa plataforma virtual como um sinal de reconhecimento (VIDAK, 2016). Os padrões de linguagem podem, ainda, ser percebidos como uma forma de afiliação, uma vez que são usados no entendimento das relações estabelecidas entre os indivíduos (ZAPPAVIGNA, 2012).

3.2.2.1 Sobre o *Twitter*

O *Twitter* é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber diferentes atualizações tanto pessoais, de outros usuários, como profissionais, de empresas, de associações, e de organizações por meio de textos de até 280 caracteres, chamados de *tweets*, ou “tuítes”⁵⁰ na forma aportuguesada. Para Vidak (2016), essa forma curta, que remete à concisão, tem consequências linguísticas. Muitos usuários passam a adotar um estilo particular de escrita, bem como a inserção em seus textos de formas gráficas resultantes de combinações alfanuméricas. Para ele:

⁴⁹ Esse possível banco de dados poderá ser utilizado eventualmente em outras pesquisas cujo objetivo seja o olhar sobre a identidade capixaba.

⁵⁰ Como já percebemos uma utilização bem recorrente do termo “tuíte”, privilegiaremos nesta pesquisa a forma portuguesa, ao nos referirmos a palavra “*tweet*”.

As diversas ferramentas multimodais permitem ir além dos limites fixados: hashtag, link de internet, fórmulas de endereçamento ou conteúdo multimídia incorporada na mensagem. Essas ferramentas multimodais, que permitem a interconexão com outro conteúdo fora da mensagem, implicam na delinearização dela, ignorando assim o limite formal, mantendo o número de caracteres abaixo deste limite. O contexto de enunciação e o cotexto, portanto, desempenham um papel importante na interpretação de mensagens postadas. (2006, p. 3, tradução nossa)⁵¹

Uma definição bastante objetiva sobre essa rede pode ser encontrada em seu site oficial: “O Twitter é o lugar certo para saber mais sobre o que está acontecendo no mundo e sobre o que as pessoas estão falando agora. Quando acontece, acontece no Twitter.”⁵² De fato, o Twitter é, atualmente, uma das redes sociais que mais tem movimentado o mundo virtual. De acordo com site *Tecmundo*⁵³, essa rede contava em 2018 com 126 milhões de usuários ativos, ou seja, aqueles que acessam a plataforma regularmente. No Brasil, a quantidade de utilizadores ativos já ultrapassa a marca de 8 milhões.

Uma vez publicado, um tuíte pode ser consultado de duas maneiras: na linha do tempo do utilizador, que mostra todos os tuítes das contas às quais ele segue, ou dentro de uma série de tuítes organizados em torno de uma palavra-chave precedida pelo caractere que representa a cerquilha “#”, ou popularmente conhecido como “jogo da velha”. A junção desse símbolo e da palavra-chave forma a *hashtag* que é um tipo de indexação permitindo que se agrupem as mensagens, por meio do estabelecimento de conjuntos temáticos. De acordo com Cervulle e Pailler (2014), ao organizarem monólogos, diálogos, discussões coletivas ou paralelas, esses conjuntos temáticos tendem a produzir um efeito conversacional, ao mesmo tempo em que o emprego de uma determinada *hashtag*, por denotar uma vontade de se conectar, pode

⁵¹ O texto em língua estrangeira é: « les différents outils multimodaux permettent de dépasser les limites fixées : mot-dièse, lien internet, formules d’adressage ou contenus multimédia incorporés dans le message. Ces outils multimodaux, qui permettent l’interconnexion avec d’autres contenus extérieurs au message, impliquent la délinéarisation de celui-ci en faisant ainsi l’impasse sur la limite formelle tout en maintenant le nombre de caractères en dessous de celle-ci. Le contexte d’énonciation et le cotexte jouent ainsi un rôle important dans l’interprétation des messages postés. »

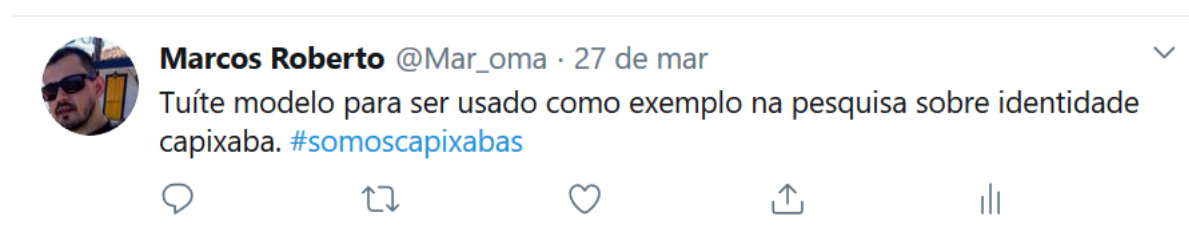
⁵² Disponível em <<https://about.twitter.com/pt.html>>. Acesso em 26 mar. 2020.

⁵³ Dados referentes ao ano de 2018, quando a primeira temporada da série “Somos capixabas” foi exibida e os tuítes que compõem o *corpus 2* desta pesquisa foram publicados. Esses dados podem ser encontrados em <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/144654-brasil-10-paises-usuarios-twitter.htm>>. Acesso em 26 mar. 2010.

ser considerada uma prática conversacional em si. Nessa mesma direção, Zappavigna (2014) afirma que as *hashtags* atribuem uma palavra-chave a um tuíte na forma de metadados que fazem referência ao tópico da mensagem conforme especificado pelo usuário, e essa relação pressupõe que outros usuários também irão adotar essa mesma *hashtag* como uma palavra-chave para um tuíte sobre o mesmo tópico. Dessa forma, as *hashtags* também estão amplamente envolvidas na construção da heteroglossia (Bakhtin 1981), no sentido de que seu uso implica uma comunidade virtual de interessados que podem ou não se alinhar com os valores expressos com a *hashtag*.

Assim, caso o usuário queira que sua publicação faça parte de um determinado conjunto temático, ele pode simplesmente utilizar o símbolo da cerquilha (#), seguido de uma palavra ou expressão que deseja indexar. Quanto mais usuários compartilharem a mesma *hashtag*, maior será a sua relevância e maior será a sua posição nos *Trending Topics*, que é um tipo de classificação dos assuntos mais comentados no momento. Como a quantidade de usuários que acessam e interagem na plataforma regularmente com as *hashtags* é bem alta, os *Trending Topics* mudam com uma certa rapidez, poucos são os assuntos que conseguem permanecer por horas na mesma posição, o que exige um grande engajamento dos internautas no compartilhamento de uma mesma *hashtag*. Logo, por ocupar um lugar importante nos usos mais comuns que se faz do *Twitter*, a *hashtag* constitui o nosso ponto de entrada metodológico. Sobre a composição do tuíte, ele é publicado, normalmente, da seguinte forma:

Figura 2 - Exemplo de tuíte



Fonte: https://twitter.com/Mar_oma/status/1243422558101229577>. Acesso em 27 mar. 2020

Em geral, há uma imagem em formato circular, ao lado de um nome fantasia (Marcos Roberto) que pode ser o nome real do usuário, uma palavra aleatória ou uma

frase qualquer. Esse nome pode ser mudado a qualquer momento nas configurações de perfil. Próximo ao nome fantasia, está o nome de usuário (@Mar_oma), sempre precedido pelo símbolo @ (arroba). É com esse nome que o utilizador é identificado na rede e pode ser encontrado por outros usuários, ele é único e não pode ser mudado. Observa-se, ainda, a data de publicação do tuíte e, logo abaixo, o espaço para o texto, cuja extensão total, incluindo as *hashtags*, não pode ultrapassar os 280 caracteres. E, por fim, no rodapé, há as diferentes funcionalidades. A figura abaixo, resume cada uma delas:

Figura 3 - Principais funcionalidades do Twitter

	Função Responder: permite reagir a um tuíte, respondendo-o ou deixando uma mensagem qualquer.
	Função Retweetar: permite replicar um tuíte de outro usuário, dando-lhe os créditos. O tuíte pode ser republicado direto ou com um comentário.
	Função Curtir: permite curtir um tuíte de outro usuário. É simbolizado com um coração vermelho que mostra que o usuário gostou da publicação.
	Função mensagem direta: permite enviar o tuíte via mensagem direta, não pública, salvar o tuíte ou copiar o link.
	Função estatística: permite ver as estatísticas de um tuíte publicado, por exemplo, quantas vezes as pessoas viram o tuíte e quantos engajamentos ele teve.

Fonte: o Autor, 2020, com informações colhidas no site oficial do Twitter:
<www.twitter.com>

Do lado direito dos três primeiros ícones retratados na figura acima, tem-se a contagem de interações, isto é, quantos comentários foram deixados no tuíte, quantas vezes ele foi replicado por outros usuários e quantas pessoas gostaram da publicação. Isso permite ter uma ideia da relevância da publicação e do engajamento dos usuários. Para um desempenho mais personalizado, é possível configurar as preferências nos diferentes filtros disponíveis.

3.3 Tratamento dos dados

Neste subtópico, discuto especificamente o tratamento dos dados obtidos, uma vez transcritos. Para a análise, e porque esses dados se mostraram numerosos, foram utilizadas duas ferramentas do programa *AntConc*⁵⁴, versão 3.5.8: a *Wordlist*, que cria uma lista dos itens lexicais mais frequentes em um *corpus*, e a “*Concordance*”, que permite visualizar a linha do texto em que um determinado item lexical selecionado aparece. Nas próximas seções, descrevo detalhadamente todos os processos realizados, envolvendo os dois *corpora*, até a extração final dos dados necessários à análise.

3.3.1 Corpus 1:TV

Após finalizada a transcrição dos áudios, separei os arquivos em pasta por episódio e em cada pasta dois arquivos, correspondendo a cada um dos blocos exibidos por programa:

Figura 4 – Divisão dos episódios da série

 Somos Capixabas - Episódio 1	Nome	Nome	Nome
 Somos Capixabas - Episódio 2	 EP1B1	 EP2B1	 EP3B1
 Somos Capixabas - Episódio 3	 EP1B2	 EP2B2	 EP3B2

Fonte: o Autor, 2020.

Nas subpastas correspondentes aos blocos, as transcrições foram individualizadas, isto é, o depoimento de cada ator social foi agrupado em apenas um texto. Isso foi necessário, pois a série apresenta vários cortes e o mesmo ator social (o entrevistado) aparece diversas vezes, em momentos distintos. Analisar a ordem original provocaria uma fragmentação dos depoimentos. Assim, reagrupei as

⁵⁴ Trata-se de um programa gratuito de análise de *corpus* textuais por meio de diferentes ferramentas. Disponível em <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Último acesso em 08 abril 2020

aparições do mesmo indivíduo em apenas um texto corrido. Cada texto é introduzido por um cabeçalho em que separo como metadados o nome do programa, o episódio, o bloco, as iniciais do entrevistado e sua profissão/ocupação, tudo entre os sinais de < e />:

<Somos capixabas
Episódio 2/Bloco 1
JS – Bióloga e voluntária do projeto Amigos da Jubarte/>

Estes sinais⁵⁵ < /> são necessários, para que as informações entre eles sejam tratadas pelo programa como exclusões. Em outras palavras, ao computar o total de itens lexicais contidos no *corpus*, o programa exclui aquilo que foi marcado como metadados (títulos, partes, participantes, etc.). Cada bloco foi salvo em um arquivo *txt*. (linguagem que pode ser lida pelo programa) totalizando seis arquivos, com o seguinte rótulo: EP1B1 = *Episódio 1; Bloco 1*. O arquivo principal foi nomeado com o rótulo “*Somos Capixabas*”, e o número correspondente à edição do programa: “*Somos Capixabas 1*”. Isso feito, inseri todos os arquivos no programa *AntConc*, que me apresentou o total geral de 8738 itens, sendo 1854 diferentes. Em seguida, utilizando a ferramenta “*Wordlist*”, procedi à extração dos dados. Da lista de palavras apresentada, retirei os itens de natureza gramatical que, naquele momento, não possuíam relevância para as análises, tais como artigo, preposição, verbo, conjunção, numeral, advérbio e interjeição e optei por selecionar os itens com frequência igual ou superior a 20, critério meramente aleatório, tendo em vista a necessidade de se estabelecer um recorte para análise. Assim, obtive a seguinte lista dos quatorze itens mais recorrentes:

⁵⁵ Esses sinais fazem parte de uma “linguagem” de anotação de corpora chamada XML. Para detalhes ver WYNNE (2005) disponível em <http://icar.cnrs.fr/ecole_thematique/contaci/documents/Baude/wynne.pdf>. Acesso em 09 abril 2020

Tabela 1 – Itens mais recorrentes no *Corpus* 1: TV

N	PALAVRA	FREQUÊNCIA
1	EU	164
2	GENTE	115
3	VOCÊ	51
4	NÓS	48
5	PESSOAS	48
6	ELA	39
7	ELE	35
8	NOSSA	32
9	ELES	31
10	ELAS	27
11	CAFÉ	25
12	MULHER	24
13	ESPÍRITO SANTO	22
14	DIA	20

Fonte: O autor, 2020.

Dessa lista, selecionei os quatro primeiros itens: EU, GENTE, VOCÊ e NÓS, e, com o auxílio da ferramenta “*Concordance*”, busquei todas as suas ocorrências no *corpus*, classificando-os em relação à transitividade, destacando os processos e os participantes envolvidos. No quadro a seguir, exemplifico o processo classificatório, apresentando o que foi feito em relação ao item “EU”:

Quadro 6 - Classificação do item “eu” em termos de processo e participante

ITEM ANALISADO: EU			
Ocorrência no texto	Processo envolvido	Participante(s)	Episódio
é uma escola e tanto pra galera, eu acho muito bonita a galera que vai surfar,	Mental	Experienciador	EP2B1
uma casa de tristeza, é uma casa onde eu acho que a palavra mestre é solidariedade.	Mental	Experienciador	EP3B1
e dia pensando nisso e as coisas aconteceram, eu acho que adolescente de hoje em dia, a	Mental	Experienciador	EP2B1
de pintar em periferias diferentes também, eu acho que as pessoas, elas estão ali e	Mental	Experienciador	EP2B2
Não gosto de nada fácil, eu acho que entrar numa comunidade, desbravar	Mental	Experienciador	EP2B2
fora daquilo ali, se você luta, você consegue. Eu acho que essa nova geração, nós todos temos	Mental	Experienciador	EP2B1
vêm e acontecem depois ninguém lembra mais, mas eu acredito que a gente tem de trabalhar o	Mental	Experienciador	EP1B2
em aqui, que elas são brasileiras, são capixabas. Eu acredito que esse ano vai dobrar ou até	Mental	Experienciador	EP2B1
fácil de lapidar em Regência, essas pessoas, então eu admiro muito essas pessoas que vem para Regência,	Mental	Experienciador	EP2B1
e eu ia ajudar ele, então, dos 10 aos 20, eu ajudei meu pai, e aí, eu aprendi pintar	Material	Ator	EP2B2
não aprendi a pintar com nenhum artista, eu aprendi a pintura com meu pai, eu soube	Material	Ator	EP2B2
eu aprendi pintar, sabe? Aí foi que eu aprendi pintar, eu não aprendi a pintar na	Material	Ator	EP2B2
dos 10 aos 20, eu ajudei meu pai, e aí, eu aprendi pintar, sabe? Aí foi que eu aprendi	Material	Ator	EP2B2
saúde, é bem-estar, é vida, não vê eu aqui, 70 anos, inteirinha?	Relacional	Portador	EP2B1
de poder, assim, poder falar assim “ei, sou eu aqui, aquela mulher preta aí que você não	Relacional	Identificado	EP3B2

Fonte: O Autor, 2020.

Essa classificação manual foi realizada para cada um dos quatro itens selecionados, totalizando 378 ocorrências identificadas.

3.3.2 Corpus 2: Tuítes

Ao decidir utilizar a rede social Twitter como fonte de coleta de parte do *corpus*, precisei optar por um recorte que fosse relevante para os propósitos deste trabalho. Como um dos objetivos desta tese é justamente estudar a forma pela qual o capixaba se identifica e que de forma essa identificação contribui para o estabelecimento (ou não) de um o conceito de identidade, estabeleci uma *hashtag* para guiar a busca: #somoscapixabas. A escolha dessa *hashtag* não foi aleatória, ela está associada

diretamente à série “Somos Capixabas”, cujos depoimentos, transcritos e tratados, fazem parte do *corpus 1*: TV desta pesquisa. A ideia era justamente repertoriar todas as publicações e interações no *Twitter* que citassem de alguma forma o capixaba ou o Espírito Santo. No entanto, era preciso estabelecer um recorte temporal e buscar os tuítes publicados nesse intervalo. Assim, utilizei como critério o período em que a série “Somos Capixabas” foi exibida pela TV Gazeta. Essa decisão baseou-se principalmente no fato de que, ao ser veiculada em rede aberta de televisão para todo o estado, essa série mobilizou os capixabas, ao propor um questionamento principal que ecoou ao longo dos três episódios: “O que é ser capixaba?”. Acredito que se tratava do momento ideal, pois havia algo que motivava o capixaba a se manifestar, a querer ter voz e a se apresentar como tal. Além disso, essas manifestações, conquanto motivadas pela série, foram reações espontâneas dos usuários do *Twitter*, em sua grande maioria, capixabas de diferentes partes do estado. Por isso, classifico esse corpus como um *corpus* real, diferenciado do *corpus* ideal, representado pelos textos transcritos da série televisiva. Nesse sentido, os tuítes dialogam diretamente com a série na medida em que parecem construir um ambiente discursivo de conversa em que os internautas compartilham entre si suas observações, críticas e pontos de vista sobre o que é “ser capixaba” tendo como pano de fundo a série.

Para a coleta dos tuítes, inicialmente, acessei a minha conta pessoal no *Twitter* @mar_oma⁵⁶ e, no espaço de busca, digitei a *hashtag* #somoscapixabas. Em seguida, com os resultados já apresentados, voltei à caixa de busca e selecionei a opção “Busca avançada”, obtive a seguinte tela:

⁵⁶ Esta conta é pessoal e foi criada em julho de 2009.

Figura 5 – Tela de Busca Avançada no Twitter

The image displays two side-by-side screenshots of the Twitter Advanced Search interface. The left screenshot shows the 'Palavras' (Words) section with filters for 'Todas estas palavras' (All these words), 'Esta frase exata' (This exact phrase), 'Qualquer uma destas palavras' (Any of these words), and 'Estas hashtags' (These hashtags). The right screenshot shows the 'Datas' (Dates) section with filters for 'Número mínimo de respostas' (Minimum number of replies), 'Número mínimo de curtidas' (Minimum number of retweets), and 'Número mínimo de Retweets' (Minimum number of retweets). The date range is set from July 28, 2018, to August 11, 2018.

Fonte: <<https://twitter.com/search-advanced>>. Acesso em 20 mar. 2020

Na busca avançada, é possível filtrar alguns resultados. Meu interesse era apenas o filtro de datas. Selecionei o período compreendido entre os dias 28 de julho de 2018 e 11 de agosto de 2018, respectivamente os dias de exibição do primeiro e último episódios da série “Somos Capixabas”. Nos resultados apresentados, não houve menção à quantidade de tuítes reagrupados, foi necessária, então, uma contagem manual.

No tratamento dos tuítes, e posteriormente a utilização do programa de análise, precisei copiar os textos individualmente para um programa de edição de texto, deixando-os em formato *doc.*, isto é, texto editável. Após a cópia do tuíte, apaguei quaisquer referências ao seu autor, anonimizando-o. Em seguida, utilizei os sinais < e /> para isolar aquelas informações que não seriam relevantes para a pesquisa. O tuíte modelo, após tratado, ficou com a seguinte configuração:

< [redacted] 27 de mar/>

Tuíte modelo para ser usado como exemplo na pesquisa sobre identidade capixaba. <[#somoscapixabas](#)/>

Nesse exemplo, apenas o texto “*Tuíte modelo para ser usado como exemplo na pesquisa sobre identidade capixaba*” seria processado pelo programa. Em vários

tuítes coletados, havia *hashtags* diferentes, endereços de sites, e menções a outros usuários, informações que, embora não fossem relevantes para a pesquisa, contribuíam para a forma final do tuíte, por isso, decidi não as apagar, isolando-as, de modo que o programa não as processasse. Ao final do tratamento, contei 557 tuítes publicados no período em estudo. Nesse montante, havia muitos tuítes institucionais, por exemplo, da própria TV Gazeta, divulgando a série ou propondo alguma interação com os usuários, telespectadores do programa. Outros tuítes não apresentavam nenhuma relação com o assunto da *hashtag* #somoscapixabas, utilizada apenas para dar visibilidade a um produto ou serviço, visto que em alguns momentos essa *hashtag* figurou nos *Trendings Topics*. Alguns apenas traziam essa *hashtag*, sem qualquer outro texto. Então, optei por limpar o *corpus*, eliminando todos os tuítes institucionais, da TV Gazeta ou de empresas ligada à Rede Gazeta (Rádio CBN, Rádio Litoral FM), bem como aqueles tuítes que não apresentavam nenhuma relação com a *hashtag* pesquisada. A extensão dos textos não foi um critério de escolha, há no *corpus*, por exemplo, tuítes com apenas uma palavra, seguida da *hashtag*, que são relevantes para a pesquisa, uma vez que são significativos em termos de expressão de identidade. Outros, trazem textos poéticos entremeados de símbolos denominados “emojis”. Esses tuítes foram limpos, deixei apenas a parte textual, já que o programa *AntConc* só processa textos. Feitas todas supressões, obtive um total de 303 tuítes que constituem o *Corpus* 2⁵⁷ desta pesquisa.

Para o tratamento dos dados deste *corpus*, adotei dois procedimentos distintos. Em um primeiro momento, analisei cada um desses tuítes, agrupando-os de acordo com a recorrência de temas. Busquei, então, organizá-los de modo a identificar alguns padrões discursivos e ter uma visão global sobre os assuntos mais comentados nos tuítes com a *hashtag* #somoscapixabas. Ressalto que o trabalho com os tuítes tinha como objetivo principal verificar de que forma eles corroborariam ou contrariavam a imagem positiva do capixaba e do Espírito Santo veiculada pela série televisiva. Com os dados obtidos, elaborei a seguinte tabela, cujos achados serão discutidos no Capítulo 4 (Seção 4.2):

⁵⁷ Esse *corpus* está disponível no **Anexo B**.

Tabela 2 – Assuntos recorrentes no Corpus 2: Tuítes (continua)

ASSUNTO DO TUÍTE	QUANTIDADE DE TUÍTES	EXEMPLOS
Manifestação de surpresa pelo fato de a hashtag #somoscapixabas figurar dentre os assuntos mais comentados no Twitter.	67	< [REDACTED] 7 de ago de 2018/> mano, não entendi ainda o pq meu estado está nos trending <#SomosCapixabas/> [T32] < [REDACTED] 4 de ago de 2018/> Muito feliz pelo es não estar nos trends por algo ruim <#SomosCapixabas/> [T67] < [REDACTED] 4 de ago de 2018/> <#SomosCapixabas/> ate o ES ta nos trends, sabem que a gente existe agora. [T88]
Tuítes destacando de forma positiva pontos turísticos do ES ou referências a cidades/distritos do estado.	48	< [REDACTED] 4 de ago de 2018/> Vocês já visitaram a Cachoeira Bonita que fica localizada no Parque nacional do caparaó? Se não visitou, vale a pena visitar. <#SomosCapixabas/> [T91] < [REDACTED] 3 de ago de 2018/> <#SomosCapixabas/> Pedra do Rêgo símbolo de nossa cidade Venda Nova do Imigrante; [T134]
Tuítes sobre o Espírito Santo: povo, política, território	31	< [REDACTED] 4 de ago de 2018/> Alô Governantes O Espírito Santo precisa ser divulgado, o Brasil merece conhecer essa terra Maravilhosa. <#SomosCapixabas/> [T90] < [REDACTED] 28 de jul de 2018/> O estado do Espírito Santo é incrível tem Italiano Pomerano Alemão Polonês Belga Africano índio <#SomosCapixabas/> [T282]
Elogios ao programa e à Rede Gazeta	29	< [REDACTED] 4 de ago de 2018/> Que ACERTO essa série <#SomosCapixabas/> da tv gazeta! Sensibilidade para retratar personagens do nosso estado, trilha sonora capixaba. Outra tv é possível! [T106] < [REDACTED] 4 de ago de 2018/> <#SomosCapixabas/> <#TvgazetaES/> orgulho de ser capixaba ,e está assistindo essa série maravilhosa. Parabéns <@tvgazetaes/> pela iniciativa [T124]

Tabela 2 – Assuntos recorrentes no *Corpus 2*: Tuítes (conclusão)

Comentários sobre gastronomia, música, arte, paneleiras, jeito de falar	29	<[REDACTED] 28 de jul de 2018/> aproveitando a tag pra dizer que moqueca écapixaba e o resto é peixada <#SomosCapixabas/> [T234] <[REDACTED] 28 de jul de 2018/> <#SomosCapixabas/> falando pocar em outros estados e ngm entendendo nada [T217]
Manifestação de orgulho em ser capixaba	23	<[REDACTED] 11 de ago de 2018/> Se descobri quem eu sou? Simmm! Sou de uma terra de valor, multicultural, de gente que faz a diferença. Com muito orgulho, SOU CAPIXABA!! Obrigado, Rede Gazeta <3 <#somoscapixabas/> [T11] <[REDACTED] 4 de ago de 2018/> E aquele orgulho que não cabe no peito de ser capixaba ♡♡♡♡ <#SomosCapixabas/> [T109]

Fonte: O Autor, 2020.

Uma vez identificados esses grupos temáticos, passei à segunda parte do tratamento, repetindo o mesmo procedimento metodológico realizado com o programa *AntConc* e descrito na seção anterior para o tratamento do *Corpus 1*: TV. Após o processamento, obtive 3684 palavras totais, das quais 1083 diferentes. Com a supressão dos itens funcionais separei aqueles com frequência igual ou superior a 20, critério meramente aleatório e o mesmo utilizado no *Corpus 1*: TV:

Tabela 3 - Itens mais recorrentes no *Corpus 2*: Tuítes

N	PALAVRA	FREQUÊNCIA
1	CAPIXABA	55
2	ESTADO	39
3	SANTO	30
4	ESPÍRITO	23
5	EU	23

Fonte: O Autor, 2020.

Levando em consideração a natureza dos itens selecionados e tendo em vista que este *corpus* servirá para corroborar (ou não) os achados no *Corpus 1*: TV, para

fins de análise apenas o primeiro item “capixaba” será escolhido. Assim, utilizando a ferramenta *Concordance*, do programa *AntConc*, busquei os contextos linguísticos de ocorrência desse item e diante dos resultados procedi à sua classificação em relação aos processos e participantes. O quadro a seguir mostra parte dos dados obtidos e que serão discutidos no próximo capítulo:

Quadro 7 – Classificação do item “capixaba” em termos de processo e participante

ITEM ANALISADO: Capixaba		
Ocorrência no texto	Processo envolvido	Participante(s)
descobrir que o silva é capixaba aaa que orgulho da terrinha	Relacional	Atributo
legítimos habitantes do estado! Sou capixaba , amo meu estado e tenho	Relacional	Atributo
sendo reconhecido. Eu também sou Capixaba ! Amooooo demaiaaaaa! falando pocar em	Relacional	Atributo
espírito santo lindo. Sou muito capixaba , choveu já estou toda encapotada	Relacional	Atributo
nos trends. Orgulho de ser capixaba ! Cidade Sol, com o céu	Relacional	Atributo
o Brasil onde todos. Sou capixaba com muito orgulho tenho orgulho	Relacional	Atributo
aos envolvidos, que série lindaaaaaa, capixaba com orgulho!!! Trabalho e Confio!	Relacional	Atributo
de agora. Sobre eu ser capixaba e a tag estar nos	Relacional	Atributo
capixaba. O resto, peixada. "sou capixaba e amo esse ES	Relacional	Atributo
coisa ruim? orgulho de ser capixaba , e está assistindo essa série	Relacional	Atributo
todos. em... Ouvir a população capixaba e fazer que as políticas	Mental	Fenômeno
no ES? Quando você é capixaba e se assusta com essa	Relacional	Atributo
ajudar a lembrar que o capixaba e um povo extraordinário.	Relacional	Portador
robô guia criado por uma CAPIXABA!	Material	Ator

Fonte: O Autor, 2020.

Finalizo aqui o capítulo voltado para a descrição de todas as etapas envolvendo a definição do *corpus* de pesquisa, sua coleta e tratamento. No próximo capítulo, trato especificamente da análise e discussão dos dados obtidos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste momento da pesquisa, apresento os dados extraídos dos *corpora* selecionados e os analiso à luz do arcabouço teórico discutido nos Capítulos 1 e 2. Para tanto, divido este capítulo em três partes. No primeiro, as discussões se concentrarão sobre o *Corpus* 1: TV, a partir dos dados coletados e tratados, demonstrarei como os atores sociais envolvidos se representam, isto é, como suas escolhas léxico-gramaticais, permitem a sua inclusão ou exclusão dos processos e que outros atores sociais são, eventualmente, mobilizados. Essas escolhas estão intimamente relacionadas às visões de mundo dos entrevistados e tendem a representar um recorte de sua realidade, são essas representações que nos interessam particularmente. Na parte 2 (Seção 4.2), o *Corpus* 2: Tuítes será o foco das análises. Nesse momento, além de apresentar breves reflexões sobre o conjunto de tuítes que compõem esse *corpus*, interessa-me também perceber como se dão as diferentes manifestações sobre o “ser capixaba” verbalizadas nos diversos tuítes, nos quais processos e participantes tendem a incluir e excluir o ator social. Por se tratar de um *corpus* “real”, isto é, não retextualizado, editado ou roteirizado, interessa-me, ainda, verificar como os internautas autores desses textos, em sua maioria capixabas, referem-se a si mesmos e quais representações sociais podem ser identificadas dessas manifestações. Finalmente, na terceira parte, (Seção 4.3) apresento algumas considerações preliminares, levando em conta os achados nas seções anteriores. Essas reflexões objetivam-se apontar possíveis semelhanças ou diferenças entre os dados dos diferentes *corpora*, a partir de uma visão triangular de análise dos dados, além de constituírem um ponto de partida para o estabelecimento de nossas conclusões, as quais responderão às perguntas desta tese.

4.1 *Corpus* 1: TV

Uma das primeiras questões que orientaram essa pesquisa em sua gênese versava sobre quem era o capixaba, ou seja, que identidade pode ser associada a esse indivíduo nascido em terras espírito-santenses. Ao dar voz ao capixaba, por meio de depoimentos gravados, editados e transmitidos em rede aberta de televisão, a TV

Gazeta permitiu, dentro das possibilidades e dos desafios de um programa deste gênero, que essa voz fosse ouvida por outros capixabas, ecoando nos quatro cantos do estado, com personagens reais, com histórias reais. Se pensarmos que este programa está integralmente disponível na Internet, podendo ser acessado livremente, percebemos o alcance dessa série e sua relevância em termos de divulgação midiática do estado do Espírito Santo e do povo capixaba. Assim, para tentar responder às perguntas desta pesquisa, apresento nesta sessão, as análises correspondentes ao *Corpus 1: TV*, tendo como base os quatro itens mais recorrentes neste *corpus* e que foram repertoriados no Capítulo 3.

Inicialmente, constatei que o item “capixaba”, bastante emblemático para esta pesquisa, não apareceu dentre os 10 primeiros mais recorrentes, o que poderia indicar processos de exclusão, nos termos destacados por van Leeuwen (2008). No entanto, ao selecionar os quatro primeiros itens, verifiquei que a inferência ao “capixaba” seria inevitável, ou seja, embora não esteja léxico-gramaticalmente representado nessa seleção, esse ator social está incluído nos depoimentos sob diferentes formas, com representações distintas e que serão investigadas de acordo com as categorias sociossemânticas do inventário de van Leeuwen (2008) e o sistema de transitividade de Halliday e Matthiessen (2014). Assim, a partir da observação dos dados, pode-se dizer que o capixaba, ao falar sobre si, o faz por meio de escolhas léxico-gramaticais, em termos de participantes e processos, permitindo a sua inclusão nos depoimentos e que aparecem repetidamente sob as seguintes formas:

Tabela 4 – Itens mais recorrentes no *Corpus 1: TV*

INCLUSÕES			
CAPIXABA	N	ITEM	FREQUÊNCIA
	1	EU	164
	2	(A) GENTE	115
	3	VOCÊ	51
	4	NÓS	48

Fonte: O Autor, 2020.

Já se esperava que os itens mais recorrentes fossem aqueles que diziam respeito ao próprio capixaba, pois os entrevistados falavam sobre si mesmos, em resposta a perguntas que versavam sobre a sua identidade, objetivo do programa.

Logo, a inclusão do capixaba se dá em sua maioria por meio de papéis participantes, como *Ator*, *Experienciador* e *Possuidor/Portador*, ou seja, atores sociais ativos no processo. Para van Leeuwen, um ator social pode estar ativo no texto quando é representado como agente em uma atividade, ou seja, alguém ou alguma coisa ativa e dinâmica, como é o caso da maioria dos itens acima relacionados. Além disso, essa inclusão se dá por *personalização* pois todos os itens referem-se atores humanos. Participantes ativos podem mobilizar participantes passivos, que são realizados por papéis, tais como *Beneficiário*, *Fenômeno* e *Atributo*, uma relação entre as duas entidades verbalizada por um determinado processo. Assim, ao se apresentarem como “eu” ou “a gente”, que outros participantes são inseridos e/ou excluídos nos depoimentos dos entrevistados e de que forma isso acontece? Essa pergunta será respondida nas análises individualizadas de cada um desses itens apresentadas a seguir.

4.1.1 Quem sou “eu”?

Na observação do item “eu”, nos dados extraídos pelo programa *AntConc*, constatei que ele se comporta de duas formas distintas. Na primeira, o item “eu” forma três tipos de padrões. Nesses padrões, ele é seguido de verbos diversos em tempos verbais igualmente distintos, nos quais o entrevistado faz referência a:

- a. Suas narrativas de vida, situações particulares - o “eu” é geralmente seguido de verbos no tempo passado:

Exemplo 01⁵⁸

[...] eu dediquei a minha vida para proteger a natureza. (EP3B1- grifo meu)

Aos 10 anos de idade, eu comecei a trabalhar com meu pai de pedreiro, meu pai é pedreiro e eu ia ajudar ele, então, dos 10 aos 20, eu ajudei meu pai, e aí, eu aprendi pintar, sabe? (EP2B2 - grifos meus)

⁵⁸ Por se tratar de um capítulo de análises, reiniciarei a contagem dos exemplos, que passam agora a ilustrar não apenas a teoria apresentada, mas, e sobretudo, a sua aplicação.

b. Suas experiências e *habitus* - com verbos no tempo presente:

Exemplo 02

Quando eu chego no barzinho que tem uma cachaça ruim, aí eu reclamo. (EP1B2 - grifos meus)

Eu me emociono de falar isso porque eu dediquei a minha vida para proteger a natureza. (EP3B1 - grifo meu)

c. Seus desejos e sonhos - através de marcas de *irrealis* como verbos *querer*, *desejar* ou o futuro:

Exemplo 03

Eu quero contribuir mais para o Estado, com a questão da educação. (EP1B2 - grifo meu)

Eu também agora não quero esse espaço não, eu quero outro e eu vou criar esse espaço. (EP3B2 - grifo meu)

Como é possível notar nesses três grupos, o item “eu”⁵⁹ representa o particular, e não necessariamente o capixaba tomado em termos de sua coletividade. Dessa forma, os padrões formados não seriam produtivos para esta pesquisa, pois não respondem às questões investigadas. Passo, então, à segunda forma em que o “eu” aparece acompanhado dos verbos *achar* e *acreditar*, perfazendo 8,5% do total de ocorrências. Nesses exemplos, o “eu” indica um posicionamento individual, isto é, opiniões e crenças particulares, no entanto, o ambiente discursivo se modifica, abrindo-se para a pluralidade de vozes:

Exemplo 04

Eu acho muito bonita a galera que vai surfar. (EP2B1- grifo meu)

Exemplo 05

Eu acredito que esse ano vai dobrar ou até triplicar a galera que vai fazer os passeios aí [...]. (EP2B1 - grifo meu).

⁵⁹ Para uma reflexão sobre o item “eu”, destaco o trabalho sobre a autorrepresentação da professora Sara Regina Scotta Cabral: CABRAL, S. R. S. Transitividade e auto-representação em um debate político. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 16, n. 1, p. 9-35, 29 jun. 2015.

Retomo o que destaquei na Seção 2.3, sobre as possibilidades de um texto ser monoglóssico (uma só voz) ou heteroglóssico (múltiplas vozes). Ao usarem recursos heteroglóssicos, os entrevistados reconhecem que pode haver outras perspectivas. Segundo Martin e White (2005, p. 93), esses recursos se apresentam de duas maneiras:

- a. expandindo o discurso através de discurso relatado, processos mentais seguidos de orações projetadas e verbos e expressões modalizadores, conjunções adversativas e concessivas, consideradas como recursos de contração – o que indica a existência de outros pontos de vista;
- b. contraindo o discurso através de orações negativas – o que refuta qualquer oposição por parte do “outro”.

Assim, no discurso oral, ou no discurso escrito com características de oral, quando se ouve/lê: “*Projeto Tamar é lindo se ver*” [T23 – grifo meu] temos uma afirmação monoglóssica (asserção pura). Esse tipo de asserção não admite pontos de vista contrários. A mesma asserção pode se transformar em discurso heteroglóssico de expansão quando incorpora itens como os verbos e expressões modalizadoras, por exemplo:

Exemplo 06

Eu acho que é isso aí, e para inspirar outras pessoas, outras gerações. (EP1B2 - grifo meu).

Nas 12 ocorrências do item “eu”, que me interessaram particularmente, temos dez do verbo “achar”, na construção “eu acho que...” e duas ocorrências do verbo *acreditar*, do tipo “eu acredito que...”. Os verbos *acreditar* e *achar* podem ser classificados como verbos que expressam processos mentais, com participantes ativos denominados de *Experienciador*.

Para van Leeuwen (2008), nos processos mentais, o participante ativo é aquele que pensa, sente medo, tem desejos e por isso deve ser humano, ou pelo menos deve ser tratado como tal, em outras palavras, precisa ser consciente. *Fenômeno* é o objeto do processo mental, ou seja, aquilo que é pensado, temido ou desejado, podendo ser realizado por uma oração ou por um grupo nominal (VAN LEEUWEN, 2008, p.34). Processos mentais tais como *achar* e *acreditar* se inserem numa perspectiva de

escolhas que incluem esse ator social no discurso (depoimento) como alguém que detém opiniões próprias e as expressa, ao mesmo tempo em que se abre à discussão, valendo-se dos recursos heteroglóssicos. Essa característica permite o reconhecimento de que outras perspectivas podem coexistir, sem, no entanto, inviabilizar o discurso do outro. Em outras palavras, esse ator social se mostra flexível em seus posicionamentos, autorizando ao interlocutor a expressão de concepções e pontos de vista eventualmente discordantes. Para Halliday e Matthiessen (1999), as orações mentais cognitivas expressam informações que podem ou não ser válidas, principalmente com processos do tipo *acreditar*, *pensar* e *considerar*, pois se relacionam ao ponto de vista do seu enunciador, abrindo espaço para uma possível interferência do ‘outro’. Esse expediente pode ser minorado com a presença de elementos negativos. Nos dados analisados em relação ao item “*eu*”, não encontrei nenhum processo do tipo “*eu não acredito que...*” ou “*eu acho que não...*”, nas quais a presença do advérbio de negação, elemento interpessoal, eliminaria o espaço para uma possível discordância de opiniões.

Nas expressões “*eu acho que...*”, “*eu acredito que...*” as orações substantivas objetivas diretas (orações projetadas) que se seguem representam o participante *Fenômeno* e dizem respeito à visão do mundo expressa léxico-gramaticalmente pelo participante *Experienciador*. Assim, olhando um pouco mais detalhadamente esse *Fenômeno*, percebe-se que a maioria deles mobiliza representações específicas. O ator social desses processos mentais que “*acha*” ou “*acredita*” inclui em seu discurso participantes que estão relacionados a um ambiente de coletividade. Essa inclusão é estabelecida de diferentes formas, como demonstrado a seguir:

Exemplo 07

*É nítido quando a gente, quando chega um café de uma mulher aqui, a gente sente mais delicadeza em todo o processo, ela consegue entender qual é o grão que está no estágio de maturação correto, então ela tem essa percepção, **eu acho que** é um pouco do cuidado, né, do detalhe que vem naturalmente da mulher e isso é muito importante. (EP3B2)*

Nesse exemplo, o ator social “*eu*”, representado como *Experienciador*, inclui a figura feminina no *Fenômeno*, associando-a algo positivo, uma vez que a mulher, ao se atentar ao detalhe⁶⁰, confere ao seu produto uma qualidade superior. A mulher é

⁶⁰ Ao falar sobre o papel da mulher na produção de um café de qualidade, o entrevistado ressalta em vários momentos a importância conferida à figura feminina, como se pode notar em outras partes do

incluída como um ator social que contribui significativamente para melhoria na qualidade do café, em um processo de *possessivação*, construído por meio do sintagma preposicional “da mulher”. Além disso, a inclusão desse ator social também se deu por *personalização*, pois se trata de uma figura humana e, como se relaciona a uma categoria que reflete aspectos sociais expressados pela sociedade, a categoria de gênero, tem-se aí uma identificação por *classificação*. Em outras palavras, as escolhas léxico-gramaticais do entrevistado permitiram a representação de um *Fenômeno* em que características positivas são associadas à mulher capixaba que lida diretamente com a produção de café. De acordo com o site do Incaper⁶¹ (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural), o Espírito Santo é o maior produtor de café conilon do Brasil e o terceiro quando se fala do tipo arábica. Ao apresentar o *Fenômeno* nesses termos, o entrevistado constrói representações positivas da mulher capixaba como aquela capaz de produzir um café de qualidade, sendo certamente um dos responsáveis pelo sucesso da cafeicultura espírito-santense. Outros exemplos com a estrutura “*eu acho que...*” em que o participante *Experienciador* constrói representações de outros atores, léxico-gramaticalmente apresentados como *Fenômeno* e inseridos num contexto de coletividade, são apresentados nos Exemplos **08**, **09** e **10**:

Exemplo 08

O que eu acho que é o grande valor da Acacci⁶² são as relações humanizadas, e pessoas que acreditam, todo mundo que está aqui, mesmo que seja funcionário, seja doador, seja voluntário, tem muito amor pra dar. (EP3B1- grifo meu)

depoimento: “A mulher é forte, acho que é o único ser na vida que faz várias coisas ao mesmo tempo: cuida casa, do filho, da família e ajuda, arruma espaço ainda pra ajudar lá na roça no café que é atividade principal nossa aqui. As mulheres sempre atuaram, sempre existiram, trabalhando no campo, na família, na casa, só não eram vistas porque todas ficavam lá no seu cantinho, e quem não é visto não é lembrado, né, é o que que aconteceu elas começaram a ser organizar e nós aqui nós começamos a trabalhar juntas e o pós colheita é fundamental porque o café tem de ser mexido várias vezes no terreiro e somente a mulher faz, e o café ‘cereja descascado’ que é o nosso produto aqui nosso produto principal, cereja descascado de qualidade, ele exige isso, ele exige uma dedicação muito grande, e só a mulher que sabe fazer, que é mexer, lavar o terreiro se for preciso, mexer várias vezes o café, juntar o café, e ela tem esse dom. Hoje no Brasil a gente tem 8 regiões que já tá trabalhando com esses núcleos de mulheres, né, da aliança internacional do café, nós representamos essas mulheres aqui no Espírito Santo e a própria indústria, os concursos de cafés já se pagam mais pelos cafés que são produzidos com, junto com a mulher na propriedade, né, que tem atuação da mulher na propriedade.” (EP3B2)

⁶¹ <https://incaper.es.gov.br/cafeicultura-conilon>, acesso em 27 de abril de 2020.

⁶² Associação Capixaba contra o câncer infantil, sítio eletrônico: <<https://acacci.org.br/>>

Nesse exemplo, o ator social, Acacci, participante *Fenômeno* do processo mental *achar*, está incluído por *assimilação*, que é um tipo de inclusão por *especificação*, quando há uma referência a tipos específicos, no exemplo, uma associação benéfica. Esse tipo de inclusão é recorrente nos processos em análise e demonstra a relação que o *Experienciador* estabelece com o seu interlocutor, pois se expressa a partir do seu local de fala e, embora esteja aberto a opiniões divergentes, a posição que ocupa, neste caso específico de Fundador da Associação, lhe permite reivindicar para si a veracidade do que diz. Esse fato é emblemático na medida em que para Halliday e Matthiessen (1999) um *Fenômeno* é compreendido como qualquer realidade que pode ser construída como parte da experiência humana, ou seja, são representações da realidade, linguisticamente construídas, podendo se apresentar como a representação de uma representação, como os recursos semânticos de projeção. No caso do *corpus* em análise, pode-se afirmar que ao opinar sobre a Acacci, o participante recorreu a informações com as quais lida diariamente, isto é, dados institucionalizados, cuja fonte seria de total conhecimento da Fundadora da Instituição.

Esse mesmo expediente pode ser encontrado nos dois outros exemplos a seguir. Em ambos, o ator social “eu” tem seu posicionamento respaldado pelo seu local de fala, isso confere credibilidade ao dito. No entanto, o *Fenômeno* só alcança a relevância pretendida ao ser associado ao autor do depoimento, cujo ofício é apresentado junto ao seu nome. Quando se apresenta esse tipo de informação, a inclusão do ator social é realizada por *honorificação*, um tipo de inclusão por titulação. Sem essas informações visuais, o depoimento tenderia a perder a relevância, o que não acontece, por exemplo, em **09** e **10**, a seguir. Por questões de anonimato, precisei apenas o ofício do entrevistado, o que manteve a força argumentativa do depoimento. Nesse sentido, a posição que o ator social ocupa confere credibilidade ao seu dizer:

Exemplo 09

Eu acho que o simples fato da informação chegar às pessoas já é algo revolucionário porque as pessoas não sabiam ou não sabem de tanta coisa maravilhosa que acontece aqui no Espírito Santo e quando elas ficam sabendo, a simples informação já é algo transformador [...]. **Coordenador executivo do projeto Amigos da Jubarte (EP2B1- grifo meu)**

Exemplo 10

As coisas, elas vêm e acontecem depois ninguém lembra mais, mas eu acredito que a gente tem de trabalhar o contrário, tem que fazer a história valer sim, tem que falar das pessoas, tem que mostrar os capixabas mesmo, que fazem, eu acho que é isso aí, e para inspirar outras pessoas, outras gerações. Atriz, bailarina e produtora de moda (EP1B2 - grifo meu)

Tendo em vista o que foi discutido neste item, podemos estabelecer as seguintes representações sobre o “capixaba”, quando este se apresenta como “eu”:

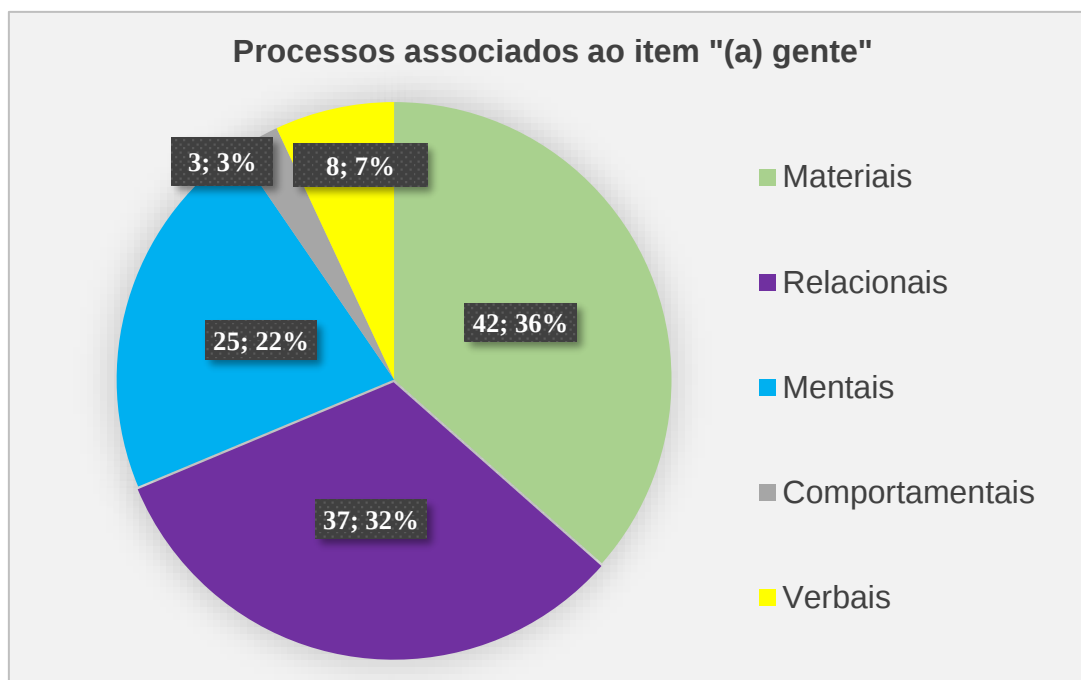
1. *Os capixabas participantes da série se veem como aqueles que se posicionam e que se abrem a possíveis opiniões divergentes;*
2. *Os capixabas participantes da série se percebem como aqueles que têm conhecimento do que dizem;*
3. *Os capixabas participantes da série se representam como aqueles que valorizam a presença do outro, pois quem não é visto não é lembrado.*

4.1.2 Quem é “(a) gente”?

Pensar numa análise pautada no item “(a) gente” é levar em consideração seu potencial argumentativo que, ao mesmo tempo em que inclui o enunciador, torna a referência genérica. Azeredo, em sua Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, ao apresentar traços característicos do português brasileiro, em oposição ao português lusitano, afirma que a expressão “a gente” é “genérica ou indeterminadora da pessoa do discurso” (2011, p. 549). Nesse sentido, embora o ator social esteja presente, isto é, incluído nas representações, ele é impersonalizado, a partir de um processo de *genericização*, como apontado por van Leeuwen (2008). A constatação de que a série televisiva tem como objetivo principal identificar o capixaba, com questionamentos ecoando ao longo dos três episódios, me permite concluir que o “a gente” ao qual os entrevistados fazem referência é, na verdade, o próprio “capixaba”. Outro detalhe que corrobora essa afirmação reside na ausência quase total do item “capixaba” no *corpus* em discussão, apesar de ele compor parte significativa do título da série. Na análise

dos dados pelo programa, obtive as seguintes ocorrências do item “(a) gente”, em termos de processos:

Gráfico 1 - Ocorrências do item lexical “(a) gente em termos de processos



Fonte: o Autor, 2020;

Os percentuais apresentados no gráfico correspondem aos seguintes dados, em número de ocorrências no *corpus* analisado: processos materiais 42, relacionais 37, mentais 25, verbais 8, comportamentais 3, ou seja, 115 ocorrências. Com esse resultado, percebe-se que o item “(a) gente” é verbalizado na maioria dos casos por meio de processos materiais e os três processos mais recorrentes, juntos, somam 90% do total. Por isso, as análises propostas a seguir terão como foco especialmente este grupo de processos.

Segundo van Leeuwen (2008), quando um determinado ator social não é apagado, ou seja, quanto a inclusão é percebida, sua representação pode aparecer em alguns padrões distintos, dentre elas a *ativação* e a *passivação*. A ativação ocorre quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas numa dada atividade e a passivação quando esses atores são representados submetendo-se a alguma atividade ou sendo receptores dela. No caso do processo material, definido como aquele de *fazer* e *acontecer*, o participante ativado é denominado *Ator*, o responsável pelo desenrolar do processo ao longo do tempo, modificando o seu

final. O ator social afetado por esse desdobramento é chamado de *Meta*. Outros participantes também aparecem nesse processo e são nomeados de *Escopo* e *Beneficiário*, participantes passivos. Dos 42 processos materiais obtidos, em um deles o item analisado desempenha o papel de *Meta*, em outro o papel de *Beneficiário*, em todos os outros, ele é o *Ator*, isto é, o “(a) gente” está envolvido em um processo no qual ele realiza algo:

Exemplo 11

As câmeras hoje ajuda a gente bastante a divulgar a cultura da gente. (EP1B1- grifo meu)

No Exemplo 11, “a gente” é a *Meta* pois recebe o impacto da ação representada pelo verbo “ajudar”, e sua inclusão se deu por *passivação*, já que se trata de um participante passivo. Já o participante ativo, alocado léxico-gramaticalmente como o *Ator*, é “as câmeras”. No entanto, apesar de ser a *Meta* do processo material *ajuda*, o ator social “a gente” é representado pelo *Dizente* do processo verbal *divulgar*. Ou seja, o mesmo ator social se apresenta de forma passiva ou ativa de acordo com a relação que ele estabelece com os outros participantes. No que diz respeito ao participante “as câmeras”, sua inclusão se deu por *instrumentalização*, na medida em que a representação do ator social se relaciona diretamente à atividade com a qual ele está associado. Dito de outra forma, ao optar por incluir o ator social responsável pelas filmagens dessa forma, o entrevistado confere maior importância à tecnologia, responsável pela divulgação de sua cultura, o que parecia não acontecer quando essa divulgação dependia apenas do humano. Esse excerto pertence ao depoimento do vice cacique do povo Guarani, aldeia localizada no município de Aracruz, e é bastante simbólico sob o ponto de vista das noções de identidade e diferença; afinal, para o cacique, quem é “a gente?”. Para responder a esta pergunta, é preciso mobilizar os dois tipos de exclusão propostos por van Leeuwen: *supressão* e *encobrimento*.

Exclusão por encobrimento: nesse tipo de exclusão, o ator social excluído pode ser identificado em alguma parte do texto. O ator social excluído do trecho é o próprio índio, responsável pela divulgação da cultura de seu povo, usando, para tanto, as câmeras. Esse ator social é a *Meta* do processo material “ajuda a gente” e *Dizente* do processo verbal “a gente bastante a divulgar a cultura da gente”, além de estar incluído por *possessivação* no grupo nominal “a cultura da gente”, *Verbiagem* do

processo verbal. Assim, o povo Guarani se constitui como tal na medida em que ele se difere de outros povos que não compartilham a mesma cultura. Fica bastante nítido esse distanciamento entre “a gente” e “você”.

Exclusão por supressão: neste tipo de exclusão, não é possível identificar o ator social excluído em parte alguma do texto. O ator social suprimido no excerto em questão pode ser os profissionais que operam os equipamentos usados no programa “Somos Capixabas”. No entanto, essa inferência é apenas contextual, nada no texto permite essa conclusão. Sendo assim, se essa foi a escolha do cacique, poderia haver aí uma tentativa de ajuntamento, na medida em que há um trabalho em conjunto entre os não indígenas e os indígenas na divulgação da cultura destes. Ou seja, uma aproximação entre “nós” e “vocês”.

Entretanto, na análise do depoimento do Cacique, bem como o do vice Cacique, percebe-se que essa exclusão foi por encobrimento, ou seja, os indígenas constroem representações sobre si em que ficam evidentes as diferenças entre eles e os demais povos. Nesse sentido, questiona-se como a noção de representação pode ser utilizada para o estabelecimento de identidades distintas entre o povo indígena e os não indígenas, incluindo, neste grupo, os capixabas. Para Woodward (2000, p. 8), “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”, representar significa, então, afirmar que “*meu povo Guarani é [...] muito resistente; [...] é um dos povo mais velho do mundo*”⁶³ (Exemplo 12). Para o Cacique e o vice Cacique, a identidade se estabelece pela diferença, e nesse exemplo ambas estão dependentes da representação. Silva (2000) afirma que é por meio da representação que a identidade e a diferença passam a existir. Aliás, ao reivindicar uma identidade para o povo Guarani, o cacique, como a figura de maior importância na aldeia, deixe entrever uma relação de poder, ligada diretamente à noção representação. Ora, quem tem o poder de representar, pode, igualmente, definir e determinar a identidade, ou, nas palavras de Woodward (2000, p.19), “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído”:

⁶³ Nesse exemplo, temos um processo relacional do tipo identificativo, em que “*meu povo Guarani*” é o participante *Identificado* e “*é muito resistente*”, e “*é um dos povo mais velho do mundo*” como *Identificador*. Para Fuzer e Cabral 2014, p. 69), nesse tipo de processo “um dos participantes tem uma identidade determinada”, sendo utilizada para identificar outra. Para as autoras, “esse tipo de processo serve para representar a identidade única de um ser.”

Exemplo 12

Meu povo Guarani ele mantém, ele é muito resistente porque meu povo guarani ele é um dos povo mais velho do mundo. Os guarani sempre mantém o seu costume, né, a sua língua, ainda mantém a maioria da cultura ainda muitas coisas ainda não acabou, né, então a gente tamos trabalhando para que não acabe a cultura nossa, né. Cacique (EP1B1)

Exemplo 13

Pra mim, realidade é isso, é floresta, é mato, é bicho, é rio, é nascente, isso que é pra mim realidade. A gente tem que pisar no pé no chão e sentir o chão. Meu povo guarani é muito totalmente diferente do não indígena porque a gente, a gente cria os nossos mais velho com respeito, a gente não põe os mais velho dentro de um asilo, pra nós graças a ela a gente tá vivo, porque ela lutou pra tá aqui. A gente fica feliz porque existe hoje câmara, né, as câmara hoje ajuda a gente bastante a divulgar a cultura da gente. Vice cacique (EP1B1)

Nas análises do *Corpus 1: TV*, o item “povo” apareceu 9 vezes, das quais 6 nos depoimentos do cacique e do vice cacique, veiculados no primeiro episódio, sempre inserido em um contexto em que identidade e diferença coexistem.

Exemplo 14

[...] elas trazem pra gente informações e às vezes passa despercebido, elas estão super conectadas [...] (EP2B1 - grifo meu)

Nos Exemplos 11 e 14, o item em análise não é representado léxico-gramaticalmente como o participante *Ator*. Foram as únicas ocorrências desse item em papéis não ativos. Em (11), temos o grupo nominal “a cultura da gente”, como a *Verbiagem* do processo verbal da oração “a gente a divulgar a cultura da gente” e em (14) como o participante *Beneficiário-Cliente*, que é aquele que se beneficia de um processo (FUZER; CABRAL, 2014). Nesses dois exemplos, o item em estudo não é representado como *Ator* e a sua inclusão se opera de forma positiva, seja reforçando o caráter cultural do povo, seja recebendo ajuda ou serviço.

A predominância do item “(a) gente” como participante *Ator* dos processos materiais repertoriados evidencia um tipo de inclusão por ativação, isto é, “(a) gente” é aquele que “começa”, “contrata”, “faz”, “desenvolve”, como indicado nos exemplos a seguir:

Exemplo 15

A gente começou com 6 voluntários incluindo os nossos maridos, hoje a gente contrata 70 pessoas negras a cada Bekoo, isso no dia do Bekoo, sem contar a quantidade de

peessoas que são contratadas no processo de pré-produção e de pós-produção, e isso é uma coisa muito legal. (EP3B2 – grifos meus)

Exemplo16

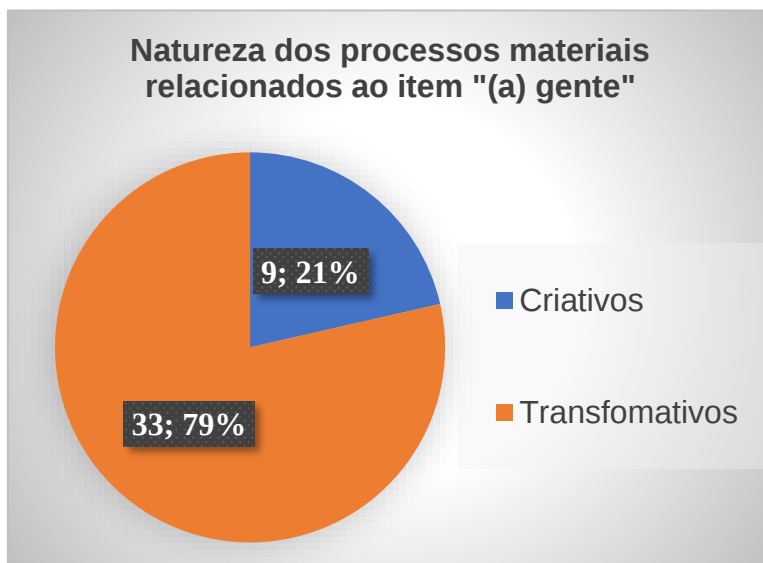
A construção do violino que a gente faz a gente segue a construção tradicional de violino, a mesma seguida há 500 anos atrás, por Antonio Stradivari, são as mesmas ferramentas, o mesmo verniz, o modelo do instrumento a gente vai seguir o modelo antigo. (EP1B2 - grifos meus)

Exemplos 17

[...] a gente já desenvolvia projetos voltados à Robótica pra, robótica educacional, e tinha uma aluna cega, lá, na escola e aí eu comecei a pesquisar com ela quais eram os desafios do dia a dia, isso me impactou e aí começou tudo. (EP3B2 - grifos meus)

Em todos esses exemplos, temos um participante *Ator* que, embora apresentado de forma genérica, é ativo nos processos, realizando diferentes tarefas. Retomando o que já fora mencionado no Capítulo 2, ao usarmos a linguagem fazemos escolhas tendo como fonte um conjunto de possibilidades, a escolha por um determinado processo está diretamente ligada aos objetivos quer se atingir na comunicação, mesmo que de forma inconsciente. Uma análise calcada nos preceitos da Gramática Sistêmico-Funcional procura entender como e por que um texto significa o que significa. Ao usarem o “(a) *gente*”, em uma possível substituição ao termo “*capixaba*” e verbalizarem-no em grande medida por meio de processos materiais, os entrevistados também optaram por conferir a esse processo uma natureza transformativa. Para Fuzer e Cabral (2014), as orações transformativas têm como resultado a mudança de algum aspecto em um participante que já existia. Tanto o *Ator* como a *Meta* são transformados. Os principais verbos que expressam essa natureza e que aparecem nos dados em ordem de recorrência são *fazer* (6), *trabalhar* (3), *ir* (3), *vender* (2) e *entrar* (2). Na análise da natureza dos processos materiais nas 42 ocorrências do item em questão, obtive o seguinte gráfico:

Gráfico 2 – Natureza dos processos materiais relacionados ao item “(a) gente”



Fonte: o Autor, 2020.

Nos processos materiais de natureza criativa, de acordo com Fuzer e Cabral (2014), o participante é trazido à existência no desenrolar do processo, passando a fazer parte do mundo. Para tanto, recorre-se a verbos como, *fazer, criar, produzir, emergir, construir*, entre outros. Nesse sentido, e de acordo com o gráfico, a predominância de processos do tipo transformativo mobiliza representações de um ator social que se envolve em alguma atividade já existente e que dela tira proveito ou a transforma, exercendo, assim, o papel ativo no processo.

Exemplo 18

Hoje a gente atende o Brasil e até fora do Brasil, a gente é mais reconhecidos na verdade fora do estado, fora do país, do que aqui mesmo. (EP1B2 - grifo meu)

Exemplo 19

Um tem que divulgar o outro, um tem que ir no espaço do outro, porque aí a gente se fortalece, principalmente em épocas de crise como agora [...]. (EP1B2 - grifo meu)

Exemplo 20

cara, isso é uma prova de que a gente não podia entrar nos lugares, eles me perguntaram porque eles são meus amigos, mas você acha que eles iam perguntar pros seguranças “segurança, posso entrar de chinelo e bermuda?” (EP2B2 - grifo meu)

Dos processos materiais do tipo criativo, em número de 9 no conjunto analisado, 6 deles são verbalizados por “fazer”, com traços mais concretos, do tipo: “a

gente conseguiu fazer um produto...” (EP3B2), “A construção do violino que a gente faz a gente segue a construção tradicional...” (EP1B2). Embora pouco presente nos dados analisados, esse tipo de processo material está relacionado principalmente a atividades manuais. Em outras palavras, as representações que podem ser estabelecidas sobre esse ator social, quando inserido em processos criativos, associam-no a um sujeito criativo e que se envolve diretamente em suas criações.

Os processos relacionais, o segundo em número de ocorrências no *corpus* em análise, isto é 32% do total, são aqueles em que se percebe uma relação entre duas entidades diferentes. As orações com processos relacionais são empregadas geralmente para representar seres no mundo em termos de suas características e identidades (FUZER; CABRAL, 2014) e são divididas em intensivas, possessivas e circunstanciais que, por sua vez, podem ser atributivas ou identificativas. Nas análises, constatei muitas orações relacionais do tipo possessivo atributivo. Do total de ocorrências, 68%, ou 22 padrões, foram construídas com o verbo *ter*, subdividindo-se entre aquilo que “*a gente tem*” e aquilo que “*a gente não tem*”.

Em relação ao primeiro grupo, ou seja, nas orações relacionais possessivas atributivas afirmativas⁶⁴, o ator social é representado pelo participante *Portador*, ativo no processo e que mobiliza um *Possuído* que se relaciona a algum símbolo cultural do estado, ou a uma característica particular. Assim, temos representações de valorização, na medida em que aquilo que “*a gente tem*” reflete naquilo que “*a gente é*”, como veremos mais adiante. Em outras palavras, o entrevistado, ao escolher esse processo tende a construir uma relação de posse em que a inclusão do *Possuído* valoriza o seu *Possuidor*, conferindo-lhe atributos positivos. Por isso, o grande número de orações relacionais possessivas do tipo Atributivas e não Identificativas.

Exemplo 21

a gente tem a baleia pertinho da gente, que elas nascem aqui, que elas são brasileiras, são capixabas. (EP2B1 - grifo meu)

Exemplo 22

A gente tem a sorte, nós capixabas, que poucas pessoas no mundo têm, de sermos contemplados pela migração das baleias Jubarte aqui na nossa terra [...] (EP2B1 - grifo meu)

⁶⁴ Para distinguir os dois grupos, classifiquei-os em “afirmativos” e “negativos”. Não encontrei na bibliografia consultada esse tipo de classificação.

Em tempos de valorização das riquezas naturais, frente às constantes agressões sofridas pelo meio ambiente, ter as baleias protegidas e fazendo parte da paisagem marinha capixaba mobiliza representações de um estado que parece compreender a importância da preservação, ao mesmo tempo em que se coloca numa posição de destaque, pois é o destino migratório das baleias Jubarte. Em outras orações relacionais, o participante principal se movimenta no sentido de reivindicar para a coletividade, incluída por *genericização* no uso do “a gente”, a necessidade de uma maior valorização de sua própria identidade, o que parece demonstrar que essa identidade ainda não é forte o suficiente para se fazer representar:

Exemplo 23

A gente **tem que ter** mais capixabismo dentro da gente, eu sou assim, eu sou capixabista mesmo. [...] (EP1B1 - grifo meu) (Chef de cozinha)

Nesse excerto, o participante *Possuído*, “mais capixabismo dentro da gente”, representa um posicionamento crítico em relação um aspecto que caracterizaria o capixaba, “o capixabismo”, mas que parece ainda não estar tão presente “dentro da gente”. Essa crítica vem associada a uma reivindicação identitária que ganha força na medida em que o entrevistado, sendo uma figura conhecida da cena gastronômica capixaba, detém certa relação de poder, pois seu lugar de fala é potencializado pelo papel social que ocupa. A relação estabelecida entre o *Possuidor* e o *Possuído* é reforçada pelo sintagma preposicional “da gente”. A inclusão do ator social léxico-gramaticalmente representado pelo *Possuidor* é realizada por *genericização*, em um processo relacional cuja presença do elemento interpessoal “tem que” coopera na construção de um ambiente de necessidade, ou seja, o “capixabismo” deve estar mais presente entre os capixabas. Ademais, ao salientar a pouca valorização que o capixaba confere a si mesmo, o *Possuidor* reforça essa representação negativa com a utilização do elemento interpessoal *mais* antecedendo o termo “capixabismo”, ou seja, o capixaba é aquele que não reivindica para si uma identidade que se pretenda representativa. No quadro a seguir, apresento outros exemplos do participante *Possuído*, associado ao ator social “a gente”:

Quadro 8 - Exemplos de processos relacionais possessivos

OCORRÊNCIA	EPISÓDIO
a gente tem muitas atividades	EP3B1
E tudo isso que a gente tem aqui no centro	EP1B2
a gente tem linguagem.	EP1B2
a gente tem muitas atividades, mas a principal nos últimos anos é o atendimento às pessoas dentro da unidade de conservação	EP3B1
a gente tem o convento da Penha, a moqueca Capixaba, o Congo, a Pedra Azul e tantos outros	EP2B1
uma forma da gente mostrar o carinho que a gente tem, trabalhando na natureza.	EP3B1
é a maior alegria que a gente tem	EP3B1
e essa beleza que a gente tem, é a natureza bem preservada	EP3B1
Por sorte nossa, a gente temos aqui uma escola,	EP2B1
então a gente tinha era pouca coisa	EP2B2

Fonte: o Autor, 2020 (grifos meus)

Nesses exemplos, nota-se que as escolhas léxico-gramaticais para o participante *Possuído* estabelecem uma realidade positiva para aquilo que o *Possuidor* tem: desde participantes que se enquadram no universo das coisas abstratas, como *alegria*, *beleza*, *linguagem*, até aqueles que se realizam concretamente, como *escola*, *convento*, *moqueca*. Em todos os casos, os elementos mencionados dialogam diretamente com o contexto capixaba, isto é, não são elementos aleatórios, foram selecionados e incluídos nos depoimentos com o objetivo de reforçar a importância que eles desempenham na construção de uma imagem positiva do estado. Essa representação está ancorada na valorização da linguagem, da cultura (Congo), da gastronomia (moqueca), das belezas naturais, elementos ligados intimamente à constituição de um povo, conferindo-lhe características que o diferem de outros povos. Esses elementos passam a funcionar como símbolos que representam o Espírito Santo e tendem a ser repetidos, pois estabelecem uma relação de diferença com os outros estados e, como afirma Silva (2000, p. 84), “a diferença é a parte ativa da identidade”.

No que diz respeito aos processos relacionais possessivos negativos, do tipo “*a gente não tem*”, as poucas ocorrências se limitaram ao turismo (Exemplo 24), ao sotaque (Exemplo 25), e ao trabalho (Exemplo 26), este último no depoimento do Cacique, mas que não se apresenta com força negativa, uma vez que a ausência de trabalho mencionada se refere ao ambiente fora da aldeia:

Exemplo 24

e a gente não tem um turismo forte, turismo envolve aquilo que os índios lá de Aracruz fazem [...]. (EP1B1)

Exemplo 25

A gente não tem acento, a gente tem linguagem [...]. (EP1B2)

Exemplo 26

a gente não temos trabalho lá fora, todo mundo trabalha aqui dentro [...]. (EP1B1)

No Exemplo **25**, embora se note a presença do elemento interpessoal “*não*”, as representações mobilizadas não são negativas, já que o ator social “*a gente*”, insiste sobre a ausência de “*acento*” (sotaque), mas ressalta a existência de uma “*linguagem*” capixaba, o que a torna, a seu ver, única. Aliás, existem muitas discussões no ambiente não acadêmico sobre o falar do capixaba, cujos questionamentos centram-se na possibilidade ou não da existência de um sotaque característico do Espírito Santo⁶⁵. Cientificamente, há pesquisas que investigam o falar do capixaba, como o Atlas Linguístico do Espírito Santo, trabalho desenvolvido pela professora Catarina Vaz Rodrigues (UFES-CNPq)⁶⁶. Em resumo, há poucas representações negativas sobre o estado nesse conjunto do que “*a gente não tem*”. Em geral, os atores sociais desempenhando papéis de *Possuidor* constroem suas representações do estado de forma positiva, ressaltando aquilo que de melhor o ES “*tem*”, por meio da inclusão de atores associados a diferentes aspectos de seus locais de habitação.

Os verbos *ser*, *estar*, segundo em número de ocorrência: 9 casos, ou 27% do total, caracterizam os processos relacionais do tipo intensivos, em que temos um *Portador* que se relaciona a um *Atributo*. Nesse processo, o *Atributo* vai caracterizar o *Portador*, conferindo-lhe algum traço específico. Acrescento a essa lista, duas ocorrências do verbo *ficar* que desempenha também esse processo. A seguir, reproduzo quatro exemplos em que o item em análise desempenha o papel de *Portador* e é seguido, portanto, de um *Atributo*. Este, servindo à caracterização desse participante, tende a conferir-lhe traços que dialogam de alguma forma com uma

⁶⁵ Neste artigo do jornal A Gazeta, destaca-se que Dialeto capixaba é rico em referências, mas tem a sua própria identidade <<https://www.agazeta.com.br/es/gv/ia-que-massa--estado-tem-vocabulario-e-sotaque-0818>>. Acesso em 28 maio 2010.

⁶⁶ Sobre esse assunto, há um trabalho produzido pela professora Catarina Vaz Rodrigues (UFES-CNPq) envolvendo o falar do capixaba, trata-se do Atlas Linguístico do Espírito Santo. Um resumo desta pesquisa pode ser encontrada em <<http://aneste.org/atlas-linguistico-do-esprito-santo-resultados-do-questionario-le.html>>. Acesso em 07 maio de 2020

identidade coletiva, uma vez que o ator social em estudo foi incluído por *genericização*, como já discutido anteriormente:

Exemplo 27

a gente é aberto a que as coisas aconteçam. (EP1B2 – grifo meu)

Exemplo 28

a gente é muito sortudo, elas escolheram nossa terra pra fazer sua migração, aliás elas são daqui, elas nascem aqui, elas são conterrâneas nossa. (EP2B1 – grifo meu)

Exemplo 29

Hoje a gente atende o Brasil e até fora do Brasil, a gente é mais reconhecidos na verdade fora do estado, fora do país, do que aqui mesmo. (EP1B2 – grifo meu)

Exemplo 30

de a gente ser natural de periferia e falar “não, obrigado, a gente não quer ir pra outro lugar” (EP3B2 – grifo meu)

Nota-se que apenas nos dois primeiros exemplos (27 e 28) tem-se a noção de coletividade presente, pois o ator social, incluído por *genericização*, é o capixaba. Nesses casos, o ator social “a gente” é alocado na função de participante *Portador* em processos relacionais do tipo atributivo. Os participantes “aberto a que as coisas acontecem,” e “é muito sortudo”, denominados de *Atributo*, mobilizam representações positivas do capixaba, já que esses participantes têm a natureza léxico-gramatical de construir uma qualificação para a entidade, e essa qualificação positiva é ainda potencializada pelos advérbios de intensidade (elemento interpessoal) *mais* e *muito*.

Nos outros exemplos, observam-se dois grupos distintos. No Exemplo 29, o “a gente” refere-se ao luthier e professor de violino, duas categorias profissionais bem específicas, além disso, temos aí um ator social passivado, mas sem a presença do agente da passiva. O entrevistado exclui essa informação, mas ela é facilmente inferida: são os habitantes do estado, os capixabas, que não conferem o devido valor a essa arte. Assim, essa exclusão por supressão permite a construção de uma representação negativa do capixaba, que minora a importância do ofício de luteria, provavelmente em razão da natureza deste ofício pouco conhecido. No Exemplo 30, novamente o ator social é um grupo específico de pessoas envolvidas em ações culturais no Estado.

O ator social “a gente” também apareceu com certa recorrência em processos mentais: 25 ocorrências, ou 21% do total de processos. Esses processos dizem respeito a experiências sensoriais e subjetivas no mundo de nossa consciência. Indicam afeição, percepção, desejo e mudam a percepção que se tem da realidade, servindo para a construção do fluxo de consciência do falante/escritor (FUZER; CABRAL, 2014). Eles são divididos em quatro tipos: perceptivos, cognitivos, desiderativos e emotivos. As orações mentais cognitivas expressam informações que podem ou não ser válidas, como *acreditar*, *pensar* e *achar*. As orações mentais desiderativas são realizadas por processos como *querer* e *desejar*, anunciando informações que não são reais, exceto pela vontade de alguém. Já as emotivas expressam graus de sentimento ou afeição e as perceptivas constroem percepções dos fenômenos do mundo com base nos cinco sentidos. No item em análise, constatee os diferentes tipos de processos mentais:

Tabela 5: Tipos de processos mentais

TIPOS DE PROCESSOS MENTAIS	OCORRÊNCIAS NO ITEM EM ANÁLISE PORCENTAGENS CORRESPONDENTES
Emotivo	5 – 20%
Desiderativo	5 – 20%
Cognitivo	6 – 24%
Perceptivo	9 – 36%

Fonte: o Autor, 2020

Levando-se em consideração a tabela acima, nota-se que a predominância de processos mentais do tipo perceptivo coopera na mobilização de representações do capixaba como aquele que se vale dos seus sentidos na compreensão e expressão da realidade ao seu redor. Em outras palavras, as escolhas léxico-gramaticais dos entrevistados fornecem pistas que incluem o capixaba como aquele que se constrói e se representa principalmente na maneira como compreende e percebe o mundo ao seu redor e esta visão é comum a seus pares:

Exemplo 31

Mas a gente tenta fazer a diferença, o esporte, ele resgata, o esporte ele faz a diferença, tanto é que a gente vê a Neymara aí, né cara, a filha dela seguindo o mesmo caminho. (EP2B1 – grifo meu)

Exemplo 32

*Por aqui hoje em dia já passam aproximadamente 20 mil baleias e aqui o **que a gente pode observar** através das pesquisas do JubarteLab, a plataforma científica do projeto Amigos da Jubarte, é que os padrões são essencialmente do comportamento de reprodução. (EP2B1 – grifo meu)*

A nomeação trata da atribuição de uma identidade única ao ator social. Nesse caso, a representação do ator social é feita a partir do uso de nomes próprios. No Exemplo 31, tem-se a inclusão do participante *Fenômeno* por *informalização*, um tipo de nomeação em que a inclusão se dá pela utilização apenas do primeiro nome do ator social. Nesse sentido, ao se referir à atleta apenas pelo seu prenome, pode-se inferir que ela já é conhecida pelo grande público, ou seja, uma informação já compartilhada. No exemplo seguinte, 32, o *Experienciador* introduz um *Fenômeno* que projeta uma outra oração: “*que os padrões são essencialmente do comportamento de reprodução*”, não representada por uma pessoa, mas sim por dados que podem ser acessados por qualquer indivíduo, via internet, ou seja, trata-se de dados públicos, com livre acesso⁶⁷. Além disso, “*os padrões*” é representado como um participante passivo, já que é o ator que recebe a ação de ser observado. Esse fato reforça ainda mais o papel do ator social “*a gente*” como ativo no processo, mobilizando representações positivas do capixaba, como aquele que é capaz de acessar dados científicos e compreendê-los.

Os dois últimos processos em número de ocorrências para o item “*a gente*”, foram respectivamente os verbais, 8 ocorrências, e os comportamentais 3 ocorrências. No que tange ao primeiro, as orações verbais constroem a representação de ações do âmbito do dizer. Das oito ocorrências, em sete o ator social “*a gente*” é representado como um participante ativo, ou seja, o *Dizente*:

Exemplo 33

Quando a gente fala de uma condição afetuosa, de uma condição digna para que se trate alguma doença, no caso o câncer infanto-juvenil, a gente tá falando do direito da criança e do adolescente, da sua família a ter isso da melhor forma possível. (EP3B1-grifos meus)

Embora com pouca recorrência de processos verbais, o que pode estar relacionado ao tipo de texto (depoimento) a predominância do “*a gente*” como o

⁶⁷ Esses dados são apresentados no site do projeto: <<https://www.queroverbaleia.com/>> acesso em 26 de maio de 2010.

participante ativo desse processo mobiliza representações de um ator social que se realiza no dizer, como no Exemplo 33, em que a repetição do processo confere maior credibilidade ao dito. Outra característica do processo verbal é a sua capacidade de auxiliar na criação de uma narrativa, o que permite uma abertura ao dialogismo, a outras vozes. Assim, outras fontes exteriores ao texto podem ser mobilizadas, como as citações. Nas ocorrências analisadas, não encontrei exemplos deste tipo, o mais próximo de uma inserção narrativa foi o excerto a seguir, em que o participante *Verbiagem* “*vamos fazer uma festa [...]*”, representado como o ator social passivo no processo, não pode ser considerado nem relato nem citação, mas, pela sua composição, representa um discurso citado, em que a voz do outro mistura-se com a voz daquele que o enuncia. Esse participante é representado por outra oração, e embora o recurso gramatical esteja elíptico, pode-se inferir por meio da desinência do verbo que se trata da primeira pessoa do plural “*nós*”. Nesse sentido, tem-se o “*a gente*” como o participante da oração verbal “*A gente falou*” e “*nós*” como participante da oração material “*vamos fazer*”. Nos dois processos, tanto o *Dizente*, no primeiro, quanto o *Ator*, no segundo, realizam o processo. No entanto, esses dois participantes se misturam, na medida em que o “*a gente*” é também representado como “*nós*” e vice versa.

Exemplo 34

A gente falou bem assim, vamos fazer uma festa, que é um lugar que a gente vai pra se divertir, um lugar nosso, território nosso, de mulher preta, pra não sofrer toda aquela coisa de machismo, misoginia, né, toda aquela, aquele assédio que rola. (EP3B2 - grifo meu)

No que diz respeito ao último processo associado ao item “*a gente*”, o comportamental, as três ocorrências apresentadas foram construídas com o verbo “*viver*”, representando um comportamento tipicamente humano. Nesse tipo de processo, tem-se o participante típico denominado *Comportante* que é um ser consciente.

Exemplo 33

A gente vive num Estado que mais mata mulher negra no país, então, assim as nossas iniciativas vão por esse viés de enfrentamento mesmo, né. (EP3B2)

As ocorrências desse tipo de processo apareceram em número bem reduzido, o que, acredito, esteja ligado ao tipo de pergunta ao qual os entrevistados foram

apresentados. Isto é, os entrevistadores não pareciam interessados em detalhes do dia a dia do capixaba, mas sim no que ele pensa, acredita e faz. Finalizo as análises do item “(a) gente”, estabelecendo as seguintes representações sobre o capixaba:

1. *Os capixabas participantes da série se representam como aqueles que fazem, são proativos e criativos;*
2. *Os capixabas participantes da série ainda não manifestam uma percepção muito definida sobre sua identidade;*
3. *Os capixabas participantes da série concebem de forma positiva o mundo ao seu redor, no que tange a personalidades e instituições de vulto do ES.*

4.1.3 Quem é “você”?

O terceiro item em número de ocorrências nos dados processados pelo *AntConc* foi o pronome “você”, com um total de 51 casos ou 13% do total de itens. Azeredo (2011, p.175) inclui o “você” no repertório de “palavras gramaticais cuja função referencial é identificar as pessoas do discurso”, isto é, os pronomes pessoais. Para ele, as formas *eu, nós, você, vocês, tu, vós* se referem a seres como atores da interlocução e por isso só podem estar associados a seres humanos, ou a não humanos personificados. Nesse sentido, três vias de compreensão podem ser estabelecidas sobre a identidade do “você” utilizado pelos entrevistados. Essas leituras relacionam-se ao entorno em que os depoimentos estão inseridos, ou seja, o Contexto de Situação. Assim, é importante se levar em consideração uma das variáveis desse contexto para se entender os movimentos entre os diferentes participantes, qual seja, a variável de Relação:

1. Pode-se entender esse “você” como uma referência direta ao entrevistador que, embora apagado na edição, é facilmente inferido, tendo em vista as características do gênero entrevista. Chamei esse expediente de “interação em ausência”. No Exemplo **34**, o vocativo “cara” permite inferir a relação dialógica entre o entrevistado e o entrevistador, reforçada pelo pronome

“você. Esse vocativo é repetido mais uma vez ao logo do depoimento, referindo-se explicitamente ao entrevistador:

Exemplo 34

Eu fiz uma exposição em Jardim da Penha, numa galeria de arte, e aí chegaram uns amigos do bairro pra ver a exposição, eles estavam de chinelo e bermuda, e aí eles falaram assim, “pô, pode entrar de chinelo bermuda aí?”. Cara, isso é uma prova de que a gente não podia entrar nos lugares, eles me perguntaram por que eles são meus amigos, mas você acha que eles iam perguntar pros seguranças “segurança, posso entrar de chinelo e bermuda?”(EP2B2 – grifo meu)

2. O “você” pode também estar se referindo aos telespectadores futuros do programa, ou seja, uma forma mais geral de se aludir aos capixabas, incluindo-os nessa “interação em ausência” com o entrevistador. Das 52 ocorrências do “você”, esta parece ser a mais frequente. Os entrevistados ao se valerem deste expediente tendem a generalizar o próprio dito, falando para uma audiência invisível, mas imaginada, como mostram os Exemplos 35 e 36:

Exemplo 35

A gente incentiva a eles pensarem fora da caixinha, fora de uma realidade que as vezes é muito triste, mas que se você sonha fora daquilo ali, se você luta, você consegue. (EP2B1 - grifo meu)

Exemplo 36

Ser paneleira, é ser um artista ali do barro, você imagina você pegar uma terra ali, um barro e fazer uma panela pra você cozinhar, que emoção é muito prazeroso isso aí. (EP1B1 - grifo meu)

3. A terceira possibilidade de compreensão do item em análise reside nas formas em que se percebe um distanciamento entre o capixaba e o sujeito representado pelo “você”. Ou seja, diferentemente do que foi apresentado no item anterior (2), aqui a referência genérica exclui o capixaba, na medida em que estabelece uma relação com outro sujeito, gramaticalmente representado pelo pronome “eu”.

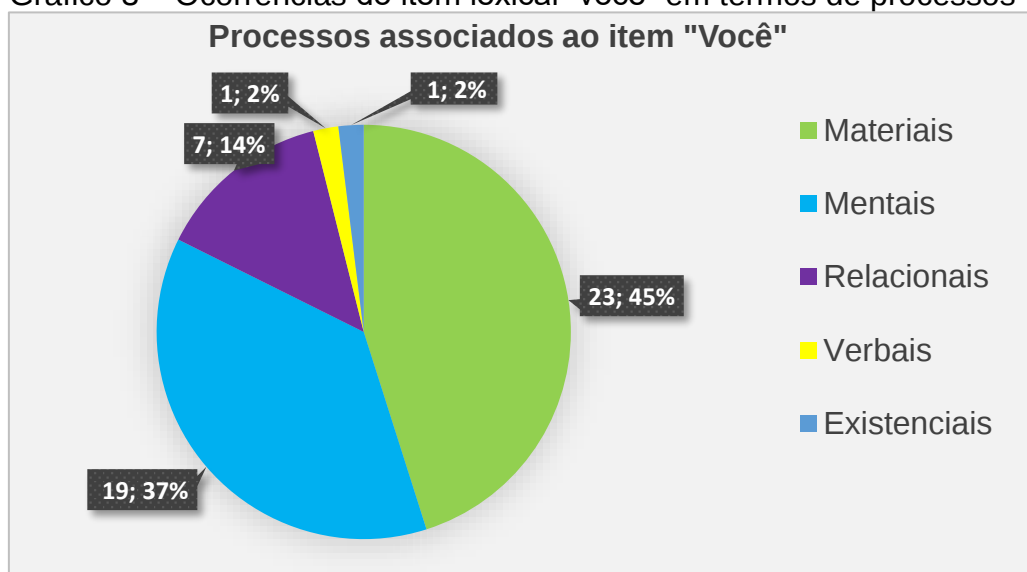
Exemplo 37

Eu estive em Singapura apresentando a Lysa e foi um orgulho muito grande porque eles ficaram impactados, o que você faz no Brasil, aí eu faço no Espírito Santo, na Serra. (EP3B2 - grifo meu)

Neste exemplo, o ator social incluído é representado pelo pronome “eu” e se refere a uma empresária capixaba que desenvolveu um robô para auxiliar deficientes visuais. Já o “você” é uma referência genérica para qualquer brasileiro que não seja capixaba. Embora representando atores sociais distintos, a relação entre eles constrói uma representação positiva do capixaba, na medida em que deixa evidente a competência deste no desenvolvimento de projetos locais, comparáveis àqueles desenvolvidos no âmbito nacional. Na análise das ocorrências, constatee apenas 4 exemplos deste tipo.

Ao se levar em conta todas as 51 ocorrências desse item no corpus analisado, em 92% o ator social inferido é o capixaba. Nos dados analisados, esse item apareceu com maior destaque em três processos, respectivamente, material, mental e relacional. A figura abaixo apresenta o número de ocorrências e as porcentagens correspondentes:

Gráfico 3 – Ocorrências do item lexical “você” em termos de processos



Fonte: o Autor, 2020.

No que diz respeito aos processos materiais, das 23 ocorrências, obtive 16 verbos distintos, dos quais *fazer* aparece quatro vezes, seguido de *lutar* e *chegar* duas vezes cada um. Em relação aos participantes, em 20 processos o ator social é incluído por *ativação*, desempenhando o papel léxico-gramatical de *Ator*, como nos Exemplos **38** e **39**:

Exemplo 38

*A cooperativa, ela é uma entidade que por si só já é, tem uma característica social, né, é você, é uma empresa que **você cria** com várias pessoas pra se desenvolver com um objetivo único, pra se ajudarem mutuamente, fazer pensando nas pessoas, pros nossos consumidores, os colaboradores, os cooperados, é uma união de pessoas, fazendo pra pessoas e nós fazemos com orgulho também essa produção e dizer que nós somos do Espírito Santo, um povo com uma característica diferenciada, uma agricultura, por exemplo, baseado na agricultura familiar, um envolvimento da mulher nesse propósito da cooperativa, nós temos até inclusive o núcleo feminino, a participação da mulher. (EP3B1)*

Exemplo 39

*O que me chamou a atenção é de o Espírito Santo ser um lugar fértil, o que **você colocar** aqui dá certo. (EP1B2)*

No Exemplo **38**, tem-se uma utilização particular do item “você” que não é contemplada pelas gramáticas tradicionais, pois ainda que indefinido, o item também inclui aquele que o enuncia, ou seja, o “eu”. Observa-se, aí, uma referência genérica que é, ao mesmo tempo, compartilhada com o seu enunciador. Além disso, nesse processo criativo, vários atores estão envolvidos, o que demonstra a capacidade de organização em equipe, numa perspectiva social, com objetivo compartilhado entre seus pares. Esse trabalho em conjunto vem resultando em benefícios para todos. No Exemplo **39**, observa-se a construção de uma representação positiva do ES, na medida em que ator social “você” estabelece uma relação com o Espírito Santo, incluído por *circunstacialização*, no processo material *colocar*. Nesse caso, a circunstância de lugar, representada pelo elemento interpessoal “*aqui*”, se mostra essencial, não apenas localizando o evento geograficamente, mas também apresentando característica própria às terras capixabas. Essa representação positiva do estado é reforçada pela natureza do processo material, neste caso, do tipo transformativo. Sobre isso, dos 16 verbos distintos que desempenham processos materiais, 13 são do tipo transformativo e 3 do tipo criativo. Ou seja, tem-se a representação de um ator social, incluído por *ativação*, capaz de provocar mudanças naquilo a que se dedica:

Exemplo 40

Você pegar uma madeira e no final você ver o processo todo prontinho, o violino todo certinho, é muito lindo, muito, só quem faz aí vai saber realmente qual é a sensação. (EP1B2)

No que diz respeito à natureza criativa desse processo, o verbo *fazer*, assim como constatado na análise do item “a gente”, (*subtópico 4.1.2*) foi o mais presente. Nas três ocorrências em que o item “você” não é um participante ativo, tem-se um ator social incluído por *circunstancialização*, o que pode indicar participantes passivos, recebendo algum serviço ou sofrendo alguma intervenção:

Exemplo 41

E assim a gente tá aberto assim a todo tipo de cliente, né, desde o iniciante com ajustes, restauros até o profissional que quando ele chega pra você, ele quer o instrumento da forma que ele precisa. (EP1B2 - grifo meu)

Exemplo 42

A gente quer dançar sozinha, quer dançar até o chão, mas sozinha, sem homem sarrando em você [...] (EP3B2 - grifo meu)

Exemplo 43

só você correr atrás, não pare de batalhar, lute, lute por você, não pense nos outros não, eu Geovana, estou lutando por mim mesma porque ninguém vai fazer o que eu faço. (EP3B2 - grifo meu)

No Exemplo **41**, temos a representação do ator social indicando a *Circunstância* de lugar, ou seja, ele está representando o local onde trabalha e onde executa os serviços pedidos. Embora a inclusão seja por *circunstancialização*, como participante passivo, esse ator social será o responsável pela fabricação do instrumento pedido, ou seja, um ator social ativo. Nesse caso, a agência sociológica foi deixada em segundo plano, na medida em que parece mais relevante marcar o local/meio da realização do trabalho do que necessariamente quem o realizará. No Exemplo **42**, o ator social é igualmente representado como a *Circunstância*, pois o verbo “sarrar”, é seguido pelo grupo preposicional “em você” que indica o destino, o local das carícias, do assédio. Observa-se um participante também passivo, inserido em um contexto em que há um nítido desejo em não ser tocado sem autorização. Em **43**, constata-se outro tipo de inclusão por *circunstancialização*, neste caso, de *benefício*. Embora a inclusão tenha sido feita pela *Circunstância*, trata-se de um ator social ativo, pois é responsável pela sua própria luta. Esses três exemplos demonstram que quando o “você” não é alocado na função de *Ator*, ele segue padrões léxico-gramaticais ligeiramente distintos. Além disso, mesmo quando ele é representado por um participante passivo, a agência sociológica, deixada em segundo plano, mostra a força ativa desses atores,

seja na construção ou reparo de instrumentos para profissionais ou numa atitude ativa de repúdio ao assédio. Isso corrobora o que van Leeuwen (2008) afirma sobre o conceito de Agência, na medida em que a agência sociológica nem sempre é instanciada pela agência linguística. Em outras palavras, os agentes representados linguisticamente nos textos podem se distanciar da função gramatical de agente, isso está relacionado às escolhas que são feitas e dos papéis atribuídos aos participantes.

Ainda no Exemplo 43, há quatro ocorrências de inclusão do ator social “você” por *participação*. Em três delas, ele é inferido pelas formas verbais *pare* e *lute* (2 vezes) e em um caso, ele está explícito acompanhando o verbo *correr*. Em todas essas ocorrências, tem-se a inclusão do ator social alocado léxico-gramaticalmente como *Ator*, em processos materiais. Esse ator social é representado como um sujeito ativo, que se envolve em ações no mundo material. Tal representação lhe confere a capacidade de mudar o próprio destino, por meio das escolhas que só ele é capaz de fazer.

Em relação aos processos mentais, em todas as 19 ocorrências, o ator social foi incluído por *ativação* e sua realização léxico-gramatical acontece como *Experienciador*. Na análise do grupo de verbos distintos, 10 no total, constatei que 66% dos processos mentais são do tipo cognitivo, construídos com os verbos *achar*, *acreditar*, *analisar*, *identificar*, *imaginar*, *reconhecer*, em apenas uma delas, verifiquei a presença de uma oração projetada, representando um processo verbal (no Exemplo 44, a oração em destaque):

Exemplo 44

Eu fiz uma exposição em Jardim da Penha, numa galeria de arte, e aí chegaram uns amigos do bairro pra ver a exposição, eles estavam de chinelo e bermuda, e aí eles falaram assim, “pô, pode entrar de chinelo bermuda aí?”, cara, isso é uma prova de que a gente não podia entrar nos lugares, eles me perguntaram porque eles são meus amigos, mas você acha que eles iam perguntar pros seguranças “segurança, posso entrar de chinelo e bermuda?” (EP2B2 – grifo meu)

Exemplo 45

Se você acredita nesse sonho, você arruma forças, não interessa como para poder passar por todos os obstáculos e conquistar. (EP2B1 - grifo meu)

Exemplo 46

Se você analisar, os jovens estão vindo porque a gente tem que dar uma oportunidade ao jovem para ele não deixar acabar essa tradição [...]. (EP1B1- grifo meu)

Exemplo 47

A moqueca encaixa exatamente aí, ela tem poucos componentes, é fácil de executar, ela é muito saborosa, você identifica ali, cada produto, o peixe, a cebola, o tomate, o urucum [...]. (EP1B1 - grifo meu)

Exemplo 48

Você imagina 1000 dólares vezes 1000 arcos. É um sonho ainda, é um sonho, você faz o cálculo aí e vê o quanto impacta financeiramente na região. (EP1B2 - grifo meu)

Exemplo 49

você reconhece um carioca falando, um paulista falando, um baiano falando, mas o capixaba é tudo junto, a gente não tem acento, a gente tem linguagem [...]. (EP1B2 grifo meu)

Essa hegemonia de processos mentais de natureza cognitiva revela uma preferência pelos entrevistados em incluir o ator social no depoimento por *participação* ao mesmo tempo em que lhe confere a responsabilidade pela veracidade do que é dito, tais processos expressam informações que podem ou não ser válidas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Ademais, os dados não apresentaram ocorrências de processos mentais do tipo desiderativo, como *querer* ou *desejar*, processos ligados à noção de *irrealis*, ou seja, o comprometimento do entrevistado em relação àquilo que deseja ou quer. Curiosamente, dos 10 verbos que constituem as 19 ocorrências dos processos mentais, o verbo *ver* foi o mais recorrente, aparecendo 7 vezes, ou seja, 70%. Esse verbo caracteriza o processo mental do tipo perceptivo, e, nessas sete ocorrências, o *Experienciador*, participante ativo do processo, é convidado a acionar suas percepções sobre o mundo ao seu redor e a refletir sobre elas. Assim, os entrevistados, ao escolherem processos mentais do tipo perceptivo, constroem representações de um capixaba que precisa estar atento ao que acontece em seu entorno, numa postura ativa de *ver* para além daquilo que é mostrado. O que confere ao verbo “*ver*” traços relacionados à atividade de compreender, dialogando com a cognição.

Exemplo 50

O que você vê hoje, né, essa estrutura linda que tem, começou lá trás, né, numa casinha pequenininha, o desejo de profissionais de saúde e mães e pais de conseguir melhorar a vida de pessoas, pacientes com câncer. (EP3B1 – grifo meu)

Exemplo 51

Você vê a morte vindo devagar e você não poder fazer nada com ela, não poder segurar ela, cara, e aí veio, cara, a lama. (EP2B1 - grifo meu)

No que tange aos processos relacionais, 7 ocorrências, o ator social é alocado na função de participante, ou seja, a inclusão se deu por *participação*, sendo léxico-gramaticalmente representado como o *Portador*. Os dados mostraram 4 orações relacionais do tipo possessiva atributiva, construídas com o verbo *ter*, ou seja, aquilo que “você tem”:

Exemplo 52

Aqui você tem o Boi Pintadinho, a Folia de Reis, você tem o casario histórico, e Muqui sendo o maior sítio histórico do Espírito Santo, isso é um convite e pra mim que sempre gostei de escrever, sempre gostei de assistir novela, televisão, cinema, eu sempre me identifiquei com esse aspecto cenográfico de Muqui. (EP2B2 - grifo meu)

Exemplo 53

É um ambiente que a gente conhece, um ambiente de lavoura de café, ambiente masculino, você tem um grupo de mulheres, liderando uma região, liderando um processo, de qualidade, de prova de café, de educação, é um sucesso total e vou te falar mais, reconhecido mundialmente, tá. (EP3B2 - grifo meu)

Nesses exemplos, pelas características do *Possuído*, infere-se que o ator social é o próprio estado ou uma referência à localidade onde vive o entrevistado. Assim, não se trata necessariamente daquilo que o capixaba tem, mas sim do que o estado dispõe, em termos de serviços ou bens culturais, e que pode oferecer aos seus habitantes. No que diz respeito ao processo relacional atributivo, duas ocorrências foram constatadas:

Exemplo 54

*Hoje em dia, fala-se tanto de empoderamento, e não é coisa assim de você se empoderar **é você ser** capaz de fazer, e nada dá dando prazer, como você sentir-se capaz de fazer e quando esse fazer vai melhorar a vida de uma outra pessoa, vai modificar a vida de uma outra pessoa isso traz uma alegria, eu não falo com vocês que é uma vaidade é um orgulho. (EP3B1)*

Exemplo 54

*Qualquer lugar do mundo se você fizer uma cozinha italiana **você vai ser** uma pessoa a mais, mas se você levar a cozinha do seu estado, do seu país, todo mundo vai te valorizar. (EP3B1)*

Os poucos exemplos desse tipo de processo relacional podem estar associados ao fato de o ator social representado pelo item em análise não possuir um único referente, como destacamos no início desta seção (4.1.3). Como esse tipo de processo é marcado pela relação entre os membros de uma classe, quando essa classe não está clara, parece que há uma tendência em não lhe conferir atributos, o que diminui a ocorrência dos processos relacionais desse tipo.

Finalizo as análises sobre o item “você” e, diante das interpretações de referência do item “você” e considerando-se o potencial de este incluir o enunciador, é possível estabelecer as seguintes representações construídas pelos participantes da série:

1. *Os capixabas participantes da série se representam como aqueles que são capazes de provocar mudanças no seu entorno;*
2. *Os capixabas participantes da série percebem o que acontece ao seu redor;*
3. *Os capixabas se veem agraciados por terem à sua disposição bens e serviços de qualidade.*

4.1.3 Quem somos “nós”?

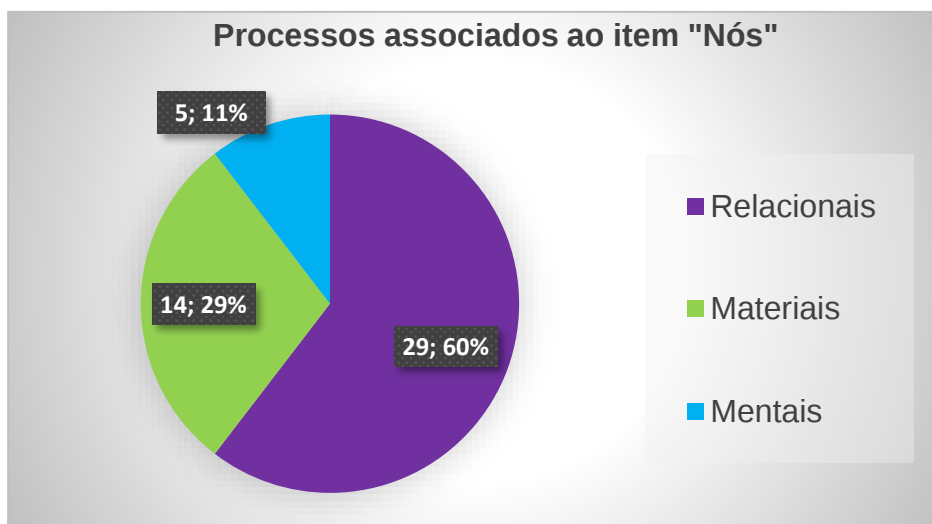
O último item em número de ocorrências foi o pronome “nós”. Esse pronome é comumente utilizado em substituição ao “a gente”. No *corpus* em análise, em alguns momentos, eles coexistem, como demonstrado no Exemplo 55. Neste, o entrevistado se apresenta como parte de um grupo, e reforça o seu pertencimento ao deixar entrever que “a gente”, é, na verdade, uma referência a “nós”, ou seja, aos capixabas. Tem-se aí a representação de uma identidade que se estabelece na diferença, na medida em que *nós* não somos todos, somos apenas os *capixabas*, em oposição a outros “nós” possíveis.

Exemplo 55

A gente tem a sorte, **nós** capixabas, que poucas pessoas no mundo têm, de sermos contemplados pela migração das baleias Jubarte aqui na nossa terra [...]. (EP2B1)

Contabilizei 48 ocorrências desse item no *corpus*, e elas foram reagrupadas da seguinte forma, em relação aos tipos de processos envolvidos:

Gráfico 4 – Ocorrências do item lexical “nós”, em termos de processos



Fonte: o Autor, 2020.

No gráfico acima, percebe-se que a maior parte das ocorrências (60%) representa processos relacionais, seguida de processos materiais e mentais. Não foram constatados outros processos. Esses dados demonstram que o ator social incluído nos depoimentos pelo pronome “*nós*” é alocado principalmente em papéis gramaticais que estabelecem relações no mundo de acordo com suas características e identidades, o que é típico das orações relacionais. A inclusão do ator social se deu majoritariamente por *participação* (95%), com o ator social sendo realizado por participantes ativos: *Portador/Possuidor, Ator, Experienciador*.

No que diz respeito aos processos relacionais, as 29 ocorrências foram analisadas de acordo com os verbos utilizados, três no total: *ter* (16), *estar* (7) e *ser* (6). Sobre o primeiro, constatei que ele apresenta comportamentos similares àqueles destacados na análise do item “*a gente*” (seção 4.1.2), ou seja, relaciona-se àquilo que “*nós*” temos, em termos de riquezas naturais, bens, serviços e símbolos culturais e que constituem o participante *Possuído*, em processos relacionais do tipo possessivo:

Exemplo 56

Vim demonstrar que o Espírito Santo tem uma gastronomia maravilhosa, mas não tem só gastronomia, nós temos praias fantásticas, montanhas fantásticas [...] (EP1B1 - grifo meu)

Exemplo 57

Eu acredito mesmo que daqui a pouco, daqui uns anos, as pessoas vão entender que arte, cultural, valorização do patrimônio material, que isso gera renda, gera dinheiro, isso promove emprego, tira as pessoas do desemprego, isso é possível fazer, é possível crescer, é possível ter desenvolvimento, explorando isso que nós temos aqui. (EP2B2 - grifo meu)

Exemplo 58

Abraçamos com muito amor essa cultura nossa que é a panela de barro, que é a representatividade do nosso estado, nosso bem cultural maior que nós temos é a panela de barro, não estou falando por eu ser paneleira, é porque eu sei do reconhecimento que tem a panela de barro. (EP1B1 - grifo meu)

Nas 16 ocorrências do verbo *ter*, em processos relacionais atributivos, em apenas uma delas verifiquei que a utilização desse processo serve para destacar o *Possuído*, cuja representação se faz de forma negativa. No entanto, o processo em si é predominantemente uma crítica às políticas públicas de valorização do turismo e um chamado à ação.

Exemplo 59

Vim demonstrar que o Espírito Santo tem uma gastronomia maravilhosa, mas não tem só gastronomia, nós temos praias fantásticas, montanhas fantásticas, gente investindo em pousadas maravilhosas aí, que as pessoas têm uma região Sudeste, pertinho uma hora das principais cidades do país, e a gente não tem um turismo forte, turismo envolve aquilo que os índios lá de Aracruz fazem, turismo envolve as paneleiras, turismo em envolve aquelas pessoas que com conchinhas das praias fazem aqueles artesanatos maravilhosos, gastronomia é cultura, mas tudo isso envolve, nós temos que vender o estado melhor, então nós temos que, primeiro, ter uma política de turismo, e menos políticos no turismo. (EP1B1 - grifo meu)

Em relação ao verbo *estar*, das 7 ocorrências, em apenas uma delas, tem-se um processo relacional atributivo intensivo (Exemplo 60), nas outras 6, destacam-se processos relacionais atributivos circunstanciais, principalmente com circunstância de lugar e de tempo. Destacam-se nesses exemplos a localização na qual se encontra o ator social (Exemplo 61), o momento atual em que ele vive e sua relação com o estado (Exemplo 62). Em todos eles, temos representações positivas do local ou do momento apresentados.

Exemplo 60

O meio ambiente é o meio onde nós estamos inseridos, é o dia a dia, nossa cidade, então, temos que cuidar do nosso quintal, da nossa casa, cada um fazendo a sua parte, é o trabalho de formiguinhas (EP3B1 - grifo meu)

Exemplo 61

Hoje nós estamos aqui com uma média de 300, 350 mil litros de leite que a gente trabalha, nós vamos conceber uma fábrica pra 1 milhão de litros de leite [...]. (EP3B1 - grifo meu)

Exemplo 62

Nós estamos num momento em que a gastronomia capixaba cai como luva, que é do minimalismo [...]. (EP1B1 - grifo meu)

No que tange ao verbo *ser*, 6 ocorrências foram evidenciadas, das quais 4 representando processos relacionais intensivos atributivos que caracterizam o ator social, atribuindo-lhe traços específicos que são compartilhados por determinados membros do grupo. Processos relacionais atributivos constroem relações abstratas entre os membros de uma classe, conferindo-lhes características comuns. As outras duas apresentam processos relacionais atributivos circunstanciais, nos quais a relação entre os participantes se estabelece com noções de tempo, espaço, lugar, modo, causa, acompanhamento, papel, causa ou assunto. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 66-67)

Exemplo 63

A minha casa, aqui na minha casa a hora que você chegar tem samba, tem reza, tem samba, tem comida, tem bebida, tem tudo, tem alegria. A gente procura fazer aqui, procura fazer ali, cultura é isso, nós é samba, é amizade, é saúde. Aí sim, tudo dentro de um copo numa batida, misturado. (EP1B2 - grifo meu)

Exemplo 64

Um tem que divulgar o outro, um tem que ir no espaço do outro, porque aí a gente se fortalece, principalmente em épocas de crise como agora, é, eu falo vamos fortalecer a economia local, entendeu, o quanto que nós somos fortes, o quanto que o capixaba tem de talento, é na música, na poesia, é na dança, em todas as áreas, tem muito talento. (EP1B2 - grifo meu)

No Exemplo 63, o item “*nós*”, ator social alocado na função de *Portador*, está explícito na primeira ocorrência, sendo seguido pelo substantivo “*samba*”, participante *Atributo*, de um processo relacional atributivo. Observa-se aí a construção de representações do capixaba como aquele que compartilha características positivas de

um ritmo bem popular de origem brasileira. Nesse caso, a escolha pelo samba não parece ter sido aleatória, pois esse ritmo faz parte da rotina do entrevistado (identificado na série como “Sambista”) que, conhecendo suas características, associa-as ao capixaba⁶⁸. Assim, “*nós*”, ou seja, os capixabas, somos representados como *alegria* e *festa*. Essas mesmas representações podem ser encontradas nos processos “*é amizade*”, “*é saúde*”, nos quais é possível inferir o pronome por uma relação de paralelismo com o antecedente e pelo uso que o entrevistado faz de uma determinada variedade linguística. Nesse caso, temos igualmente representações positivas do capixaba como aquele que *é amigo* e *é saudável*. Ele é representado, também, como *forte*, no Exemplo 64. Nesses dois exemplos, o ator social alocado na função de *Portador*, ou seja, um participante ativo no processo, pode ser entendido também como aquele que recebe algum atributo no processo, nesse caso um participante passivo (*passivação*) e, uma vez beneficiado, é incluído por *beneficialização*.

Em relação aos processos materiais, 14 ocorrências, o ator social foi incluído em todos por *ativação*, léxico-gramaticalmente alocado na função de *Ator* (*participação*). Desse total, apenas dois são de natureza criativa “*fazer*” (1) e “*conceber*” (1). Os principais processos foram “*passar*” (3) e “*deixar*” (2):

Exemplo 65

Nós passamos de arcos de 30 dólares, ou seja, arcos de 100 reais, nós passamos para arcos de 300 dólares, ou seja, arco de 1000 reais é que o Espírito Santo produz, e hoje o Espírito Santo produz em torno de 1000 arcos por mês. (EP1B2 - grifo meu)

Exemplo 66

Temos indicação geográfica, nós não deixamos que venham mudar em nada. (EP1B1 - grifo meu)

No Exemplo 65, nota-se a valorização do trabalho realizado pelo luthier em sua oficina de violino, representado pela *Meta*. O verbo “passar”, exemplo de um processo material de natureza transformativa marca justamente uma mudança positiva no fluxo de eventos, ou seja, o preço dos arcos dos violinos aumentou consideravelmente, o

⁶⁸ Sobre isso, vale ressaltar que o carnaval capixaba vem se destacando no cenário carnavalesco brasileiro, cuja manifestação mais conhecida é o desfile das Escolas de Samba no Sambão do Povo, em Vitória, capital do ES, uma semana antes dos desfiles do grupo especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. O desfile envolve agremiações de Serra, Cariacica e Vila Velhas, cidades que fazem parte da região metropolitana da Grande Vitória.

que beneficia o estado, em termos fiscais. Em (66), a presença do elemento interpessoal *não* reforça a postura contrária das paneleiras em relação a mudanças na tradição da cultura das panelas de barro, uma vez que se trata de um símbolo capixaba ⁶⁹.

Sobre os processos mentais, 4 ocorrências, obtive os seguintes verbos: *saber, sentir, representar, respeitar, passar* (padecer). Em todos, o ator social foi incluído por *participação*, como o Experienciador.

Exemplo 67

Nós, paneleiras, se sentimos muito orgulhosas com o reconhecimento, o reconhecimento da panela de barro por ser a melhor panela que nós temos para cozinhar hoje é reconhecida a panela de barro, de Goiabeiras, que é a tradicional que é feita manualmente desde os antepassados, que é feito tudo à mão queimado em fogueirinha livre, pra nós é um privilégio pra nós ter esse reconhecimento, é o primeiro bem imaterial reconhecido no Brasil.

Neste exemplo, o *Fenômeno*, “*muito orgulhosas com o reconhecimento*”, participante sentido, mostra que o reconhecimento do qual as paneleiras usufruem atualmente veio ao longo do tempo, resultado de um trabalho dedicado e persistente. O elemento interpessoal *muito* permite a construção de uma ideia de intensidade, ampliando o sentimento de orgulho dessas mulheres. Observam-se aí representações de um ator social que sente orgulho de sua luta pregressa e dos resultados alcançados, além de valorizar e defender seu trabalho, posicionando-se contra interferências que mudem a tradição. Ademais, ao citar o reconhecimento nacional, ele atribui credibilidade e confiabilidade ao que é dito. Assim, levando em consideração as discussões feitas sobre o item “nós”, destaco as seguintes representações sociais associadas a este ator social, construídas pelos participantes da série:

1. *Os capixabas participantes da série se veem como sortudos por terem tanta riqueza natural em seu estado;*

⁶⁹ Nos depoimentos, a Presidente da Associação das Paneleiras de Goiabeiras afirma o seguinte: *Abraçamos com muito amor essa cultura nossa que é a panela de barro, que é a representatividade do nosso estado, nosso bem cultural maior que nós temos é a panela de barro, não estou falando por eu ser paneleira, é porque eu sei do reconhecimento que tem a panela de barro. [...] é um privilégio pra nós ter esse reconhecimento, é o primeiro bem imaterial reconhecido no Brasil. (Grifos meus)*

2. *Os capixabas participantes da série representam de forma positiva seus símbolos culturais;*
3. *Os capixabas participantes da série se autorrepresentam como alegres e amigos;*
4. *Os capixabas participantes da série se percebem como responsáveis pelo enriquecimento fiscal e simbólico do estado.*

Encerro aqui as análises dos quatro itens mais recorrentes no *Corpus 1: TV*. Nessas análises, constatei que os itens repertoriados fazem referência, em grande parte, ao capixaba, ator social, incluído nos depoimentos. Na próxima seção, as análises propostas se concentrarão essencialmente no item mais recorrente no *Corpus 2: Tuítes*, qual seja, “capixaba”.

4.2 *Corpus 2: Tuítes*

O ator social cujas representações são analisadas nesta seção é o internauta autor do tuíte. Esse ator revela suas crenças por meio tanto daquilo que diz, como daquilo que não diz. A série “Somos Capixabas”, cuja primeira temporada foi exibida⁷⁰, inicialmente, apenas em rede aberta de televisão para o estado do Espírito Santo, indica que o internauta telespectador que se manifestou no *microblog* era necessariamente um morador do estado ou alguém que estivesse de visita à região. Embora seja um dado difícil de apontar, é possível inferir na leitura dos tuítes que a maioria dos autores é capixaba, as três manifestações explícitas que não compartilham dessa característica comum aos moradores do ES são verbalizadas nos seguintes tuítes:

Exemplo 68

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

Nem sou capixaba, mas o <#somoscapixabas/> ficou tão lindo! [T03]

⁷⁰ Após a exibição de cada episódio na rede aberta de televisão, ele era disponibilizado na Internet no site <<https://gshow.globo.com/TV-Gazeta-ES/somos-capixabas/>> Acesso em 13 jul. 2020

Exemplo 69

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Não sou capixaba, mas amo esse lugar <#SomosCapixabas/> [T82]

Exemplo 70

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> não sou capixaba, mas já me sinto. Amo morar aqui [T235]

No entanto, na observação desses tuítes, nota-se um padrão discursivo em que a conjunção adversativa, “mas” cria um ambiente em que “ser capixaba” extrapola os limites geográficos. Ou seja, espera-se que comentários positivos sobre o estado fossem publicados por capixabas, nascidos no estado. No entanto, nos Exemplos **68**, **69** e **70**, o que se constata é que “ser capixaba” é também um processo mental, independe da naturalidade, basta “se sentir capixaba”. Além disso, “ser capixaba” também parece se inserir em um espectro que vai de “pouco capixaba” ao “muito capixaba”, um processo que varia, de acordo com relação existente entre o autor do tuíte e o estado, como demonstrado no Exemplo **71**:

Exemplo 71

< [REDACTED] 2 de ago de 2018/>

Sou muito capixaba, choveu já estou toda encapotada <#SomosCapixabas/>

<#soucapixaba/> [T143 – grifo meu]

Há ainda três outros tuítes em que os autores se apresentam como não capixabas, destacando seus adjetivos pátrios: mineiro e carioca. No entanto, eles parecem compartilhar de traços próprios ao capixaba (**71**) ou ter uma relação próxima com o estado (**72**, **73**):

Exemplo 71

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> terra boa, minha segunda casa pois sou carioca mais os pais são capixabas. [T74]

Exemplo 72

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Sou Mineira, me considero #Minexaba [T238]

Exemplo 73

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Apesar de ser mineira... <#SomosCapixabas/> na <#redgazeta/> [T241]

Mais uma vez, nota-se que a relação estabelecida por meio da conjunção adversativa *mas*. O Exemplo **71** (sic), indica que mesmo o autor do tuíte não sendo capixaba, ele é bem acolhido quando está por essa “terra boa”. Isso demonstra que possíveis limites geográficos que demarcam estados e regiões deixam de existir quando se trata de “ser capixaba”. Nos exemplos seguintes, **(72)** e **(73)**, esse mesmo expediente se repete, o que permite o estabelecimento de um padrão: mesmo quando os autores dos tuítes se autoidentificam como alguém de fora do estado, não sendo, portanto, capixabas de nascimento, eles se veem como tal, por alguma relação de parentesco ou uma aproximação afetiva.

Em relação à análise dos 303 tuítes, que compõem o *Corpus 2* desta pesquisa, foi constatada a recorrência de alguns temas. Assim, na análise individualizada desses tuítes, agrupei-os de acordo com alguns padrões discursivos. A tabela com essa divisão foi apresentada no Capítulo 3 (Seção 3.3.2) e será novamente reproduzida a seguir. Neste momento da análise, esses grupos temáticos foram reduzidos a apenas dois: o **Grupo 1** que apresenta um conteúdo negativo sobre o estado, muitas vezes não dito de forma explícita, mas sugerido pela léxico-gramática das adversativas, e o **Grupo 2** com um conteúdo positivo explicitado sob diversas formas, sobretudo, metonimicamente, em referência à gastronomia, à cultura, aos pontos turísticos capixabas, como demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 2 – Assuntos recorrentes no *Corpus 2*: Tuítes (continua)

	ASSUNTO DO TUÍTE	QUANTIDADE DE TUÍTES	EXEMPLOS
GRUPO 1	Manifestação de surpresa pelo fato de a hashtag #somoscapixabas figurar dentre os assuntos mais comentados no Twitter.	67	< [REDACTED] 7 de ago de 2018/> mano, não entendi ainda o pq meu estado está nos trending <#SomosCapixabas/> [T32] < [REDACTED] 4 de ago de 2018/> Muito feliz pelo es não estar nos trends por algo ruim <#SomosCapixabas/> [T67] < [REDACTED] 4 de ago de 2018/> <#SomosCapixabas/> ate o ES ta nos trends, sabem que a gente existe agora. [T88]

Tabela 2 – Assuntos recorrentes no Corpus 2: Tuítes (continua)

GRUPO 2	Tuítes destacando de forma positiva pontos turísticos do ES ou referências a cidades/distritos do estado.	48	< [REDACTED] 4 de ago de 2018/> <i>Vocês já visitaram a Cachoeira Bonita que fica localizada no Parque nacional do caparaó? Se não visitou, vale a pena visitar.</i> <#SomosCapixabas/> [T91] < [REDACTED] 3 de ago de 2018/> <#SomosCapixabas/> Pedra do Rêgo símbolo de nossa cidade Venda Nova do Imigrante; [T134]
	Tuítes sobre o Espírito Santo: povo, política, território	31	< [REDACTED] 4 de ago de 2018/> <i>Alô Governantes O Espírito Santo precisa ser divulgado, o Brasil merece conhecer essa terra Maravilhosa.</i> <#SomosCapixabas/> [T90] < [REDACTED] 28 de jul de 2018/> <i>O estado do Espírito Santo é incrível tem Italiano Pomerano Alemão Polonês Belga Africano índio</i> <#SomosCapixabas/> [T282]
	Elogios ao programa e à Rede Gazeta	29	< [REDACTED] 4 de ago de 2018/> <i>Que ACERTO essa série</i> <#SomosCapixabas/> da tv gazeta! <i>Sensibilidade para retratar personagens do nosso estado, trilha sonora capixaba. Outra tv é possível!</i> [T106] < [REDACTED] 4 de ago de 2018/> <#SomosCapixabas/> <#TvgazetaES/> <i>orgulho de ser capixaba ,e está assistindo essa série maravilhosa. Parabéns</i> <@tvgazetaes/> pela iniciativa [T124]
	Comentários sobre gastronomia, música, arte, paneleiras, jeito de falar	29	< [REDACTED] 28 de jul de 2018/> <i>aproveitando a tag pra dizer que moqueca écapixaba e o resto é peixada</i> <#SomosCapixabas/> [T234] < [REDACTED] 28 de jul de 2018/> <#SomosCapixabas/> falando pocar em outros estados e ngm entendendo nada [T217]

Tabela 2 – Assuntos recorrentes no *Corpus 2*: Tuítes (conclusão)

Manifestação de orgulho em ser capixaba	23	<[REDACTED] 11 de ago de 2018/> <i>Se descobri quem eu sou? Simmm! Sou de uma terra de valor, multicultural, de gente que faz a diferença. Com muito orgulho, SOU CAPIXABA!! Obrigado, Rede Gazeta</i> <3 <#somoscapixabas/> [T11] <[REDACTED] 4 de ago de 2018/> <i>E aquele orgulho que não cabe no peito de ser capixaba ♡♡♡♡ <#SomosCapixabas/></i> [T109]
---	-----------	---

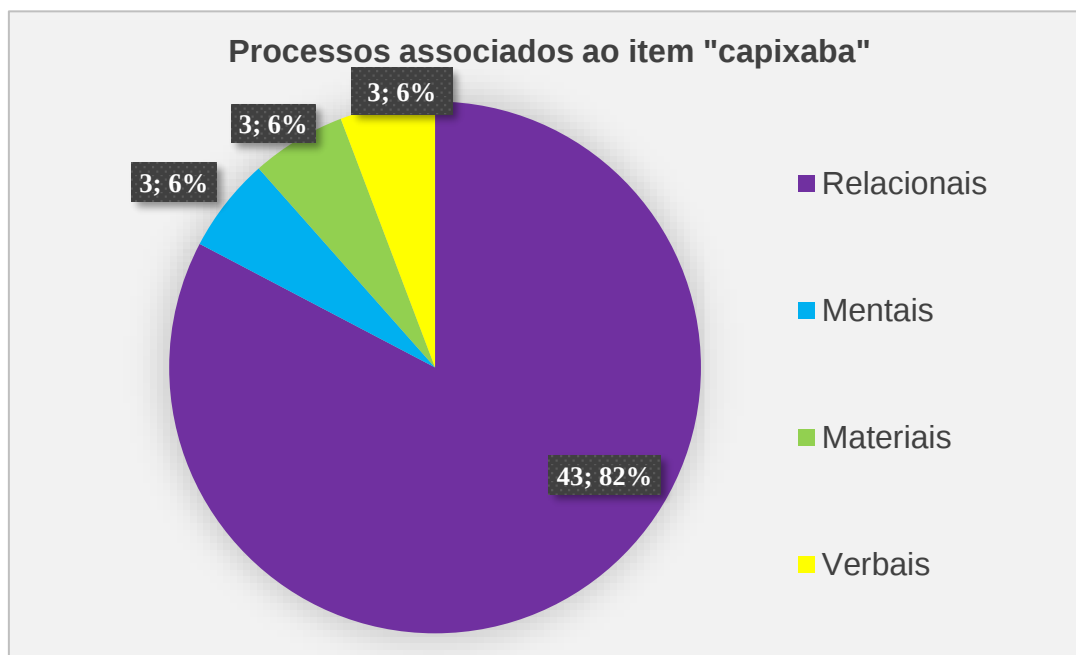
Fonte: o Autor, 2020.

Nessa tabela, um fato chama a atenção e que vem ao encontro de algumas observações em relação à representatividade do ES no contexto nacional: a surpresa dos capixabas em saber que o estado estava em alta popularidade no *Twitter*. Do total de tuítes, em 67 casos, ou 22%, se observam manifestações de surpresa pelo fato de a *hashtag* #somoscapixabas figurar dentre os assuntos mais comentados do *Twitter* (*Trendings Topics*). Em várias mensagens, os internautas expressam sua incredulidade no fato de o estado e o capixaba atingirem posições de destaque no microblog. Alguns, inclusive, associam essa popularidade instantânea a fatos negativos que possivelmente explicaria a posição de destaque no ranking. Nesse sentido, esse “espanto” parece estar ligado a um sentimento de inferioridade, já que não seria possível o estado se tornar popular por meio de suas potencialidades e, quando isso acontece, causa surpresa. Esse sentimento é bastante emblemático e nos remete às inúmeras dificuldades que se apresentaram para desenvolvimento do território capixaba, em vários aspectos, desde o início de sua colonização até nosso passado mais recente, como discutido na introdução desta tese e em pesquisa anterior (MACHADO, 2011). O fato é que o advento da série parece ter despertado nos capixabas um sentimento de pertencimento mesmo que virtual e momentaneamente. Ela apresentou para muitos um estado que eles desconheciam ou ignoravam existir, destacando apenas aquilo que de bom e bonito o ES possui. Por isso, considerei esse material como constituindo um *corpus* “ideal”, ou seja, um recorte positivo sobre o estado, que apresenta, por um lado as representações dos capixabas sobre si mesmos e sobre o estado, e, por outro, a visão do diretor da série sobre esses mesmos atores sociais. Após esse panorama geral sobre os tuítes, passo a discutir o item de maior recorrência no *Corpus 2*: *capixaba*.

4.2.1 Quem é o “capixaba”?

A primeira constatação a ser feita em relação à palavra *capixaba* é o fato de ela não ter aparecido dentre os quatro itens mais recorrentes no *Corpus 1*: TV, mas no *Corpus 2*: Tuítes ocupar a primeira posição nessa classificação. Dos 303 tuítes que compõem este *corpus*, esse item aparece em 52 deles, ou seja, em 17% dos tuítes observa-se a citação a esse termo. Na análise dos processos encontrados, obtive o seguinte gráfico:

Gráfico 5 – Ocorrências do item lexical “capixaba” em termos de processos



Fonte: o Autor, 2020.

Em relação à alocação do ator social nas funções gramaticais, em 96% das ocorrências tem-se a inclusão por *participação*, ou seja, o participante envolvido, o *capixaba*, é léxico-gramaticalmente realizado em papéis ativos e passivos. Nos 4% restantes, temos a inclusão por *circunstancialização* e uma oração projetada. No que diz respeito à inclusão por *ativação*, 15% do total, os participantes são *Portador*, *Ator* e *Identificado*. Na inclusão por *passivação*, ou 79%, os participantes são *Atributo*, *Verbiagem*, *Fenômeno* e *Identificador*. Assim, percebe-se que há uma predominância da realização do ator social em papéis passivos (isto é, “capixaba”) este dado se

diferencia daqueles obtidos no *Corpus 1*: TV, em que a inclusão do ator social analisado se deu principalmente por *ativação* (O “capixaba”).

Essa constatação se explica pela alta recorrência de processos relacionais do tipo atributivo, dos 43 casos (que correspondem 82% do total de processos), em 36 tuítes, o ator social “capixaba” é realizado léxico-gramaticalmente como o *Atributo*. Trata-se de um participante passivo que estabelece uma relação abstrata com o participante ativo, no caso, o ator social autor dos tuítes, cuja representação é o *Portador*. Nesse sentido, esse atributo demarca os membros de um determinado grupo, atribuindo-lhe características comuns, que são compartilhadas virtualmente e agrupadas com o auxílio da *hashtag* #somoscapixabas. O item “capixaba” adquire, então, características de um adjetivo, inserido em um ambiente de representações positivas sobre os habitantes do ES e sobre o próprio estado, como nos exemplos a seguir:

Exemplo 74

<[REDACTED] 5 de ago de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Orgulho de ser capixaba! [T40 – grifo meu]

Exemplo 75

<[REDACTED] 11 de ago de 2018/>
Se descobri quem eu sou? Simmm! Sou de uma terra de valor, multicultural, de gente que faz a diferença. Com muito orgulho, SOU CAPIXABA!! Obrigado, Rede Gazeta <3 <#somoscapixabas/> [T11 – grifo meu]

Logo, ao se definir como “capixaba”, o autor dos tuítes reivindica para si uma identificação positiva, já que ser capixaba, como já vimos nas análises do *Corpus 1*: TV é se ver como “amigo”, “alegre”, “sortudo”. Essa associação é possível de ser estabelecida na medida em que os tuítes são publicados como uma reação à exibição dos episódios da série, dialogando com os questionamentos que ela levanta, criando um ambiente intertextual, que retrata de forma positiva o estado, enfatizando, dentre outros, suas belezas naturais, os valores que orientam o povo capixaba e sua relação com questões socioculturais. Ainda sobre os processos relacionais, o item em análise aparece em outros papéis, como o *Portador*, em 5 ocorrências (11,5%), como demonstrado nos Exemplos 76 e 77, nos quais a inclusão se deu por *ativação*. O *Portador*, aqui, mobiliza o participante *Atributo* cuja representação se mostra igualmente positiva.

Exemplo 76

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Ei, capixaba não é fraco, não! Aqui nos meus trends a tag <#SomosCapixabas/> está no topo. Pocamos! [T97]

Exemplo 77

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Parabéns <@tvgazetaes/> por nos ajudar a lembrar que o capixaba e [é] um povo extraordinário. <#SomosCapixabas/> [T209]

Em todas as 43 ocorrências dos processos relacionais, o único verbo utilizado foi o *ser*, em processos relacionais do tipo atributivo intensivo. O participante “capixaba” quando é léxico-gramaticalmente incluído como o participante *Atributo* constrói representações positivas do ator social *Portador*, que, como vimos na introdução desta seção, é provavelmente um morador do estado, nascido por aqui ou há muito tempo habitando essas terras. Além disso, quando o item “capixaba” é alocado no papel de *Portador*, o *Atributo* está sempre relacionado a palavras e expressões que constroem representações positivas, tais como: *orgulho*, *povo extraordinário*, *maravilhoso*.

Nas duas ocorrências de processo relacional identificativo, observa-se a referência a uma esportista capixaba (Exemplo 77) e no outro uma possível definição para o termo “capixaba” (Exemplo 78)

Exemplo 78

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Neymar? Não! Ídolo no esporte **capixaba** é Neymara! <#SomosCapixabas/> <@tvgazetaes/> [T119]

Exemplo 79

<[REDACTED] 5 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Pra quem não sabe, **Capixaba** é quem nasce na cidade de Vitória (Capital). Quem nasce no ES, é espírito-santense. [T52]

No Exemplo 78, tem-se uma valorização do esporte capixaba a partir de um jogo de palavras com os prenomes “Neymar” e “Neymara”. Aquele, jogador de futebol conhecido mundialmente, e esta uma capixaba que já vencera campeonatos mundiais de *bodyboarding*, mas cuja fama fica restrita a este nicho esportivo. Assim, o participante “Ídolo no esporte capixaba” ocupa o papel de *Identificador*, conferindo uma identidade ao *Identificado*, ou seja, à Neymara. No Exemplo 79, há uma tentativa

malsucedida em definir o termo “capixaba”, o participante *Identificado* e a “*quem nasce na cidade de Vitória (Capital)*”, como o participante *Identificador*. Na verdade, como a série mostra ao longo dos seus três episódios e parece ser um consenso, capixaba é relativo ao estado do Espírito Santo e tem como sinônimo o adjetivo “espírito-santense”, ou seja, refere-se não apenas aos moradores de Vitória, a capital, mas a todos aqueles nascidos no território geograficamente demarcado como pertencente ao Espírito Santo.

Em relação aos demais processos identificados neste *corpus*: mentais, materiais e verbais, 6% cada, apenas no processo material, há a inclusão do ator social por *ativação*, ou seja, na função de participante *Ator*, em dois tuítes:

Exemplo 80

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Nasci no ES, orgulho de ter crescido na Bahia, todo capixaba tem que ir pra Bahia pra no mínimo saber o que é simplicidade, ô povo dinherista!!!<#SomosCapixabas/> [T168]

Exemplo 81

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

Lysa, o robô guia criado por uma CAPIXABA! <#somoscapixabas/> [T14]

No Exemplo **80**, constata-se uma representação negativa do capixaba, léxico-gramaticalmente alocado como o *Ator* de um processo material de movimento. Essa representação se estabelece na diferença, ou seja, na comparação entre algo aparentemente positivo associado ao estado da Bahia (a simplicidade) e que não é encontrado no Espírito Santo. Essa ausência confere ao capixaba o atributo de “dinnerista”, numa relação antagônica ao “não-dinnerista” que no tuíte representa um possível comportamento dos baianos. Assim, o autor do tuíte, apesar de se apresentar como capixaba, parece não compartilhar das representações positivas que a série veicula e não reivindica para si o orgulho de ter nascido no ES. Ao contrário, valoriza o fato de ter crescido na Bahia e experienciar a “simplicidade” que parece não existir em terras capixabas.

No Exemplo **81**, o participante *Ator* teve a sua importância valorizada ao ser escrito em letras maiúsculas, o que nas redes sociais significa falar alto, gritar. Além disso, sua realização se deu como o agente da passiva, um constituinte frasal que pode ser apagado, sem prejuízos sintáticos ou semânticos para a oração. No entanto,

discursivamente, o apagamento ou não desse agente, sendo uma escolha, amplia as possibilidades de compreensão do enunciado. Assim, o seu não apagamento permitiu a inclusão do ator social responsável pela criação do robô, mobilizando duas representações: a de valorização do trabalho de uma capixaba e a contribuição da mulher capixaba para a Robótica.

Sobre os processos mentais, duas ocorrências do ator social representando o *Fenômeno* foram constatadas, em ambas os processos mentais são do tipo perceptivo, como ilustra o Exemplo 82. Uma terceira ocorrência apresenta uma oração projetada, com processo mental do tipo cognitivo, (Exemplo 83). Nas orações projetadas em processos mentais, o *Fenômeno* pode estar representando um ato ou um fato. No exemplo em questão, temos um questionamento sobre a identidade do povo capixaba, direcionado aos não capixabas do país. Mais uma vez, o capixaba se constrói na diferença entre os capixabas e “as outras pessoas” uma diferença que parece ainda fazer parte do mundo das ideias e suposições.

Exemplo 82

< [REDACTED] 10 de ago de 2018/>

Ouvir a população capixaba e fazer que as políticas públicas sejam aplicadas. Esse é o nosso papel como representante do povo. <#UmNovoCaminho/> <#somoscapixabas/> <#es/> <#capixaba #eleições2018/> [T20]

Exemplo 83

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Será que as outras pessoas do país sabem que capixaba é quem nasce no ES? [T229]

O último processo a ser discutido é o verbal, com 3 ocorrências no *corpus*. Em todas, o ator social, capixaba, é incluído por passivação, ou seja, como *Verbiagem*:

Exemplo 84

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Aguardando a hora que o <#SomosCapixabas/> vai falar sobre o futebol capixaba, ou será que até nesse programa que fala sobre o ES a <@tvgazetaes/> vai excluir o nosso futebol? [T126]

Exemplo 85

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Uma palavra que define o capixaba é pocar <#SomosCapixabas/> [T207]

A pouca recorrência desse processo pode estar relacionada ao tipo de manifestação realizada e o suporte utilizado para tal. Não parece um exemplo de gênero em que os processos verbais sejam os mais produtivos, sobretudo porque, como vimos, as manifestações se voltam para a caracterização do capixaba, confirmando ou se opondo ao que a série televisiva veicula. Assim, as representações associadas ao capixaba e ao ES nesse *corpus* podem ser resumidas nas seguintes:

1. *Os capixabas que publicaram tuítes em resposta à série se veem orgulhosos de seu estado;*
2. *Os capixabas que publicaram tuítes em resposta à série concebem o seu estado como um detentor de potencialidades;*
3. *Os capixabas que publicaram tuítes em resposta à série representam seu estado como não merecedor de reconhecimento.*

Na próxima seção, desenvolvo algumas reflexões sobre as análises apresentadas desses dois *corpora*, com vistas a preparar o terreno para as considerações finais desta tese.

4.3 Somos capixabas

Ao longo das duas primeiras seções que compõem este capítulo, as análises realizadas e discutidas tinham como objetivo buscar nos depoimentos e nos tuítes as diferentes representações sociais construídas sobre o capixaba e pelo capixaba, por meio das escolhas léxico-gramaticais empreendidas. Essas escolhas refletem as vivências e a maneira pela qual esse ator social compreende o mundo que o rodeia em consonância com as suas relações interpessoais. Essas representações, enquanto processos culturais, estabelecem identidades individuais e coletivas, ao mesmo tempo em que mobilizam lugares possíveis de fala. Apesar de o termo “identidade” não ter aparecido explicitamente nos textos analisados, é possível inferi-lo em alguns momentos. A percepção de uma identidade capixaba que se opõe, por exemplo, a uma identidade carioca ou mineira foi constatada em diferentes contextos

nas análises realizadas, tanto relacionada a traços culturais do capixaba, quanto a seus hábitos cotidianos. Não raro, essa diferença esteve ancorada na valorização do local, com destaque para a competência do capixaba, para as belezas naturais do estado, para as possibilidades de empreendedorismo, dentre outras características do estado que o tornam atrativo e acolhedor, representações positivas cuja menção foi percebida nos dois *corpora* analisados.

A análise preliminar dos dados referente ao *Corpus 1: TV*, demonstrou que os entrevistados ao se referirem ao capixaba o fazem por meio de escolhas léxico-gramaticais que o incluem como parte de uma coletividade, sentidos possíveis pelos pronomes que constituíram esses itens. Mesmo quando se expressam em primeira pessoa, como vimos na *Seção 4.1*, a abertura à voz do outro parece ser uma tentativa de não impor uma visão única do mundo, mas sim, uma possibilidade de interpretação de sua realidade que pode, eventualmente, não ser partilhada pelo seu interlocutor. Apesar de o item “capixaba” não ter aparecido na lista dos mais recorrentes nesse *Corpus 1: TV*, o qual chamamos de “*Ideal*”, a alocação desse ator social nas funções gramaticais foi realizada em sua maioria por *participação*, com participantes ativos. Esse tipo de inclusão por *ativação* caracteriza um ator social ativo e dinâmico. As realizações léxico-gramaticais desses atores se deram principalmente como *Ator*, em processos materiais, *Experienciador*, em processos mentais e *Portador/Possuidor*, em processos relacionais, como demonstrado na tabela seguinte:

Tabela 6 - Tipos de participantes no *Corpus 1: TV*

TIPOS DE PARTICIPANTES				
Item analisado	<i>Ator</i> (Processo Material)	<i>Experienciador</i> (Processo Mental)	<i>Portador/Possuidor</i> (Processo Relacional)	% em relação ao total de ocorrências
Eu	0	12	0	100%
(A) gente	39	27	29	80%
Você	19	19	7	88%
Nós	14	6	29	96%

Fonte: o Autor, 2020.

Como se nota nos dados acima, há uma predominância da realização do ator social por *participação* em papéis ativos. Esses dados evidenciam ainda que o ator social quando incluído nos depoimentos da série adquire características daquele que faz, que pensa, que possui, ou seja, que é responsável pelos seus atos. Essas

representações sociais parecem vir ao encontro da premissa básica da série que é justamente mostrar que o capixaba é produtivo em diferentes setores, é criativo e empreendedor, além de valorizar as belezas naturais de seu estado. Nesse sentido, os resultados das análises do *corpus 1*: Ideal parecem apontar para dois perfis identitários sobre o capixaba: o de **analista**, associado principalmente aos usos do “eu”, – aquele que opina sobre o Espírito Santo e sobre o capixaba; e o de **credor** (perfil associado, principalmente, aos usos do “a gente”, do “nós” e do “você” com valor de nós) – aquele que pertence a um grupo que deve suscitar confiança ou estima pública ampla por conta de valores, tais como os atributos éticos e dos bens naturais e culturais de que dispõe e dos serviços que realiza.

Na análise do item “capixaba”, o mais recorrente no *corpus 2*: Tuítes, a *participação* ocorreu por *passivação*, cujo participante gramatical mais recorrente foi o *Atributo*, como apresentado na tabela a seguir:

Tabela 7 - Tipos de participantes no *Corpus 2*: Tuítes

TIPOS DE PARTICIPANTES				
Item analisado	Ator (Processo Material)	Fenômeno (Processo Mental)	Atributo (Processo Relacional)	% em relação ao total de ocorrências
Capixaba	2	2	37	69%

Fonte: o Autor, 2020.

A predominância de processos relacionais do tipo atributivo, nos quais o ator social “capixaba” é incluído por *passivação*, representado como o participante gramatical *Atributo*, indica que esse item é empregado na construção de relações abstratas entre os membros de uma classe (FUZER; CABRAL, 2014). Logo, ao afirmarem : “Sou capixaba com muito orgulho [...]” [T243], ou “Sou muito capixaba [...]” [T143], os internautas tendem a compartilhar essa característica com outros internautas igualmente orgulhosos em fazerem parte desta comunidade comum, unidos pela *hashtag* #somoscapixabas e que se veem como componente de um grupo representativo. O “eu”, participante desses processos relacionais, pode ser inferido pela desinência do verbo “ser”, e caracteriza um sujeito humano, cuja papel gramatical é representada pelo *Portador*. Dessa forma, no *corpus “Real”*, o participante “capixaba” não é aquele que faz, pensa ou possui, mas se trata de uma característica

que une todos os habitantes do estado, permitindo que nós nos reconheçamos, nos avaliamos e nos representamos, pois partilhamos um atributo comum: *somos todos capixabas*. Além disso, as ocorrências do item “capixaba” como *Atributo* acumulam-se as funções de classificação e de descrição avaliativa graduável. Isto é, o *Portador*, ao se atribuir essa designação, projeta, do ponto de vista interpessoal, um perfil de *fã* (*Sou muito capixaba*). Esse uso avaliativo de um classificador parece refletir um padrão linguístico recorrente em atividades recreativas de torcida, sobretudo no universo futebolístico: *Sou (muito) Vascão, Sou (muito) Mengão, Sou (muito) Verdão etc.* Recentemente, um padrão semelhante foi adotado em campanha publicitária da Coca-Cola, em que diversos nomes próprios (Identificadores) foram impressos nas embalagens do refrigerante (em cada embalagem um nome), inseridos no fraseado: “*Quanto mais fulano de tal melhor.*”

Finalizo aqui este capítulo em que apresentei e discuti os resultados das análises sobre as representações sociais construídas sobre o ator social “capixaba”, levando em consideração os itens selecionados em dois *corpora*. A seguir, volto às perguntas de pesquisa e apresento as considerações finais desta tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa, salientei que uma das minhas motivações foi a presença incipiente de trabalhos em Linguística envolvendo a relação entre linguagem e identidade nos processos de autoconstrução e autorrepresentação de identidades individuais e coletivas, o que foi discutido no Capítulo 1 desta tese. Na **Introdução**, achei pertinente trazer algumas reflexões sobre a história de constituição do Estado do Espírito Santo, destacando as principais dificuldades na sua colonização. Tais dificuldades impactaram negativamente o desenvolvimento da capitania, o que parece não ter acontecido de forma similar nas capitanias vizinhas. Esse fato, como destacado, parece ter tido um papel simbólico relevante nos processos de reafirmação de uma identidade representativa para o estado e, conseqüentemente, para o capixaba, enquanto povo. Essa busca pela representação da identidade capixaba foi o objetivo que orientou toda esta pesquisa. Meu interesse era investigar *como se dá a autorrepresentação discursiva da identidade capixaba*, e a partir desse trabalho *fazer uma contribuição conceitual e metodológica aos estudos linguísticos sobre representação e identidade*. Para tanto, selecionei um *corpus* de pesquisa subdividido em dois *corpora*, representando dois gêneros discursivos: depoimentos transcritos da primeira temporada da série “Somos Capixabas”, e um conjunto de tuítes coletados ao longo da exibição dessa série reunidos com o auxílio da *hashtag* *#somoscapixabas*. Com esses objetivos principais definidos, estabeleci perguntas de tese que serão respondidas nesta nossa conversa final.

Na discussão teórica empreendida, destaquei três conceitos-chave para a pesquisa: identidade, representação e diferença. Assim, o Capítulo 1 foi dedicado, inicialmente, a uma reflexão sobre a intrínseca relação entre representação e identidade, na medida em que somos representados e nos autorrepresentamos de diferentes formas que estão ligadas à constituição de identidades, individuais ou coletivas. Uma das grandes dificuldades em um estudo sobre identidade reside no caráter polissêmico desse conceito. Há diferentes formas de compreendê-lo, o que vai depender do que se está estudando e a que resultado se pretende chegar. Muitas vezes, na busca por uma definição para esse termo, não se encontram categorias que descrevem efetivamente a sua metaforicidade, o que permitiria um trabalho analítico mais palpável. Dito de outra forma, ao se conceber a identidade como uma categoria

de prática social, por meio de metáforas que destacam o seu caráter líquido e instável, a própria definição do conceito se torna “fraca”, como visto no Capítulo 1. Nesse sentido, o estudo da representação se faz necessário, pois é ela que fornece os subsídios analíticos para uma reflexão sobre uma categoria de prática social. Ainda nesse capítulo, tratei da relação entre linguagem e identidade, recorrendo a autores diversos que argumentam que a identidade é uma prática social, construída na e pela linguagem. Em outras palavras, a linguagem em suas diversas manifestações permite a expressão das diferentes maneiras de se ver e compreender o mundo, por meio da criação de significados que nos dizem respeito em termos de identidade. A identidade passa, então, a ser compreendida como um autoconceito, construído pelos significados da linguagem e refletidos por ela. O discurso seria uma prática de representação e constituição do mundo, servindo, portanto, para diversos fins, tais como a construção das identidades sociais, a contribuição no estabelecimento de conhecimento e crença e a construção de relações sociais. Dessa forma, os efeitos do discurso se associam às funções da linguagem, da qual destacamos a função ideacional, ou seja, a maneira pela qual os textos significam o mundo e seus processos. Após essa discussão teórica, fez-se necessário o estabelecimento do conceito de identidade utilizado aqui. Levando-se em conta o caráter desta pesquisa e os sujeitos nela envolvidos, os capixabas, adotei, então, um conceito de identidade calcado na **autoconstrução** e na **autorrepresentação**. Esses conceitos se imbricam na medida em que se relacionam a um grupo, heterogêneo em sua essência, mas que compartilha atributos, crenças e valores entre seus membros, avaliando-se e avaliando seus pares, o que permite ao analista classificá-lo como um povo, um organismo social, e no caso desta pesquisa, como “capixabas”. Esses atributos são categoriais e relacionais, isto é, formas de representação (e autorrepresentação) do que é “ser capixaba” e são construídos na e pela linguagem, capturados e discutidos em nível micro e macro, por meio de categorias analíticas descritas no Capítulo 2.

No capítulo 2, portanto, apresentei o arcabouço teórico desta pesquisa, constituído por conceitos-chave da GSF, de Halliday e de algumas categorias do inventário sociosemântico proposto por van Leeuwen, na Teoria dos Atores Sociais. Essas duas teorias forneceram as bases necessárias para as análises propostas, pois as categorias analíticas de que me servi, a metafunção ideacional e sua instanciação através da transitividade, bem como os processos léxico-gramaticais de inclusão e exclusão dos atores sociais, permitiram entender a relação entre linguagem e

identidade, por meio das análises das representações feitas pelos sujeitos desta pesquisa, os capixabas, tanto nos episódios transcritos da série, quanto nos tuítes.

A metodologia de trabalho foi descrita no Capítulo 3, em que apresentei a estratégia de triangulação. Essa estratégia foi adotada uma vez que lidei com dois *corpora* distintos. Por um lado, isso exigiu um esforço maior na coleta, tratamento e análise dos dados, mas, por outro, a justaposição dos resultados analíticos permitiu que esta tese fosse além das representações circunscritas a uma fonte de coleta de algo idealizado. Ainda nesse capítulo, apresentei e descrevi brevemente a série “Somos capixabas”, meu *Corpus* 1, destacando os objetivos que orientaram a sua produção e que consequentemente tiveram um impacto na montagem final dos episódios. Em relação ao *Corpus* 2: Tuítes, a escolha se deu baseada no meu desejo de ter um material de análise que representasse manifestações espontâneas, não elicitadas por um entrevistador. Assim, os tuítes cumpriram esse papel, além de dialogarem com a série, de duas formas: avaliando os episódios e estabelecendo uma conversa com o conteúdo veiculado, instaurando um ambiente intertextual. Após a limpeza e tratamento, os dois *corpora* foram inseridos no programa *AntConc* que me forneceu a lista de itens mais recorrentes e os contextos em que esses itens apareciam. A partir daí, iniciei as análises.

O capítulo 4 foi dedicado exclusivamente às análises dos dois *corpora*, à luz do arcabouço teórico delimitado e das categorias de análise estabelecidas. Com os resultados dessas análises, trarei a seguir algumas reflexões com vistas a responder às perguntas de tese deste trabalho de pesquisa. Tendo como foco a discussão sobre o que é ser capixaba, ou seja, considerando que se trata de um grupo social, *é possível investigá-lo por meio dos seus usos linguísticos e estabelecer algum mapa cultural/social sobre a identidade desse grupo, suas crenças e valores?* Em caso afirmativo, *é possível utilizar nessa investigação categorias que em sua origem visam à representação social em pesquisa sobre autorrepresentação?* Se sim, *que categorias são pistas dessa autorrepresentação?* Considerando, ainda, o *discurso co-construído das entrevistas e tuítes*, *é possível depreender uma representação coletiva do que é “ser capixaba”?* *Que escolhas léxico-gramaticais são indicativos dessa autorrepresentação?* *Os dois corpora de estudo se completam ou se contradizem na pauta da representação?*

No corpus analisado, três conjuntos de autorrepresentações gerais podem ser depreendidos: um que se volta para capixaba enquanto povo, isto é, quando, ao falar sobre o capixaba, o ator social utiliza os pronomes “(a) gente”, “nós” ou “vocês”, referindo-se a uma coletividade da qual ele faz parte; um segundo, inserido no âmbito mais individual, ou seja, quando este ator ao falar sobre o capixaba o faz com os pronomes “eu”, “você” ou um outro ator nomeado. E o terceiro é focado metonimicamente nos detalhes que compõem o estado, por exemplo, a moqueca, a música, e os diversos projetos e empreendimentos sociais desenvolvidos por capixabas. Assim, notei que essas autorrepresentações estabelecem relações categoriais e relacionais. Ou seja, onde “eu me encaixo” (sou artista, sou luthier, sou empreendedor social), e, também, quem está “no meu meio e com quem eu me relaciono” (a mulher cafeeira, as paneleiras com quem trabalho, os meus alunos). Além disso, essas autorrepresentações também permitem a identificação dos valores e crenças desses sujeitos: “*eu acredito que a gente tem de trabalhar o contrário [...]*”; “*Fala que a mulher é sexo frágil, mas isso é engano a mulher é sexo forte a mulher hoje tá trabalhando mais do que os homens*”.

Os entrevistados ao se referirem aos capixabas por meio dos pronomes “(a) gente”, “você” e “nós”, parecem, ainda, generalizar esse ator social, ao mesmo tempo em que o agrupam em comunidades que partilham traços, crenças e valores permitindo a sua autorrepresentação. Assim, esses pronomes deixam de fazer parte de uma simples nomenclatura gramatical, indicando quem efetivamente fala e que locais de fala ele ocupa, estabelecendo limites entre “mim” e o “outro”. A autorrepresentação também pode ser vista como uma autocompreensão, na medida em que ambas não implicam necessariamente a concepção de um “eu” homogêneo, limitado ou unitário, mas sim visto sob diversas formas, principalmente em relação aos espaços sociais que ocupa e as relações que estabelece com seus pares.

Ao longo das análises, aponteí, ainda, representações ancoradas em aspectos afetivos e simbólicos, por exemplo, quando o ator social se vale de processos mentais com verbos *gostar*, *amar*, *preferir*, esse ator social, na função de *Experienciador* é aquele que sente. Por implicação, temos autorrepresentações ligadas a aspectos afetivos, ou seja, as escolhas feitas por esse ator implicam uma relação de afetividade entre ele e aquilo ao qual se refere. Outras vezes, essa representação se faz de forma simbólica, por exemplo, na exaltação da moqueca, que passa a ser o ícone da culinária capixaba, além de ser considerada como o prato original, sendo as

moquecas de outros estados descaracterizadas como tal. É nítida a tentativa de se valorizar os símbolos, representações explícitas que refletem o que é ser capixaba, isto é, que permitem o estabelecimento de uma identidade coletiva. A repetição dessas representações acaba por lhes conferir um caráter performativo, a língua nesse sentido passa a ter força nos processos de produção de identidades, pois é por meio dela que essas representações são estabelecidas.

Se no *Corpus 1*: TV o capixaba se autorrepresenta de forma predominantemente positiva, como vimos, destacando tanto o seu meio quanto as relações que estabelece com seus pares, no *Corpus 2*: Tuítes, essa autorrepresentação toma alguns caminhos distintos: Inicialmente, constatei no *Corpus 2* representações igualmente positivas do estado, explicitadas sob diversas formas, sobretudo, metonimicamente, em referência à gastronomia, à cultura, aos pontos turísticos capixabas. No entanto, também identifiquei representações negativas sobre o estado, algumas explícitas e outras que não são ditas, mas sugeridas pela léxico-gramática. Essas representações negativas estão associadas ao fato de a *hashtag* *#somoscapixabas* ter figurado durante algum tempo dentre os assuntos mais comentados no Twitter. Essa “fama” virtual não está relacionada a algo positivo sobre o estado, mas sim à surpresa por parte dos internautas em ver o estado sendo retratado de forma positiva pela mídia, o que parece não ser algo recorrente ou que se esperava. Essas representações parecem sublinhar, por um lado, que há um sentimento de inferioridade relacionado à importância do estado no cenário nacional e, por outro, que as representações comumente feitas pela mídia exploram aspectos negativos do estado. Essa surpresa em ver a *hashtag* *#somoscapixabas* dividindo as primeiras posições com outras em nível nacional trouxe à tona a discussão que eu empreendi em 2011 (MACHADO, 2011), sobre esse sentimento de desvalorização do estado e consequentemente do capixaba. Parece-me que mesmo passados 9 anos da pesquisa de 2011, é forte essa sensação de que o Espírito Santo precisa se reafirmar no contexto nacional, não de forma negativa, mas sim pelos aspectos que o tornam atrativo e que deram o tom à série “Somos Capixabas”. O *Corpus 2*: Tuítes revelou, ainda, autorrepresentações sobre o “ser capixaba” que ultrapassam os limites territoriais, na medida em que deixa de ser uma identidade conferida no nascimento, para ser sentida. Ou seja, “ser capixaba” é também “se sentir capixaba”. Logo, processos que instituíam uma relação entre duas entidades, o relacional, na autorrepresentação, são substituídos por processos mentais, em que o ator

experiencia o sentimento capixabista de ser. Isso evidencia que possíveis limites geográficos que demarcam estados e regiões deixam de existir quando se trata de “ser capixaba”. Mesmo quando os autores dos tuítes se autorrepresentam como alguém de fora do estado, não sendo, portanto, capixabas de nascimento, eles se veem como tal, por alguma relação de parentesco ou uma aproximação afetiva.

Em relação aos processos e aos participantes identificados nos dois *corpora* e que permitem o estabelecimento de representações sobre o capixaba, destaco que as escolhas léxico-gramaticais dos entrevistados o incluem como integrante de uma coletividade. Apesar de o item “capixaba” não ter aparecido na lista dos mais recorrentes no *Corpus* 1: TV, ao qual chamei de “Ideal”, a alocação desse ator social nas funções gramaticais foi realizada em sua maioria por *participação*, com participantes ativos. Esse tipo de inclusão por *ativação* caracteriza um ator social ativo e dinâmico. As realizações léxico-gramaticais desses papéis se deram principalmente como *Ator*, em processos materiais, *Experienciador*, em processos mentais e *Portador/Possuidor*, em processos relacionais. Em outras palavras, esses dados mostram que o ator social quando incluído nos depoimentos da série adquire características daquele que faz, que pensa, que possui, ou seja, que é responsável pelos seus atos. O capixaba se autorrepresenta como aquele que é responsável pelas suas próprias escolhas. O mesmo não pôde ser observado na análise do item “capixaba” que, curiosamente, foi o mais recorrente no *Corpus* 2: Tuítes, ao qual chamei de “Real”. Neste, a *participação* ocorreu por *passivação*, cujo participante gramatical mais recorrente foi o *Atributo*. Nesse sentido, capixaba, deixa de ser um ator social ativo, passando a ser um atributo daquele que é nascido no Espírito Santo e, também, como vimos, daquele que “se sente” capixaba.

Em relação ao nosso último questionamento: *Os dois corpora de estudo se completam ou contradizem na pauta da representação?* O que constatei após as análises é que o *Corpus* 1: TV, “Ideal”, não reflete necessariamente o que o *Corpus* 2: Tuítes mostrou. Em outras palavras, as representações construídas sobre o capixaba e sobre o estado no *Corpus* 1: TV são essencialmente positivas, ou seja, a série quer mostrar um estado e um capixaba da melhor forma possível. Não há alusão a aspectos negativos relacionados ao estado, como se eles não existissem, o que não surpreende, dado o objetivo principal do programa. As poucas críticas percebidas são feitas por alguma figura pública cujo local de fala é garantido e apenas tangenciam questões políticas e/ou simbólicas, como a falta de investimentos no setor turístico ou

a falta de “capixabismo”. Quando se observa o *Corpus 2*: Tuítes, “Real”, constata-se que a exaltação do estado e do capixaba provoca surpresa, pois é algo não esperado, muito devido a toda a história de apagamentos e desvalorização do estado, como destacado na Introdução desta tese, ou ainda pela recorrência na mídia de discursos que reforçam aspectos negativos sobre o estado e sobre o capixaba. Assim, concluo que o *Corpus 1*, ao privilegiar apenas o que de bom o estado e o capixaba têm, com predominância de processos relacionais do tipo possessivo, estabelece representações que complementam aquelas representações vistas no *Corpus 2*. Dito de outra forma, se os aspectos negativos relacionados ao estado não aparecem na série, nos tuítes eles tiveram destaque, dada a surpresa de a *hashtag* #somoscapixabas figurar dentre os assuntos mais comentados e não ser por algo negativo. Assim, esses dois *corpora* se completam formando um mosaico sociocultural do estado, revelando autorrepresentações que permitem o estabelecimento de uma fotografia do capixaba, do sentimento capixabista de ser e do seu pertencimento a um território que se estende para além dos limites geográficos do estado. Essa “fotografia”, sendo um conjunto de resultados, está circunscrita a um momento específico, capturado por meio de dois ângulos: o “Ideal”, representado pela série, sendo o ângulo mais fotogênico, pois foi roteirizado e editado; e o “Real”, retratado pelos tuítes que, agrupados, constituem uma longa conversa sem edição. Se na série essa “fotografia” é apresentada com retoques, nos tuítes, ela deixa transparecer algumas marcas do real. Tem-se, assim, dois olhares complementares sobre o Espírito Santo e sobre o capixaba.

Ainda sobre o *Corpus 1*, nele observam-se dois níveis de representação, que chamo de micro e macro. No que tange ao primeiro, tem-se os diferentes depoimentos dos participantes da série (índio, paneleira, professor, artista, dentre outros) que falam sobre si, se autorrepresentam. Os entrevistados da série conhecem as razões da entrevista, pois a questão norteadora e que ecoa em todos os episódios é justamente o que é ser capixaba. Logo, ao responderem a essa pergunta, eles retratam suas experiências de vida quotidiana, falam sobre si, sobre o mundo que os rodeia, suas crenças e valores valendo-se do conceito de identidade como prática social.

O nível macro envolve a visão do diretor, que embora guiado por objetivos previamente estabelecidos por uma instância superior, detinha o poder simbólico de propor os recortes necessários, e que representavam o seu olhar sobre o que é ser capixaba. Assim, a parte visual do filme (enquadramento, planos sequência, escolha

dos cenários, etc.) tem a ver com a representação que o diretor quis impor ao material. A série, nesse sentido, representa esse nível maior, no qual as representações tornam-se políticas, pois mostra o povo capixaba, e o estado, de forma positiva. As críticas são, portanto, veladas. A instância superior responsável pela série, a Rede Gazeta, sendo uma empresa capixaba, e em comemoração aos seus 90 anos, quis mostrar positivamente o estado, idealizando uma identidade capixaba coletiva, representada, principalmente, por aquilo que o estado e o capixaba **têm** de positivo: turismo, gastronomia, belezas naturais, empreendedores sociais, artistas, dentre outros. Ao passo que o *Corpus 2* mostrou representações ancoradas naquilo que o estado e o capixaba **são**, com predominância de processos relacionais do tipo atributivo, em que ser capixaba é o próprio atributo.

Assim, partindo dessas reflexões, alguns perfis identitários genéricos sobre o capixaba puderam ser estabelecidos. No *Corpus 1*, foram identificados dois perfis: o capixaba como **analista**, quando o “eu” é empregado na expressão de opiniões sobre o Espírito Santo e sobre o capixaba; e o capixaba como **credor**, quando os usos do “a gente”, do “nós” e do “você”, com valor de “nós”, permitem a sua inclusão em um grupo que deve suscitar confiança ou estima pública ampla por conta de valores éticos, dos bens naturais e culturais de que dispõe e dos serviços que realiza. No *Corpus 2*, o perfil identitário está relacionado às ocorrências do item “capixaba” como *Atributo*, acumulando as funções de classificação e de descrição avaliativa graduável. O *Portador*, então, ao se conferir essa designação, projeta um perfil de **fã** do capixaba (ou de si mesmo, quando o ator social é o próprio capixaba) do ponto de vista interpessoal. Esses perfis identificados funcionam também como categorias de análise para o estudo sobre a (auto)representação de grupos sociais, constituindo um aporte relevante desta tese para o estudo das representações sociais.

Nesta tese, propus um trabalho interdisciplinar, que uniu conceitos das Ciências Sociais com uma teoria linguística, ou seja, um arcabouço teórico que lida com as escolhas e o seu papel nessa co-construção de identidades. Acredito que a perspectiva interdisciplinar que apresentei se mostrou válida e produtiva, na medida em que investiguei possibilidades de tratamento teórico da identidade, permitindo revelar alguns aspectos importantes desse construto relacionados à linguagem. Essas teorias foram aplicadas a dois gêneros distintos, depoimentos orais da primeira temporada da série “Somos Capixabas”, transcritos por mim, e um conjunto de tuítes com a hashtag #somoscapixabas, recolhidos ao longo do período de exibição da série

em rede aberta de televisão. Para a análise desses *corpora*, apliquei inicialmente uma abordagem quantitativa, desenvolvendo uma metodologia específica e que pode ser replicada em outros trabalhos que lidam com as relações entre linguagem e identidade nos processos de autoconstrução de identidades individuais e coletivas. Fiz uso da triangulação, uma estratégia metodológica muito utilizada nas Ciências Sociais, e que se mostrou bem válida nesta pesquisa que envolve a linguagem.

Demonstrei, ao longo do trabalho, que identidade é algo realmente fluido, instável historicamente e socialmente construída e que “ser capixaba” é ser múltiplo. No entanto, o estudo das representações mostrou a existência de padrões linguísticos que fornecem pistas de indivíduos que compartilham atributos, crenças, valores e que se organizam em grupos, por exemplo, aqueles que nascem no estado e são capixabas (autocategorização) ou aqueles que se sentem capixabas por alguma razão (relacional). Além disso, esta pesquisa sobre representação deixou transparecer a autorrepresentação do indivíduo, mas também do coletivo, na medida em que, ao falarem sobre si, os capixabas falam, também, sobre o outro. Identidade é pertencer a um gênero, a uma classe, a uma etnia e é socialmente construída, já as representações são as formas simbólicas que usamos e que permitem a nossa identificação, construídas discursivamente na e pela linguagem. A representação pode estabelecer construções individuais e coletivas, por meio de sistemas simbólicos como a linguagem. A representação, não sendo neutra, constitui em si um ato de poder, ao me representar, eu delimito fronteiras, e instituo um “eu”, às vezes momentâneo, que se diferencia do “outro”. Nesse sentido, este trabalho explorou duas oportunidades para a autorrepresentação: os depoimentos (direta) nos quais os capixabas respondem a questões sobre o que é ser capixaba e se autorrepresentam de forma idealizada, estabelecendo uma identidade igualmente idealizada; e os tuítes (indireta), nos quais, ao reagirem à série, os internautas se autorrepresentam de forma real. Os textos dos tuítes fazem parte de uma longa conversa sobre o que é ser capixaba, são publicados sem o filtro de uma instância superior, e sem edição.

Embora saiba que o recorte proposto nesta pesquisa e as análises empreendidas permitiram responder aos questionamentos iniciais, compreendo que algumas questões ainda carecem de uma reflexão mais ampliada, já que o escopo dessa pesquisa foi limitado a dois *corpora*. As entrevistas, previstas na gênese desse trabalho, podem fechar esse círculo, trazendo mais subsídios para a compreensão sobre os processos discursivos da representação e da autorrepresentação em geral

e sobre o que é ser capixaba, em particular. Além disso, entendo que um importante aspecto de um possível estudo sobre representação em relação à série “Somos capixabas” poderá ser abordado futuramente ao incluir imagens escolhidas como pano de fundo para os depoimentos, os enquadramentos propostos, a seleção de entrevistados, a origem do diretor, se capixaba ou não. Elementos que se mostraram relevantes para este trabalho, mas que por questões metodológicas não foram levados em consideração. Outro aspecto ainda a ser discutido em trabalhos vindouros é a investigação sobre a maneira como a história de constituição do Espírito Santo é trabalhada no currículo estadual, ou ainda nas fontes primárias, o que há hoje registrado dos textos de fundação do estado, pois conhecer sua história é reivindicar para si uma identidade, um local de fala, e a educação formal tem (ou deveria ter) as ferramentas necessárias para tal fim.

Destaco, ainda, a aplicação da teoria dos Atores Sociais nos *corpora* selecionados. Essa teoria não foi elaborada especificamente para o fim com qual eu a utilizei, ou seja, para a investigação da identidade social. No entanto, como ela apresenta categorias analíticas que dialogam com a função ideacional da linguagem, isto é, como os atores sociais veem e compreendem o mundo ao seu redor, ela pode ser aplicada em um trabalho empírico, permitindo entender como o grupo se autocaracteriza e se autorrepresenta. Esta é uma contribuição relevante feita por esta tese porque abre caminhos para estudos linguísticos de identidade, uma vez que trabalhos sobre representação que se ancoram teoricamente em van Leeuwen não abordam a autorrepresentação. Demonstrei, ainda, que é possível a aplicação desse arcabouço teórico, normalmente associado a textos, a fragmentos de textos de uma longa conversa do *Twitter*, reunida por meio de uma determinada *hashtag*, o que a meu ver parece ser uma novidade nos trabalhos realizados atualmente em língua portuguesa com *corpus* dessa plataforma virtual.

Além disso, a metodologia empregada, com ferramental baseado em *corpus* digitalizado e digital, e a estratégia da triangulação se mostraram uma escolha acertada, possibilitando que outros trabalhos investigativos sobre a autorrepresentação social possam ter uma base teórica concreta sobre a qual iniciar a discussão. Tendo em vista os resultados apresentados nesta pesquisa, entendo ter contribuído para a reflexão sobre identidade, representação e diferença conceitos que estão na ordem do dia, sendo amplamente estudados, tanto nas Ciências Sociais, e mais recentemente na Linguística, principalmente os dois últimos. Se no mestrado eu

investiguei as representações sociais sobre o Espírito Santo e sobre o capixaba veiculadas pelo jornal “A Gazeta”, numa visada político-econômica, neste, o foco se voltou exclusivamente para a autorrepresentação discursiva da identidade capixaba, aproximando campos de estudos, usualmente separados, com um ferramental metodológico normalmente não empregado para este fim.

Perspectivas de pesquisa futura

O interesse pelo estudo sobre a identidade capixaba foi o que motivou a pesquisa que empreendi ao longo do meu mestrado, cujos resultados retrataram um momento específico, expandido neste trabalho atual. Se no início, meu olhar se voltou para as representações sociais sobre o estado e o capixaba veiculadas pelo jornal escrito “A Gazeta”, agora, ampliei esse escopo incorporando depoimentos e tuítes em que os sujeitos se manifestavam, principalmente, sobre o que é ser capixaba. No entanto, esta tese, enquanto um processo e não um produto terminado, encaminha-se para um trabalho de pós-doutorado, no qual serão utilizados depoimentos extraídos de um roteiro estruturado de perguntas, aplicado a sujeitos capixabas, de diferentes partes do estado. Assim, será possível encerrar um ciclo de pesquisa e reflexão sobre a identidade capixaba, iniciado em 2009.

REFERÊNCIAS

- ABDEL-FATTA, F. *Représentations interculturelles et identités en présence dans l'enseignement de la culture française en Jordanie*. Tese. (Tese de doutorado em Ciência da Linguagem, didática e semiótica) - Université de Franche-Comté, U.F.R des Sciences du langage, de l'homme et de la société, Faculté de lettres et sciences humaines, Besançon, 2016. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUK EwiPoNqmlNjjAhXwl7kGHZ9IBK4QFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Findexation.univ-fcomte.fr%2Fnuexo%2Fsite%2Fesupversions%2F1b027a8a-88b8-405b-a6c646210be9fb6c&usg=AOvVaw1b7rhkgV45JBkyZmU_VYBD. Acesso em: 31 maio 2018.
- AURÉLIO, R. P. *Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3751>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- AZEVEDO, C. E. F. et al. *Estratégia de triangulação: objetivos possibilidades, limitações e proximidades com o pragmatismo*. In: IV ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 4., 2013, Brasília, DF. [Brasília, DF: EnEPQ, 2013]. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ5.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- BAKHTIN, M. *The dialogic imagination: four essays*. Ed. M. Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BARBARA, L. Macêdo, C. M. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso: um panorama introdutório. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 10, n. 1, 2009 p. 89-107. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9278>. Acesso em: 02 mar. 2019.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005;
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001;
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática. 1983. p.122-155.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000;

BOURDIEU, P. *Le Sens pratique*, Paris, Minuit, 1980.

BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BREAKWELL, GM, Empirical approaches to social representations and identity processes: 20 years on. *Papers on Social Representations*, Special Issue, v. 11, p.17.1-17.4, 2020.

BRUBAKER, R. Au-delà de l' "identité". *Actes de la recherche en sciences sociales*, v.4, n. 139, p. 66-85, Sept. 2001. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2001-4-page-66.htm>,. Acesso em: 10 fev. 2019.

CABRAL, S. R. S. *Transitividade e auto-representação em um debate político*. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 16, n. 1, p. 9-35, 29 jun. 2015 Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7525>. Acesso em: 24 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v16i1.7525>

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTILHO, A, T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CERVILLE, M ; PAILLER, F. #mariagepourtous: Twitter et la politique affective des hashtags. *Revue française des sciences de l'information et de la communication*, n. 4, 2014. [online]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rfsic/717>. Acesso em: 31 mar. 2020. DOI.org/10.4000/rfsic.717.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh : Edinburgh University Press, 1999.

DAMASCENO, G. L. N.; RODRIGUES, V. V. Os padrões de transitividade de processos materiais e a construção de sentidos. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 1989-2025, 2017. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/issue/view/598>. Acesso em: 02 set. 2019.

DAMASCENO, G. L. N.; RODRIGUES, V. V. *A transitividade de processos materiais em notícias jornalísticas*. 2016. 186 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/pt/doutorado/teses/teses-2016.html>. Acesso em: 02 set. 2019.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUARTE, T. *A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*. Editora CIES-ISCTE, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/1319>. Acesso em: 15 jul.2019.

EGBERT, J.; BAKER, P. *Using corpus methods to triangulate linguistic analysis*. New York, NY: Routledge, 2020.

EGBERT, J.; BAKER, P. *Triangulating methodological approaches in corpus linguistic research*. New York, NY: Routledge, 2016.

EGGINS, S; MARTIN, J.R. Genres and Registers of Discourse. *In: VAN DIJK, T. A. Discourse as structure and process: a multidisciplinary introduction*. Londres: Stage Publication, 1997. v.1, p. 230-256.

EVANS, D. *Language and identity: discourse in the world*. Bloomsbury Academic. London, 2015;

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis*. Harlow: Longman Group UK Limited, 1995.

FIGARO, R. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a comunicação no mundo do trabalho. *Fronteiras - Estudos Midiáticos*, v. 16, n. 2, p. 124-131, 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.06>. Acesso em: 15 jul. 2019.

FIRTH, J. R. *The technique of semantics*. Transactions of the Philological Society. Papers in Linguistics. London: Oxford University Press, 1935, p. 36-72. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-968X.1935.tb01254.x>. Acesso em: 22 set. 2020

FLORÊNCIO, J. A. *Representações de atores sociais em fontes autorais e não autorais em relatórios de estágio de um curso técnico em agropecuária integrado: um estudo sistêmico-funcional*. (2018). 367 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/15056>. Acesso em: 12 maio 2020.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRIDMAN, L. C. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado das letras, 2014;

GONÇALVES-SEGUNDO, P. *Engajamento e processamento discursivo: diálogos entre a linguística sistêmico-funcional e a linguística cognitiva*. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, p. 153-169, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/704>. Acesso em: 22 abril 2020.

GOUVEIA, C. A. M. *Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional*. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca24/arqs/matraca24a01.pdf>. Acesso em: 15 out 2018.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. *Identités et cultures : politiques des cultural studies*. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

HALL, S. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. *On Language and Linguistics*. London: Continuum, 2003

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1985.

HALLIDAY M. A. K.; MATTHIESSEN M. I. M. *An introduction to functional grammar*. Oxford University Press Inc. New York, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.: *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. London: Cassell, 1999.

HASAN, R. *Language, society and consciousness*. London: Equinox, 2005.

JOSEPH, J. E. Historical perspectives on language and identity. In: PREECE, Siân. *The routledge handbook of language and identity*. New York, NY: Routledge, 2016.

LEVINAS, E. *The Levinas Reader*. Oxford: Blackwell, 1989.

LINDENBERG, L. A gazeta. In: BRITTES, J. (org.). *Imprensa capixaba: aspectos históricos da Imprensa Capixaba*. Vitória, ES: EDUFES, 2010;

MACHADO, M. R. *O papel do discurso jornalístico nos processos de (re) construção identitária: A era do pré-sal no Espírito Santo*. 2011. 137 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3731>. Acesso em: 26 ago. 2019.

MALINOWSKI, B. The Problem of Meaning in Primitive Languages. In: OGDEN, C. K ; RICHARDS I. A. *The meaning of meaning: a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism*. 8th ed. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1946. p. 296-336.

MARTIN, J.R ; WHITE, R. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. Nova York, Hampshire : Palgrave Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, C.; BATEMAN, J. *Text Generation and Systemic-Functional Linguistics: Experiences from English and Japanese*. Michigan: Universidade de Michigan Pinter, 1991.

MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: A construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês. (org.). *Língua(gem) e Identidade*. Campinas, SP: Mercados das Letras, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Discursos de identidade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

MORAES, A. D. *Comunicação, Discurso e Identidade: a construção da identidade capixaba nos jornais A Gazeta e A Tribuna*. 2004. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=43266. Acesso em: 22 set. 2019.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORLANDI, E. P. *O discurso fundador: a formação de um país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

OLIVEIRA, J. T. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

PENNA, M. *Identidade social, linguagem e discurso*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.

PENNA, M. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo"* Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PREECE, S. *The routledge handbook of language and identity*. New York, NY: Routledge, 2016.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas, SP: Mercados das Letras, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, F. *O sistema de representação de atores sociais e as práticas discursivas online de uma associação de moradores*. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/35119727/O_sistema_de_representa%C3%A7%C3%A3o_de_atores_sociais_e_as_pr%C3%A1ticas_discursivas_online_de_uma_associa%C3%A7%C3%A3o_de_moradores. Acesso em: 02 mar. 2019.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practice: news tools for a critical discourse analysis*. Oxford University Press, Inc. New York, 2008.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, E.R. (org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, 1997. p.169-222.

VIDAK, M. Le mot-dièse (hashtag) : émergence d'une nouvelle forme de figement dans une diachronie très courte. *Language design: journal of theoretical and experimental linguistics*, 2016, p. 217-234. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/landes/landes_a2016specialissue/landes_a2016specialissue_p217.pdf. Acesso em: 31 mar. 2020.

VIEIRA, L. Morrer pela pátria? Notas sobre identidade nacional e globalização. In: VIEIRA, L. (org.). *Identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WODAK, R. et al. *The discursive construction of national identity*. Edinburgh University Press, 2009.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WYNNE, M. Developing linguistic corpora : a guide to good practice. *AHDS – Literature, languages and linguistics*, 2005. Disponível em: http://icar.cnrs.fr/ecole_thematique/contaci/documents/Baude/wynne.pdf. Acesso em: 26 jul. 2020.

YACOVENCO, Lilian Coutinho et al. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. *Alfa, rev. linguíst.* São José Rio Preto, SP, v. 56, n. 3, p. 771-806, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-57942012000300003>.

ZANDONADI, D.; BESSA, I. Espírito Santo inicia nova era do petróleo no Brasil: a extração do pré-sal tem importância mundial. *A Gazeta*, Vitória, 2 set. 2008. Capa.

ZANDONADI, D.; BESSA, I. Petróleo: novo ciclo começa hoje com poço no Litoral Sul. *A Gazeta*, Vitória, 12 ago. 2008. Capa.

ZAPPAVIGNA, M. *Discourse of Twitter and Social Media*: how we use language to create affiliation on the web. London: Bloomsbury, 2012.

ANEXO A: Transcrições dos episódios da série “Somos Capixabas”

<SÉRIE: “Somos Capixabas”

Episódio 1, Bloco 1

Data de Veiculação: 28 de julho de 2018>

<Somos capixabas

Episódio 1/Bloco 1

Cacique P.K>

Meu povo Guarani ele mantém, ele é muito resistente porque meu povo guarani ele é um dos povo mais velho do mundo. Os guarani sempre mantém o seu costume, né, a sua língua, ainda mantém a maioria da cultura ainda muitas coisas ainda não acabou, né, então a gente tamos trabalhando para que não acabe a cultura nossa, né. Eu vejo outros povos indígenas passando por momentos muito difíceis, questão de língua, crença mesmo, os povo não indígena não respeita por causa disso só porque não mantém a sua língua, não fala a sua língua, já fala que não é povo tradicional, já fala que não é índio e tem essa discriminação ainda. Nós temos um grupo de dança, nós temos um grupo que faz a limpeza, nós temos um grupo que faz todo esse trabalho aqui dentro, coisa estragou, vai lá e conserta, né, sem recurso nenhuma, nós tamos fazendo o que a gente, força da gente mesmo. A função do cacique é melhorar a vida de todos, né, não é só pra ela, pra toda as família que mora dentro da comunidade indígena, por isso tem que trabalhar junto, né...se cacique passa dificuldade, toda comunidade passa, se cacique melhorar de vida, todas comunidade fica de bom na vida, né. O que é importante para nós e para cada família que toma conta dessa área, que turismo traz coisa melhor pra comunidade, a gente não temos trabalho lá fora, todo mundo trabalha aqui dentro, então com isso o que melhora do turismo, o turismo que vem para o nosso município aqui na nossa aldeia que visita e conhece a realidade da nossa vida, e mostrar um pouco de nossa cultura com isso a gente vamos melhorando de cada família.

<Somos capixabas

Episódio 1/Bloco 1

vice cacique – R.K.M.>

Pra mim, realidade é isso, é floresta, é mato, é bicho, é rio, é nascente, isso que é pra mim realidade. A gente tem que pisar no pé no chão e sentir o chão. Meu povo guarani é muito totalmente diferente do não indígena porque a gente, a gente cria os nossos mais velho com respeito, a gente não põe os mais velho dentro de um asilo, pra nós graças a ela a gente tá vivo, porque ela lutou pra tá aqui. A gente fica feliz porque existe hoje câmara, né, as câmara hoje ajuda a gente bastante a divulgar a cultura da gente.

<Somos capixabas

Episódio 1/Bloco 1

B.C – Presidente da Associação das Paneleiras de Goiabeiras>

Abraçamos com muito amor essa cultura nossa que é a panela de barro, que é a representatividade do nosso estado, nosso bem cultural maior que nós temos é a panela de barro, não estou falando por eu ser paneleira, é porque eu sei do reconhecimento que tem a panela de barro. Nós, paneleiras, se sentimos muito orgulhosas com o reconhecimento, o reconhecimento da panela de barro por ser a melhor panela que nós temos para cozinhar hoje é reconhecida a panela de barro, de Goiabeiras, que é a tradicional que é feita manualmente desde os antepassados, que é feito tudo à mão queimado em fogueirinha livre, pra nós é um privilégio pra nós ter esse reconhecimento, é o primeiro bem imaterial reconhecido no Brasil. Temos indicação geográfica, nós não deixamos que venham mudar em nada. Já apareceu gente querendo mudar o modo de queimar, queimar em forno, botar outros modos para gente trabalhar, mas nós não aceitamos nós seguimos desde os nosso antepassados. Fala que a mulher é sexo frágil, mas isso é engano a mulher é sexo forte a mulher hoje tá tá trabalhando mais do que os homens. Eu comecei fazer panela nem filho ainda eu tinha, hoje já sou vó, e trabalho há 43 anos com a panela de barro tem muito orgulho. Ser paneleira, é ser um artista ali do barro, você imagina você pegar uma terra ali, um barro e fazer uma panela pra você cozinhar, que emoção é muito prazeroso isso aí. Ser paneleira? só uma palavrinha só: tudo

<Somos capixabas
Episódio 1/Bloco
E.C. – paneleira>

Nós não podemos deixar parar, porque hoje o jovem, não estamos buscando eles para cá, se você analisar, os jovens estão vindo porque a gente tem que dar uma oportunidade ao jovem para ele não deixar acabar essa tradição principalmente os que são nascidos das paneleiras né, esse é o filho, neto sobrinho de paneleira que vem para cá o dia que não tem aula, o dia que eles saem cedo, vem pra cá que os pais estão trabalhando vem para cá, aí que começa, eles começa a mexer no barro e quando tiver maior a gente já sabe que já tem mais paneleira porque a cultura não pode parar só com nós, nós sabemos nós estamos aqui nós vamos passar um dia, mas a cultura tem que ficar não pode deixar acabar. Uma associação com esses grupos de mulheres que juntou de um grupinho de mulher juntou 120 paneleiros. Se a mulher fica em casa só esperando não vai dar certo não ela tem que ir à luta, vencer e dizer ela tem que se dar valor ela mesmo. Assim vou trabalhar, vou vencer, hoje é meu dia, amanhã será tem que lutar.

<Somos capixabas
Episódio 1/Bloco 1
<J.C. – chef de cozinha >

Qualquer lugar do mundo se você fizer uma cozinha italiana você vai ser uma pessoa a mais, mas se você levar a cozinha do seu estado, do seu país, todo mundo vai te valorizar. A gente tem que ter mais capixabismo dentro da gente, eu sou assim, eu sou capixabista mesmo, eu brigo pelo meu estado, sem tentar menosprezar o outro, sem tentar desvalorizar o outro. A moqueca é o símbolo de nossa gastronomia, né, porque ela é colorida como é o Espírito Santo, ela é aromática como é o Espírito Santo, ela é saborosa como só o capixaba sabe o quanto a nossa terra é saborosa, então

ela é um reflexo nosso, ela mostra o que que nós somos. Nós estamos num momento em que a gastronomia capixaba cai como luva, que é do minimalismo, os pratos hoje, primeiro, devem ser com um mínimo de ingredientes, com execução extremamente fácil e com sabor bem apurado, então, a moqueca encaixa exatamente aí, ela tem poucos componentes, é fácil de executar, ela é muito saborosa, você identifica ali, cada produto, o peixe, a cebola, o tomate, o urucum, ou seja, o papel do chef e pegar um bom produto, de preferência da sua região, de preferência o mais próximo do restaurante, para valorizar os produtores da área, e interferir o mínimo possível na obra de Deus, ou seja, colocar o seu toque, da sua técnica para valorizar aquele produto. Vim demonstrar que o Espírito Santo tem uma gastronomia maravilhosa, mas não tem só gastronomia, nós temos praias fantásticas, montanhas fantásticas, gente investindo em pousadas maravilhosas aí, que as pessoas têm uma região Sudeste, pertinho uma hora das principais cidades do país, e a gente não tem um turismo forte, turismo envolve aquilo que os índios lá de Aracruz fazem, turismo envolve as paneleiras, turismo em envolve aquelas pessoas que com conchinhas das praias fazem aqueles artesanatos maravilhosos, gastronomia é cultura, mas tudo isso envolve, nós temos que vender o estado melhor, então nós temos que, primeiro, ter uma política de turismo, e menos políticos no turismo.

<SÉRIE: “Somos Capixabas”

Episódio 1, Bloco 2

Data de Veiculação: 28 de julho de 2018>

<Somos capixabas

Episódio 1/Bloco 2

E. P. F. – sambista>

Eu gosto de bater nos meus pagodes, meus sambas, eu gosto de dançar, no meio da rua em qualquer lugar, cultura não é só dinheiro não, ajuda, mas não é isso não, é beleza, é festa, e todo mundo junto e misturado. Eu sou capixaba, sou serrano, um orgulho demais, demais, vivo agora no centro agora de vitória, com 79 anos vivo muito, mas muito, muito, muito bem, graças a Deus, com minhas filhas, com meus filhos, com meus netos e meu bisneto, aí vou contar mais nada, não sei quantos netos mais que eu tenho, o certo mesmo, eu tenho 18 filhos, o certo é 18 filhos. A minha fraqueza toda é música, também não tem negócio esse de música disso, música daquilo, eu gosto de tudo o que é música porque a música é cultura, tá entendendo? Então, não tenho o que falar de ninguém, eu só tenho que falar o seguinte quando eu chego no barzinho que tem uma cachaça ruim, aí eu reclamo. Posso tomar uma? [O que que o centro de Vitória representa?] A minha casa, aqui na minha casa a hora que você chegar tem samba, tem reza, tem samba, tem comida, tem bebida, tem tudo, tem alegria. A gente procura fazer aqui, procura fazer ali, cultura é isso, nós, é samba, é amizade, é saúde. Aí sim, tudo dentro de um copo numa batida, misturado.

<Somos capixabas

Episódio 1/Bloco 2

S. M. – Atriz, bailarina e produtora de moda>

O primeiro intérprete do samba, né, da Unidos da Piedade, figura que merece mesmo o respeito, e ele é o malandrão, gente, sabe, aquela figura mesmo, o estereótipo, a figura, do malandro mesmo, daquele sambista que hoje já nem há mais. E tudo isso que a gente tem aqui no centro eu sempre acreditei que é muito genuíno, não é uma coisa fake, né, não é feito, não é armado, o samba, a cultura, os artistas, os bailarinos, a noite nós nos encontramos aqui na rua a gente bate papo então toda essa arte é vem muito natural dentro do centro de Vitória. Um tem que divulgar o outro, um tem que ir no espaço do outro, porque aí a gente se fortalece, principalmente em épocas de crise como agora, é, eu falo vamos fortalecer a economia local, entendeu, o quanto que nós somos fortes, o quanto que o capixaba tem de talento, é na música, na poesia, é na dança, em todas as áreas, tem muito talento. As coisas elas vêm e acontecem depois ninguém lembra mais, mas eu acredito que a gente tem de trabalhar o contrário, tem que fazer a história valer sim, tem que falar das pessoas, tem que mostrar os capixabas mesmo que fazem, eu acho que é isso aí, e para inspirar outras pessoas, outras gerações.

<Somos capixabas

Episódio 1/Bloco 2

L. S. – Cantor e compositor>

Meu nome é Lúcio Silva, Silva agora, só Silva, sou nascido em Vitória, criado em Vitória, ainda moro em Vitória, amo essa cidade, minha mãe dá aula até hoje aqui na FAMES, aqui, ali atrás, então eu estudei música aqui no centro, eu vinha pra minhas aulas e ficava andando pelo centro, ia nos museus, ia numas coisas. Meus amigos estão todos em Vitória, meus melhores amigos, então eu gosto dessa coisa, em Vitória tudo é perto, eu estou a 5 minutos de um amigo, 5 minutos da minha família, sabe? Eu faço muita questão de começar minhas turnês aqui, virou meu ritual, assim, começar as turnês em Vitória, acho que tem essa, traz essa segurança de tá tocando em casa, tô muito orgulhoso de fazer parte disso tudo, ser parte disso tudo de alguma forma. Eu tento passar o que eu quero pra mim na minha música, sabe, acho que isso acaba ajudando as pessoas, eu recebo muita mensagem assim de muita gente, ah sua música me traz paz e me deixa mais tranquilo, e agora com esse trabalho com Anitta também ajudou a expandir para um outro público. Tenho sonhos para o Espírito Santo, pra Vitória, são principalmente com música assim, eu quero contribuir mais para o Estado, com a questão da educação da música, meu sonho é ver pessoas aqui nessa cidade tendo acesso a essa informação, à educação musical, à arte, eu estou vendo isso crescer, mas eu quero ver mais, sabe, é uma coisa que eu sonho para cá.

<Somos capixabas

Episódio 1/Bloco 2

V.D. – Violinista e professor>

A música tem um grande poder de transformação, né, nessa parte, em educação, nessa parte de aula no instituto no projeto as crianças ali mudando o comportamento, a maneira de ver a vida, às vezes você, não só crianças, ali o instituto ele atende desde de crianças até pessoas mais idosas, né.

<Somos capixabas
Episódio 1/Bloco 2
Z. S. – aluno de violino>

Cheguei aqui encontrei essa oportunidade que o instituto me deu de estar realizando aquilo que eu sempre sonhei, é impossível quem não se emocione, é impossível quem não se alegre, quem se sinta feliz com a música, com o som do violino, com o som dos instrumentos, isso deixa a gente, toca na alma, né.

<Somos capixabas
Episódio 1/Bloco 2
R. C. – Luthier e empresário>

O Instituto Preservarte, ele levou e continua levando o nome do Espírito Santo, muito pro Brasil e pro mundo inteiro, a gente tem a única escola formal de Lutheria de violino do Brasil fica no interior de São Paulo, o melhor professor foi formado aqui, aprendeu a fazer violino aqui no Espírito Santo, ele é aqui de João Neiva, aqui da nossa cidade, e hoje ele está em São Paulo dando aula. Uma entrevista que me gravou muito, uma aluna chegou espontaneamente e disse que se não fosse o instituto, o máximo que eu conseguiria era ser empregada doméstica sem carteira assinada. Hoje ela é professora de violino, dá aula em outros municípios, então isso é muito gratificante. O que eu vi no Espírito Santo eu chamei de terra fértil porque qualquer proposta que tivesse era bem vinda, o Estado que, como eu não gosto de rótulos, né, o Espírito Santo não tem um acento, você reconhece um carioca falando, um paulista falando, um baiano falando, mas o capixaba é tudo junto, a gente não tem acento, e a gente tem linguagem e a gente é aberto a que as coisas aconteçam isso é muito importante, o que me chamou a atenção é de o Espírito Santo ser um lugar fértil, o que você colocar aqui dá certo. Nós passamos de arcos de 30 dólares, ou seja, arcos de 100 reais, nós passamos para arcos de 300 dólares, ou seja, arco de 1000 reais é que o Espírito Santo produz, e hoje o Espírito Santo produz em torno de 1000 arcos por mês. A minha pretensão de que eles possam romper a barreira dos mil dólares. Você imagina 1000 dólares vezes 1000 arcos. É um sonho ainda, é um sonho, você faz o cálculo aí e vê o quanto impacta financeiramente na região. Eu botei a bola na frente gol e eu espero que venha muita gente para chutar. A pessoa disse assim aí eu não sei tocar, sabe, eu digo, eu também não sei, é um dedo, dois dedos, um pra cima e um pra baixo. O que vem do coração é muito fácil, basta querer.

<Somos capixabas
Episódio 1/Bloco 2
A. C. – presidente do Instituto Preservarte>

A base de tudo é formar um cidadão, o ano passado tiveram mais de mil pessoas que passaram pelo instituto, então isso é muito rico, é muito significativo dentro de uma cidade pequena como João Neiva. O instituto começou com o sonho do Renato de que as pessoas aqui em João Neiva pudessem aprender música. Como cremona existe para a confecção de violinos, que é o berço da confecção de violinos por causa de Stradivari e tal, dentro do Brasil podemos dizer que João Neiva é a nossa mina cremona.

<Somos capixabas
Episódio 1/Bloco 2
J. C. V. – luthier e professor>

Minha carreira na luteria começou aos 17 anos, terminei o curso então tive o convite do instituto de continuar a arte e ensinar a garotada a fazer mais violino. A construção do violino que a gente faz a gente segue a construção tradicional de violino, a mesma seguida há 500 anos atrás, por Antonio Stradivari, são as mesmas ferramentas, o mesmo verniz, o modelo do instrumento a gente vai seguir o modelo antigo.

<Somos capixabas
Episódio 1/Bloco 2
A. B. – aluna de luteria>

Era um sonho, era um sonho eu estar fazendo esse curso.

<Somos capixabas
Episódio 1/Bloco 2
G. C. – aluno de luteria>

Você pegar uma madeira e no final você ver o processo todo prontinho, o violino todo certinho, é muito lindo, muito, só quem faz aí vai saber realmente qual é a sensação.

<Somos capixabas
Episódio 1/Bloco 2
M. P. – luthier e professor>

E assim a gente tá aberto assim a todo tipo de cliente, né, desde o iniciante com ajustes, restauros até o profissional que quando ele chega pra você, ele quer o instrumento da forma que ele precisa. Hoje a gente atende o Brasil e até fora do Brasil, a gente é mais reconhecidos na verdade fora do estado, fora do país, do que aqui mesmo.

<SÉRIE: “Somos Capixabas”
Episódio 2, Bloco 1
Data de Veiculação: 04 de agosto de 2018>

<Somos capixabas
Episódio 2/Bloco 1
H. T. – Ex-Presidente da Associação de Moradores de Regência >

Regência fica no município de Linhares é a única praia que desova tartarugas gigante e tem mais ou menos 2 mil e poucos habitantes. Regência é saúde, é bem-estar, é vida, não vê eu aqui, 70 anos, inteirinha? Aqui a gente vive do turismo, né, vivia da pesca agora com não pode pescar a gente apelou para o turismo, a saída para Regência dessa fase toda que nós passamos tá no esporte, cultura e turismo. É quase um Havaí, né?

<Somos capixabas
Episódio 2/Bloco 1
Z. S. – Pescador de Regência >

Quem vem para Regência vem é por que gosta de Regência não adianta tá chovendo, estrada ruim, tem asfalto ou não tem, a pessoa que vem para Regência, eles vêm com cuidado e também eles cuidam da comunidade, eles vêm sabendo com é que funciona, então, eles são fácil de lapidar em Regência, essas pessoa, então eu admiro muito essas pessoas que vem para Regência, nesse cuidado, nessa educação que eles têm com a comunidade. Ele foi um cara muito bravo mesmo, um caboclo muito valente, que eu tenho que tirar o chapéu pra ele, tá. Ele foi até o navio e amarrou uma corda lá, muito temporal, muito mar bravo, e conseguiu salvar, né, a maioria da tripulação. Estamos esperando, esperando a morte vir no caso, a morte que tá vindo, a morte, devagar, já pensou? Você vê a morte vindo devagar e você não poder fazer nada com ela, não poder segurar ela, cara, e aí veio, cara, a lama. Só morreu uma parte do Rio, a outra parte desse rio está vivo e por sinal com muito prazer e com muito sentimento. O surf é uma escola e tanto pra galera eu acho muito bonita a galera que vai surfar, a meninada, né. Por sorte nossa, a gente temos aqui uma escola, né, que é Boca da Barra, nossa aí, que é uma fonte de ondas, da natureza que fantástica. [...] tem essas ondas maravilhosas que acho que nos país tem em poucos lugares, né, e isso é primordial para galera do surf vir participar aí da comunidade nossa, né.

<Somos capixabas
Episódio 2/Bloco 1
M. C. C. – Presidente da Banda de Congo >

Foi há pouco tempo pra cá, que caboclo Bernardo é lembrado nas escolas, nem nas escolas era lembrado. A festa do Caboclo Bernardo é pra mim é uma festa de orgulho, pra mostrar lá fora esta comunidade.

<Somos capixabas
Episódio 2/Bloco 1
N. C. – Pentacampeã mundial de Bodyboard >

As coisas foram acontecendo gradativamente, né, eu nunca imaginei que eu chegaria a ser esse símbolo no estado, a ter esse reconhecimento todo, isso tudo foi consequência da dedicação que eu tive desde pequena, do desejo, do sonho de ser uma campeã. Se você acredita nesse sonho, você arruma forças, não interessa como para poder passar por todos os obstáculos e conquistar. Com certeza o título mais importante e a sequência de títulos mais importante foi após o nascimento da Luna, entre amamentar e uma bateria eu estava ali com minha mãe, com meu marido na época e ela cresceu nesse ambiente né. O instituto veio através de um desejo de poder retribuir o que o esporte me deu. No instituto, a maior alegria tanto pra mim, quanto pro Gordinho, pros instrutores voluntários é esse amor que envolve o cuidado com o ser humano, sabe? Com a criança que vira adolescente, que vira um pai de família, que vira um profissional de qualquer área. A gente incentiva a eles pensarem fora da caixinha, fora de uma realidade que as vezes é muito triste, mas que se você sonha fora daquilo ali, se você luta, você consegue. Eu acho que essa nova geração,

nós todos temos responsabilidade de se adaptar a elas, elas trazem pra gente informações e às vezes passa despercebido, elas estão super conectadas, na minha geração, eu sonhava claramente que eu queria ser uma atleta profissional e desejava e eu vivia noite e dia pensando nisso e as coisas aconteceram, eu acho que adolescente de hoje em dia, a criança, mulher cada vez mais tem informações para que façam com que elas busquem o sonhos delas

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 1

L. H. – Líder do Circuito Brasileiro de Bodyboard >

Eu sinto muito orgulho dela por ela ser essa superatleta, né, e por ela não ser só uma superatleta e ser também uma super cidadã e dentro de casa me ensinar várias coisas me dá disciplina e muito amor. Estou liderando o ranking do brasileiro e agora a gente está viajando o Brasil inteiro em competições que eu e ela competimos, é muito bom ter o apoio dela e é um sonho que está se realizando pra ela e pra mim também.

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 1

A. P. – Gordinho – técnico no Instituto Neymara Carvalho >

É difícil falar, mas eu sonho num mundo melhor, num bairro melhor, numa cidade melhor. A gente busca a cada dia uma evolução melhor para os nossos jovens, para as nossas crianças. Eu tenho tanto sobrinho, afilhado, neto, filhos adotivos, que eles me adotam, por não ter, talvez a compreensão dos pais em casa, talvez não ter o estilo de vida diferenciado porque o nosso esporte é um esporte caro. Mas a gente tenta fazer a diferença, o esporte, ele resgata, o esporte ele faz a diferença, tanto é que a gente vê a Neymara aí, né cara, a filha dela seguindo o mesmo caminho.

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 1

T. F. P. – Coordenador executivo do projeto Amigos da Jubarte>

Eu acho que o simples fato da informação chegar às pessoas já é algo revolucionário porque as pessoas não sabiam ou não sabem de tanta coisa maravilhosa que acontece aqui no Espírito Santo e quando elas ficam sabendo, a simples informação já é algo transformador, e o projeto Amigos da Jubarte veio muito nesse viés, trouxe algo novo para o Capixaba, um ícone cultural, folclórico, como a gente tem o convento da Penha, a moqueca Capixaba, o Congo, a Pedra Azul e tantos outros, a baleia também é um ícone capixaba legítimo. A gente se juntou, se uniu, organizamos uma expedição ainda em outubro de 2014, saindo de Santa Cruz, no município de Aracruz, e para nossa surpresa a gente pode se deparar com mais de 80 baleias, de diversos padrões comportamentais, desde batida de nadadeira caldal, batida de nadadeira peitoral, mãe com filhote, o salto da Jubarte que é algo sensacional, e naquele momento no mar ainda nascia o projeto Amigos da Jubarte. Por aqui hoje em dia já passam aproximadamente 20 mil baleias e aqui o que a gente pode observar através das pesquisas do JubarteLab, a plataforma científica do projeto Amigos da Jubarte, é que os padrões são essencialmente do comportamento de reprodução. Então a gente

pode observar grupos competitivos, que é quando vários machos perseguem a mesma fêmea, para poder tentar copular, mães com filhotes, né, treinando seus filhotes, amamentando seus filhotes, ensinando seus filhotes os padrões de comportamento peculiares da Jubarte. A gente tem a sorte, nós capixabas, que poucas pessoas no mundo têm, de sermos contemplados pela migração das baleias Jubarte aqui na nossa terra, a gente é muito sortudo, elas escolheram nossa terra pra fazer sua migração, aliás elas são daqui, elas nascem aqui, elas são conterrâneas nossa. O turismo de contemplação tem um potencial enorme de gerar emprego e renda, desenvolvendo assim ou ajudando a desenvolver o nosso estado economicamente, de uma forma sustentável, isso é muito importante num estado aonde a matriz econômica é basicamente a industrial ou agroindustrial, né?

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 1

J. S. – Bióloga e voluntária do projeto Amigos da Jubarte >

A gente cresce ouvindo sobre as baleias, né, o quão são bonitas, o quão elas são incríveis, né, e acompanhando alguns grupos de turistas na temporada passada, o brilho nos olhos, prestando atenção, ouvindo o que a gente estava falando, o primeiro suspiro na hora que vê um borrito, que vê ela, a cabeça dela pra fora d'água assim, foi realmente incrível a gente vê que é uma sensação, não tem nem como às vezes falar muito, né, é uma sensação incrível, maravilhosa e os turistas eles também entenderam né, que eles fazem parte do projeto também, de uma certa forma, que eles ajudam na conservação desses animais incríveis. Mostrar que a gente tem a baleia pertinho da gente, que elas nascem aqui, que elas são brasileiras, são capixabas. Eu acredito que esse ano vai dobrar ou até triplicar a galera que vai fazer os passeios aí, então a galera está bem junto com a beleza que tem a baleia Jubarte, então eles estão chegando bem junto com a gente sim.

<SÉRIE: “Somos Capixabas”

Episódio 2, Bloco 2

Data de Veiculação: 04 de agosto de 2018>

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 2

C. L. – pioneira do Socol >

Meus avós paternos que vieram da Itália, de Treviso, da província de Treviso e eles começaram a trabalhar, derrubar mata, foi uma vida difícil para eles, e a coisa principal que meu avô trouxe da Itália foi o Socol, o tal do Socol. No começo foi só eu que fazia e o meu filho, então quando começou a crescer mais gente, que eles já estavam trabalhando, os filhos já estavam acabando de estudar e tal, eu falei assim “olha, Zé, a minha parte eu já fiz, agora entrego na mão de vocês”, e aí a minha filha, a minha neta também, já trabalha muitos anos aqui, sabe, e ela gosta de fazer as coisas bem feita, sabe, então ela está aí, para dar o que der. O Socol é feito assim: a carne chega, corta os pedaços, salga e põe no plástico, lá, amarra direitinho, aí passa uma pimentinha por fora, põe ele lá, e ali, ali tá. Ela tá fazendo muita diferença, porque do nosso jeito, eu por exemplo tive o terceiro ano primário só, então a gente tinha era pouca coisa, a gente não entendia nada dessas coisas que está vindo hoje, diferente

né, então, eles estão ambientados, dentro desse jeito de fazer as coisas hoje, então o Socol também está dentro dessas leis, e graças a Deus eles estão por dentro, então é uma coisa que vai continuar mesmo, graças a Deus.

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 2

G. L. – engenheira de alimentos >

É lógico que eu pretendo manter a tradição, mas a gente tem que agregar o valor que eu tenho de conhecimento junto com o tradicional. Não quero mudar em nada a receita, mas quero ajudar a melhorar, a organizar. O Socol tem uma característica específica, um sabor específico dele que é a pimenta do reino, e esse tempero que a gente traz dos nossos nonos, mas por ser um embutido tão natural, tão feito de forma artesanal, eu acho que é o dá a melhor característica do Socol. Agora vai ser só produzido o Socol com esse nome, vai ser “Socol de Venda Nova do Imigrante”, qualquer lugar que quiser produzir Socol, pode até produzir, mas não vai poder ser com o nosso nome. É uma forma de proteção, no caso do Socol, tem que ser feito um regulamento, tem que colocar tudo direitinho, como que ele é feito, como tem para outros embutidos também italianos, como é o Champagne também, né, na região da França? Eu tenho esse sonho de manter tudo que eu já tenho até aqui, melhorar o que tiver de melhorar, mas meu sonho é continuar aqui e ficar aqui, envelhecer aqui, igual minha vó e meu avô.

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 2

E. L. – Turista >

Nossa, Socol é uma delícia! A gente que vem de uma tradição italiana, ter a oportunidade de dentro do Espírito Santo experimentar uma delícia dessa é uma experiência ímpar.

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 2

V. M. – Turista >

Experiência muito boa, muito gostoso, parece um salame, com uma cervejinha, sensacional. Vou até levar um pro Rio pro pessoal degustar lá.

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 2

L. A. – Jornalista e produtor Cultural >

Eu me sinto feliz de poder retribuir, contribuir, na verdade é contribuir, pro fortalecimento de um lugar, pra exaltação do lugar onde eu nasci. Eu nasci em Muqui e me reconheci imediatamente com esse território, com a memória com o passado, a história de Muqui. Aqui você tem o Boi Pintadinho, a Folia de Reis, você tem o casario

histórico, e Muqui sendo o maior sítio histórico do Espírito Santo, isso é um convite e pra mim que sempre gostei de escrever, sempre gostei de assistir novela, televisão, cinema, eu sempre me identifiquei com esse aspecto cenográfico de Muqui. O Festival de Cinema de Muqui quando ele surgiu, ele foi pensado por jovens e a gente não tinha ido pra nenhum festival de cinema, isso é muito curioso, a gente queria fazer um festival de cinema em Muqui, mas a gente nunca foi pro um festival de cinema, só que a gente sabia que era possível. Os filmes são escolhidos por moradores de Muqui, o júri, grande parte do júri popular é feito por moradores de Muqui, é uma comissão de julgadores dos filmes. Eu não consigo me ver longe disso, e fazendo outra coisa que não seja algo que não envolva a comunidade, que envolva território, que envolva dificuldade, eu gosto de dificuldade, e eu gosto de desafios também. Não gosto de nada fácil, eu acho que entrar numa comunidade, desbravar, mostrar esse lugar, de uma maneira criativa, tem um pouco do meu, é o que eu gosto de fazer.

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 2

E. B. – professor e produtor Cultural >

E a gente pensa o festival politicamente mesmo, de formação de público, de identificação, pessoas que vão olhar na tela um filme que fala de interior, fala de cavalo, fala de gado, de café, que tem a ver com a nossa cultural, com a nossa economia. Eu acredito mesmo que daqui a pouco, daqui uns anos, as pessoas vão entender que arte, cultural, valorização do patrimônio material, que isso gera renda, gera dinheiro, isso promove emprego, tira as pessoas do desemprego, isso é possível fazer, é possível crescer, é possível ter desenvolvimento, explorando isso que nós temos aqui.

<Somos capixabas

Episódio 2/Bloco 2

F. F. – artista visual e músico >

Acho que a gente é muito o reflexo desse ambiente que a gente vive, sabe, e a minha arte também ela é muito o reflexo desse ambiente que eu vivo. Inicialmente, a pessoa pode imaginar que aquele trabalho, essa composição, essas cores são legais e tal, mas eu gosto de ter a oportunidade de falar o que é essa composição, essa composição vem da minha vivência nesses espaços, e essas formas que você vê no meu trabalho, ela é muito das formas que eu vejo ao meu redor, em toda parte, e que está sempre em mutação. Aos 10 anos de idade, eu comecei a trabalhar com meu pai de pedreiro, meu pai é pedreiro e eu ia ajudar ele, então, dos 10 aos 20, eu ajudei meu pai, e aí, eu aprendi pintar, sabe? Aí foi que eu aprendi pintar, eu não aprendi a pintar na faculdade, não aprendi a pintar com nenhum artista, eu aprendi a pintura com meu pai, eu soube quanto de água eu deveria colocar naquela tinta, qual material eu usava para determinada superfície, como utilizar aquele material. Muitos dos meus trabalhos que estão na rua, digamos que 99% do que eu tenho na rua, eu fui visto pintando, e pelo menos 90% chegou pelo menos alguém para conversar comigo, então é um contato direto também com aquele público que está acessando aquele trabalho. Pode ser uma pequena escala, 1, 2, 3, 10, 15 pessoas que conversam comigo, mas esse trabalho está na rua, não está em uma galeria, dentro de um museu

e pessoa pode acessar isso, eu demorei quase vinte anos para entrar num cinema, e quase o mesmo para entrar numa galeria de arte, ou um museu, e de repente a pessoa pode ver um muro pintado na rua, um outro trabalho de arte, isso está muito mais próximo das pessoas, e isso também faz com que as pessoas me encontrem, faz com as pessoas conversem comigo, saibam um pouco do que eu faço, saibam um pouco da minha história, me peçam pra fazer um trabalho, e por aí vai. Acho que também a arte de pintar na rua, fazer mural, fazer grafite, é uma maneira de se conectar com pessoas que estão ao seu entorno, uma maneira muito direta de se conectar com essas pessoas. Graças ao grafite, né, eu conheci também esse outro tipo de arte, né, pintura de mural, essa pintura de quadro, uma arte digital, trabalhar com escultura, trabalhar fazendo cenário pra shows, não sei, acho que a rua é uma grande vitrine. Eu gosto muito de pintar nos bairros, nas periferias, gosto de ter a oportunidade de pintar em periferias diferentes também, eu acho que as pessoas, elas estão ali e elas não têm aquela distância toda que uma galeria tem, sabe, uma galeria tá aquele negócio lá quase intocável, aquele trabalho quase intocável, com ar condicionado, a iluminação, segurança, tem toda uma atmosfera para endeusar aquele trabalho, sabe, aqui nas periferias o que eu noto, em outros lugares assim, é que as pessoas, se elas falam eu não entendo nada de arte, mas acho bonito o que você tá fazendo. Eu fiz uma exposição em Jardim da Penha, numa galeria de arte, e aí chegaram uns amigos do bairro pra ver a exposição, eles estavam de chinelo e bermuda, e aí eles falaram assim, “pô, pode entrar de chinelo bermuda aí?”, cara, isso é uma prova de que a gente não podia entrar nos lugares, eles me perguntaram porque eles são meus amigos, mas você acha que eles iam perguntar pros seguranças “segurança, posso entrar de chinelo e bermuda?”, então tem esse afastamento, também, sabe, e hoje em dia eu digo pra elas: sim, vocês podem entrar, sim vocês devem entrar, e sim, além de entrar como expectadores, vocês também tem que entrar com a produção de vocês, seja lá o que for, seja um atleta, um escritor, seja um cineasta, seja um artista, mas tá na hora da gente entrar não apenas como expectador, estou na condição de artista aqui, mas se eu estou andando pela madrugada aqui na rua, eu não sou artista, pra quem não me conhece eu não sou ninguém, então, é algo muito curioso, cara, às vezes eu estou numa galeria de arte, lá, fazendo um trabalho, num lugar super elitizado, onde tem 4 pessoas negras e 90 pessoas brancas, não estou dizendo que os brancos não tenham que ir, mas eu sinto falta dos, sinto falta dessas pessoas ocupando esses lugares também, ao mesmo tempo que eu estou nesses lugares, lugares super elitizados, eu volto pro bairro, eu gosto de tá nesse bairro com pessoas super simples, como eu assim.

<SÉRIE: “Somos Capixabas”

Episódio 3, Bloco 1

Data de Veiculação: 11 de agosto de 2018>

<Somos capixabas

Episódio 3/Bloco 1

E. F. – Fundadora da Acacci>

O que você vê hoje, né, essa estrutura linda que tem, começou lá trás, né, numa casinha pequenininha, o desejo de profissionais de saúde e mães e pais de conseguir melhorar a vida de pessoas, pacientes com câncer. Hoje em dia, fala-se tanto de empoderamento, e não é coisa assim de você se empoderar é você ser capaz de

fazer, e nada dá dando prazer, como você sentir-se capaz de fazer e quando esse fazer vai melhorar a vida de uma outra pessoa, vai modificar a vida de uma outra pessoa isso traz uma alegria, eu não falo com vocês que é uma vaidade é um orgulho. Câncer não cura igual gripe que você toma um comprimido e daqui a dois ou três dias você parou de espirrar e curou. Então são meses de tratamento, sabe, então a família vem ela sabe que aqui a pessoa vai estar bem atendida, vai estar bem cuidada. Aqui nossas crianças vão ao teatro, elas vão ao cinema, elas passeiam, tem contação de história, elas têm aula de reforço, porque aqui, a gente, essas crianças [...] crescer a nossa esperança, não é que é a fase terminal, não, é recuperar essas crianças, e elas vão crescer, elas vão ter uma vida normal lá fora. A sociedade aceita e abraça por sabe da importância da Acacci, sabe do valor que ela tem, não só daqui, criança da Bahia vem ser atendida aqui, criança de Minas vem ser atendida aqui, Acacci é uma referência, em matéria de câncer. Uma casa triste? Não! Você não vê ninguém chorando pelos cantos, até porque se tem alguém chorando, vai sempre alguém lá e dá o braço, e dá o colo, sabe, e dá uma alisadinha na cabeça, não é uma casa de tristeza, é uma casa onde eu acho que a palavra mestre é solidariedade. O que eu acho que é o grande valor da Acacci são as relações humanizadas, e pessoas que acreditam, todo mundo que está aqui, mesmo que seja funcionário, seja doador, seja voluntário, tem muito amor pra dar.

<Somos capixabas

Episódio 3/Bloco 1

R. M. – Presidente da ACACCI>

O objeto principal da Acacci é o acolhimento, nós temos uma casa da família, que é uma hospedagem, aonde a gente recebe famílias cujos filhos, sejam crianças ou adolescentes, eles são diagnosticados com câncer e como eles vêm do interior e são famílias de baixa renda, né, aí eles vêm aqui pra Acacci e aqui eles se hospedam enquanto durar o tratamento.

<Somos capixabas

Episódio 3/Bloco 1

L. S. – Superintendente da ACACCI>

Nós estamos aqui, há um empenho imenso de fazer com que esta instituição seja tranquila, serena, lúdica, e altamente potencializadora no processo de cura. Quando a gente fala de uma condição afetuosa, de uma condição digna para que se trate alguma doença, no caso o câncer infanto-juvenil, a gente tá falando do direito da criança e do adolescente, da sua família a ter isso da melhor forma possível.

<Somos capixabas

Episódio 3/Bloco 1

L. S. – Dona de casa - Barra de São Francisco>

Quando eu cheguei aqui na Acacci pela primeira vez, cheguei triste né, meio que desamparada, sem noção das coisas direito, a doença, então encontrei apoio, encontrei amigos, é um lar pra gente, né, que tá longe de casa, longe da família. Não

tenho palavras para dizer como que ajuda. Quando eu cheguei aqui eu era uma pessoa, agora eu sou outra.

<Somos capixabas

Episódio 3/Bloco 1

J. M. M. – Presidente da cooperativa de laticínios>

O Espírito Santo tem um cenário econômico interessante, nós temos um posicionamento geográfico excelente, muito bom, temos um povo muito trabalhador, dedicado, um povo inovador, o Espírito Santo, qualquer coisa que você quiser desenvolver no estado Espírito Santo as pessoas estão aptas a receber e a desenvolver. A cooperativa, ela é uma entidade que por si só já é, tem uma característica social, né, é você, é uma empresa que você cria com várias pessoas pra se desenvolver com um objetivo único, pra se ajudarem mutualmente, fazer pensando nas pessoas, pros nossos consumidores, os colaboradores, os cooperados, é uma união de pessoas, fazendo pra pessoas e nós fazemos com orgulho também essa produção e dizer que nós somos do Espírito Santo, um povo com uma característica diferenciada, uma agricultura, por exemplo, baseado na agricultura familiar, um envolvimento da mulher nesse propósito da cooperativa, nós temos até inclusive o núcleo feminino, a participação da mulher. Nós temos até uns dados interessantes, que nos currais onde as mulheres trabalham, você tem melhor qualidade do produto, em função da delicadeza da mulher, pra tratar com os animais, para cuidar dos ambientes de ordenha. Hoje a gente vende pra muitos outros estados, captamos leite em outros estados, mas assim a nossa característica nossa forte é de ser capixaba, buscar sempre tecnologias pra que se desenvolva cada vez mais os nossos produtos, pensando na qualidade do produto, pra chegar na mesa do consumidor com segurança, que é a nossa missão, né, produzir produtos saudáveis e confiáveis, nós estamos com um projeto novo que é uma ampliação disso aqui, a gente nasceu pequeno, fomos crescendo e hoje o espaço ficou pequeno pra nós. Hoje nós estamos aqui com uma média de 300, 350 mil litros de leite que a gente trabalha, nós vamos conceber uma fábrica pra 1 milhão de litros de leite, a ideia é que esse valor chegue próximo de, o valor dos investimentos chegue próximo de 70 milhões de reais, com tecnologias que nos proporcionem manter a nossa qualidade, e poder dar condições melhores de trabalho, questões ambientais também que é um foco nosso, a gente tem que fazer esse tripé né, econômico, social e ambiental. Fazer pelo meio ambiente hoje não é fazer favor pra ninguém, é uma obrigação nossa, nós vamos ter cada dia mais produzir de forma economicamente viável e sustentável do ponto de vista ambiental e social, entendeu, isso aí chegou e não vai acabar.

<Somos capixabas

Episódio 3/Bloco 1

G. B. – Guarda do Parque Estadual Pedra Azul>

A gente no parque, a gente tem muitas atividades, mas a principal nos últimos anos é o atendimento às pessoas dentro da unidade de conservação, dentro do parque, escolas, o turista do dia a dia, é a maior alegria que a gente tem. É a oportunidade

que gente tem de colocar no coração das pessoas que a natureza, ela é tudo na nossa vida, Deus fez a natureza perfeita, deu inteligência ao ser humano para dominar sobre todas as criaturas e a natureza não é nossa, a natureza, esse mundo, a gente passa por ele, porque os nossos filhos, os nossos netos, os nossos bisnetos, ou seja, as futuras gerações é que passarão por aqui, e se agente cuidar com carinho e com amor, com certeza as futuras gerações vão agradecer. O parque, ele é tudo na vida da gente, só tem que trazer aqui pra região é benefícios porque o turista que vem para a região precisa de ver belas cenas, uma flora e fauna bem conservada, bem protegida. Quando a gente vende a imagem, da preservação da natureza, a imagem do agroturismo, então as pessoas, elas vão se abrindo para novos caminhos, né, às vezes a gente fica muito fechado, com um foco só, mas aí vão aparecendo as oportunidades e uma das oportunidades é esta aí, e essa beleza que a gente tem, é a natureza bem preservada, é assim que a gente vai dando esse foco pra, esse novo foco pras pessoas. Às vezes a gente [...] os olhos preparados delicadamente, então contar as histórias que eu conto por exemplo mostrando aquelas, aqueles buracos na Pedra, que são as pegadas dos animais pré, eu consigo chamar a atenção das pessoas pra ficarem admirando essa grande obra, porque às vezes a pessoa tem os olhos, mas não estão prontos, então a gente às vezes precisa preparar delicadamente as pessoas pra que elas admirem a natureza. É uma forma da gente mostrar o carinho que a gente tem trabalhando na natureza, e a gente ganhar confiança, credibilidade das pessoas pra poder mostrar a importância da preservação da natureza. O meio ambiente é o meio onde nós estamos inseridos, é o dia a dia, nossa cidade, então, temos que cuidar do nosso quintal, da nossa casa, cada um fazendo a sua parte, é o trabalho de formiguinhas. Se cada um fizer a sua parte, teremos um mundo muito melhor, eu me emociono de falar isso porque eu dediquei a minha vida para proteger a natureza, então, obrigado Senhor, por tudo isso que me proporcionou ao longo da minha vida, eu quero continuar cuidando da natureza, mesmo se um dia eu me aposentar e for embora do Parque, eu serei um amante da natureza eternamente.

<SÉRIE: “Somos Capixabas”

Episódio 2, Bloco 2

Data de Veiculação: 11 de agosto de 2018/>

<Somos capixabas

Episódio 3/Bloco 2

J. B. – Produtora de café especial/>

A mulher é forte, acho que é o único ser na vida que faz várias coisas ao mesmo tempo: cuida casa, do filho, da família e ajuda, arruma espaço ainda pra ajudar lá na roça no café que é atividade principal nossa aqui. As mulheres sempre atuaram, sempre existiram, trabalhando no campo, na família, na casa, só não eram vistas porque todas ficavam lá no seu cantinho, e quem não é visto não é lembrado, né, é o que aconteceu elas começaram a ser organizar e nós que nos começamos a trabalhar juntas e o pós colheita é fundamental porque o café tem de ser mexido várias vezes no terreiro e somente a mulher faz, e o café “cereja descascado” que é o nosso produto aqui nosso produto principal, cereja descascado de qualidade, ele exige isso, ele exige uma dedicação muito grande, e só a mulher que sabe fazer, que é mexer,

lavar o terreiro se for preciso, mexer várias vezes o café, juntar o café, e ela tem esse dom. Hoje no Brasil a gente tem 8 regiões que já tá trabalhando com esses núcleos de mulheres, né, da aliança internacional do café, nós representamos essas mulheres aqui no Espírito Santo e a própria indústria, os concursos de cafés já se pagam mais pelos cafés que são produzidos com, junto com a mulher na propriedade, né, que tem atuação da mulher na propriedade. Olha, fácil não é não, porque no café, principalmente, é sempre o homem que aparece não é preconceito, não é machismo, é cultura, o café do Fulano, que era o dono da lavoura, mas a mulher ela tinha atuação, ela tem essa atuação por trás, e de uns anos pra cá, elas se organizaram, porque a sucessão familiar trabalha isso, o reconhecimento de todos na família, né. Eu fico até emocionada, Nossa Senhora! Na minha vida, a associação fez uma diferença enorme, pra minha família também, pra minha comunidade está fazendo, a oportunidade que a gente está tendo, quando não se tem qualidade de vida, o próprio pai, a própria mãe, ela não incentiva o seu filho a ficar na roça e hoje, assim, a gente está tendo um preço, vendendo um café melhor, a renda maior, e os filhos também estão sendo incentivados a continuar o trabalho do pai, as filhas também.

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
R. M. – Degustador/>

É nítido quando a gente, quando chega um café de uma mulher aqui, a gente sente mais delicadeza em todo o processo, ela consegue entender qual é o grão que está no estágio de maturação correto, então ela tem essa percepção, eu acho que é um pouco do cuidado, né, do detalhe que vem naturalmente da mulher e isso é muito importante. Quando o produtor consegue agregar qualidade ao seu café, quando ele consegue sair do conceito de um café de commodities, uma das coisas que acontece na vida dele é que ele deixa de ser um café simplesmente e passa a ser o produtor, esse café ganha identidade, então muito provável que essa identidade do produtor vai chegar até ponta final, como acontece hoje, cafés aqui de Pontões, aqui da comunidade, aqui das regiões vizinhas, chega nas gôndolas de cafeteria do outro lado do mundo não mais com o nome das empresas que compraram esse café, mas com o nome dos produtores, isso causa uma valorização muito grande. O Espírito Santo não estava no mapa dos cafés especiais, muito pelo contrário, o Espírito Santo era visto até pouco tempo atrás, como o estado em que se produzia o pior café do Brasil, e junto com a determinação desses produtores, dessas mulheres, a garra que elas têm de produzir um café de excelência, hoje o Espírito Santo está entre os top 10 no mundo.

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
H. S. – cafeicultor, empresário e exportador/>

É um ambiente que a gente conhece, um ambiente de lavoura de café, ambiente masculino, você tem um grupo de mulheres, liderando uma região, liderando um processo, de qualidade, de prova de café, de educação, é um sucesso total e vou te falar mais, reconhecido mundialmente, tá. Nos últimos 15 anos, houve uma revolução muito grande da qualidade aqui, houve uma educação muito grande pro produtor,

então a qualidade apareceu. É uma praga que virou uma benção, daquele cocozinho do passarinho a gente conseguiu fazer um produto. O que o Jacu faz é selecionar o melhor grão, então, ele come o melhor café, ele não come café verde, ele não come café passado, ele não come café preto, daí, surgiu esse produto graças a Deus está funcionando muito bem comercialmente e abre a porta pra gente falar sobre outras coisas, que interessam além do café do Jacu, de meio ambiente, de conservação, de cultivo orgânico.

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
N. S. – empresária/>

A ideia surgiu quando eu era ainda professora de uma escola pública aqui na Serra, e a gente já desenvolvia projetos voltados à Robótica pra, robótica educacional, e tinha uma aluna cega, lá, na escola e aí eu comecei a pesquisar com ela quais eram os desafios do dia a dia, isso me impactou e aí começou tudo. Os números no Brasil são assim alarmantes, nós temos 100 cães-guia e 6 milhões e meio de pessoas com deficiência visual. A diferença da Lysa é que você consegue embarcar tecnologia e trazer o cotidiano, né, das pessoas, ajudar mais no cotidiano, então, na Lysa eu consigo colocar inteligência artificial, eu consigo colocar câmeras que eu digo pro usuário o que que está à sua frente, eu consigo dar mais orientação. Eu estive em Singapura apresentando a Lysa e foi um orgulho muito grande porque eles ficaram impactados, o que você faz no Brasil, aí eu faço no Espírito Santo, na Serra. O diferencial realmente é você estar fora da normalidade, você sai muito da zona de conforto, quem está na universidade sabe do projeto quer automaticamente que ingressar, quer trabalhar, quer ajudar, quer desenvolver, então isso, se eu fosse pra um local maior eu não teria essa sinergia, essa facilidade de estar dentro de uma universidade, fazer parceria com uma faculdade, é tudo muito perto, as pessoas são muito próximas,

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
J. G. – consultora da Lysa, Cão Guia Robô/>

O robô, ele te avisa que tem um obstáculo aéreo, ele para, retorna e busca uma rota tranquila pra você passar sem obstáculo. Aí você vai falar assim, eu estou muito orgulhosa e todos devem se orgulhar, é capixaba, inventado por uma mulher.

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
S. P. – consultora da Lysa, Cão Guia Robô/>

A Lysa veio pra mim como oportunidade de liberdade, de realmente não me machucar. Eu vejo um futuro que as crianças pequenas já vão utilizar como as crianças hoje utilizam o celular, vão pegar a Lysa apertar o botãozinho e vão falar ali a mamãe, ali é papai.

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
P. G. – empreendedora social/>

O que me dá mais orgulho é movimentar o protagonismo da gente, sabe, falar, ei, não estou aqui servindo, eu estou produzindo, eu estou aqui contratando, né, porque servir também é bacana, é um lugar honroso, mas a gente quer também estar nesses espaços de poder, assim, poder falar assim “ei, sou eu aqui, aquela mulher preta aí que você não deu nada que assina o teu cheque”. A gente começou com 6 voluntários incluindo os nossos maridos, hoje a gente contrata 70 pessoas negras a cada Bekoo, isso no dia do Bekoo, sem contar a quantidade de pessoas que são contratadas no processo de pré-produção e de pós-produção, e isso é uma coisa muito legal. Na medida em que a gente ia fazendo a festa a gente ia entendendo a importância desse protagonismo, a importância por exemplo da singeleza das coisas, de a gente ser natural de periferia e falar “não, obrigado, a gente não quer ir pra outro lugar”. A gente veio pra dar esse soco no estômago mesmo, pra fazer o branco atravessar a cidade e vim ver uma festa de qualidade, com a produção de qualidade, igualzinha a que eles têm lá na área nobre, pagar pra entra e falar assim “cara, real, esse não é um espaço pra mim, mas eu vou voltar direto, porque eu estou aprendendo a circularizar esse respeito”. Mesmo depois de terminar a faculdade, fazer pós-graduação, eu não tinha lugar no mercado de trabalho. Teve uma hora que eu falei “cara, eu também agora não quero esse espaço não, eu quero outro e eu vou criar esse espaço pra mim, e aí no caminho eu encontrei outras mulheres que também queriam ocupar um espaço e estavam preparadas pra ocupar esse espaço e assim nasceu o “Das Pretas”. E tem uma regra na gramática que não tem erro é o verbo “respeitar”, é simples, logo de cara você vê que eu respeito, ele respeita, nós respeitamos, não tem jeito disso dá errado, se todo mundo conjugar o verbo. É um caminho sem volta, cara, porque quando alguém te apresenta orgulho e liberdade, é treinar a asa, e aí, cara, é como o falcão mesmo, sabe, me sinto bem treinadora assim de grandes aves.

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
D. B. – diretora executiva Instituto das Pretas/>

A gente falou bem assim, vamos fazer uma festa, que é um lugar que a gente vai pra se divertir, um lugar nosso, território nosso, de mulher preta, pra não sofrer toda aquela coisa de machismo, misoginia, né, toda aquela, aquele assédio que rola. A gente vive num Estado que mais mata mulher negra no país, então, assim as nossas iniciativas vão por esse viés de enfrentamento mesmo, né.

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
Geovana Diogo – DJ Gegeo/>

A gente quer dançar sozinha, quer dançar até o chão, mas sozinha, sem homem sarrando em você, então [...]outros eventos assim acontece muito isso e o cara acha ruim, ou seja, a mulher é privada, como lavar roupa, dona de casa, ter que aceitar o

que o homem ordena, não cara, isso acabou, não tem mais isso não, lugar de mulher é onde ela quiser, e é isso. Eu falo “eu sou bonita, eu sou linda”, me olho no espelho, se acho bonita, se acho mulher, vai à luta, [...], só você correr atrás, não pare de batalhar, lute, lute por você, não pense nos outros não, eu Geovana, estou lutando por mim mesma porque ninguém vai fazer o que eu faço.

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
Erik Souza – assistente de vendas/>

Quando eu chego aqui e vejo várias pessoas diferentes, eu olho assim, cara, tem um pouco de mim em cada lugar, em cada pessoa, eu me vejo em cada pessoa,

<Somos capixabas
Episódio 3/Bloco 2
Gabrielly Cintra – estudante/>

Eu sabia das estatísticas, sabia que nós precisávamos mudar, precisávamos fazer algo para mudar a nossa realidade, pra mim foi, era um tanto até eu conhecer o “Das Pretas”.

ANEXO B: Tuítes coletados com a *hashtag* #somoscapixabas

CORPUS 2: Tuítes

PERÍODO DE COLETA: 28 de julho a 11 de agosto (os tuítes são apresentados do mais recente ao mais antigo)

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>
Ah sério? Quando vai ter mais?? <#somoscapixabas/> [T01]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/> [T02]
Que? <#somoscapixabas/>

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>
Nem sou capixaba, mas o <#somoscapixabas/> ficou tão lindo! [T03]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>
Parabéns aos envolvidos, que série lindaaaaaa, capixaba com orgulho!!!
<#somoscapixabas/> [T04]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>
Trabalho e Confio! Respeite e seja Respeitado! Simples assim! <#somoscapixabas/>
<#SomosNovo30/> [T05]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>
<@tvgazetaes/> Desejamos + episódios dessa série maravilhosa
<#somoscapixabas/> [T06]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>
<#somoscapixabas/>. Ficou lindo demais com o <#BEKOODASPRETAS/> [T07]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>
AAAAAaa Bekoo das Pretas no <#somoscapixabas/> !! Militou! "É pra fazer o branco atravessar a cidade mesmo"!!! [T08]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>
pena que foram poucos episódios, muito bom esse especial!! <#somoscapixabas/>
[T09]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>
Esse programa deixa a Nação Capixaba orgulhosa de suas raízes.
<#somoscapixabas/> [T10]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

Se descobri quem eu sou? Simmm! Sou de uma terra de valor, multicultural, de gente que faz a diferença. Com muito orgulho, SOU CAPIXABA!! Obrigado, Rede Gazeta <3 <#somoscapixabas/> [T11]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

“Somos capixabas e temos orgulho disso” AAAAA EU AMO MEU ESTADO E MINHA GENTE <#somoscapixabas/> [T12]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

aí que orgulho desse programa <#somoscapixabas/> [T13]

< [REDACTED] de ago de 2018/>

Lysa, o robô guia criado por uma CAPIXABA! <#somoscapixabas/> [T14]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

<#somoscapixabas/> último episódio dessa série incrível, mais torcendo que no próximo ano tenhamos outra temporada.<@tvgazetaes/> [T15]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

Ninguém pode passar pela Região Serrana do ES sem visitar o seu principal monumento natura: Pedra Azul! <#somoscapixabas/> [T16]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

ÍCONE! <#somoscapixabas/> [T17]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

<Em resposta/> a <@tvgazetaes/> Vamos juntos, Gazetinha <3 <#somoscapixabas/> [T18]

< [REDACTED] 11 de ago de 2018/>

Hoje é comemorado o dia do estudante e nosso compromisso é defender uma educação de qualidade para todos. <#DiaDoEstudante/> <#educação/> <#TodosPelaEducação/> <#somoscapixabas/> <#ujebrasil #es/> em... [T19]

< [REDACTED] 10 de ago de 2018/>

Ouvir a população capixaba e fazer que as políticas públicas sejam aplicadas. Esse é o nosso papel como representante do povo. <#UmNovoCaminho/> <#somoscapixabas/> <#es/> <#capixaba #eleições2018/> [T20]

< [REDACTED] 10 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Ruínas na propriedade do Restaurante Rancho Forte em Vila Velha. [T21]

<[REDACTED] 10 de ago de 2018/>
Passeio no Rio Piraquê-açu em Aracruz. <#SomosCapixabas/> [T22]

<[REDACTED] 10 de ago de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Projeto Tamar é lindo de se ver. [T23]

<[REDACTED] 10 de ago de 2018/>
Uma foto do início da minha carreira de 32 anos, em A Gazeta, que está no documentário <#SomosCapixabas/> em homenagem aos 90 anos de A Gazeta. Foto do amigo Gildo Loyola. em Rede Gazeta [T24]

<[REDACTED] 10 de ago de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Morro da fonte grande Vitoria-ES. [T25]

<[REDACTED] 9 de ago de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Pedra Azul [T26]

<[REDACTED] 9 de ago de 2018/>
<@tvgazetaes Nunca te pedi nada quero tirar fotos no letreiro
<#SomosCapixabas/> [T27]

<[REDACTED] 9 de ago de 2018/>
<Em resposta/> a <@tvgazetaes Pocante....capixaba poca....eu
poco..<#SomosCapixabas/> [T28]

<[REDACTED] 9 de ago de 2018/>
Igualmente a Felicidade #socoisasboas #gratidão #evolução #construção #aloha
#pensamentopositivo <#SomosCapixabas/> #sejasuamelhorversao [T29]

<[REDACTED] 8 de ago de 2018/>
Trânsito de Vitória tá cada dia pior, o transporte público é uma vergonha, mas a
<@tvgazetaes só mostra a parte bonita no <#SomosCapixabas/> [T30]

<[REDACTED] 8 de ago de 2018/>
<#SomosCapixabas/> meu cantinho favorito, morro do moreno. [T31]

<[REDACTED] 7 de ago de 2018/>
mano, não entendi ainda o pq meu estado está nos trending <#SomosCapixabas/>
[T32]

<[REDACTED] 6 de ago de 2018/>
Almoço de #90anos de <@redgazetaes/>. Sim, somos capixabas e temos orgulho
de fazer parte dessa festa! #msbuffet #catering #corporativo <#SomosCapixabas/>
[T33]

< [REDACTED] 6 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> É na Beira-Rio, em Cachoeiro de Itapemirim-ES que busco a paz. Este casal de quero-quero parece que combinam o lugar do próximo ninho. [T34]

< [REDACTED] 6 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Este é meu lugar preferido, a Beira-Rio em Cachoeiro de Itapemirim-ES, o rio, os pássaros, o Itabira... um bom espaço para caminhar... e fotografar. [T35]

< [REDACTED] 6 de ago de 2018/>

Fui desafiado pela marianaperini a postar uma foto minha em um lugar do Espírito Santo que eu goste com a hashtag <#SomosCapixabas/>. Esse registro é de um dia muito especial, em Pedra Azul. [T36]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Final de semana perfeito, quero mais #pedraazul #es #frio #domingosmartins #festadomorango <#SomosCapixabas/> em Festa Do Morango Pedra Azul ES. [T37]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Espírito Santo é meu país <#SomosCapixabas/> [T38]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

jhusjai, meu estado tá nos trends <3 lol <#SomosCapixabas/> [T39]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Orgulho de ser capixaba! [T40]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Cidade Sol, com o céu sempre azul

Tú és um sonho de luz norte a Sul

Me coração te namora e te quer

Tú és Vitória um sorriso de mulher

<#SomosCapixabas/> [T41]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Venha de onde vier

Vamos chegando de vagar Veja beleza dessa terra

Seu povo feliz

sempre a cantar Sobre a Colina sagrada Vasco Coutinho fundou

A cidade encantada,

Que a virgem Santa abençooou

<#SomosCapixabas/> [T42]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Obrigado Meu Deus ! Por sermos privilegiados, por nascer num lugar que tem por capital Vitória, e por nome Espírito Santo. A gente precisava de muito, mas não de tanto. <#SomosCapixabas/> [T43]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Terra Maravilhosa, de céu azul e milhares de encanto. Bem Vindo ao Espírito Santo <#SomosCapixabas/> [T44]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

infelizmente <#SomosCapixabas/> [T45]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Somos Capixaba, no sangue, na veia, na pele e na alma. <#SomosCapixabas/> [T46]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Espirito Santo nos Trends e eu ja pensei que fosse por algo ruim ou tragédia, ninguém lembra do nosso estado kk <#SomosCapixabas/> [T47]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Podemos curtir praias e clima europeu no mesmo dia, se quisermos. <#SomosCapixabas/> [T48]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

So que não KK <#SomosCapixabas/> [T49]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

quando lembro que o silva é capixaba me dá um orgulho tão grande de ter nascido aqui no es <#SomosCapixabas/> [T50]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Existe estado melhor? Porra essas praias crlh a mídia não mostra, mas quem mora ou já veio se apaixonou <#SomosCapixabas/> [T51]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Pra quem não sabe, Capixaba é quem nasce na cidade de Vitória (Capital). Quem nasce no ES, é espírito-santense. [T52]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> e não votamos no bolsonaro pelo amor de deus gente. [T53]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> aqui no ES os políticos são todos medíocres. Turismo tá uma merda sem investimento. [T54]

< [REDACTED] 5 de ago de 2018/>

Quando entro na Internet e vejo algo sobre o meu estado: "Fama é o que há"

<#SomosCapixabas/> [T55]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> e falamos poca [T56]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

meu estado apareceu nos trends só pode ser coisa ruim <#SomosCapixabas/> [T57]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Aproveitando a hashtag <#SomosCapixabas/> pra poder divulgar que minha mãe é paneleira. [T58]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> meu estado [T59]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Vitória e Vila Velha. <#landscapephotography/> <#capixaba/> [T60]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Quem já mora em Vitória há 20 anos pode se considerar um pouco capixaba?

<#SomosCapixabas/> [T61]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Matéria do bekoo vai passar no prox sábado na série <#SomosCapixabas/> [T62]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Opa meu estado nos Trends <#SomosCapixabas/> [T63]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Meu Estado no trends hahahahha vivi pra isso! Lindo demais [T64]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> o Espírito santo tá ficando desflopado [T65]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<Em resposta/> a <@AGazetaES e <@gazetaonline/>

Gostaria de ver este programa no globo play, na íntegra. Merecemos, sou nascido em Minas, mas meu (coração) está neste estado que tão bem que acolheu. Sim,

#SomosCapixabas [T66]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Muito feliz pelo es não estar nos trends por algo ruim <#SomosCapixabas/> [T67]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Geeente meu país sendo finalmente enaltecido. Amo muito <#SomosCapixabas/> [T68]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Estado lindo, mas tão pouco conhecido. <#SomosCapixabas/> [T69]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
<Em resposta/> a <@AGazetaES/> <@gazetaonline/> e <@tvgazetaes/> Ótima dica é a cidade de Anchieta ES. Belíssimas praias <#SomosCapixabas/> [T70]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
capixaba da gema com aquele orgulho da minha ilha sim, se tentar eu ainda taco moqueca em todo mundo <#SomosCapixabas/> [T71]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Bora dar biscoito p esse hino de estado! <#SomosCapixabas/> [T72]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
capixaba da gema com muito orgulho!!! <#SomosCapixabas/> [T73]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
<#SomosCapixabas/> terra boa, minha segunda casa pois sou carioca mais os pais são capixabas. [T74]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
<#SomosCapixabas/> who? [T75]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Como assim meu estado está no Trends???kkkkkkkk <#SomosCapixabas/> [T76]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
vai em Guriri <#SomosCapixabas/> [T77]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Existe pessoas aqui para subir uma tag? Como assim braseu <#SomosCapixabas/> [T78]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
"estamos com Bolsonaro" estamos nada fale por você credo <#SomosCapixabas/> [T79]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 estamos nos trends e não é por coisa ruim, esse momento é nosso!
 <#SomosCapixabas/> [T80]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Terra linda, diversa e de pessoas inteligentes e estamos com
 Bolsonaro presidente.. E fora paulo hartung. [T81]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 Não sou capixaba, mas amo esse lugar <#SomosCapixabas/> [T82]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> aqui tamb tem lugares bonitos [T83]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> como assim lembraram da gnt [T84]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/> [T85]
 que <#SomosCapixabas/>

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Representa o ES no tt [T86]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 Saber q o ES tem paisagens lindas, uma historia rica é uma cultura infinita não tem
 preço. Parabéns nação Capixaba! <@tvgazetaes/> parabéns!
 <#SomosCapixabas/> [T87]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> ate o ES ta nos trends, sabem que a gente existe agora.
 [T88]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 <@tvgazetaes/> o programa precisa chegar aos outros estados, o Brasil merece
 conhecer esse pequeno grande estado. Parabéns pelo programa.
 <#SomosCapixabas/> [T89]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>
 Alô Governantes O Espírito Santo precisa ser divulgado, o Brasil merece conhecer
 essa terra Maravilhosa. <#SomosCapixabas/> [T90]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Vocês já visitaram a Cachoeira Bonita que fica localizada no Parque nacional do caparaó? Se não visitou, vale a pena visitar. <#SomosCapixabas/> [T91]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<Em resposta a/> <@tvgazetaes e <@mahmachado Esse programa é sensacional! Nem se compara aquele lixo hospitalar que era o Estrelas <#SomosCapixabas/> [T92]

<[REDACTED] de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> eu só queria que passasse tv gazeta aqui em casa [T93]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Compareçam! [T94]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> o q eu perdi? [T95]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Q Q TÁ CONTECENDO ESPIRITO SANTO? [T96]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Ei, capixaba não é fraco, não! Aqui nos meus trends a tag <#SomosCapixabas/> está no topo. Pocamos! [T97]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Meu país ES é lindo <#SomosCapixabas/> [T98]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

itiiiiii <#SomosCapixabas/> [T99]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

que q tá acontecendo com meu país Espirito Santo veeeeeeey <#SomosCapixabas/> [T100]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> 1 em alta.. só assim mesmo [T101]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> ai meu Deus deve ter acontecido algum desastre as pessoas tão falando meu estado e eu vivi pra ver isso [T102]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Como eu faço pro Fredone fazer uma arte no muro da minha casa?

<#SomosCapixabas/> [T103]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<Em resposta a/> <@tvgazetaes/> Por incrível que pareça... A única coisa q não fiz foi conhecer o Projeto Tamar... faltou ai nessa lista subir o Morro do Moreno e apreciar a vista mais linda da Grande Vitória. <#SomosCapixabas/> [T104]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Capixabas que não conhecem nem seu próprio estado mas criticam e preferem conhecer outros estados... deixa aqui minha critica <#SomosCapixabas/> [T105]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Que ACERTO essa série <#SomosCapixabas/> da tv gazeta! Sensibilidade para retratar personagens do nosso estado, trilha sonora capixaba. Outra tv é possível! [T106]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Sempre bate uma tristeza e, ao mesmo tempo, expectativa para o próximo quando o <#SomosCapixabas/> termina. Histórias de quem é e faz o Espírito Santo ser essa diversidade de culturas, ideias e conquistas. <@tvgazetaes, parabéns, parabéns e mais parabéns!! <3 [T107]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Bicho, que lindo esse programa! <#SomosCapixabas/> [T108]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

E aquele orgulho que não cabe no peito de ser capixaba ♡♡♡♡

<#SomosCapixabas/> [T109]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

socol é melhor tira gosto do Brasil. tenho q fazer uma trip por Venda Nova pra comprar.. <#SomosCapixabas/> [T110]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Muqui, terra da folia de reis <3 <#SomosCapixabas/> [T111]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Espírito Santo é meu país, Capixaba eu sou! [T112]

< [REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Nunca que eu ia saber que tem turismo pra avistar as baleias em alto mar. Como falta uma cultura de turismo nesse estado meu Deusss. <#SomosCapixabas/> [T113]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
O SOCOL <#SomosCapixabas/> [T114]

<@dhione01 4 de ago de 2018/>
Meu país Espírito Santo é GIGANTE meus amigos. <#SomosCapixabas/> [T115]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Estou amando esse programa <#SomosCapixabas/> [T116]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Neymara Carvalho atleta, linda, empoderada e consciente da importância de cuidar da juventude da periferia. <#SomosCapixabas/> [T117]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Baleias Jubarte proporcionando um espetáculo maravilhoso na costa capixaba. <#SomosCapixabas/> [T118]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Neymar? Não! Ídolo no esporte capixaba é Neymara! <#SomosCapixabas/>
<@tvgazetaes/> [T119]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Neymara Carvalho... Máximo Respeito! [T120]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
ok, somos supostamente receptivos mas pq botar uma criança com o sotaque mais paulista possível falando (imagina aquele sotação) "vem comiiiiigo" na abertura de programa com título <#SomosCapixabas/> ? [T121]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
NEYMARAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA <#SomosCapixabas/> [T122]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
Gente oq meu estado esquecido tá nos trends? Aconteceu alguma coisa ruim? <#SomosCapixabas/> [T123]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
<#SomosCapixabas/> <#TvgazetaES/> orgulho de ser capixaba ,e está assistindo essa série maravilhosa. Parabéns <@tvgazetaes/> pela iniciativa [T124]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>
O povo de Regência mostrou que nem mesmo uma tragédia ambiental de grandes proporções pode abalar a sua força e determinação. <#SomosCapixabas/> [T125]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Aguardando a hora que o <#SomosCapixabas/> vai falar sobre o futebol capixaba, ou será que até nesse programa que fala sobre o ES a <@tvgazetaes/> vai excluir o nosso futebol? [T126]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Novas histórias de quem é e quem faz o Espírito Santo. Dá gosto de acompanhar o <#SomosCapixabas/> na <@tvgazetaes/> [T127]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

Alguém sabe onde consigo assistir ao vivo online? <#SomosCapixabas/> [T128]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

#Repost <@tvgazetaes/> (get_repost) Os pescadores são parte importantíssima da nossa história e cultura! Obrigada. <#SomosCapixabas/> Hoje às 14h horas tem... [T129]

<[REDACTED] 4 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Vista da Bahia de vitória! [T130]

<[REDACTED] 3 de ago de 2018/>

to assistindo o <#SomosCapixabas/> e o que o Juarez diz em um certo momento é o que precisamos “mais políticas de turismo e menos políticos no turismo”. [T131]

<[REDACTED] 3 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> o frade e a freira. [T132]

<[REDACTED] 3 de ago de 2018/>

#Repost redegazetaes (get_repost) Fique ligado na <@tvgazetaes/>. O próximo episódio do programa <#SomosCapixabas/> é amanhã, às 14h! [T133]

<[REDACTED] 3 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Pedra do Rêgo símbolo de nossa cidade Venda Nova do Imigrante; [T134]

<[REDACTED] 3 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Guarapari [T135]

<[REDACTED] 3 de ago de 2018/>

<#SomosCapixabas/> ES lindo mesmo! [T136]

<[REDACTED] 2 de ago de 2018/>

Nosso movimento é destaque no <@meioemensagem/> <#SomosCapixabas/> Orgulho DEFINE! <#RedeGazeta90anos/> [T137]

< [REDACTED] 2 de ago de 2018/>
Sábado tem mais. Episódio 2. <#SomosCapixabas/> em Rede Gazeta [T138]

< [REDACTED] 2 de ago de 2018/>
<@gazetaonline Matriz Nossa Senhora Auxiliadora: Cartão postal de Marilândia.
<#SomosCapixabas/> [T139]

< [REDACTED] 2 de ago de 2018/>
Amanhecer em Sta Cruz - Aracruz <#SomosCapixabas/> [T140]

< [REDACTED] 2 de ago de 2018/>
<Em resposta a/> <@g1es <#SomosCapixabas/> Amanhecer em Sta Cruz –
Aracruz [T141]

< [REDACTED] de 2018/>
<#SomosCapixabas/> espírito santo lindo [T142]

< [REDACTED] 2 de ago de 2018/>
Sou muito capixaba, choveu já estou toda encapotada <#SomosCapixabas/>
<#soucapixaba/> [T143]

< [REDACTED] 2 de ago de 2018/>
Made in ES! <#capixaba #capixabadagama #lincoln #GRExFLA/>
<#SomosCapixabas/> <#Flamengo/> [T144]

< [REDACTED] 30 de jul de 2018/>
Espírito Santo nos trends mais uma vez! <#SomosCapixabas/>, caras! Vamos pocar
o <@Twitter/>! [T145]

< [REDACTED] 29 de jul de 2018/>
<Em resposta a/> <@jose_simao/> Nós temos nosso projeto, Vamos F. a Segunda-
Feira, inclusive agora estamos na enésima edição, começamos a beber às 15, o
gnocchi tá saindo, o peixe assado com lambe-lambe - arroz de sururu, daqui a
pouco. Cada vez um rango diferente. <#SomosCapixabas/> [T146]

< [REDACTED] 29 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> é tudo de bom! #amorS2es pelo Espírito Santo. #descubraoes
#viajandopeloes [T147]

< [REDACTED] 29 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> entrei p entender a tag [T148]

< [REDACTED] 29 de jul de 2018/>
Tentando entender a tag do meu país <#SomosCapixabas/> [T149]

< [REDACTED] 29 de jul de 2018/>
doido pra ver esse documentário/reportagem especial da gazeta es
<#SomosCapixabas/> [T150]

< [REDACTED] 29 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> gente que [T151]

< [REDACTED] 29 de jul de 2018/>
O lugar que mais amo no mundo!!! Minha linda Santa Maria de Jetibá!!! A cidade
mais pomerana do Brasil!! Monumento em homenagem aos pomeranos.
<#SomosCapixabas/> [T152]

< [REDACTED] 29 de jul de 2018/>
Eu vendo essa hashtag <#SomosCapixabas/> [T153]

< [REDACTED] 29 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> pouco! [T154]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/>, o nosso estado ainda será reconhecido mais e mais. [T155]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> o que tá acontecendo? onde é pq iniciou essa # kkk orgulho
[T156]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> que caceta é essa mano Agr a gente existe? A última vez que
vi a gente era o Acre do Sudeste [T157]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
meu país es em segundo nos trends como assim lembraram q a gente existe
<#SomosCapixabas/> [T158]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> E queremos que a coxinha da Bee seja tombada como
patrimônio cultural [T159]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Vivendo e aprendendo amando e se fudendo #SabadoDetremuraSDV
#SabadoDetremura <#SomosCapixabas/> [T160]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
E essa tag em segundo, é pra enaltecer meu país ES <#SomosCapixabas/> [T161]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/> Aaaaaaa finalmente tam sendo lembrado por coisas boas e não por tragediasss aaaaaa que lindo <#SomosCapixabas/> [T162]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Torta capixaba Amoooo [T163]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Por do Sol em Colatina! [T164]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Alguém que mora em São Gabriel da Palha ? <#SomosCapixabas/> [T165]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> olá pessoal do fim do mundo, quem mais reside perto de colatina são gabriel nova venecia e etc? [T166]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
não entendi mas to compreendendo <#SomosCapixabas/> [T167]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Nasci no ES, orgulho de ter crescido na Bahia, todo capixaba tem que ir pra Bahia pra no mínimo saber o que é simplicidade, ô povo dinherista!!!<#SomosCapixabas/> [T168]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Fomos reconhecidos até que enfim <#SomosCapixabas/> [T169]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> sou capixaba, mas mano eu n esperava a tag meu deus só quem é daqui sabe o susto de agora [T170]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Sobre eu ser capixaba e a tag estar nos TT's <#SomosCapixabas/> [T171]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Gente oq ta acontecendo ?<#SomosCapixabas/> [T172]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Eu amo meu país nova almeida [T173]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> gente que isso tô chocada, logo aqui do buraco, tudo aqui é esquecido e do nada vem isso ke [T174]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 que isso <#SomosCapixabas/> [T175]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> QUE MILAGRE UMA TAG SEM SER DE SUICÍDIO OU TRAGÉDIA AQUI NO ES [T176]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <Em resposta a/> <@tvgazetaes/> Tem como mandar o link? <#SomosCapixabas/> [T177]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Vou aproveitar o nosso momento em alta e pedir que vcs deem view em "Dama da Noite", ela é uma musica de um artista Capixaba entao vamos ajudar ele galera, por favor sozinho
 PS: Som é muito bom, prometo! <#SomosCapixabas/> [T178]

<[REDACTED]; 28 de jul de 2018/>
 tá em primeiro akkkkkkkkkkkkkkk <#SomosCapixabas/> [T179]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Fiquem com essa foto lindíssima de Colatina <3 [T180]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 como assim essa tag tá em 1º lugar <#SomosCapixabas/> [T181]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> em primeiro no Twitter. Esse estado é abençoado. [T182]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Catedral de Vitória [T183]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 pq <#SomosCapixabas/> ta nos trends kkk ninguém liga pra gente [T184]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> já é terceira vez q eu vejo algo do ES nos trends, com medo estou [T185]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
nem acreditei quando vi essa tag <#SomosCapixabas/> [T186]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
espírito santo é lindo mas capixaba é tudo mal educado <#SomosCapixabas/>
[T187]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> orgulho disso [T188]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Como assim o ES tá tendo algum destaque?!?! Eu tô chocada e felizona
<#SomosCapixabas/> [T189]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> mlk representa o estado [T190]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> flexal é o bico [T191]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Que orgulho do meu Estadinho ter uma tag nos trends e não é sobre tragédia
<#SomosCapixabas/> [T192]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> ai gente que orgulho de ver essa tag [T193]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> ES, lindo Estado! Temos lindas praias e lindas montanhas.
[T194]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
O céu daqui é mais bonito <#SomosCapixabas/> [T195]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
lh porra lembrem que meu estado existe <#SomosCapixabas/> [T196]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Não sei qual o intuito dessa tag mas estou aqui também kkk <#SomosCapixabas/>
[T197]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Que tag é esse <#SomosCapixabas/> [T198]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> sério isso??? caralho tô muito orgulhoso da minha terrinha
[T199]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Tentando entender como a tag chegou em primeiro lugar sendo que ninguém nem lembra que a gente existe <#SomosCapixabas/> **[T200]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Eis que vc é capixaba e vê a tag <#SomosCapixabas/> em 2 lugar nos tt's **[T201]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> amo meu Estado do Espírito Santo!!! **[T202]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Não vou esquecer do toxo/tocho <#SomosCapixabas/> **[T203]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <Em resposta a/> <@alvimnegroo/><#SomosCapixabas/> Então somos dois.
[T204]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> que linda essa tag **[T205]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Amo Muito O Espirito Santo **[T206]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Uma palavra que define o capixaba é pocar <#SomosCapixabas/> **[T207]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Oi Boa Tarde Guarapari Boa Tarde Espirito Santo **[T208]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Parabéns <@tvgazetaes/> por nos ajudar a lembrar que o capixaba e um povo extraordinário. <#SomosCapixabas/> **[T209]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Espírito Santo meu país **[T210]**

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> A moqueca capixaba é a melhor! **[T211]**

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
iti meu povinho <#SomosCapixabas/> [T212]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Santuário Basílica de Santo Antonio, Bairro onde nasci e passei minha infância.
<#SomosCapixabas/> [T213]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Ta lindo de se ver... <#SomosCapixabas/> [T214]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Ai q lindinho ES reizinho injustiçado sendo reconhecido <#SomosCapixabas/>
[T215]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Eu também sou Capixaba! Amooooo demaisssss! [T216]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> falando pocar em outros estados e ngm entendendo nada
[T217]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Lembraram que o ES existe? que isso, tem algo de errado <#SomosCapixabas/>
[T218]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
SILVA representa! <#SomosCapixabas/> <@listentoSILVA [T219]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<@tvgazetaes me colocou no moments dela... gosto assim hahaha
<#SomosCapixabas/> [T220]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> nossa que legal, em... a tag mais idiota do dia, olha que tem
do luan santana, lula e bolsonaro e ainda conseguiram superar. [T221]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> , somos de esquerda [T222]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
O Brasil precisa conhecer o Estado do Espírito Santo. O Estado e lindo O Capixaba
maravilhoso A culinária deliciosa <#SomosCapixabas/> [T223]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
ORGULHO <#SomosCapixabas/> [T224]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
O Espírito Santo é um estado lindo, tem um povo maravilhoso e uma gastronomia Divina! <#SomosCapixabas/> #orgulhocapixaba <#SomosCapixabas/> [T225]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> cada dia meu orgulho de ser capixaba só cresce [T226]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Sou Capixaba, tenho 52 anos! E foi através do meu companheiro, que é italiano, que ouvi a história da Igrejinha da Prainha. Precisamos saber mais sobre os monumentos capixabas, seria importante abordar esse assunto nas escolas!! <#SomosCapixabas/> [T227]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Vale a pena! Nossas histórias são inspiradoras. <#SomosCapixabas/> [T228]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Será que as outras pessoas do país sabem que capixaba é quem nasce no ES? [T229]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Quando você é capixaba e se assusta com essa tag pq o Espírito Santo é esquecido em churrasco, mas depois lembra que é um novo programa sobre nós. <#SomosCapixabas/> [T230]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Muito feliz vendo meu estado na <@tvgazetaes <#SomosCapixabas/> [T231]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
aaaa orgulho do meu estado lindo <#SomosCapixabas/> [T232]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Podiam mostrar as profissões dos capixabas no próximo programa.. Essa é a minha:: <#SomosCapixabas/> [T233]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
aproveitando a tag pra dizer que moqueca é capixaba e o resto é peixada <#SomosCapixabas/> [T234]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> não sou capixaba, mas já me sinto. Amo morar aqui [T235]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Ai que orgulho de ser capixaba <#SomosCapixabas/> [T236]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 O Espírito Santo e um estado lindo, tem um povo maravilhoso e uma gastronomia Divina! <#SomosCapixabas/> #orgulhocapixaba [T237]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Sou Mineira, me considero #Minexaba [T238]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> tamó em 1º [T239]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Vi a musica "fica tudo bem" passando por ai e fui descobrir que o silva é capixaba aaa que orgulho da terrinha <#SomosCapixabas/> [T240]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Apesar de ser mineira... <#SomosCapixabas/> na <#redegazeta/> [T241]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 O Brasil que eu quero é o Brasil onde todos <#SomosCapixabas/> [T242]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Sou capixaba com muito orgulho <#SomosCapixabas/> [T243]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> tenho orgulho de ser capixaba. programa maravilhoso. [T244]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Milagre não ser nenhuma catástrofe pra colocar o Espírito Santo no Twitter, surpresa boa. [T245]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Respeita o país mais cultural e bonito do país! <#SomosCapixabas/> [T246]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> estamos nos trends e não é nenhuma tragédia to em choque [T247]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> começou maravilhoso, espero q continue [T248]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> é tendência em #Vitória [T249]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> Quem é Capixaba é uma grande pessoa [T250]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Vitorinha é sem duvidas o melhor lugar no mundo para se viver
<#SomosCapixabas/> [T251]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Essa série <#SomosCapixabas/> vai falar sobre o Bekoo das Pretas, foi gravado na edição de 2 anos, se tu foi corre risco de passar na tela [T252]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> uma tag tão linda. #BrasilComBolsonaro a maior piada do dia [T253]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Praia de Capuba - Jacaraípe. <#SomosCapixabas/> [T254]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Merece respeito o Estado que criou a Lei Velho Cagado <#SomosCapixabas/> [T255]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
to emocionada com essa tag, ai gente eu vou chorei <#SomosCapixabas/> [T256]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Sou mineira, falo uai, soh, cadin, docim...mas moro no Norte do ES, onde as lindas montanhas enaltece os nossos olhos! Depois da minha linda Minas Gerais, o ES é o segundo estado do meu <emoji de coração/> ! <#SomosCapixabas/> [T257]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
mds eu nao sabia que o Silva era de Vix <#SomosCapixabas/> [T258]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Que delícia de tag. Só quem é capixaba ou mora no ES sabe o quanto esse estado é maravilhoso pra se viver. <#SomosCapixabas/> [T259]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> meu Deus!! Minha terrinha no trends?! Vem logo a preocupação, mas, ainda bem que dessa vez é por uma boa causa. Capixaba sim!! Aqui tem moqueca, aqui tem aldeia, aqui tem cultura. Amooo minha terrinha [T260]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Ah que tag linda Alguém lembrando do meu espírito santo <#SomosCapixabas/>
[T261]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> me incluíram agora mas pq tá nos trends [T262]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
E a gente fica com sorriso bobo no rosto depois de ver o <#SomosCapixabas/> .
Obrigada, <@tvgazetaes/> [T263]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<@tvgazetaes/>, o aniversário é da Rede, mas o presente quem ganhou fomos todos nós com a <#SomosCapixabas/>. Pessoas que nos inspiram, compartilhando histórias de vida e feitos, dando muito orgulho e mostrando que, sim, somos uma terra de muitíssimo valor! Nós, capixabas, amamos <3 [T264]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Que programa maravilhoso esse "Somos Capixabas"! O ES possui uma cultura riquíssima, lugares incríveis e pessoas encantadoras. <#SomosCapixabas/>
<@tvgazetaes/> [T265]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Eu me lembro bem dos 65 anos da <@gazetaonline/> Agora já são 90 anos. O tempo voa!! <#SomosCapixabas/> [T266]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
A única coisa ruim do <#SomosCapixabas/> é que só tem 30 minutos de duração. Já quero o próximo sábado. [T267]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
<#SomosCapixabas/> mas já acabou...quero mais, muito mais. [T268]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Aqui tem a maior lagoa do Brasil em volume de água e um dos municípios que mais tem nascentes de rios e lagoas da América Latina! Isso é pra poucos!!
<#SomosCapixabas/> [T269]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Assistindo esse programa novo da <@tvgazetaes/>
e me deparo logo com eles falando do <@listentoSILVA . Aaahh que amor , eu amo meu Espírito Santo <#SomosCapixabas/> [T270]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
Caraca algo do ES em alta no twitter !! Parabéns aos envolvidos
<#SomosCapixabas/> [T271]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Já queria que o <#SomosCapixabas/> não fosse por temporada, e sim, figurasse direto nos sábados da <@tvgazetaes/>. Se essa primeira parte já está brilhante, imagine as que vêm por aí <3 [T272]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Grande Cacique Pedro! <#SomosCapixabas/> [T273]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> que lindo. [T274]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Moqueca é capixaba, o resto é peixada. <#SomosCapixabas/> [T275]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

SILVA É MUITO LINDO MEU DEUS <#SomosCapixabas/> [T276]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

O <@listentoSILVA/> no <#SomosCapixabas/>!! [T277]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> uma pena os nossos governantes não vêm com o E.S é rico em beleza é cultura. [T278]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Mais Política para o Espírito Santo. <#SomosCapixabas/> [T279]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Finalmente um programa para enaltecer nosso estado <#SomosCapixabas/> [T280]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Sou Capixaba Sou Vilavelhense Sou Canela Verde <#SomosCapixabas/> [T281]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

O estado do Espírito Santo é incrível tem Italiano Pomerano Alemão Polonês Belga Africano índio <#SomosCapixabas/> [T282]

<[REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Tá muito comum enaltecer os de fora e rebaixar onde você está. Saiba que você tem o poder de levantar tudo que está ao seu redor comece valorizando aquilo que vc tem. <#SomosCapixabas/> [T283]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Edson Papo Furado, simplesmente um dos reis do samba capixaba!

<#SomosCapixabas/> [T284]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Enaltecer sempre suas raízes, não importa pra onde vc vai e sim de onde vc veio.

Quem te ensinou, te criou, te ajudou, te acolheu tem total mérito também da sua conquista. <#SomosCapixabas/> [T285]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<Em resposta a/> <@AGazetaES e <@gazetaonline Com muito orgulho

<#SomosCapixabas/> #SouPomerano [T286]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> Excelente começar pelos índios, os verdadeiros e legítimos habitantes do estado! [T287]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Sou capixaba, amo meu estado e tenho muito orgulho de ser daqui!

<#SomosCapixabas/> [T288]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> "Moqueca é capixaba. O resto, peixada." [T290]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> sou capixaba e amo esse ES [T291]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> curti o projeto [T292]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

<#SomosCapixabas/> EU VOU MORRER DE AMOR COM ESSE DOCUMENTÁRIO [T293]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

O <#SomosCapixabas/> acabou de entrar no ar, mas já posso parabenizar os responsáveis por ele, na <@tvgazetaes/>. O especial se torna para o ES, o que o Terra de Minas e o Viação Cipó são para Minas há mto tempo. Faltava algo do tipo por aqui... a cultura local em movimento de verdade! [T294]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>

Panela de barro verdadeira é feita à mão e não no torno. <#SomosCapixabas/> [T295]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Semente de pau-brasil faz parte da minha infância <#SomosCapixabas/> [T296]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Tupinikim e Guaraní <#SomosCapixabas/> [T297]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 Meu país espírito santo em terceiro lugar no twitter. <#SomosCapixabas/> [T298]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Porque o carnaval tem início aqui. [T299]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <@tvgazetaes/> <#SomosCapixabas/> A fé é a tradição! Convento da Penha.
 [T300]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Temos praias maravilhosas em Vila Velha. [T301]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Melhor Quindim do mundo está em Nova Almeida. Amooooo!
 [T302]

< [REDACTED] 28 de jul de 2018/>
 <#SomosCapixabas/> Adoro ser capixaba pq minha terra é linda, minha gente é divertida. [T303]